



Parsifal





Copyright do texto ©2017 Luís-Sérgio Santos
Copyright da edição ©2017 Escrituras Editora

Todos os direitos desta edição reservados à
Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda.
Rua Maestro Callia, 123 – Vila Mariana – São Paulo – SP – 04012-100
Tel.: (11) 5904-4499 / Fax: (11) 5904-4495
escrituras@escrituras.com.br
www.escrituras.com.br

Instituto Myra Eliane
Av. Desembargador Moreira, 2120, sala 504
Fortaleza – CE – CEP 60-170-002
Fone: (85) 3051-3680
institutomyraeliane@gmail.com

Diretor editorial: **Raimundo Gadelha**
Coordenação editorial: **Mariana Cardoso**
Assistente editorial: **Karen Suguira**
Capa e diagramação: **Guilherme V. S. Ribeiro**
Pesquisa e notas: **Heliana Querino e Osvaldo Euclides de Araújo**
Decupagem: **Beatriz Carvalho**
Tratamento de imagem: **Lincoln Souza**
Impressão: **EGB**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) **(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Santos, Luís-Sérgio
Parsifal: um intelectual na política /
Luís-Sérgio Santos. – São Paulo: Escrituras Editora;
Fortaleza: Instituto Myra Eliane, 2017.

ISBN 978-85-7531-766-2 (Escrituras)

1. Barroso, José Parsifal, 1913-1986 2. Brasil – Política e
governo 3. Carreira política 4. Ceará – História 5. Ceará –
Política e governo 6. Políticos – Brasil – Biografia I. Título.

17-07136

CDD-923.281

Índices para catálogo sistemático:

1. Brasil: Políticos: Biografia 923.281

Impresso no Brasil
Printed in Brazil





Luís-Sérgio Santos

Parsifal

Um intelectual na política




escrituras
São Paulo, 2017

 Instituto
Myra Eliane







“Cada Homem tem um nome
Dado a ele por Deus
E dado a ele por seu pai e sua mãe

Cada Homem tem um nome
Dado a ele por sua altura e pelo jeito de sorrir
E dado a ele por sua roupa [...]

Cada Homem tem um nome
Dado a ele por seus inimigos
E dado a ele pelos que o amam.”

ZELDA SCHNEERSOHN-MISHKOVSKY, 1974



“O Ceará é o meu país.”

JOSÉ PARSFIAL BARROSO, 1969

“Na luta entre você e o mundo, fique do lado do mundo.”

FRANZ KAFKA, 1917







Agradecimentos

Uma biografia é sempre uma construção coletiva, na maioria das vezes à revelia do biografado. Na nossa busca por fontes primárias temos Parsifal como seu próprio narrador. Um dos fios condutores da narrativa foi a extensa entrevista que Parsifal Barroso concedeu à professora Teresa Haguette aqui referenciada. À professora Teresa Haguette o agradecimento póstumo.

A Francisco Régis Monte Barroso, Igor Queiroz Barroso, Miguel Angelo de Azevedo Nirez, Siglinda Barroso, Roberto Parsifal Monte Barroso, Valeria Serpa, José Trajano Sobrinho, Rock Lane Trajano, Leonardo Barroso Navarro Gondim, Marcella Gondim, José Augusto Lopes, Lúcio Brasileiro, Osvaldo Euclides Araújo, Heliana Querino, Janis Lyn Melo Soares, Eliezer Rodrigues, Galba Gomes, Francisco Auto Filho, Elva Carmo Gomes de Andrade, Fernando Maia, Alfredo Couto, Angela Barros Leal, Gilmar de Carvalho, Nyanne Vitoriano, Raimundo Gadelha, professora Cláudia Freitas de Oliveira (NUDOC, Departamento de História da UFC), Mária de Fátima Andrade (NUDOC-UFC), Dimas Macedo, Madalena Figueiredo (Biblioteca da Academia Cearense de Letras), Beatriz Carvalho, Themístocles de Castro e Silva (*in memoriam*), Rangel Cavalcante (*in memoriam*), J. Ciro Saraiva (*in memoriam*), Aroldo Mota (*in memoriam*), Lustosa da Costa (*in memoriam*), Pedro Gomes de Matos Neto e Lúcio Alcântara.

Ao professor José Estevão Machado Arcanjo, aos jornalistas Flávio Paiva e Ricardo Palhano. Ao fotógrafo Jarbas Oliveira.

À Isabela Martin e às minhas filhas Joana e Juliana. À minha filha Ramona e ao meu filho Júnior. À minha mãe, dona Maria do Carmo Gomes e ao meu pai, José Maria.







Sumário

Nota prévia.	11
1. Parsifal, o mais jovem ministro de JK	15
2. O governo Parsifal	51
3. A União pelo Ceará.	193
4. Os primeiros dias na política	201
5. Olga, idolatrada e onipresente.	245
6. A influência de Hermínio Barroso	267
7. O olhar dos filhos.	279
8. <i>O Cearense</i> , uma obra-prima.	301
9. <i>Uma história da política do Ceará</i> , pioneiro e clássico	327
10. <i>Vivências políticas</i> , a visão dialética de Parsifal	351
11. Tributos, afetos, homenagens	381
Caderno de imagens	417
Síntese biográfica de José Parsifal Barroso	433
Cronologia	441
Referências bibliográficas.	447
Sobre o autor.	455
Índice onomástico.	457







Nota prévia

O resgate da história de José Parsifal Barroso é desafio para uma comunidade e não tarefa somente de uma pessoa. E, mesmo assim, ela seria uma sucessão de escolhas, uma sequência arbitrada pelo autor mesmo a despeito da força dos fatos.

Nesse sentido, o autor será um narrador à revelia do narrado, elegendo fatos ao seu julgamento. Por isso, me alinho ao que escreve Márcia Tiburi no prefácio da edição brasileira de *Walter Benjamin: Uma biografia*, de Bernd Witte: “A biografia é, no mundo dos textos, o mais comprometido com questões éticas”. A precisão na apuração dos fatos, com ausência de juízo de valor, é certamente um bom caminho. Do mesmo modo, uma biografia não se permite a impressionismos e a demasia de ilações senão aqueles amparados pela insuspeita convergência dos fatos. No entanto, o autor poderá exercer sua licença poética na reconstrução dos cenários, contextos e falas e, mesmo assim, não estaríamos falando de ficção. O certo é dizer que uma biografia nunca será definitiva.

Na epígrafe da *Musa praguejadora – a vida de Gregório de Matos*, Ana Miranda exacerba em algo que, na essência, é verdadeiro: “os ficcionistas são historiadores que fingem estar mentindo, e os historiadores, ficcionistas que fingem estar dizendo a verdade”, uma transmutação da “Autopsicografia” de Fernando Pessoa. No caso da biografia, uma vacina necessária à utopia da exatidão são as referências de toda ordem, o apoio ortodoxo das fontes primárias e abrir “aspas” para dar voz ao biografado. O ideal seria tê-lo como próprio narrador. As fontes





Luís-Sérgio Santos

secundárias são deveras relevantes e necessárias, a despeito do “ponto” de quem conta um conto...

Ao fim e ao cabo, uma biografia será sempre incompleta.

O desafio é separar o fato da versão ou confrontar uma versão que se investiu de fato, com tantas outras versões em que a da personagem certamente deverá prevalecer. Mas uma versão será sempre uma perspectiva de vir a ser ou de ter sido. Por isso a pesquisa em documentos, atas, hemerotecas, acervos de registro oral e referências bibliográficas nos fornece elementos para o confronto, a checagem e a revisão. E mesmo assim o que se tem, ao final, é uma narrativa com o viés do autor. Mesmo escondido, disfarçado, travestido, mesmo assim ele estará lá.

Como tantos que deram sua contribuição à vida pública no Ceará e no Brasil, a narrativa da travessia de Parsifal tem sido regularmente adiada, relegada ou solenemente esquecida. De fato e justiça seja feita, muitas outras figuras ilustres também tiveram o registro de suas trajetórias de vida negligenciado.

Existem os lapsos de informação publicados em livro onde o registro histórico em relevo, no seu governo, foi sua saída do PTB e a cisão com o deputado Carlos Jereissati, um episódio que, vamos combinar, é menos que uma gota d’água no amazonas caudaloso que foi Parsifal, polimorfo, eclético, transversal, conciliador, polêmico e sutil no uso da mais incisiva palavra quando se aprumava na tribuna das casas parlamentares que frequentou.

Na verdade, o governo Parsifal aparece como um “traço” na pesquisa historiográfica. Só para termos uma ideia disso, não é comum a narrativa cronológica se delongar nos governos Sarasate e Távora, ademais deletando o governo Parsifal entre um e outro.

O ministro de Juscelino foi um azarão na corrida governamental de 1958? Acho que não. Parsifal derrotou Virgílio Távora, que





Parsifal: Um intelectual na política

era dado como vitorioso desde o primeiro dia em que Sarasate assumiu o governo. Desde ali Virgílio vinha sendo preparado pela UDN para ser o sucessor de Sarasate. O inusitado seria não tê-lo como governador. Mas então apareceu Parsifal, o mais jovem ministro de JK, apoiado por este na corrida estadual.

Um homem simples e sem presunções, exceto, provavelmente, sua única vaidade – o intelecto, embora o exibisse com extrema discrição. Seus discursos eram sempre “laudatórios”, improvisos em texto fluente cuja única cópia estava no seu cérebro. Manuseava folhas em branco para simular leitura e, assim, não estimular sentimentos outros ou eventuais olhares atravessados. Tido como “uma das mais brilhantes figuras do Congresso Nacional e uma das mais vastas formações humanísticas da Câmara dos Deputados”¹, Parsifal era um colecionador de amigos.

Parsifal sempre comentava sobre o problema da consciência histórica e a ausência dessa qualidade no povo cearense. “Sempre sustentei a tese de que o povo cearense é avesso à tradição e não cultua o passado, malgrado o esforço de uma heroica minoria que mantém sua posição de contra-ataque, sempre em vão”. Quando governador do Ceará, Parsifal foi criticado por inaugurar a estátua de Alberto Nepomuceno e deixar prontas várias outras para exposição em espaços públicos.

Ao inaugurar a estátua do imortal filósofo Farias Brito, ouviu comentários de que beirando os cinquenta anos, já estaria caducando.

Parsifal é uma dessas pessoas apaixonadas pelo Ceará, como bem o demonstra na maioria das sua produções intelectuais. Escrevia compulsivamente, deixando um vasto acervo.





Luís-Sérgio Santos

Como gestor, fez o primeiro planejamento estratégico do Ceará, ampliado posteriormente por Virgílio Távora. Criou os Bandece (Banco de Desenvolvimento Econômico do Ceará) e conseguiu a autorização do Banco Central para a instalação do Banco do Estado do Ceará. Trouxe energia elétrica para o sul do Ceará, enxugou a máquina pública demitindo servidores nomeados no último segundo do governo anterior, comprou o terreno e contratou o projeto e as estruturas metálicas para a construção do Palácio da Abolição, criou a Secretaria de Saúde do Ceará e aglutinou faculdades no que seria o início da Universidade Estadual do Ceará.

Portanto, citá-lo nos livros de história como gestor de um governo de crises e que rompeu com Carlos Jereissati é mais que uma falsidade, é um estelionato, uma subtração dos fatos, uma indigência historiográfica.

Portanto, esta biografia de José Parsifal Barroso não se pretende definitiva, mas pretende colocar esse político na sua exata posição: altruísta, humanista, visionário, cearense. E, na dimensão da sua cearensidade, brasileiro. Universal.

“Canta a tua aldeia e serás universal”, ensinou Leon Tolstoi.

“O Ceará é o meu país”, escreveu Parsifal.

NOTA

- 1 Deputado Antônio Mariz. “Proposta de criação da Corte Internacional para a Salvaguarda dos Direitos Humanos”. Publicado no *Diário do Congresso Nacional*, Seção I, 13 de junho de 1973, p. 3.297.





1. Parsifal, o mais jovem ministro de JK

Parsifal Barroso era o segundo ministro mais influente no governo de Juscelino Kubitschek. O primeiro mais influente, claro, era o Zé da Véia, ou simplesmente “Zé”, alcunha amistosa e modo como Juscelino se referia, na informalidade, a José Maria Alkmin – secretário do interior do interventor Valadares e ex-presidente do Banco do Brasil. Zé e JK ascendiam ao maior Executivo depois da bem sucedida travessia pelas altaneiras. A nomeação de Alkmin para o Ministério da Fazenda “vazou” para a imprensa na noite da terça-feira, 3 de janeiro de 1956. O furo foi, praticamente, dos jornais da rede de Assis Chateaubriand.

E o outro José, o cearense Parsifal, o mais jovem ministro do governo JK, era, por assim dizer, um estranho no ninho. No entanto, bastaram poucas semanas de governo para Parsifal compor o núcleo duro da locomotiva capitaneada pelo intrépido político forjado nas Minas Gerais com as bênçãos do carismático Getúlio Vargas. Sem o arrojo carismático e o sorriso largo e sedutor de JK, Parsifal tinha seus próprios atributos. Como o presidente, era demasiado gentil, um *gentleman* e tinha afinado gosto musical. Um, para a música de salão, e outro, para as partituras de Johann Sebastian Bach, Wagner e Beethoven.

JK enfrentou enorme oposição e mesmo uma tentativa de impedir sua posse – uma ameaça de golpe – engendradas pela campanha de seu principal oponente, as lideranças da UDN. Eleito pela coligação PSD-PTB, Juscelino era visto como o





Luís-Sérgio Santos

continuísmo do grupo político inspirado em Getúlio Vargas. Seu vice, João Goulart, era a expressão precisa desse alinhamento com o falecido caudilho dos pampas, o pai dos pobres.

Assim como não foi fácil para JK ganhar a eleição (questionada por seus opositores), também não foi fácil tomar posse – evento este bancado pela autoridade do general Henrique Teixeira Lott, que viria a compor o primeiro escalão do novo governo como ministro da Guerra. Nereu Ramos foi para a Justiça; José Carlos de Macedo Soares (irmão de José Eduardo de Macedo Soares, fundador do Diário Carioca), Relações Exteriores; Clóvis Salgado, Educação; Ernesto Dornelles, Agricultura; Maurício Medeiros, Saúde; brigadeiro Vasco Alves Seco, Aeronáutica; almirante Antônio Alves Câmara Júnior, Marinha; general Nelson de Melo, Casa Militar; Álvaro de Barros Lins, Casa Civil; José Maria Alkmin, Fazenda. Em 1959, Armando Falcão assumiu o Ministério da Justiça e Negócios Interiores.

Uma eleição realizada pelo jornal *Última Hora* designou Lott – *O homem do ano!* para a edição de 28 de dezembro de 1955.¹ Sobre a escolha, declarou Parsifal:

“O general Lott foi a maior revelação do ano de 1955. Tendo nas mãos a possibilidade de transformar-se num ditador, preferiu salvar o regime democrático, dando mais uma possibilidade de afirmação ao poder e aos partidos políticos.”

A composição do ministério também obedecia a compromissos de campanha e a potencializar a base aliada que asseguraria a governabilidade no árido terreno de uma oposição que tinha em suas hostes panfletários potencialmente sicários como o carismático jornalista e político Carlos Lacerda.

Também para Parsifal não foi fácil ser nomeado ministro. Ele foi indicado pelo partido, mas recebeu, inicialmente, a oposição interna de João Goulart. Os motivos de Jango não eram nada





peçoais, apenas territoriais – tinha interesse em indicar um nome do seu grupo político doméstico.

No entanto, o ponto de vista de Jango mudou drasticamente.

Juscelino fazia entendimentos com partidos apoiadores, ouvindo opiniões regionais, para o preenchimento de determinados postos. A indicação de Parsifal Barroso para o Ministério do Trabalho foi uma novidade. Foi João Goulart quem fez a defesa de Parsifal, desfazendo a opinião contrária que surgira dentro da bancada do PTB. Com o apoio do vice Jango, Parsifal “fortaleceu-se definitivamente” derrubando a oposição surgida no PSD cearense contra sua indicação. “A firme atitude do senhor João Goulart favoravelmente à indicação do seu correliigionário cearense verificou-se na reunião da bancada trabalhista, que durou horas”, anotou o despacho do correspondente Marcelo Pimentel, dos *Diários Associados*, no Rio de Janeiro. *O Jornal do Comércio* destacava, em subtítulo, que “será mesmo ministro do Trabalho o senador cearense Parsifal Barroso”.²

O ministério, que seria dado na cota do PTB, era cobiçado dentro do próprio partido e disputado pelo baiano João de Lima Teixeira e pelo capixaba Néelson Backer Omega. Outro ministério do PTB era a pasta da Agricultura.

Parsifal tinha a seu favor a experiência como membro destacado na Comissão de Finanças da Câmara dos Deputados, onde foi relator do Orçamento.

Mas a disputa interna era um problema. Disputa e preconceito. Nos debates da bancada do PTB com o vice João Goulart a deputada Ivete Vargas foi incisiva nas objeções ao nome do senador Parsifal Barroso. A seu ver, Parsifal transformaria o ministério “em uma sacristia”. Dramática, ela carregava nas tintas. Segundo a deputada correliigionária Ivete, a nomeação de Parsifal significaria a ascensão do bispo dom Hélder Câmara,





Luís-Sérgio Santos

motor de intensa e profícua ação social que, certamente, com o apoio de Parsifal, passaria a ter mais influência no Ministério do Trabalho do que os representantes do PTB, conseguindo assim condições para fundar um Partido Trabalhista Cristão, que facilmente liquidaria o trabalhismo getulista.

Cheio de *fairplay*, João Goulart respondeu a Ivete dizendo não temer essa “concorrência política”. No dia seguinte, Jango visitou os bispos dom Hélder Câmara e dom José Teixeira não sem antes conversar com Parsifal. Este, por sua vez, inabalável, continuou a frequentar diariamente, com missal e rosário na mão, sua missa na Igreja do Botafogo.

A teoria conspiratória da deputada Ivete nunca se confirmou, dom Hélder continuou seu trabalho pastoral e Parsifal nunca se afastou de sua fé cristã ou sequer a maculou na política.

O pessedista Abilon Souza Naves chegou a ter seu nome divulgado como ministro do Trabalho já que “a nomeação do senador Parsifal Barroso daria margem a sério impasse no Ceará”, alardeou a revista *O Mundo Ilustrado*³ que mostrava enorme má vontade em relação ao novo governo.

“O presidente da República decepcionou seus conterrâneos, deixando-se seduzir pela politicalha”, esbravejava o editorial da revista, assinado pelo editor Geraldo Rocha. Desancava o novo ministério de JK. “Nada podemos esperar de um governo que se inicia com tamanha infelicidade.”

A revista era ácida e quando escolhia um desafeto não economizava adjetivos, como quando da polêmica que abriu contra Jacinto de Thormes, colunista social, a quem chama de autor de “notas cabotinas”. Entre os seus desafetos estava Assis Chateaubriand, a quem tratava com desdém. “Ele insiste em ser senador pelo PSD de Pernambuco. Agora, dobrou o lance: vem oferecendo 10 milhões pela vaga do sr. Apolônio Alves.”





Juscelino Kubitschek acomodou o correligionário Abilon Souza Naves como diretor da importante Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil (CREAI). Acabou morrendo precocemente, aos 54 anos, em 1959, em pleno exercício do cargo para o qual foi nomeado por JK.

“Era um super-ministério para a época”, lembra Régis Barroso, então um adolescente de 15 anos, filho de Parsifal. A família Barroso morava no bairro das Laranjeiras. O Rio era a joia da coroa no início dos anos JK. E o bairro das Laranjeiras estava no auge, era o bairro onde morava o presidente que, às vezes, caminhava até o Palácio do Catete. O JK tratava Parsifal como “meu ministro” e por este era idolatrado.

A relação de Parsifal com a Igreja Católica teve enorme influência em sua nomeação para o ministério de JK devido a fatores como a “ameaça comunista”.

Parsifal foi recomendado pelos três cardeais do Brasil, o cardeal de São Paulo dom Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, o cardeal do Rio de Janeiro dom Jaime de Barros Câmara e o cardeal da Bahia dom Mário de Miranda Vilas-Boas. A vaga seria do PTB e Jango vetara, sucessivamente, nove nomes indicados ao posto.

“Aceitou o Parsifal Barroso”, afirma Régis. “Aí o Jango ficou boquiaberto com a rápida empatia que se estabeleceu entre JK e Parsifal.”⁴

Antes, porém, Chico Monte e Carlos Jereissati foram a São Borja (RS). Fizeram ver a Jango para que ele não vetasse o décimo nome. Foi uma conversa para acalmar um impaciente Jango.

“Jango dizia que o papai era mais católico do que qualquer outra coisa, isso porque com ele não afinava muito bem. Então Chico Monte e Jereissati argumentaram que ‘o doutor JK precisa de um misto de político e católico’ porque a efervescência política de São Paulo era muito forte e o ministro que tivesse





Luís-Sérgio Santos

acesso ao cardeal ajudaria muito na gestão de conflitos. Aos poucos foram fazendo a cabeça do doutor Jango e o doutor Jango no final da conversa em São Borja já dizia que ia recomendar o nome do papai... E para alegria nossa foi indicado décimo nome, logo nomeado pelo presidente.”⁵

O presidente Juscelino ficou ainda mais encantado com Parsifal devido ao trânsito do novo ministro no meio cultural, com conhecimentos profundos tanto de música clássica quanto de literatura.

A amizade de Parsifal com JK era recente mas consistente. Era tão forte que, mais tarde, Parsifal saiu candidato ao Governo do Ceará a pedido do presidente Juscelino Kubitschek, “a quem eu não podia faltar”.

O relacionamento com Juscelino Kubitschek começou a se fortalecer no período de campanha presidencial deste, na coligação PTB/PSD. Parsifal foi indicado pelo petebista e candidato a vice, João Goulart, para acompanhar JK nas viagens de campanha eleitoral Brasil afora. Foi um curso intensivo de propaganda política no plano nacional ao mesmo tempo em que estreitou laços com aquele que seria eleito presidente do país.

“O presidente Juscelino não me conhecia, conheceu a partir daquele momento; no calor da campanha em convivência cotidiana. Nos tornamos amigos íntimos. Tanto que eu já sabia que se ele tomasse posse como presidente, eu seria ministro dele.”⁶

Como vimos, Chico Monte e Carlos Jereissati estavam dispostos a ver Parsifal ministro de JK. E dissuadiram Jango de qualquer entrave que porventura estaria tecendo junto a próceres no seio do próprio PTB.

Depois do apaziguamento de Jango em Porto Alegre, a amizade entre ele e Parsifal se amiudou e se estendeu também ao deputado Carlos Jereissati. Calila intensificou a relação com Jango principalmente via Parsifal.





Mais à frente, já na função de governador, Parsifal manteve várias audiências com o presidente Jango, em Brasília, defendendo interesses do Ceará.

O PTB de Jango fazia relativa mediação junto ao Partido Comunista. Isso, mais tarde, seria usado contra o próprio Jango na tentativa de evitar sua posse na crise da renúncia de Jânio Quadros. Muitos comunistas simpatizavam com JK e isso fica claro nos editoriais e comentários publicados no jornal do partido, *Novos Rumos*.

Os comunistas estavam na vanguarda da efervescência cultural, nos movimentos populares, e nos sindicatos. O PTB cumpria esse papel de mediação e participava do governo JK com a vice-presidência e mais três ministérios.

“Parsifal era profundamente conciliador”, reforça Régis Barroso. “Ia sempre a São Paulo conversar com qualquer sindicato e com as confederações nacionais de trabalhadores. Ele argumentava com qualquer um.”

Bem relacionado com a imprensa, mesmo os jornais mais conservadores gostavam do fato de um tipo do naipe de Parsifal dialogar com todos os espectros da esquerda em um estilo tranquilo.

Na imprensa do Rio de Janeiro, um suelto sob o título “O queijo” estampado na página dois do *Correio da Manhã* destacava as qualidades do humanista Parsifal Barroso ao mesmo tempo em que falava do dilúvio provocado pelo vazamento de alguns nomes do novo ministério.⁷

Toda essa onda de agitação que empolga o mundo político neste momento, toldando o ambiente, decorre do noticiário sobre a formação do futuro ministério.

O vitorioso nas urnas em 3 de outubro, antes da sua viagem ao estrangeiro, deixou escapulir os nomes que teria escolhido para seus auxiliares no governo. Foi um





Luís-Sérgio Santos

Deus nos acuda entre os que não figuravam na lista. Logo se formou o descontentamento [...]. Veio o desmentido. JK não havia escolhido ninguém.

João Goulart afirmou não ter indicado nome algum, queimando, assim, no nascedouro, alguns candidatos ótimos.

Esse Parsifal Barroso, por exemplo, que as folhas davam como futuro ocupante do Ministério do Trabalho, se for afinal substituído por outro trabalhista, será uma pena. Trata-se, sem favor, de elemento excelente, com a vantagem de ser um humanista, coisa rara entre os correligionários do João Goulart. Além disso, é afeito ao estudo dos problemas nacionais, técnico em finanças e legislação social, manejando a língua, na tribuna, com facilidade lógica. Como todo homem que se preza, porém, é incapaz de se insinuar para qualquer cargo. Se chegar a ministro, há de ser pelos seus próprios méritos, muito embora em função do partido a que pertence.

Não quero entrar em detalhes sobre outros cidadãos dados como escolhidos pelo vitorioso nas urnas presidenciais depois negados aqui por meio de informações mais ou menos fidedignas.⁸

O nomeação do ex-pessedista Parsifal também desagradou os setores nacional e cearense do partido. Trata-se de um dissidente que agora era aquinhoado em um dos postos mais estratégicos do governo JK. Mas o presidente sabia o que estava fazendo. O expoente do PTB cearense era um trunfo na composição de um governo de coalizão. O PTB fechou questão em relação à sua nomeação.

No dia 31 de janeiro de 1958, o presidente JK assume o Executivo brasileiro “em cerimonia de transcendental importância”, como comemoraram os jornais. No Palácio do Catete, o sr. Nereu Ramos comandava a posse de JK e Jango em cerimônia onde era “obrigatório o uso de casaca e cartola”.

O visionário JK não mediu esforços – e pagou caro por isso – para promover uma política industrial com apoio do capital





internacional ao mesmo tempo em que levou adiante sua obstinação para a construção da nova capital federal no platô do Planalto Central, em Brasília, com parecer negativo do Fundo Monetário Internacional. Se JK tivesse dado ouvidos ao FMI é muito provável que Brasília tivesse sido abortada.

Mas JK era maior que a visão conservadora e tuteladora do organismo internacional sob a hegemonia dos Estados Unidos. Seu programa de governo, o Plano de Metas “50 anos em 5” provocou uma verdadeira euforia no país, estimulando a economia e criando milhares de novos empregos.

“As metas eram audaciosas e, em sua maioria, alcançaram resultados considerados positivos. O crescimento das indústrias de base, fundamentais ao processo de industrialização, foi de praticamente 100% no quinquênio 1956-1961.”⁹ O fato é que JK mudou o Brasil.

A PREVIDÊNCIA SOCIAL ENTRARÁ NOS EIXOS

Na quinta-feira, dia 2 de fevereiro, às 14 horas, o ministro Parsifal Barroso concedeu sua primeira coletiva de imprensa com duração de cerca de cinquenta minutos.¹⁰

“Estou diante da imprensa para responder a todas as perguntas”, ele próprio jornalista profissional e sindicalizado, informa o jornal *Correio da Manhã*.

A primeira pergunta tratava sobre o desmembramento do Ministério do Trabalho com a esperada criação do Ministério da Economia:

“Sei que é intenção de alguns senadores reformar o projeto aprovado pela Câmara dos Deputados. Há, portanto, possibilidade de modificações e eu não poderei dizer quais serão. O Ministério da Economia deverá ser formado por vários órgãos que pertencem ao Trabalho, como Departamento





Luís-Sérgio Santos

Nacional de Indústria e Comércio, Departamento Nacional de Propriedade Industrial, Departamento Nacional de Seguros Privados, Instituto Nacional de Tecnologia, Cofap – Comissão Federal de Abastecimentos e Preços – e Instituto de Resseguros. O ministério que dirijo passará a ser chamado de Ministério do Trabalho e Previdência Social.”

O salário mínimo será revisto:

“Quando o PTB e o PSD firmaram o acordo interpartidário constava no texto do documento uma cláusula alusiva à revisão periódica do salário mínimo. Pretendemos adotar, também, a tabela móvel de salários. Nada mais justo e oportuno do que rever os atuais níveis do salário mínimo.”

O ministro afirma que o Departamento Nacional do Trabalho não está atuando a contento e por isso deve ser objeto de mudanças na sua burocracia “para que os processos não fiquem dentro das gavetas”.

Parsifal assegurou que não será tolerado o desenvolvimento da ação de extremistas escudados nos órgãos de classe. “Tomaremos todas as medidas para coibir essa atividade mas somente agiremos em cima de fatos concretos e não nos levaremos por denúncias sem fundamento.”

No dia 2 a Assembleia Legislativa do Ceará aprovou por unanimidade de votos e com congratulações a nomeação de Parsifal para a pasta do Trabalho.

A visita do vice-presidente Richard Nixon ao Brasil em 1956 teve um significado especial para o setor trabalhista e sindical. No dia primeiro de fevereiro, Nixon falou para dezenas de líderes sindicais brasileiros reunidos na Confederação Nacional dos Trabalhadores da Indústria, no Rio de Janeiro, onde assegurou que “em nenhum país que possua movimento trabalhista livre poderá se instalar uma ditadura”.¹¹





“Um trabalhismo livre, uma livre administração de empresas e um povo livre, podem conseguir e conseguirão novos e mais elevados padrões de prosperidade para todos.”

E, no aquecimento da Guerra Fria, asseverou:

“A melhor resposta à ditadura e à tirania soviéticas está na verdadeira democracia de um povo.”

Nixon era o vice de Dwight D. Eisenhower.

No dia 2, Nixon esteve com JK no Palácio do Catete (RJ), às 10h20, acompanhado do embaixador James Clement Dunn. Ali estavam presentes os ministros José Maria Alkmin, Roberto Campos e Parsifal Barroso.

A principal preocupação do Ministério do Trabalho em 1958 será a Previdência Social, cuja estrutura, nos termos daquele momento, está a exigir alterações fundamentais. Aprovada a Lei Orgânica ora na Câmara Federal, entrará ao Ministério, imediatamente, na fase de preparação indispensável ao perfeito funcionamento do importante organismo de assistência social. O programa de trabalho incluirá, fundamentalmente, atualização dos serviços assistenciais segundo o roteiro já estabelecido em decreto de março de 1957. Além da recuperação do sistema de Previdência Social, o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio cuidará de providências relativas à revisão da consolidação das leis do trabalho, cujo estudo já foi concluído por uma comissão técnica. E sendo esses os dois pontos principais do programa administrativo do MTIC, deve-se destacar a significação que terá para a vida do país o equacionamento e solução do sério problema em que se transformou o vasto aparelho de previdência social do Brasil. Além dessas duas tarefas, o Ministério do Trabalho anotou em sua agenda: colaborar na realização da Exposição Internacional de Indústria e Comércio do Rio de Janeiro e participar da exposição Universitário de Bruxelas.¹²





Luís-Sérgio Santos

Na legenda de uma foto de Parsifal, lia-se: “O ministro Parsifal Barroso: em vigília para a *pax* social no Brasil”.

Na previdência social, Parsifal iniciou o processo para a implantação da Lei Orgânica da Previdência Social, com vistas à unificação da previdência. A lei foi promulgada pelo presidente Juscelino no dia 26 de agosto de 1960 – 139º aniversário da Independência e 72º da República – unificando a legislação referente aos Institutos de Aposentadorias e Pensões. Poderia ter sido aprovada antes mas o Congresso demorou muito para votá-la.

No capítulo primeiro, “Introdução”, encontrava-se o seguinte:

A previdência social organizada na forma desta lei, tem por fim assegurar aos seus beneficiários os meios indispensáveis de manutenção, por motivo de idade avançada, incapacidade, tempo de serviço, prisão ou morte daqueles de quem dependiam economicamente, bem como a prestação de serviços que visem à proteção de sua saúde e concorram para o seu bem-estar.

Bem relacionado com setores da imprensa, Parsifal era amigo especial de All Right, pseudônimo inglês do cronista do *Correio da Manhã* Aderson Magalhães, cearense do Ipu, “um inglês brasileiro até debaixo d’água”.¹³

Um dos assuntos preferidos pelo cronista era o Ipu, “uma terrinha que não é muito fácil de ser encontrada no mapa do Ceará”.

Aderson, um solteirão convicto, modesto, solidário, não abria mão das sessões onde se deliciava com os aromáticos havanas compartilhados pelo amigo Parsifal.

Francisco Studart, genro e secretário de Parsifal no governo JK (no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, que





abarcava a Previdência Social), destaca a precocidade do sogro na carreira política.

“Toda sua vida foi pontilhada de precocidade, uma precocidade que emergia de seus merecimentos de homem público culto e inteligente, profundamente preparado, sempre moderno, sempre atual, dono daquela bagagem que tanto admirávamos: a cultura humanística e filosófica; seu grande senso ético e estético da vida; o seu extraordinário sentimento de utilidade.”¹⁴

“Um dia escreverei sua biografia, ministro.” Parsifal esboçou um sorriso e seguiu rumo ao seu gabinete.

Quando Parsifal assumiu o Ministério do Trabalho, uma de suas primeiras ações foi convocar as Confederações dos Trabalhadores e dos Patrões, para saber o pensamento deles sobre o imposto sindical. A surpresa para o ministro foi que ambas tinham o mesmo pensamento: o imposto não pode ser tocado, não pode desaparecer. Do mesmo modo tantos patrões como trabalhadores sempre foram favoráveis à existência da Justiça do Trabalho. “Ela funciona bem ou mal ou pior, somente em decorrência do número de Juntas de Conciliação e Julgamento existentes em cada unidade da federação.”

Parsifal foi ministro do Trabalho no período em que os sindicatos eram mais fortes e poderiam parar o país. Logo que assumiu, mapeou as categorias com maior poder de fogo em relação às greves. Eram os bancários e os aeronautas. “Se os bancos parassem, se a aviação civil parasse, parava o Brasil, e eles tinham plena consciência disso.”

Parsifal entendia que a greve de fábrica sempre se prende a motivos meramente pontuais, localizados. Eliminados aqueles





Luís-Sérgio Santos

motivos, a correlação de forças é neutralizada, desaparece a razão de ser.

Mas as categorias com poder de fogo nacional, essas sim, eram o grande desafio.

É possível que Parsifal tenha sido o ministro que mais greves enfrentou no Brasil. Porque os sindicatos estavam repressados e desaguaram no governo JK. Dos aeronautas e bancários enfrentou várias greves sempre por motivos salariais. “Os bancários tinham as reivindicações salariais, mas queriam também uma Confederação só para eles – a Confederação dos Empregados dos Estabelecimentos de Crédito, que foi criada por mim”. Logo a Confederação se transformou na maior força sindical do Brasil, principalmente através do escritório técnico DIEESE – Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos –, fundado a 22 de dezembro de 1955 e controlado pelos bancários “graças à Confederação que eu criei para eles.”

Uma das missões de Parsifal era apaziguar a radicalização sindical. Em algumas viagens, com a árdua tarefa usava a estratégia *hindsight*, sua experiência em retrospectiva. Seus filhos Roberto Parsifal Monte Barroso e Vera chegaram a acompanhá-lo nessas visitas. Roberto, que mora no litoral sul dos Estados Unidos, relembra:

“Com benefício do que chamamos em inglês *hindsight*, PB usava a tática de levar filhos em algumas viagens. Lembro de uma a Porto Alegre num Beechcraft da FAB com quatro passageiros: Parsifal, seu amigo poliglota Hesíodo Facó, Vera e eu. No local de destino e recepção dos sindicalistas era com faixas e aglomeração. Parsifal descia do avião com os filhos e amigo, e assim amainava qualquer ânimo de agitação. O controle da situação passava a ser dele.”¹⁵





De fato, não era comum um ministro em um momento de transição da economia com forte impacto da industrialização obter sucessivos êxitos nas negociações de conflitos.

Na edição de 15 de maio de 1957, a Federação Nacional dos Trabalhadores em Transportes Marítimos e Fluviais publicou nota elogiando “a atuação equilibrada, conciliatória e altamente patriótica de Sua excelência o sr. Ministro do Trabalho senador Parsifal Barroso, no atendimento das nossas pretensões”. A nota vinha assinada pelo presidente Mamede Caetano Teixeira.

O ministro Parsifal pretendia acabar com o imposto sindical, “porque eu sou partidário da existência do sindicato livre”.

“Presidente, a melhor maneira de termos sindicatos livres no Brasil é acabar gradualmente com o imposto sindical”, propôs Parsifal a JK.

“Não podemos tomar uma medida dessas, pelo menos nesse momento, ministro.”

Parsifal lembra que, a despeito desse conflito, “muita coisa havia em comum entre o capital e o trabalho, entre trabalhadores e empregadores. Mas o fato é que os trabalhadores sempre foram advogados da existência do imposto sindical e por isso é que ele não acaba. Tanto os patrões, os empregadores, como os empregados, os trabalhadores, pensam da mesma maneira, precisam do imposto sindical”.¹⁶

O governo JK enfrentou uma onda de greves e esse foi o lado mais desafiador da gestão de Parsifal Barroso como ministro do Trabalho, Previdência, Indústria e Comércio. Quando assumiu, ao lado de JK, no dia 31 de janeiro de 1956. Herdou um período de turbulência e mais que isso, de degelo. As greves, até então, estavam represadas. Os sindicatos temiam cutucar onça com vara curta. Desde a deposição de Getúlio Vargas em 1945 e até Juscelino em 1955, durante dez anos, os sindicatos permaneceram em período de hibernação.





Luís-Sérgio Santos

Lembra Parsifal: “Os sindicatos não falavam, não reivindicavam, não faziam greves, com receio de que os militares se valessem dessas greves para implantar uma ditadura militar no Brasil”.

Para os sindicatos, a eleição do presidente Juscelino Kubitschek, em 1955, representou uma enorme distensão, uma abertura.

“Os dissídios coletivos de trabalho também me deram muito o que fazer, mas eu preferia os dissídios às greves. Por por meio dos dissídios coletivos de trabalho nós evitamos muita greve.”¹⁷

Parsifal, essencialmente humanista, evoluiu ainda mais na sua experiência como ministro de JK:

“Eu me modifiquei muito sendo Ministro do Trabalho. Pude entender melhor as reivindicações sindicais e as reivindicações de caráter social. Pude fazer distinção entre ambas e atender mais as sociais do que as sindicais. Eu tinha a convicção, dentro de mim, de que o Brasil enquanto não voltasse a uma fase de prevalência do reconhecimento do social como a alavanca da mudança, não evoluiria. Democracia social com igualdade e redistribuição de renda. Mas não há clima no Brasil para isso. Existe a preocupação, mas não existe o condicionamento sóciopolítico-cultural que provoque essa mudança. Inclusive com uma Reforma Agrária, que se torna a cada dia mais necessária, principalmente quando a gente vê uma lei como a da Reforma Agrária do Presidente Castelo Branco não ter sido implementada.”

Para Parsifal, os problemas estruturais do Nordeste não são tratados em bloco como a seca, por exemplo.

“O Nordeste não é politicamente unido. Eu comparo o Nordeste a um balaio de caranguejos. Cada qual procurando levar a melhor como que se entredevorando um Estado a outro. Um dos pré-requisitos para a ascensão do Nordeste seria essa união. E acho isso possível, defendo e batalho por ela embora





não veja uma mudança de postura a curto prazo. Vou dar um exemplo: os deputados nordestinos não se unem, por exemplo, para exigir que o Governo Federal termine os açudes públicos que foram iniciados e não foram terminados.”

Ministro de Juscelino durante três anos, Parsifal vê aquele político mineiro como um cidadão altamente democrático.

“Altamente democrático, sim, e muito brasileiro na parte do temperamento. Mal ele tomou posse houve a revolta de Aragarças, ele poderia ter esmagado a Revolta de Aragarças com mão de ferro, mas não. Mudou apenas o Ministro da Aeronáutica e perdoou, acabou perdando os revoltosos de Aragarças, deu anistia a eles. Era, portanto, uma alma democrática e liberal, a de Juscelino.”

Ao contrário de Juscelino, que acreditava que o desenvolvimento econômico do Brasil só seria possível com aportes do capital estrangeiro, Parsifal pensava ligeiramente diferente.

“Podíamos ter o capital estrangeiro no Brasil, mas com uma Lei da Remessa de Lucros muito forte, muito enérgica, o que não tivemos. Não sei explicar porque. Talvez porque o Brasil seja um país subdesenvolvido que necessita de capitais de toda parte para se desenvolver.”

Na rubrica Indústria e Comércio, Parsifal defendeu a industrialização do Brasil, mas com ressalvas ao capital estrangeiro.

“Tanto que, quando o presidente Juscelino Kubitschek quis implantar a indústria automobilística no Brasil com capital estrangeiro, eu fui contra e ele teve necessidade de criar um grupo presidido pelo Ministro da Viação para implantar a indústria automobilística no país, porque eu era favorável a ela, claro, mas sem que nós ficassemos sujeitados, dependentes do estrangeiro.”

Para dar celeridade ao processo de implantação da indústria automobilística JK criou, em junho de 1956, o Grupo Executivo da Indústria Automobilística – GEIA, subordinado





Luís-Sérgio Santos

ao Conselho do Desenvolvimento. O novo órgão foi presidido pelo engenheiro civil Lúcio Martins Meira que, mais tarde, em julho de 1959, assumiria a presidência do BNDE, em substituição ao economista Roberto Campos.

A implantação do GEIA, assim como dos outros grupos de trabalho focados em resultados, foi importante tática para o sucesso do Plano de Metas.

O projeto desenvolvimentista de Juscelino Kubitschek ganhou impulso com sua vitória nas eleições presidenciais de 1955. A aliança entre Estado e capital privado interno já não era suficiente ante o arrojo visionário de JK. A maioria das indústrias de tecelagem, alimentos e bebidas era nacional. Somente depois da Primeira Guerra Mundial as empresas estrangeiras começaram a vir para o Brasil.¹⁸ Entre 1947 e 1952, ingressaram no país como investimentos privados estrangeiros cerca de 82 milhões de dólares americanos.¹⁹

Juscelino Kubitschek deu ênfase à industrialização como prometara em campanha dentro do slogan “50 anos em 5”, implementando o seu Plano de Metas.

Em estudo sobre este período, o economista Celso Lafer²⁰ anota que o setor de indústrias de base era crucial para se atingir a vigorosa política de industrialização de Kubitschek anunciada na campanha eleitoral de 1955. Assim, absorvia 20,4% dos investimentos iniciais do Plano de Metas. Lafer afirma que os resultados, no conjunto, mostram que esse objetivo foi atingido, pois o ritmo de crescimento da produção industrial aumentou em mais de 96% sobre 1955, crescimento que se compara muito favoravelmente com o índice de 1952-1955, que foi de 42%.

A produção industrial diversificou-se com ênfase para o setor de bens de produção, os chamados bens de capital, necessários para a produção de outros bens ou serviços.





A indústria de transformação, e dentro dela a indústria automobilística, recebeu os maiores investimentos com a criação do polo industrial que viria, mais tarde, a ser conhecido como o ABC paulista. A cadeia produtiva do setor ganhou propulsão em áreas como a de fabricação de máquinas e equipamentos, a de fabricação de derivados de borracha e de material plástico e a de máquinas, aparelhos e materiais elétricos. O Brasil passava a ter no parque industrial empresas como General Motors, Ford Motors, Volkswagen, Caterpillar Tractor Co., a alemã Bosch, Krupp, Pirelli, Goodyear, Firestone e a General Electric. Na indústria automobilística houve um acordo de divisão do mercado no qual cabia às multinacionais a indústria montadora e às empresas brasileiras o setor de autopeças. A Pirelli implantou algo inovador para a época: a produção de borracha sintética. No setor naval foram construídos 14 estaleiros estrangeiros – um grande impacto na reconstrução da frota nacional.²¹ A indústria química foi a segunda a receber maiores investimentos consolidando, no Brasil, a presença de corporações como Union Carbide, Solvay & Cie S.A., Bayer AG e americana Pfizer Inc. Na área têxtil instalou-se a Kurashiki e, no setor de metalurgia básica, a canadense Aluminium Limited, que investiu uma quantia de US\$3,5 milhões.

O fato é que, no que tange à remessa de lucros para o exterior, Parsifal nunca entendeu porque a lei brasileira era tão permissiva, ao contrário de outros países da América Latina.

A política de JK de abertura ao capital estrangeiro foi totalmente antagônica ao estilo Getúlio Vargas.

Na ditadura Getúlio Vargas, todo o projeto de desenvolvimento da indústria de base posicionou-se contra a entrada de capital estrangeiro. Certamente angariou a antipatia do Estados Unidos também por isso. A distensão começou no governo de Eurico Gaspar Dutra. “Juscelino apenas continuou”;





Luís-Sérgio Santos

lembra Parsifal. De fato, a abertura teve início no governo do Eurico Gaspar Dutra.

“Juscelino tinha pressa em desenvolver economicamente o Brasil. Pela pressa, urgência dessa industrialização do Brasil. O desenvolvimento econômico do país era uma obstinação dele.”

A despeito disso, Parsifal tinha uma visão liberal, era favorável à estatização “onde a atividade particular privada não pudesse dar conta da tarefa de industrialização”.

Sobre a personalidade de JK, Parsifal compõe esse desenho:

“Como político, Juscelino era um estadista. Como político partidário era um chefe de atitudes canhestras. Um exemplo: não se poderia admitir que tendo Juscelino feito o governo que fez, alavancado a economia e o desenvolvimento, restaurado a autoestima nacional, projetado seus aliados como projetou, não fizesse o seu sucessor. Isso decorre do fato de ele ser canhestro nos agenciamentos das atividades político-partidárias. Era um estadista, mas era canhestro no agenciamento das atividades partidárias, tanto que podendo fazer o seu sucessor, não o fez.”²²

Com o aval de JK, o ministro Parsifal iniciou ações de propaganda do Brasil no exterior, através de escritórios comerciais, reestruturados para estimular as exportações. Para o escritório comercial do Brasil em Paris, Parsifal nomeou o cearense Hermenegildo de Sá Cavalcante.

No dia 16 de julho de 1957, com vistos dos ministros Parsifal Barroso e José Maria Alkmin, o presidente JK autorizou, por decreto, abertura pelo Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, de crédito especial de Cr\$ 15.000.000,00 (quinze milhões de cruzeiros) para atender às despesas com o comparecimento do Brasil à Feira Mundial de Nova York, à Exposição Internacional de Produtos Alimentícios e Estimulantes de Colônia e à *Exposition Universelle et Internationale de Bruxelles* (Exposição Universal





e Internacional de Bruxelas). A exposição aconteceu entre 17 de abril e 19 de outubro de 1958.

Bruxelas sediou a primeira grande Exposição Mundial depois da Segunda Guerra Mundial. O Brasil teve importante participação, ocupando enorme *stand* a exemplo dos outros participantes. Todos estavam ansiosos para se mostrarem potências após o grande conflito baseado na Europa. A estrutura da exposição era gigantesca. Cerca de 15 mil trabalhadores construíram uma estrutura de dois quilômetros quadrados em Heysel, a sete quilômetros de Bruxelas, na Bélgica. Um enorme ícone de um átomo denominado Atomium – uma exótica estrutura metálica de mais de 100 metros de altura – é a marca da cidade. Mais de 42 milhões de pessoas visitaram a chamada Expo 58 que contou com a participação de 52 países. O rei Balduíno abriu o evento saudando a paz mundial e o progresso econômico.

O país fez bonito em seu pavilhão oficial sob o tema “Uma civilização ocidental nos trópicos”, instalado em uma área de 2.850 m².

O documento oficial que formalizava o orçamento para a Expo 58 informava:

O Pavilhão do Brasil à Exposição Universal e Internacional de Bruxelas, em 1958, teve por finalidade precípua participar da promoção internacional na capital belga, visando a comparar as múltiplas atividades dos povos representados no domínio do pensamento, das artes, da ciência, da economia e da técnica. A apresentação será uma síntese das conquistas espirituais e das riquezas materiais do Brasil bem como das aspirações nacionais em um mundo em contínua evolução.

Seu objetivo geral é mostrar como o Brasil realiza o progresso social e contribui para o estabelecimento de uma efetiva solidariedade universal, fundada no respeito da personalidade humana.





Luís-Sérgio Santos

Para custear a participação do Brasil foram depositados em conta da Bélgica, em francos belgas e ao preço de custo de câmbio oficial, as importâncias solicitadas pelo Comissariado Permanente de Exposições e Feiras até o limite de Cr\$ 40.000.000,00 (quarenta milhões de cruzeiros). A quantidade atendia às despesas de construção, decoração, instalação, administração e propaganda do Brasil e de *stands* ou representações de governos estaduais, autarquias e indústrias.

O Dia Nacional do Brasil, reservado pelo calendário da Exposição Universal e Internacional de Bruxelas, será fixado e comemorado condignamente na conformidade de data e programa a serem estabelecidos oportunamente pelo Comissariado.

Na participação do Brasil há claramente o legítimo objetivo de difundir, no exterior, a imagem do Brasil sob o governo desenvolvimentista de JK. Mas o maior fluxo foi mesmo para o balcão de degustação de café onde senhoras com seus necessários sobretudos disputavam o quente sabor tropical.

O projeto arquitetônico do pavilhão do Brasil foi entregue a Sérgio Bernardes, um prêmio à consagração da arquitetura carioca e ao domínio de Bernardes sobre as estruturas metálicas. O pavilhão foi construído em 100 dias e continha, entre outras coisas,

um tronco de madeira amazônica de 25 toneladas e uma réplica da estátua de Habacuque, de Aleijadinho (parte do conjunto barroco de Congonhas do Campo). Além de grandes painéis fotográficos destacando a produção industrial (indústria automobilística, petrolífera, siderúrgicas etc.), a “arquitetura contemporânea” (representada, entre outras obras, pelo Hospital Sul-América, de Oscar Niemeyer, e o próprio edifício Marquês do Herval, dos irmãos Roberto), e sobretudo a construção de Brasília (com fotos dos edifícios em obras, a reprodução do Plano Piloto de Lúcio Costa e uma grande maquete da nova





Parsifal: Um intelectual na política

capital). Vistas ao lado das praias, coqueiros, jangadas e carrancas, as imagens de Brasília – captadas pelas lentes de Marcel Gautherot – certamente se destacavam, provocando um contraste surpreendente aos olhos europeus. Mas a exposição mostrava-se fiel, afinal, ao tema do pavilhão brasileiro: “O Brasil cria uma civilização tropical”. A ideia era apresentar as diferentes fases do desenvolvimento do país: os ciclos da cana de açúcar, do ouro, da borracha e do café, culminando na era de expansão industrial – da qual a própria estrutura metálica do pavilhão se apresentava, afinal, simultaneamente como prova e testemunho.²³

O ano 1958 foi especial para o Brasil. A seleção de Vicente Feola conquistou o primeiro título de campeão mundial de futebol e marcava a estreia do garoto Pelé. Brasília estava em plena construção e a cultura vivia momentos de efervescência com o Cinema Novo, a Bossa Nova, as vanguardas artísticas, o concretismo e mesmo o segundo lugar no concurso de Miss Universo, conquistado pela carioca Adalgisa Colombo.

Também em 1958 o Brasil participou da Exposição Internacional de Colônia, na Alemanha, sob a chancela do ministro Parsifal. O chefe do Escritório de Propaganda e Expansão Comercial do Brasil na Alemanha recebeu a importância de Cr\$ 500.000,00 (quinhentos mil cruzeiros) que lhe foi transferida pelo Comissariado Permanente de Exposições e Feiras, do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio.

A vida social do ministro Parsifal também era intensa, sempre acompanhado de dona Olga Barroso. O prestigiado colunista Ibrahim Sued, do jornal *O Globo* (RJ) registra a grande recepção que o diretor-redator-chefe e a sra. Roberto Marinho deram em homenagem ao presidente e à sra. Craveiro Lopes, na mansão do bairro Cosme Velho com jardins iluminados pelos refletores de Jean Mazon, com show de Carlos Machado e a





Luís-Sérgio Santos

presença do *crème de la crème* da sociedade carioca, incluindo políticos de todos os poderes capitaneados pelo presidente JK. “Após o *souper*, um show improvisado de Angela Maria e Ester de Abreu na sala de leitura da mansão.”²⁴

Ibrahim dedica toda sua coluna para a cobertura do evento e enumera, sem cansaço, nomes de algumas das dezenas de pessoas presentes: sr. e sra. Ulysses Guimarães, o ministro José Maria Alckim com seu impecável smoking, sr. e sra. Parsifal Barroso, o embaixador da rainha Elizabeth, sir Geoffrey Harrison, o embaixador dos Estados Unidos no Brasil e sra. Ellis Ormsbee Briggs, sr. e sra. Israel Pinheiro, sr. e sra. Filinto Muller, sr. e sra. Nereu Ramos, prefeito e sra. Negrão de Lima, sr. e sra. San Tiago Dantas, sr. Gustavo Barroso.

O presidente Craveiro Lopes conversava com todos, queria saber coisas enquanto dona Berta Craveiro Lopes não se cansava de elogiar a beleza da mulher brasileira.

A recepção, no dia 9 de junho de 1957, começou às 23h30 e o traje smoking era condição para acesso aos jardins e dependências da mansão do anfitrião.

No dia 11, outro encontro social com o presidente Craveiro Lopes, agora um almoço para um grupo de brasileiros “amigos de Portugal”, na sede da Embaixada de Portugal, na rua Real Grandeza, 219. Além da comitiva portuguesa, estiveram presentes os chanceleres Paulo Cunha e Macedo Soares, embaixadores Antonio de Faria, Raul Fernandes, Osvaldo Aranha, João Neves da Fontoura, Décio Moura e Álvaro Lins, governador Miguel Couto Filho, ministros Parsifal Barroso e Lúcio Meira, senadores Assis Chateaubriand, Arthur Bernardes Filho e Georgino Avelino, deputados Gustavo Capanema e Hugo Napoleão, acadêmicos Austregésilo de Athayde, Peregrino Junior, Gustavo Barroso e Elmano Cardim, Rui Almeida, presidente da Associação Comercial, jornalistas Herbert Moses,





Roberto Marinho e San Tiago Dantas, e deputado Chagas Freitas, diretor de *O Dia* e *A Notícia* e presidente do Sindicato das Empresas Proprietárias de Jornais e Revistas.

A gestão Parsifal plantou o germe da figura do pensionista quando abriu a possibilidade de pagamento de benefício pós-morte do beneficiário. Com as assinaturas do presidente Juscelino Kubitschek e do ministro Parsifal Barroso foi sancionada, no dia 19 de julho de 1957, a lei que “dispõe sobre o pagamento das prestações de benefícios, em caso de falecimento de segurado ou seu beneficiário, pelos Institutos e Caixas de Aposentadoria e Pensões”. Na Lei 3.220, lia-se:

Em caso de falecimento do segurado ou seu beneficiário de Institutos e Caixas de Aposentadoria e pensões, o pagamento das prestações de benefícios não recebidos até à data do falecimento será feito aos demais beneficiários seus.

Outra lei inovadora, de 27 de agosto de 1957, criou as “cédulas de crédito rural”, papéis que eram uma “promessa de pagamento em dinheiro, com juros, sem garantia real”. Era a Lei 3.253.

Os empréstimos bancários concedidos às pessoas físicas ou jurídicas que se dediquem às atividades agrícolas ou pecuárias.

A Lei 3.295 de 30 de outubro de 1957 voltou seu olhar para os garimpeiros, sempre largados à sua própria sorte. Criou a Fundação de Assistência aos Garimpeiros, com jurisdição em todo o território nacional e sede e foro temporário em Goiânia, estado de Goiás, até que se instale a futura capital federal.

Sancionada pelo presidente Juscelino Kubitschek, era subscrita pelos ministros Parsifal Barroso, José Maria Alkmin, Mário Meneghetti e Maurício de Medeiros.





Luís-Sérgio Santos

Outra lei inovadora foi a que cuidou da questão da privacidade na gestão de informações comerciais “reservadas ou confidenciais”. A Lei 3.099, de 24 de fevereiro de 1957 “determina as condições para o funcionamento de estabelecimento de informações reservadas ou confidenciais, comerciais ou particulares”. Seguiam-se ao jamegão do presidente Juscelino Kubitschek, as rubricas do ministro da Justiça Nereu Ramos e do ministro Parsifal Barroso.

Parsifal formulou e implantou o regimento das Delegacias Regionais do Trabalho e do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio. O decreto de aprovação 41.478, assinado pelo presidente JK e pelo ministro Parsifal foi publicado no dia 8 de maio de 1957, tendo como anexo a íntegra do Regimento.

Dentre as dezenas de competências de Parsifal, na rotina burocrática do Ministério, cabia a renovação de concessões de empresas para vários setores da atividade econômica sempre com a chancela presidencial, através de decreto. Assim é que em 28 de setembro de 1957 concede à sociedade anônima Pfizer Corporation do Brasil autorização para continuar a funcionar na República. Em 28 de setembro de 1957, aprova alterações introduzidas nos estatutos da The Motor Union Insurance Company Ltd, inclusive aumento do capital; concede à sociedade anônima Vick Chemical autorização para continuar a funcionar na República; aprova alterações introduzidas nos estatutos, inclusive aumento do capital social da A. Marítima, Companhia de Seguros Gerais, em 23 de janeiro de 1957; aprova alterações introduzidas nos estatutos da Companhia Continental de Seguros, de 13 de fevereiro de 1957; aprova alterações introduzidas nos estatutos da Italbrás – Companhia de Seguros Gerais, em 9 de março de 1957; aprova alterações introduzidas nos Estatutos da Assicurazioni Generali di Trieste e Venezia, em 11 de dezembro de 1956; concede à sociedade





anônima Lanman & Kemp Barclay & Co. of Brazil autorização para continuar a funcionar na República, em 27 dezembro de 1956; concede à Companhia Nacional de Navegação, Indústria e Comércio – Naveinco autorização para funcionar como empresa de navegação de cabotagem, em 17 de maio de 1957.

PARSIFAL NA OIT

O ministro Parsifal Barroso foi o representante do Brasil na quadragésima sessão da Conferência Geral da Organização Internacional do Trabalho – OIT, que aconteceu no dia 5 de junho de 1957, em Genebra, na Suíça, convocada pelo Conselho de Administração da Repartição Internacional do Trabalho. O foco da discussão foi o trabalho forçado no mundo sob o título “Convenção para a abolição do trabalho forçado”.

A representação do Brasil teve atuação intensa, como se constata da leitura do relatório final do evento. Sobre os itens “campos de concentração” e “deportação de minorias”, o representante do Brasil apresentou uma emenda como lemos no relatório da Conferência:

The Government of Brazil, however, proposes amendment of the introductory sentence to read:

Each Member of the International Labour Organization which ratifies this Convention undertakes to suppress and not to make use of forced or compulsory labour, including that practised by means of the organization of concentration camps or through the deportation of national minorities.

This, in the view of the Brazilian Government, would meet the point raised by the Secretary-General of the United Nations. The Government of the Federal Republic of Germany also suggests amending the text to read as





Luís-Sérgio Santos

follows, so as to bring out more clearly the relationship with the Forced Labour Convention, 1930.²⁵

A decisão da abolição do trabalho forçado adotada em Genebra, a 25 de junho de 1957, por ocasião da quadragésima sessão da Conferência Internacional do Trabalho foi homologada pelo Brasil no dia 18 de junho de 1966. O presidente Castelo Branco “decreta que a referida Convenção apensa por cópia ao presente decreto seja executada e cumprida tão inteiramente quanto nela se contém”.

Parsifal fez discurso no plenário da Conferência defendendo a bandeira proposta pela OIT.

Ao lado de Parsifal e dona Olga, o jovem Régis Barroso fez sua primeira viagem internacional.

O percurso do Rio de Janeiro a Recife foi feito em um Lockheed Constellation PP-PDJ, da Panair do Brasil S.A. Em Recife, ocorreu a primeira parada técnica para abastecimento, ainda em solo brasileiro.

“O avião reabasteceu seus tanques ganhando autonomia para atravessar o Atlântico. Passamos a noite voando até chegarmos a outro ponto de reabastecimento, uma escala técnica regular na África, para abastecimento. Assim, tomamos um café da manhã oferecido pelos franceses, em Dakar, no Senegal. Dali a próxima escala foi em Lisboa. Naquela época os aviões não tinham cozinha, as refeições eram todas feitas em terra... Um almoço inesquecível foi o de Lisboa. Dali fomos para Paris e de lá para Genebra, onde o papai foi um dos conferencistas na OIT. O motorista da embaixada foi dirigindo o carro até Genebra. Saímos de manhã cedo e fomos dormir em Dijon – na região da Borgonha, a 315 km de Paris – e no dia seguinte partimos para Genebra – mais 200 km –, nosso principal destino, um encanto de cidade.”





Depois de uma semana em Genebra e ao fim Conferência da OIT, Parsifal, dona Olga e Régis seguiram para Roma. Católico fervoroso, Parsifal tinha agendada uma audiência com o Papa Pio XII, na cidade do Vaticano. Foi um encontro cheio da emoção ainda mais porque as audiências com o Papa àquela época eram pouco comuns – a reclusão papal consolidando a mística da aura e a ideia de santidade. Portanto, o encontro com Pio XII era um privilégio de católicos com muito acesso à estrutura de poder da santa madre Igreja.

Régis Barroso relata:

“Estávamos todos de terno azul. Papai dialogou com o papa em latim e depois em português. Todos beijamos a mão de Sua Santidade em um ritual de muita reverência. Foi uma grande emoção para mim beijar a mão do papa ainda mais porque Pio XII foi um ferrenho opositor de Hitler. A Igreja teve um papel importante e o mundo tornou-se melhor quando Hitler perdeu a Guerra. Eu me senti leve, feliz. Para mim, ver um papa que tinha atravessado a Segunda Guerra Mundial e tinha conduzido o mundo para a abertura depois da Guerra, foi uma coisa fantástica.”

Católico fervoroso e amigo da cúpula da Igreja, em janeiro de 1958 Parsifal inaugurou um busto do papa Leão XIII em espaço no Ministério do Trabalho.

“Só através da Justiça se pode alcançar a paz”, declarou Parsifal na ocasião. “O papa Leão XIII foi o verdadeiro intérprete da doutrina social da Igreja Católica, única forma de trazer ao mundo a paz.”²⁶

No retorno ao Brasil, Parsifal reuniu-se com JK para relatar os detalhes da Conferência da OIT.

Na primeira semana de julho de 1957 viajaram novamente a Brasília. Parsifal era o caixa do tesouro. Era o “homem rico” porque a previdência só arrecadava e alimentava o orçamento





Luís-Sérgio Santos

líquido no qual não existia nenhuma demanda de aposentado. A conta da previdência no Banco do Brasil financiou a construção da Asa Norte e Asa Sul de Brasília. Parsifal potencializou esse orçamento com reformas e ajustes na máquina de arrecadação, em consonância com JK.²⁷

De fato, uma ação de Parsifal Barroso na construção de Brasília foi estratégica. Os diversos Institutos de Previdência Social vinculados ao Ministério do Trabalho construíram os blocos residenciais das superquadras. Isso até provocou um certo aborrecimento ao ministro a ponto de ele convocar uma entrevista coletiva, no dia 3 de abril de 1957, no Rio, para desanuviar a ciúmeira de alguns sobre um “pretense desvio de verbas das autarquias, por parte do Governo, para a execução das obras em Brasília”.

“Não vejo motivo para esta gritaria”, verberou o ministro. “Vamos agir em conformidade com o plano piloto e não haverá prejuízo nos programas deste ministério para o ano de 1957.”

Mais tarde, ele assertaria:

“Posso prestar um testemunho por amor à verdade histórica, dizendo que, efetivamente, os quase três anos em que fui Ministro do Trabalho e da Previdência da Indústria e Comércio do ex-presidente Juscelino Kubitschek foram para mim um aprendizado vivo daquilo que eu chamo a vivência da problemática nacional.”

A declaração, de 17 de junho de 1976, faz parte do conjunto de entrevistas que Parsifal Barroso concedeu à Universidade Federal do Ceará.

Mesmo com toda a experiência parlamentar, como deputado estadual, federal e senador da República, Parsifal revela que só incorporou de modo visceral o “patrimônio de vivências de toda a problemática nacional” quando atuou como ministro do Trabalho, da Previdência, Indústria e Comércio, no governo JK.





“De 1956 a 1958, foi quando fixei uma visão global sobre a realidade brasileira, escalonando não só os seus problemas, mas ainda as perspectivas de solução para cada um deles em escala nacional”, relata Parsifal. “Também posso afirmar que, nos quatro anos em que fui governador, de 1959 a 1963, tive outras espécies de aprendizado que se incorporaram definitivamente ao meu ser de homem público. Isto porque, a visão do regional, a problemática do Nordeste, as vicissitudes da vida enfrentadas pelo Ceará, dentro do contexto nordestino, tudo isso eu só vim a sentir bem ao vivo durante os quatro anos que governei o Ceará, e que foram os quatro anos iniciais da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – Sudene.

Há uma coincidência dos quatro anos do meu governo, com os primeiros quatro anos de vida da Sudene e, foi nesse período que verifiquei a necessidade ainda não atendida de termos um planejamento microrregional que ainda nos falta, mas hoje na Câmara dos Deputados, o acervo desses dois patrimônios de vivência e experiências e de lutas como Ministro de Estado e como governador do Ceará, constitui o que eu de melhor posso fornecer ao meu país, ao Nordeste e ao meu Estado no exercício do mandato de Deputado Federal.”

Sobre JK, Parsifal escreveu:

“Somente quem conheceu de perto o coração do saudoso presidente JK pode testemunhar sobre o dimensionamento de sua magnanimidade.”

Referia-se à ação do governo federal com programas emergenciais para socorrer as vítimas da seca. Mas foi desse “aprendizado duro e amargo” que nasceram os Conselhos de Estudos e Pesquisas, matrizes geradoras da Sudene.





Luís-Sérgio Santos

O presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira ganhou grande honraria do Ceará, numa ação de reconhecimento em que se irmanaram dois amigos, o governador Parsifal Barroso e o professor Antônio Martins Filho, o genial criador da Universidade Federal do Ceará – um reitor muito à frente do seu tempo.

No dia 3 de outubro de 1959, foi inaugurada a Concha Acústica da Universidade do Ceará – hoje Universidade Federal do Ceará (UFC), atrás do prédio da Reitoria, com o nome Auditório Martins Filho. A Orquestra Sinfônica Brasileira sob a batuta do internacional maestro cearense Eleazar de Carvalho e a presença do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira coroaram o evento. Naquele mesmo dia o presidente foi agraciado com o título de doutor *Honoris Causa* da UFC, a primeira personalidade a receber a honraria.

Toda essa animação cultural promovida por Martins Filho fazia parte do início das festividades em comemoração ao centenário do nascimento de Clóvis Beviláqua.

Também no dia 3, às 18 horas, o presidente Juscelino, em companhia do governador Parsifal, inaugurou o Hospital das Clínicas em Porangabussu. A outorga do diploma de Doutor *Honoris Causa* ao Presidente da República aconteceu às 20 horas na Concha Acústica.

NOTAS

- 1 “Lott – O homem do ano!”. *Jornal Última Hora*, Rio de Janeiro, quarta-feira, 28 de dezembro de 1955, p. 3.
- 2 “Entendimentos finais sobre o novo ministério”, manchete de primeira página do *Jornal do Comércio*, Manaus, sábado, 28 de janeiro de 1958.
- 3 “Partiu Juscelino”. *O Mundo Ilustrado*, 6 de fevereiro de 1956, p. 21.





Parsifal: Um intelectual na política

- 4 Entrevista com Francisco Régis Monte Barroso, em Fortaleza, no dia 5 de janeiro de 2017, quinta-feira.
- 5 Idem.
- 6 Entrevista do ex-governador Parsifal Barroso concedida à professora Teresa Haguette, realizada nos dias 22 e 28 de fevereiro de 1984, para o Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC/UFC, do Curso de História da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza (CE). Também participaram como entrevistadores os professores Francisco Moreira Ribeiro e Fátima Cavalcante.
- 7 “O queijo”. *Correio da Manhã*, sexta-feira, 13 de janeiro de 1956, p. 2.
- 8 Idem.
- 9 SILVA, Suely Braga da. *50 anos em 5: o Plano de Metas*. Fundação Getúlio Vargas, Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC). Disponível em: <<http://cpdoc.fgv.br/producao/dossies/JK/artigos/Economia/PlanodeMetas>>.
- 10 “Declara o ministro do trabalho: Novo salário mínimo e combate ao extremismo nos sindicatos – Não deve ser extinto o imposto sindical – primeira entrevista do sr. Parsifal Barroso”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 3 de fevereiro de 1956, p. 2.
- 11 “Nixon exalta os sindicatos na luta contra o comunismo”. *Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 2 de fevereiro de 1956, p. 2.
- 12 O *Cruzeiro*, 25 de janeiro de 1958, p. 56.





Luís-Sérgio Santos

- 13 Em 6 de setembro de 1967 morreu, no Rio de Janeiro, aos 71 anos de idade, o jornalista cearense Aderson Magalhães, que assinava no jornal *Correio da Manhã* a coluna All Right, sob pseudônimo de mesmo nome, onde sempre lembrava sua terra, o Ipu. Dos 71 anos de vida, 49 foram dedicados ao *Correio da Manhã*. Nasceu em Ipu em 9 de julho de 1896.
- 14 ALCÂNTARA, Lúcio et al. “Homenagem a Parsifal Barroso”. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1986. 27 p. Série Comemorativa, v. 7.
- 15 Entrevista com Roberto Parsifal.
- 16 Entrevista realizada no dia 22 de fevereiro de 1984 por Teresa Haguette.
- 17 Idem.
- 18 EVANS, Peter. *A tríplice aliança – as multinacionais, as estatais e o capital nacional no desenvolvimento dependente brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980, p. 96-114.
- 19 VILLELA, Annibal V.; BAER, Werner. *O setor privado nacional: problemas e políticas para seu fortalecimento*. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1980, Coleção Relatórios de Pesquisa 46, p. 12.
- 20 LAFER, Celso. O planejamento do Brasil: observações sobre o Plano de Metas (1956-1961). In: LAFER, B. (org.). *Planejamento no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970, p. 29-50.
- 21 CARUSO, Melina Bioni. *Considerações sobre o capital estrangeiro e a industrialização no Plano de Metas (1956-1961)*. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- 22 Relato parcial da entrevista realizada por Teresa Haguette.





- 23 NOBRE, Ana Luisa. *A Feira Mundial de Bruxelas de 1958: o pavilhão brasileiro* (Brussels world`s fair of 1958: the brazilian pavilion). In: ARQTEXTO 16, p. 98-107. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_16/04_ALN.pdf>.
- 24 Coluna “Reportagem Social” de Ibrahim Sued, no solar do Cosme Velho, *O Globo*, 11 de junho de 1957.
- 25 “Forced Labour”. In: Report IV (2), International Labour Conference, Fortieth Session, Geneva, 1957. *International Labour Office*, 1957, p. 10.
- 26 “Ministro do Trabalho ontem inaugurou em seu Ministério o busto do Papa Leão XIII”. *Jornal do Brasil*, 10 de janeiro de 1958, p. 9.
- 27 Entrevista com Francisco Régis Monte Barroso, em Fortaleza, no dia 05 de janeiro de 2017, quinta-feira.





2. O governo Parsifal

“Na minha vida pública, tenho mais tempo de serviço como professor de que como militante político. Posso, todavia, informar que, na vida pública, através dos mandatos que exerci, no poder legislativo e no poder executivo, não posso me queixar de que o exercício dessas atividades públicas tenha perturbado a minha vida privada de pai, porque, na realidade, toda a minha família tem participado como um só corpo, e uma só alma, de todas as lutas que participei na militância política.”¹

Essa enorme convergência de energia familiar em torno da figura de Parsifal faz que os dois papéis do mesmo homem – o público e o pai de família – nunca tenham entrado em conflito. Ao contrário. Era no seio do lar que Parsifal recarregava suas baterias, tanto físicas quanto espirituais, para desempenhar sempre melhor o seu papel.

Quando Parsifal Barroso e Chico Monte entraram em rota de colisão com o governador Raul Barbosa e, por consequência, trocaram o Partido Social Democrático pelo Partido Trabalhista Brasileiro de Carlos Jereissati não imaginavam o que estava por vir, em termos eleitorais.

Parsifal derrotou Raul, ao final do mandato eleitoral deste, quando disputava a senatória em 1955. Parsifal se elegia pela coligação do PTB com a UDN que saiu também vitoriosa na corrida de Paulo Sarasate ao governo do Ceará. Deixou Raul sem mandato. E, em 1958, pelo PTB, o mesmo Parsifal derrotou o udenista Virgílio de Moraes Fernandes Távora em renhida disputa pelo governo do Ceará. Virgílio vinha sendo preparado





Luís-Sérgio Santos

pela UDN para ser o sucessor de Paulo Sarasate desde que este foi eleito, em 1954.

Trata-se de uma sucessão de vitórias decorrente de uma engenharia política permeada por questões conjunturais e pontuais que evidencia prudência, de um lado, e pragmatismo, de outro, associados ao estilo diplomático e conciliador de Parsifal em contraponto ao fervor de Chico Monte. Anote-se que no intervalo da senatória e do governo, Parsifal fez um curso intensivo de gestão e negociação como ministro do Trabalho do turbulento início do governo JK onde greves pipocavam por todo o país.

A eleição de Virgílio Távora chegou a ser dada como certa até mesmo por meios de comunicação do Sudeste. Parsifal, um católico fervoroso, não teve o apoio da Igreja Católica. Engoliu seco quando ouviu da boca do então arcebispo de Fortaleza, dom Antônio de Almeida Lustosa, a declaração de que perante a Igreja tanto ele quanto Virgílio se equivaliam, e, portanto, não daria apoio a nenhum dos dois.²

A ESTRATÉGIA ELEITORAL DE VIRGÍLIO

Até ver-se confirmado pelo PTB como candidato ao governo, Parsifal teve que desmontar uma estratégia do coronel Virgílio Távora que trouxe para si o apoio de Francisco de Almeida Monte – insone interlocutor político e aliado de Parsifal. Chico Monte era poderoso chefe do PTB na zona norte do estado do Ceará, a partir de Sobral, e pai de dona Olga Monte Barroso, esposa de Parsifal. A costura política com Virgílio acontecera no início de 1958 quando Parsifal estava em pleno exercício de sua ação ministerial no governo JK. Provavelmente elas já se arrastavam desde o começo de 1957.





O petebista Flávio Portela Marcílio, concunhado de Virgílio, era seu candidato a vice. Assim, Virgílio anexava, dentro de casa, o PTB de Chico Monte, Carlos Jereissati e, por extensão, Parsifal Barroso. Além disso, Virgílio trouxe para seu lado o “fiel da balança” Olavo Oliveira, do Partido Social Progressista – PSP.

Das negociações teria surgido, em março de 1957, a seguinte chapa: Virgílio para governador, vice-governador ainda a ser indicado pelo PTB, Olavo Oliveira para senador e Acrísio Moreira da Rocha (PR) para a Prefeitura de Fortaleza. Abrigado na coligação UDN-PTB-PSP-PR, Virgílio era o franco favorito na sucessão de Sarasate e isso repercutiu na imprensa nacional a ponto de a conceituada revista *O Cruzeiro* apontá-lo como o potencial futuro governador do Ceará.

Essa frente de Virgílio causou desconforto não somente junto ao PTB do P (o PTB de Parsifal liderado por dona Olga Barroso) quanto ao PSD onde José Martins Rodrigues almejava ser unido candidato ao governo. Mas via sua pretensão se esvaziar na medida em que Virgílio já conseguira o apoio dos partidos significativos nas urnas. Nesse cenário, um candidato puro do PSD certamente contrariaria enorme derrota nas urnas já que não sobrara com quem se coligar. E, além de outros objetivos, Martins Rodrigues investia na candidatura a deputado estadual do seu genro , que se elegeria com 8.098 votos.

Em março de 1957, o deputado José Martins Rodrigues, sem sustentação partidária para além do PSD, usou sua influência junto ao vice-presidente João Goulart. Queria que o presidente nacional do PTB chamasse à conversa os líderes do partido no Ceará Carlos Jereissati e Chico Monte, mostrando a eles o potencial da candidatura de Parsifal Barroso.

Em um encontro acidental com Virgílio Távora, dona Olga Barroso, como era do seu estilo, foi direto ao ponto:





Luís-Sérgio Santos

“O meu pai fez esse acordo com você, mas lembre-se que há muita pressão dentro do PTB para que o Parsifal seja candidato.”³

Flávio Marcílio estimulou uma dissidência dentro do PTB e trouxe para o apoio a Virgílio os deputados estaduais petebistas Gomes de Freitas, Firmo de Aguiar, Haroldo Martins, Brasilino de Freitas, Luis Bezerra Costa e Danúsio Barroso.⁴

Em janeiro de 1958, no dia 16, em uma reunião em Fortaleza, líderes do PTB e do PSD resolveram “em definitivo que os dois partidos poderiam marchar unidos no pleito vindouro e que a candidatura Parsifal Barroso era que mais satisfazia as aspirações do deputado Carlos Jereissati”. Pelo PSD estavam José Martins Rodrigues, Waldemar Alcântara e Expedito Machado; pelo PTB, Carlos Jereissati, Francisco de Almeida Monte, Aldenor Nunes Freire e Edgar Leite Ferreira. Antes, o mesmo grupo realizara um primeiro encontro em Sobral, no dia 14, no sítio de Chico Monte na Serra da Meruoca. Saíram de lá com a aprovação do líder político regional.⁵

Antes de ir ao encontro de Chico Monte, o PSD já decidira por Parsifal. No dia 12, o diretório regional do PSD em reunião comandada por José Martins Rodrigues consagrou apoio ao nome de Parsifal Barroso para o governo tendo Wilson Gonçalves como candidato a vice. Para o senado, Menezes Pimentel. Logo após a reunião do diretório, Martins Rodrigues encontrou-se com o petebista Carlos Jereissati para informar a decisão do PSD.

“O esquema pessedista só será modificado se o ministro Parsifal Barroso desistir de sua candidatura ao Governo e tiver o PSD que concorrer ao pleito com candidato próprio”, assegurou Zémartins.⁶

Um fato que fragiliza o sucesso da articulação de Virgílio é a candidatura de Carlos Jereissati ao Senado naquele 1958.





O acordão costurado por Virgílio previa a candidatura de Olavo Oliveira ao Senado e, definitivamente, o apoio do PTB se diluía.

Uma mudança radical. Dinâmica como uma nuvem, no dizer do político mineiro, a política pregava peças até mesmo em calejados senhores de partido. Em novembro de 1957 a percepção sobre a inevitabilidade da vitória de Virgílio Távora era elevada. Nada comprometeria o favoritismo do filho do senador Manuel do Nascimento Fernandes Távora – um dos políticos valorosos surgidos na República Velha, interventor estadual no Ceará. Assim, o jornal carioca *Tribuna da Imprensa* reverbera o ponto de vista do deputado Carlos Jereissati que “voltou ao Rio de Janeiro impressionadíssimo com o que observou no Ceará. Acha que é inevitável a vitória de Virgílio Távora ao governo do Estado, parecendo cada vez mais difícil e distante a candidatura do ministro Parsifal Barroso, que hoje só tem um defensor intransigente, sua própria esposa”.⁷

Na visão do deputado federal Esmerino Oliveira Arruda – eleito pelo PSP – a candidatura do ministro Parsifal Barroso nada mais representa do que uma pressão do presidente JK para forçar o PTB a romper os compromissos que tem com a coligação UDN-PSP e com a candidatura de Virgílio Távora.

“O PTB só não apresentará Parsifal Barroso como candidato à sucessão do governador Paulo Sarasate se o senhor Virgílio Távora concordar em dar a senatória ao deputado Carlos Jereissati.”⁸

Conhecido por se abster de interferir nas questões regionais relativas às eleições e coligações, o presidente Juscelino Kubitschek teve um comportamento diferenciado no caso do Ceará. Pediu ao seu vice Jango, presidente do PTB, que esquecesse essa coisa de apoiar Virgílio Távora.

“Neutro, mas nem sempre”, destaca o *Jornal do Brasil*, baseado em fontes ligadas ao candidato do PTB:





Luís-Sérgio Santos

Círculos políticos ligados ao sr. Parsifal Barroso afirmam que foi o próprio presidente da República (que já tem dito várias vezes ser neutro nos problemas das sucessões estaduais) quem exigiu do sr. João Goulart desistência do apoio à candidatura do sr. Virgílio Távora ao governo do Ceará, em benefício do sr. Parsifal Barroso, candidatura que aceitou antes mesmo de consultar o vice-presidente da República.⁹

De fato, Juscelino sempre foi favorável à ideia de Parsifal disputar o governo:

“Meu ministro’ Parsifal, o meu PSD do Ceará me informou que não tem ninguém melhor do que você para ganhar do Virgílio Távora.”¹⁰

Como se explica o apoio prematuro de Chico Monte à candidatura de Virgílio Távora? Teria havido uma cisão no coeso seio familiar? Ou tudo não passou de um jogo político considerando a extrema intimidade entre os dois e a presença indelével de dona Olga Barroso? A segunda hipótese, de tão absurda, parece improvável. Pode ter sido mesmo um balão de ensaio para criar uma crise e atrair o comprometimento do presidente JK com a candidatura de Parsifal.

O fato é que Virgílio Távora perdeu o apoio do PTB e saiu atirando.

“Chico Monte fugiu à palavra empenhada”, disse Virgílio. “Considero-me em posição moral vantajosa sobre meu competidor.”¹¹

Chico Monte rompeu seu acordo com Virgílio devido à caça às bruxas do governo Sarasate que demitiu petebistas como Marcelo Sanford, homem umbilicalmente alinhado àquele chefe político sobralense. A crítica do petebista Flávio Marcílio:

“Em vez de perseguir seus próprios correligionários que não apoiam o coronel Virgílio Távora, deveria renunciar ao lugar que ocupa na executiva do PTB onde está sobrando, por traição.”¹²





E continua:

“A demissão de Marcelo Sanford foi um ato mesquinho e vergonhoso. Flávio Marcílio retirou finalmente a máscara, traíndo o PTB e aqueles que impuseram o seu nome à UDN. É preciso que o povo saiba que Flávio Marcílio foi repudiado pela UDN para companheiro de chapa do governador Paulo Sarasate.”

Sobre a traição alegada por Virgílio Távora, Chico Monte revela:

“Não traí Virgílio Távora. Tínhamos compromissos recíprocos, conforme cartas por ele publicadas e que já eram do conhecimento do presidente do PTB (Carlos Jereissati). Quando se definiu a candidatura Parsifal Barroso, fui procurado por Virgílio, isso no dia 8 de dezembro, no Hotel Serrador. Naquela ocasião, o coronel Távora me liberou de qualquer compromisso. Falamos, naquele momento, cordialmente, sem ressentimentos.”¹³

Depois da conversa Chico Monte ainda pegou uma carona. Dirigindo seu próprio carro, Virgílio conduziu Chico até o apartamento do ministro Parsifal.

Animal político por excelência, Parsifal apareceu no gabinete ministerial com a mão direita engessada. O ministro quebrou mão e pulso em acidente doméstico. Foi no dia 12 de fevereiro vítima de um piso umedecido. Assistido pelo serviço médico do famoso Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciantes – IAPC – ganhou gesso no local fraturado. No dia seguinte foi trabalhar, com a mão engessada.¹⁴

CAMPANHA E POSSE

“Quando eu inventei a candidatura de Parsifal Barroso, o sogro dele, o Chico Monte, não queria nem ouvir falar”, disse





Luís-Sérgio Santos

o talentoso jornalista Themístocles de Castro e Silva, em uma de suas últimas entrevistas, em 2008. “Eu inventei a candidatura do Parsifal, lancei, deu certo.”

Na estratégia de construção da candidatura, Themístocles estimulou a briga da UDN com o PSD e da UDN com o PTB. A vitória de Virgílio Távora, oponente de Parsifal, era tida como certa.

Quem derrotou o Virgílio foi o slogan, engendrado acidentalmente pelo próprio Themístocles, com base em uma carta que recebeu de morador do sertão central do Ceará. Relatava o missivista que o pai de Virgílio, Manuel do Nascimento Fernandes Távora, quando foi interventor no Ceará em 1930, extinguiu vários municípios. E concluía, enfático:

“É por isso que meu avô já dizia que havendo outro, em Távora não votaria.”

Estávamos em 1958 e Themístocles morava no Rio de Janeiro, trabalhando na Agência Meridional, engenhosa invenção de Assis Chateaubriand que distribuía conteúdo noticioso e opinativo para a rede dos seus jornais, os *Diários Associados*. Era um enorme ganho de produtividade. Os artigos de Themístocles eram reproduzidos no Ceará pelos dois jornais dos Associados, *Correio do Ceará e Unitário*.

Em um desses artigos, Themístocles conta que fez referência supostamente despretensiosa à carta, relatando a ojeriza do avô do missivista aos Távoras.

“Quando saiu a coluna, a *Gazeta de Notícias* no dia seguinte sentou o cacete em mim, me chamando de puxa saco, o diabo a quatro.”

Foi então que Themístocles, baseado na reação tão sem medida e afobada, viu que aquele era um calcanhar de Aquiles emocional do candidato Virgílio.

“Aí pensei com meus botões: puxa vida, esse negócio serviu. Teve um efeito muito além do previsível.”





À época, a *Gazeta de Notícias* era dirigida por José Pessoa de Araújo, ligado umbilicalmente a Virgílio Távora. A *Gazeta* era totalmente virgilista e certamente Virgílio contribuía com a sustentação do jornal, o que, naquela época, era negócio oneroso.

Themístocles comentou:

“Se eles tivessem ficado calados eu teria ficado calado também, não teria havido nenhuma repercussão. Mas a reação do jornal foi o grande sinal de que os virgilistas estavam incomodados com a história.”

Estava dado de bandeja o mote para derrotar Virgílio Távora que, até o final da vida, nunca perdoou. Nem ele nem seu pai, Manoel do Nascimento Fernandes Távora. VT considerou aquilo tudo um excesso do jornalista e estrategista de Parsifal, que carregou nas tintas aumentando a história. Nem mesmo quando do arranjo heterodoxo que colocou todos no mesmo baiaio chamado União pelo Ceará, que fez de Virgílio sucessor de Parsifal, eleito em 7 de outubro de 1962, o ranço diminuiu.

Virgílio não digeriu o slogan criado por Themístocles, ainda mais porque na versão final do refrão, o jornalista aumentou a versão: “meu bisavô já dizia” entrou no lugar de “meu avô já dizia”. Themístocles acrescentou uma geração e contratou a voz gutural e contundente do radialista e ator João Ramos para dar vida ao texto. João Ramos era uma das estrelas da nossa Hollywood tupiniquim à época, tanto nos palcos do radioteatro quanto, depois, na teledramaturgia ao vivo da TV Ceará. E Ramos deu o melhor de si ao entoar:

“Meu bisavô já dizia: havendo outro, não vote em Távora.”

A frase virou mote da campanha e passou a ser repetida como jargão – em uma expressão de hoje, viralizou.

O clima para os Távora ficou tão negativo que a população repetia mecanicamente o slogan. Contaminado por esta onda de favoritismo, Themístocles não deixou por menos. Em artigo





Luís-Sérgio Santos

publicado na primeira página do jornal *Correio do Ceará*, fez um ácido desafio:

“Se o Parsifal não ganhar a eleição com mais de 30 mil votos, darei um pulo de cabeça para baixo do alto da Coluna da Hora”, bradou.

Referia-se ao totem que indica o marco zero da cidade de Fortaleza, ao centro da Praça do Ferreira, no topo do qual está um relógio com suas badaladas ao meio-dia, qual Big Ben.

“Tá aqui que eu dava o pulo”, disse, risonhamente, depois. Um pulo de cabeça, naquele solo armado a cimento, implicaria morte certa. O desafio era um misto de ironia e de gozação. Por trás daquela carranca sisuda, estava o ácido gozador Themístocles, às vezes, com fina ironia. Às vezes, nem tanto; rústico.

A campanha de 1958 começa em Juazeiro do Norte, no Cariri, região abarcada pela chapada do Araripe. Parsifal e seu filho Roberto Parsifal, 14 anos, voaram de Fortaleza até Recife em um Constellation da Panair, pilotado por um amigo da família, comandante Pessoa. Do Guararapes partiram em um Douglas DC-6 até Juazeiro do Norte, onde decolou a campanha. O discurso chave para a região era levar energia elétrica ao Cariri, promessa que, de fato, realizou. Um dos repórteres radiofônicos na cobertura do comício foi Edilmar Norões, da Rádio Araripe, do Crato, onde iniciara em 1955. Anos mais tarde, Edilmar estaria em Fortaleza, onde fez carreira trabalhando em emissoras do empresário Edson Queiroz.

Parsifal percorreu todo o Ceará e não descuidou dos colégios eleitorais de Chico Monte, na zona norte do Ceará. Na visita a Coreaú, foi ancorado por Deusdedit Gomes, candidato a prefeito pelo PTB que, em intestina disputa local foi levado à lona





inclusive financeiramente. A família se mudou para Fortaleza e, com a vitória de Parsifal, Deusdedit foi abrigado pelo amigo governador. Naquele pernoite em Coreaú, Parsifal dormiu em uma rede após um lauto jantar sertanejo onde a *pièce de résistance* foi uma generosa paçoca e outras iguarias coadjuvantes como galinha caipira ao molho pardo. Na visita ao município de Ipu, em agosto, a caravana de Parsifal tinha a companhia do deputado Murilo Aguiar, do Camocim, mas também votado ali.

Parsifal fez campanha enfrentando a terrível seca de 1958.

“Embora já houvesse sentido ao vivo a grande seca de 1932, com seus campos de concentração, ainda hoje me parece que a de 1958 lhe superou em alguns aspectos, principalmente na gravidade da estiagem que vulnerabilizou a tessitura econômica do Estado”, escreveu, depois, Parsifal.¹⁵

Mas, em 1959, o quadro climático se reverteu e o inverno trouxe fartura para o Ceará durante todo o seu mandato.

Os efeitos da terrível seca de 1958 estimularam, em maio daquele ano um evento beneficente na Sociedade Hípica Brasileira, no Rio de Janeiro, organizado por dona Olga Barroso.¹⁶ Na coluna social do *Diário Carioca*, lê-se:

Dia 20 de maio, teremos na Sociedade Hípica Brasileira uma noitada em benefício dos flagelados do Nordeste. Nesse acontecimento que está sendo organizado pelas senhoras Fausto Cabral, Martins Rodrigues, Armando Falcão, Colombo de Souza, Adolfo Gentil, Antônio Horácio, Carlos Jereissati, Esmerino Arruda e Euclides de Castro Pessoa sucederá um “show” do conhecido conjunto Steel Band and Calypse.

Ao som meloso de imitadores do *The Platters* puxando o sucesso “Smoke Gets In Your Eyes”, arrecadou-se dinheiro e alimentos para os pobres vulneráveis da seca.





Luís-Sérgio Santos

Os jingles da campanha de Parsifal também ganharam enorme repercussão junto ao eleitorado. “Parsifal Barroso, hino dobrado”, cantado por Geval Revita foi um sucesso, com letra de Jaime Guilherme – o mesmo autor de clássicos como “Deusa do Maracanã”, imortalizado na voz de Nelson Gonçalves.

A narrativa é compassada e o arranjo “dobrado”, tem o acompanhamento de uma banda instrumental com destaque para trombone, prato e trompete:

Eu sou trabalhador e cumprirei o meu dever
Para Governador irei votar nesta eleição
Em Parsifal Barroso que fez por merecer
A minha confiança e toda minha gratidão

Parsifal Barroso sempre foi um homem sério
Pois ele tem fibra, tem valor e tem moral
Parsifal Barroso tem caráter e tem critério
E dos cearenses é a esperança estadual

Parsifal Barroso está no nosso coração
E nós vamos provar quando chegar a eleição
Parsifal Barroso será o governador
Porque é o candidato de todo trabalhador

Parsifal Barroso aumentou nosso salário
E trouxe melhoria para todo trabalhador
Parsifal Barroso é um grande amigo do operário
E será dos cearenses bom governador

Parsifal Barroso sempre foi um homem sério
Pois ele tem fibra, tem valor e tem moral
Parsifal Barroso tem caráter e tem critério
E dos cearenses é a esperança estadual

Parsifal Barroso está no nosso coração
E nós vamos provar quando chegar a eleição
Parsifal Barroso será o governador
Porque é o candidato de todo trabalhador





Parsifal: Um intelectual na política

Parsifal Barroso aumentou nosso salário
E trouxe melhoria para todo trabalhador
Parsifal Barroso é um grande amigo do operário
E será dos cearenses bom governador

No lado B, o jingle “Marcha da vitória”, na voz de Orlando Dias – o excelente cantor que fez sucesso na trilha e no timbre de Orlando Silva – foi um dos *hits* da campanha de 1958. Saiu em compacto simples pelo selo da gravadora Copacabana em cujos estúdios, no Rio de Janeiro, foi gravado:

Eu sou cearense patriota e eleitor
E nas eleições meu voto decidirá
Em Parsifal Barroso para Governador
Para dirigir o meu grande Ceará

Parsifal Barroso é um homem de valor
É um homem simples e de grande coração
Parsifal Barroso será o governador
Do meu Ceará que é orgulho da nação

Parsifal Barroso vai olhar pra agricultura
Para medicina, para indústria e pecuária
E vai amparar a velhice com ternura
E dará à infância a assistência necessária

Vai abrir escola, muitas estradas e hospitais
E vai proteger o operário desprezado
Assegurará as liberdades pessoais
E no Ceará ele será glorificado

Parsifal Barroso vai olhar pra agricultura
Para medicina, para indústria e pecuária
E vai amparar a velhice com ternura
E dará à infância a assistência necessária

Vai abrir escola, muita estradas e hospitais
E vai proteger o operário desprezado





Luís-Sérgio Santos

Assegurará as liberdades pessoais
E no Ceará ele será glorificado

Virgílio usou uma versão da “Canção do Exército” escrita pelo tenente coronel Alberto Augusto Martins com música de Teófilo de Magalhães. Na versão de Virgílio permanecia somente o estilo do arranjo e a música com ênfase para o refrão “Como é sublime saber votar / Defendendo nossos filhos [...]”.

Nós somos trabalhadores, os construtores do nosso
[estado
Nós somos trabalhadores, a grande força do eleitorado
Nós somos trabalhadores e a nossa causa nenhum fará
Nós somos trabalhadores, os defensores do Ceará

Virgílio é nosso candidato
Virgílio é nosso candidato
O povo lutará
Pela glória de Virgílio e Virgílio vencerá

Como é sublime saber votar
Defendendo nossos filhos
Protegendo o nosso lar
Se é nosso irmão e eleitor
Vota em Virgílio para Governador

Virgílio é nosso candidato
Virgílio é nosso candidato
O povo lutará
Pela glória de Virgílio e Virgílio vencerá

Como é sublime saber votar
Defendendo nossos filhos
Protegendo o nosso lar
Se é nosso irmão e eleitor
Vota em Virgílio para Governador





Parsifal: Um intelectual na política

A campanha de Parsifal exibia mais dois jingles muito populares, um deles, “Ministro da paz social”, marcha na voz de Orlando Dias pelo selo da gravadora Copacabana:

Para governar o Ceará
Marcharemos sem temer
Com Parsifal Barroso
Haveremos de vencer

Para governar o Ceará
Marcharemos sem temer
Com Parsifal Barroso
Haveremos de vencer

Parsifal Barroso
Ministro da paz social
Ninguém supera em simpatia
O nosso amigo Parsifal

Parsifal Barroso
Não promete para faltar
Para governar o Ceará
Em Parsifal vamos votar

Para governar o Ceará
Marcharemos sem temer
Com Parsifal Barroso
Haveremos de vencer

Para governar o Ceará
Marcharemos sem temer
Com Parsifal Barroso
Haveremos de vencer

Parsifal Barroso
Ministro da paz social
Ninguém supera em simpatia
O nosso amigo Parsifal





Luís-Sérgio Santos

Parsifal Barroso
Não promete para faltar
Para governar o Ceará
Em Parsifal vamos votar

Virgílio atacou com um jingle “Eu também sou eleitor” de duas estrofes que se repetiam sucessivamente. No estilo rojão – ritmo bem acelerado – era interpretado por Jorge Veiga que ficou famoso com a modinha “Lá em casa tinha um bigorrilho / Bigorrilho fazia mingau / Bigorrilho foi quem que me ensinou / A tirar o cavaco do pau”. Vejamos a letra:

O Virgílio é homem inteligente
O Virgílio é homem de ação
O Virgílio pela sua qualidade
É Vitória na cidade
É Vitória no sertão

Eu também sou eleitor
Eu também sou eleitor
Vou votar em Virgílio
Para Governador

Eu também sou eleitor
Eu também sou eleitor
Vou votar em Virgílio
Para Governador

O Virgílio é homem inteligente
O Virgílio é homem de ação
O Virgílio pela sua qualidade
É Vitória na cidade
É Vitória no sertão

Eu também sou eleitor
Eu também sou eleitor
Vou votar em Virgílio
Para Governador





Parsifal: Um intelectual na política

José Parsifal Barroso tomou posse no Governo do Estado do Ceará no dia 25 de março de 1959 tendo como vice Wilson Gonçalves. O vice-presidente João Goulart prestigiou o evento. No mesmo dia, toma posse o novo prefeito de Fortaleza, general Manuel Cordeiro Neto – sucedendo Acrísio Moreira da Rocha – tendo como vice-prefeito Aécio de Borba Vasconcelos.

Parsifal Barroso sucedia Paulo Sarasate Ferreira Lopes que, afastado do cargo, foi representado pelo governador em exercício Flávio Portela Marcílio. Cinco dias depois tanto Marcílio quanto Acrísio já estavam realocados em funções públicas. O ex-vice-governador assumia como conselheiro do Tribunal de Contas do Ceará e o ex-prefeito ingressava como membro no Conselho de Assistência Técnica dos Municípios.

Derrotado na eleição, Virgílio Távora trabalhou para ser nomeado por JK diretor na Novacap – a Companhia Urbanizadora da Nova Capital – o que de fato aconteceu, retirando-o do foco da política local.

Além da queda, coice. O jornalista Themístocles de Castro e Silva, com sua pena ferina, publicou um artigo sob o título “Engraxa as botas, Coronel!”, convidando o coronel Virgílio a se apresentar ao Marechal Lott. Virgílio respondeu que não se apresentava ao Marechal Lott e começou a trabalhar sua indicação para a Novacap.

Themístocles era secretário particular do governador e ficou até o fim do governo até que, num dado momento, após um problema com os militares, tenha dado uma mergulhada.

Themístocles era o destemido cão de guarda na trincheira da imprensa, alinhado a Parsifal.





Luís-Sérgio Santos

Seu artigo “A mensagem da mentira” publicado na jornal *Unitário* às vésperas da posse de Parsifal é mais um exemplo de sua verve arrojada e contundente.¹⁷

O subtítulo dá o tom do conteúdo: “Rombo escandaloso nas finanças do Estado – 171 páginas de mentiras à Assembleia – Mais 3 dias e mais 132 nomeações”.

Começa Themístocles:

A mensagem que o sr. Flávio Marcílio enviou à Assembleia tem, exatamente, cento e setenta e uma páginas de mentiras. Logo na terceira página, constata-se a primeira:

— [...] Podemos assegurar que no exercício da Chefia do poder Executivo, não poupamos esforços no sentido de bem servir a coletividade cearenses.

E, para espanto geral, logo a seguir declara que fez tudo de “consciência tranquila e espírito sereno”.

Só mesmo por questão de educação pode uma Assembleia receber mensagens de tal natureza. Ali, na Mensagem, está o retrato fiel de um homem que, politicamente, é de um cinismo que irrita.

Falando da situação financeira, confessa que, em um ano apenas, o déficit do Estado subiu de noventa para duzentos mil contos. Mas tudo é mentira, porque provarei, logo mais, que o rombo nas finanças do Estado é – se duvidarem – duas ou três vezes maior!

A demonstração numérica da Mensagem é a conta de chegada mais primária deste século. Até os leigos percebem logo que o governador quis enganar o povo, através da Assembleia.

[...]

Espero e confio em Deus poder revelar ao povo da minha terra a extensão da desgraça que sobre ela se abateu durante os quatro anos de bandalheiras udenistas.





Pode o sr. Marcílio mandar colocar logo o seu retrato em Palácio, do contrário ele terá de esperar um novo governo ude-nista (que não virá tão cedo!) para poder figurar na galeria dos governadores.

Só por respeito ao que chamamos de educação política ficará o retrato do sr. Décio [Décio Teles Cartaxo, presidente da Assembleia Legislativa e substituto do governador] como ficará também o do seu ministro do Tribunal de Contas, se for colocado antes do dia vinte e cinco.

Ambos deveriam estar enfrentando as barras dos tribunais, pelos crimes que cometeram contra o patrimônio coletivo do Ceará.

O trabalho de arrumar a bagagem não me permite fazer, para o dia consagrado ao Judas, uma análise completa da Mensagem da Mentira do sr. Marcílio. Fa-lo-ei logo mais.

Três dias: 132 nomeações

O Diário Oficial do Estado do Ceará dos dias 12, 13 e 14 traz mais cento e trinta e duas nomeações, inclusive a do ex-deputado e ex-prefeito Paulo Cabral para substituir o insubstituível Olavo Oliveira.

Eis a demonstração: no dia 12, oito nomeações na Educação; quarenta no DAER (cerca de trezentos na ultima semana); mais vinte e uma na Polícia (atenção, coronel Goes), e oito nomeações diversas.

Dia 13: mais dez nomeações na educação (o secretário soçaito começou a trabalhar...) e mais dezesseis nos demais setores.

Dia 14: mais vinte e nove nomeações, sendo mais sete no DAER.

Tudo é UDN, amigos!

Viva a bagunça!¹⁸





Luís-Sérgio Santos

No dia 2 de março de 1959, o governador interino Décio Teles Cartaxo, presidente da Assembleia Legislativa do Ceará, assinou ato nomeando para o Tribunal de Contas o Dr. Flávio Marcílio, que tem 30 dias para tomar posse.¹⁹ Depois do ato assinado, Flávio Marcílio reassumiu o governo.

No meio do governo, Parsifal rompeu com o correligionário presidente João Goulart e, desse modo, deixou o PTB indo para o PTN.

O presidente Jango se esquivou em atender todas as reivindicações do PTB cearense na órbita federal. Uma delas era a nomeação de José Lins de Albuquerque para a diretoria do DNOCS – Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. Zélins, mais tarde eleito senador, era casado com a irmã do então deputado federal Francisco José Studart, genro de Parsifal.

O presidente do PTB no Ceará Carlos Jereissati não esboçou nenhuma reação à saída de Parsifal. Na avaliação de Parsifal, além da não nomeação de Zélins o “presidente João Goulart deu todas as mostras de que entre a minha pessoa de governador e a pessoa do Carlos Jereissati, como presidente do PTB, ele optava pela pessoa do futuro senador Calos Jereissati”.²⁰

De fato, João Goulart sustou até mesmo repasses ao Ceará contingenciando o orçamento aprovado para obras já realizadas. Tudo quanto o governo federal tinha a pagar ao governo do Ceará, em virtude de convênios, de obras, foi contingenciado.

Somente no início do governo Virgílio Távora a torneira se abre em relação a contratos que deveriam ter sido pagos no governo Parsifal. E Virgílio começa o governo surfando nessa onda positiva.

Parsifal Barroso, o governador que governou sob três presidentes – Juscelino Kubitscheck, Jânio Quadros e João Goulart – tinha fôlego para lidar com as situações mais adversas.





“Posso informar que ao assumir o governo do Estado verifiquei que nossa infraestrutura básica, indispensável ao surgimento de um desenvolvimento econômico equilibrado, precisava, antes de tudo, da organização do planejamento de obras de infraestrutura.”²¹

O GOVERNO PARSIFAL SEGUNDO PARSIFAL

“O meu governo” relata Parsifal, “teve um programa com quatro metas estratégicas”.

A primeira, foi a eletrificação para o Ceará. Para esse fim criou a CENORTE – Companhia de Eletrificação do Norte Cearense – criada para eletrificar a região Centro Norte do Estado. Ao mesmo tempo fez com que o Governo do Ceará passasse a ser sócio do Serviluz – Serviço de Luz e Força do Município de Fortaleza – o conjunto de termoelétricas no Mucuripe criado em 1954 pelo prefeito Paulo Cabral de Araújo. Até então, o Serviluz pertencia somente à Prefeitura.

Do mesmo modo, o Estado tornou-se sócio da Companhia Hidrelétrica de São Francisco, em 1961, com a Companhia de Eletricidade do Cariri – CELCA, instalada em Juazeiro do Norte. Estavam criados os pontos para a futura unificação da política energética do Ceará. O Estado controlava a CENORTE, era sócio do Serviluz e sócio da CHESF no Cariri.

A Cenorte elaborou um plano de eletrificação daquela região e indicou o levantamento do potencial hidroelétrico do centro-oeste do Ceará incluindo as serras de Baturité, Uruburetama, Meruoca e Ibiapaba.

Além da eletrificação e de seu delineamento no Estado, o governo Parsifal organizou a gestão do Porto do Mucuripe, através da Comissão Dinamizadora do Porto do Mucuripe em parceria com técnicos e membros do empresariado cearense. Foi definida,





Luís-Sérgio Santos

então, a estrutura operacional e extensão do Porto do Mucuripe. Foram intensificadas as obras de manutenção e ampliação do Porto do Mucuripe.

Nas décadas de 1950 e 1960, uma região anexada e circunvizinha recebeu altos investimentos em setores da economia que incrementaram a cadeia produtiva do porto, tais como moinhos de trigo, fábrica de asfalto subsidiária da Petrobras e frigorificação da pesca, alguns com financiamento da Sudene.

A terceira meta de Parsifal foi equilibrar as finanças do Estado.

Quando entregou o governo a Virgílio Távora o caixa estava no azul, algo inédito na história política do Ceará. Deu ao funcionalismo público do Ceará os melhores aumentos que ele já pleiteou.

Criou a Secretaria de Saúde, desmembrada da Educação e Saúde. E, também, concluiu obras que recebeu dos seus antecessores, tais como o Hospital da Saúde Mental de Messejana, iniciado pelo governador Faustino de Albuquerque – nem os governos de Raul Barbosa e de Paulo Sarasate olharam para o Hospital.

Logo na primeira semana de Governo, Parsifal assumiu um compromisso público:

“Vou concluir o Hospital de Saúde Mental de Messejana”, disse à imprensa. Hoje o hospital é referência no Brasil.

Parsifal inaugurou o Hospital de Saúde Mental de Messejana no dia em que passou o governo a Virgílio Távora.

José Parsifal Barroso desdobrou a Secretaria de Educação e Saúde em “Secretaria de Educação e Cultura” e “Secretaria de Saúde e Assistência”, editando a Lei nº 5.427, de 27 de junho de 1961, em publicação no Diário Oficial do dia seguinte.

Na Educação Parsifal criou as bases e a organização da estrutura para o funcionamento do que mais tarde viria a ser a Universidade Estadual do Ceará. Parsifal criou a Escola de





Administração e também a Escola de Veterinária. Quando Adauto Bezerra, no seu governo, quis fazer a Universidade Estadual do Ceará ele anexou essas duas escolas e a Faculdade de Filosofia – Fafice, na Avenida Luciano Carneiro, estadualizada por Virgílio Távora a pedido de Parsifal.

Era impossível criar a Universidade Estadual do Ceará sem essas bases.

A nova estrutura da Secretaria da Educação ganhou uma estrutura mais sofisticada e ampla: Gabinete do Secretário, Diretoria de Administração, Diretoria do Ensino Secundário, Diretoria do Ensino Primário e Normal, Diretoria de Educação Rural e Profissional, Diretoria de Pesquisas e Planejamento Educacional, Diretoria de Higiene Odontológica e Assistência Escolar, Diretoria de Ensino Especializado, Serviço Estadual de Educação e Cultura, Diretoria de Ensino Supletivo, Conselho Técnico de Educação, Conselho de Diretores, Conselho Estadual de Cultura, Conselho Regional de Desportos, Conselho Municipal de Educação, Teatro José de Alencar, Biblioteca Pública, Casa de Juvenal Galeno, Escola de Administração do Ceará e Faculdade de Ciências Econômicas.²²

Fazia parte da visão administrativa do governador Parsifal Barroso criar conselhos consultivos para áreas estratégicas do Executivo, daí a criação em 1961 do Conselho Estadual de Cultura.²³

Parsifal fez o primeiro movimento para a construção da nova sede do governo do Ceará, deslocando o polo de poder do Palácio da Luz, no Centro de Fortaleza, para o Palácio da Abolição, no bairro Aldeota, na zona leste da cidade. Para isso, no dia 14 de março de 1962, o governador desapropriou terreno localizado entre as Ruas Deputado Moreira da Rocha, Silva Paulet, Tenente Benévolo e Avenida Barão de Studart. O terreno pertencia a Carlos Gracie, residente no Rio de Janeiro.





Luís-Sérgio Santos

Além de adquirir o terreno, Parsifal comprou toda a estrutura de aço da Companhia Siderúrgica Mannesmann, de Minas Gerais, que suportaria o futuro projeto do arquiteto Sérgio Bernardes. Em setembro de 1961, Parsifal convidou o pintor Antônio Bandeira para fazer um painel que comporá a parte interna do futuro Palácio tendo como tema a abolição da escravatura.

O belo projeto de Bernardes foi construído pelos engenheiros José Alberto César Cabral e Rui Anastácio Filgueiras Lima, com cálculo estrutural de Ronaldo Vértis e paisagismo do arquiteto Fernando Chacel.

Parsifal foi o antepenúltimo governador a despachar no Palácio da Luz ocupado, em seguida pelo acervo da biblioteca pública e, hoje, sede da Academia Cearense de Letras. Plácido Castelo deixou o Palácio da Luz no domingo, 26 do outubro de 1969. Mudou-se para a Avenida Barão de Studart, 410, em frente ao Abolição onde despachava, da antiga casa do senador Fausto Cabral. O Abolição foi inaugurado em 4 de julho de 1970.

Em agosto de 1981, Parsifal dedicou um artigo em jornal sobre sua relação com o Palácio da Luz:

O tradicional Palácio da Luz, além de haver sediado o governo do estado do Ceará, por longos anos, ainda serviu de residência às famílias dos que o governaram, como presidentes ou governadores.

Logo que fui eleito para governar nosso Estado, em 1958, assentei comigo não mais residir no Palácio, preferindo ficar morando em minha residência, na Avenida Santos Dumont, 2.369.

Jamais me acudiu a ideia de, através de um decreto, considerar minha casa um palácio residencial como o fez o presidente Justiniano de Serpa.²⁴

Parsifal pôs em concorrência a chamada “parte doméstica” do Palácio da Luz para usar o dinheiro de sua venda na





construção do Palácio da Abolição. A venda se deu em consonância com a “oportuna decisão” do então prefeito Cordeiro Neto, de prolongar a Rua Guilherme Rocha.

Parsifal também construiu uma adutora de 55 cm de diâmetro na extensão de 35 km entre as cidades de Guaiúba e Fortaleza, potencializando o abastecimento de água na capital.

Parsifal Barroso formou um secretariado prioritariamente político talvez lembrando a quebra de compromisso do qual seu grupo foi vítima no governo Raul Barbosa.

Na secretaria da Fazenda, Renato Braga (PSD) e, depois, Hugo Gouveia (PSD); do Governo e Administração, Tancredo Halley de Alcântara; do Interior e Justiça, Paes de Andrade; da Agricultura, Brito Passos; da Educação e Saúde, Joaquim de Figueiredo Correia e da Segurança Pública, José Gois de Campos Barros. Quando Parsifal criou a Secretaria da Saúde, Almir Pinto, um cearense de Lavras da Mangabeira, assumiu a Secretaria de Educação. Almir fez a marca de 32 anos consecutivos de mandatos, desde 1947, sempre conciliando com o exercício da medicina.

Por conta do perfil político do secretariado, no último ano do governo houve um constrangimento com o PSD. O governador não permitia que continuassem no cargo aqueles secretários que disputariam cargos eletivos. Era para evitar que a Secretaria fosse aparelhada com vistas a favorecer nas eleições o seu titular, algo comum. Dentre os que foram exonerados estavam o general José Góis de Campos Barros, da Polícia e Almir Pinto, da Secretaria de Educação.

Com um secretariado composto por indicações políticas, como vimos, Parsifal tinha na Agricultura o Coronel Brito Passos (PTB), depois substituído pelo deputado Francisco Figueiredo de Paula Pessoa.

A substituição foi em decorrência de um relacionamento político estremecido. Parsifal narra:





Luís-Sérgio Santos

— Foi por causa da minha dissensão, briga, rompimento com o PTB e o Carlos Jereissati.

— Por que razão o senhor rompeu com o PTB e o Carlos Jereissati? — perguntou Teresa Haguette, naquela extensa entrevista.

— Porque o Carlos Jereissati queria ser uma espécie de tutor do governo e eu não me submeti a isso, e o ponto definitivo para o rompimento foi a demissão do coronel Brito Passos da Secretaria da Agricultura.

A ruptura surpreendeu dada a proximidade não apenas política mas também social. Meses antes, em janeiro de 1959, os dois casais Jereissati e Barroso se encontraram na Itália onde participaram de uma audiência com o Papa João XXIII.

Retornando a Fortaleza da turnê europeia que incluiu França, Suíça, Alemanha e Itália, Carlos Jereissati foi ouvido pelo jornal *Unitário* que estava ansioso em antecipar qual seria o secretariado do governador eleito:

“A escolha dos seus auxiliares diretos compete ao senador Parsifal Barroso. Entretanto, posso assegurar que ele ainda não pensou no assunto e que nenhum nome foi objeto de cogitação por parte do governador eleito do Ceará.”²⁵

Para a recém criada Secretaria de Saúde Parsifal importou o médico sanitarista Graciliano Muniz, de São Paulo. Foi o primeiro Secretário de Saúde do Ceará mas acabou sendo substituído porque era um grande técnico, mas avesso à política e o governo era “eminentemente político-partidário”.

“Foi um governo onde os partidos coligados mereceram de mim todo o apreço, todo prestígio, toda consideração. Só houve essa questão do rompimento que me fez sair do PTB, mas quando eu saí do PTB cuidei de conseguir a legenda do Partido Trabalhista Nacional para os meus amigos.”

Parsifal não se candidatou, conduziu sua própria sucessão, embora pudesse ter disputado cargo eletivo pelo Partido Trabalhista Nacional.





A substituição de Renato Braga foi em decorrência do seu *modus operandi* em relação à fiscalização do comércio cearense.

Parsifal defendia um olhar mais heterodoxo em relação ao comércio e afirmava que se o Estado não arrecadasse diretamente, acabaria sendo beneficiado indiretamente pelo aquecimento do comércio.

“Eu considero o cearense um negociante nato, então, eu defendia que essa tendência mercantilista, negociista do cearense devia ser tolerada, não devia ser fortemente fiscalizada, compreendeu? Porque mesmo que o Estado perdesse parte da arrecadação, ganharia no conjunto da economia. Em movimentação, em agitação, em trocas, em negócios, ganharia economicamente. Assim, pedi outro secretário ao PSD e então eles me indicaram Hugo Gouveia.”

Nos primeiros dias de gestão, Parsifal fez uma verdadeira devassa no governo. Uma auditoria para obter um mapa da situação em todas as áreas. Deparou-se com centenas de nomeações feitas no apagar das luzes do governo anterior.

“Tive que fazer um inventário porque quando verificaram que eu estava eleito, desmandaram-se em nomeações, em criações de cargos, em funções de modo a sobrecarregar fortemente o orçamento do Estado. Eu não poderia governar com aquele pessoal.”

Ao mesmo tempo – santa maldade – a Assembleia Legislativa controlada pela UDN reduziu os vencimentos do governador eleito Parsifal Barroso a risíveis trinta contos de réis.

Por conta das demissões em massa, o jovem Narcélio Limaverde, no vigor dos seus 24 anos, conciliava a atividade de datilógrafo no Palácio da Luz – onde foi o redator-mor das demissões provocadas pelo Inventário –, com os microfones Ceará Rádio Clube PRE-9, onde deliciava os ouvintes com sua voz maviosa. Narcélio pilotava uma máquina de escrever





Luís-Sérgio Santos

Underwood de onde saíam as demissões de milhares de pessoas nomeadas nos estertores do Governo anterior. “O Inventário de Parsifal gerou tremendo problema quando o Secretário de Polícia, general Sombra, prendeu repórteres da Rádio Dragão do Mar, que criticavam o governador”, lembra.

A faxina feita pelo novo governador teve excelente repercussão do ponto de vista político-partidário junto aos partidos apoiadores. Também do ponto de vista pessoal e espiritual, em consonância com dona Olga Barroso, foi possível governar com maior tranquilidade. E, em terceiro lugar, houve uma compreensão popular em relação à medidas para a extinção das nomeações.

“O povo cearense foi muito compreensivo”, exultou Parsifal. Contudo, mais tarde, o Supremo Tribunal Federal, em grau de recurso, manteve todas as nomeações.

O governador também reeditou a sua versão dos “anjos rebeldes”, cooptando alguns parlamentares da UDN. Os “anjos rebeldes” eram uma tradição que vinha de Faustino de Albuquerque, passando por Raul Barbosa. Sem maioria parlamentar, a vida do governante poderia virar um inferno.

Não somente a maioria parlamentar, mas também a influência na eleição do presidente do Poder Legislativo. O presidente da Assembleia Legislativa é o substituto direto do governador e do vice-governador. “De modo que é uma tradição que se criou na política do Ceará, vigente até hoje. O governador que não faz o presidente da Assembleia é como se estivesse em minoria, mas, na realidade, é porque o presidente da Assembleia é o terceiro na ordem de sucessão governamental”, argumenta Parsifal.

“Dificilmente assume porque ele é candidato a reeleição e assumindo ele se incompatibiliza. Eu, quando tive necessidade de me afastar do governo para ir à Sudene, para ir aos Estados Unidos me habilitar perante a Aliança para o Progresso, tive





que passar o governo ao desembargador presidente do Tribunal de Justiça porque o vice já era candidato a senador, como de fato se elegeu e o presidente da Assembleia era reeleição. Daí quem assumiu foi o presidente do Tribunal de Justiça, o desembargador Ubirajara Carneiro, que é o quarto na sucessão.”

Em 1961, a revista *O Cruzeiro* – a mais poderosa mídia impressa do país à época – estampou alentada reportagem sobre as ações do governador do Ceará. Era o “Ceará em busca da recuperação econômica”²⁶ com texto de Cláudio Rocha e fotos de Geraldo Viola:

Homem que é um chefe de família típica do Nordeste, apegado às raízes e tradições da terra, o governador Parsifal Barroso está realizando no Ceará uma administração eficiente e sem estardalhaço. Parlamentar experimentado, com uma vida pública que ora se situa no plano estadual, ora se desenrola no plano federal, quando chegou ao governo cearense trouxe equacionado os problemas locais.

E é na solução desses problemas que o governador Parsifal Barroso tem dedicado todo o seu tempo útil. Como político, evidentemente, torna-se alvo de adversários derrotados. Alguns desses procuram desviar sua atenção, através de campanhas escandalosas, sem resultado. Nada o afasta dos planos de governo a que se traçou. Assim é que suas metas vêm sendo alcançadas dentro do ritmo anunciado na fase eleitoral.

Eletrificação

A ideia central do governo Parsifal Barroso é a solução dos problemas de base. Somente desta forma o Ceará pode atingir a sua expansão Econômica. Como ponto primeiro, pretende o





Luís-Sérgio Santos

governador a eletrificação total do Estado. Ao assumir o posto, encontrou a companhia hidrelétrica do São Francisco (Paulo Afonso) construindo o sistema Cariri. Como iniciativa exclusivamente estadual, foi criado o sistema Centro-Oeste (usinas hidro e termoelétricas), que se destina a atender a 90 municípios não abrangidos pela CHESF, representando mais da metade da superfície do Ceará. Afora isso, através de convênio entre o governo estadual, a Sudene, a CHESF e a Prefeitura de Fortaleza, criou-se também no sistema Fortaleza, para trazer a energia de Paulo Afonso à capital cearense.

Ultimadas dessas obras, o Ceará vai ter em mãos o triunfo maior para sua sempre perseguida expansão Econômica.

Rodovias e pavimentação

A meta principal do plano de rodovias e pavimentação é a construção da rodovia central do Ceará ligando, Fortaleza a Crato. O Governo Federal se apropriou do melhor trecho dessa estrada para integrar a BR 44A, Fortaleza-Brasília, e não tem ajudado o governo no restante da obra. O plano está com a sua execução ameaçada por que o Governo Federal não concedeu o empréstimo já autorizado por administração anterior e que monta a um bilhão de cruzeiros. Nem consegue o presidente Jânio Quadros licença para esse empréstimo ser obtido nos Estados Unidos, através do American Loan Fund. Interessado como se tem mostrado na integração do Nordeste, esta é a hora de um presidente efetivar essa sua política, mandando liberar a verba retida.

Traçado pelo departamento autônomo de Estradas de Rodagem, dirigido pelo engenheiro Marcelo Stanford, o plano quadrienal prevê a pavimentação e construção das estradas mais importantes do ponto de vista da economia cearense.

O empréstimo – já autorizado mas não liberado – será pago em 10 anos, através das cotas do Ceará do Fundo Rodoviário





Nacional e no Fundo Nacional de Pavimentação, somando às verbas do orçamento Estadual destinadas a esse fim.

Porto de Mucuripe

Todas as segundas-feiras, sem exceção, o governo e partes interessadas se reúnem no Palácio da Luz, a fim de tomarem providências no sentido de que não se retarde mais a concretização do velho e justo sonho do povo cearense, que é a conclusão do Porto de Mucuripe. Se for colocado numa balança o esforço desenvolvido pelo Estado, o que o estado já fez com suas forças, e o que recebeu do Governo Federal, verifica-se um grande saldo negativo para este último. Agora, com o Presidente Jânio Quadros, o Ceará espera contar com Mucuripe, pedra angular para o seu desenvolvimento.

Funcionalismo

Quando mais era necessária, foi dado ao funcionalismo público do Ceará, pelo Governador Parsifal Barroso, a melhor, mais humana e mais justa das reclassificações em toda a história administrativa do Estado. Por seu turno, o Instituto de Previdência do Estado do Ceará (IPEC) ampliou o serviço de hospitalização, trata da construção do Hospital dos Servidores do Estado do Ceará na Cidade do Funcionário, dá assistência financeira e promove o financiamento da casa própria, afora atividades assistenciais rotineiras.

Plano da produção

Com o objetivo de ampliar e melhorar a produção do Estado. O governador Parsifal Barroso tem no Plano do Algodão uma das peças mestras de sua administração. Sementes selecionadas inseticidas desfrutam papel destacado no esquema da produção, principalmente no que diz respeito ao algodão mocó.





Luís-Sérgio Santos

Esses recursos estão sendo postos à disposição dos cotonicultores cearenses na campanha de melhoria a que o governo se lançou.

Estímulo ao movimento cooperativista é outro ângulo da Meta Produção, e os exemplos dessa política já surgem em Quixadá, Canindé e Senador Pompeu, apresentando grande número de agricultores ajustando sua vida de homem do campo aos benefícios oferecidos pelas cooperativas agrícolas.

O fomento à pecuária vai desde assistência ao criador na área rural de Fortaleza e do interior, a realizações como a Usina de Pasteurização do leite. Ainda em 1961, o governo envia à Assembleia a mensagem sobre a reforma agrária, cujos estudos demonstraram, pelas peculiaridades do Ceará, que a sua evolução foi à base da pecuária.

Na área rural da capital, inicia-se a formação de um cinturão verde, destinado a produzir verduras e leite consumidos pelo maior centro do Estado. Quanto ao problema do abastecimento de água da cidade, o governador Parsifal Barroso reiniciou as obras interrompidas no governo anterior, que, aliás, recebeu, para esse fim, 162 milhões de Cruzeiros, aplicando-os em outras finalidades. O atraso também na entrega das verbas concedidas pelo Governo Federal, através de convênio, tem prejudicado o bom andamento dos trabalhos.

Educação e saúde

No setor da educação, o atual governo cearense tem-se voltado para a expansão do ensino ginasial. Criou os ginásios em Sobral, Crato, Quixeramobim, além de assinar convênio com a Campanha Nacional de Educandários Gratuitos, visando a que outros municípios também sejam dotados desses estabelecimentos. A criação do Colégio Estadual de Fortaleza





(para moças) é outro exemplo de interesse pelo ensino ginásial. Na área do ensino superior, foi criada a escola de administração.

Em Fortaleza, a escola Artesanal Modelo veio anular uma falha do ensino profissional. Ainda este ano, com a criação do fundo de educação, vão ser atacados de frente o melhoramento e a expansão da rede de escolas primárias. Cuidou-se também da reforma e ampliação dos dois estabelecimentos de ensino profissional para menores abandonados e delinquentes, Instituto Carneiro de Mendonça e o Núcleo Olívio Câmara.

Saúde, dirigindo pela Secretaria Estadual de Saúde Pública. É um órgão despolitizado, e que tem como objetivo a reforma das unidades sanitárias do interior. Vai ser inaugurado este mês, o terceiro Centro de Saúde na Praça Walter Sá Cavalcante (Aldeota). Está planejada a construção do novo Hospital de Isolamento e da Unidade Sanitária Modelo, esta, com o objetivo de formação e aperfeiçoamento do pessoal da Saúde Pública.

Assistência social

Conduzida pela sra. Olga Barroso, esposa do Governador, assistência social para funcionar como serviço médico domiciliar, assistência dentária gratuita e auxílio às famílias pobres. Ensina corte e costura a mãe pobres, com máquinas e professoras do corpo de auxiliares de Dona Olga Barroso. Ela dinamizou a seção estadual da LBA, fundando inclusive o serviço de assistência a mendigos, figura de miséria humana que desapareceu das ruas de Fortaleza. Triplicou o serviço de assistência à infância, LBA, reequipando os sete postos da capital e os 18 do interior. Descobriu e acabou com as instituições fantasmas que recebiam subvenções federais ao organizar um fichário central das obras de assistência social do Ceará.

Uma vez por semana Dona Olga Barroso visita os bairros pobres, ajudando gente humilde a resolver seus problemas. Não só os





Luís-Sérgio Santos

*problemas materiais, como os morais e religiosos, numa missão generosa e humana.*²⁷

A criação do Banco do Estado do Ceará, em 1964, foi a concretização de um processo iniciado no governo de Parsifal. Os bancos locais, cearenses – Banco União, o Banco Frota Gentil e o Banco dos Proprietários – estavam em acentuada decadência. As grandes redes nacionais batiam à porta do mercado local engolindo e incorporando antigas casas bancárias.

“Com o rápido avanço dos bancos de fora e o declínio dos bancos locais, tive a ideia de criar o Banco do Estado do Ceará”, conta Parsifal. “Deu-me muito trabalho obter a Carta Patente desse banco porque, conforme já acentuei, as relações do governo do Ceará com o governo federal, depois que saí do PTB se agravaram e tudo ficou difícil de ser obtido na esfera federal. E não se faz um banco sem que o governo federal dê mão forte nesse sentido.”²⁸

Parsifal criou o Fundo de Incremento da Produção, uma linha de financiamento capitalizada por um grupo de empresas que recebiam o valor recolhido ao fundo em ações negociáveis. Engenharia similiar inspirou a criação do Fundo de Investimentos do Nordeste – FINOR.

Também criou a Companhia de Desenvolvimento Econômico que mais tarde se transformou no Banco de Desenvolvimento Econômico do Ceará, o BANDECE.

“Desse modo, tenho comigo a convicção de que pude a duras penas deixar as bases desse planejamento de infraestrutura”²⁹, conta Parsifal.





Parsifal tinha a convicção de que sem uma infraestrutura básica seria impossível o desenvolvimento econômico sustentável. Para isso, um plano estratégico se fez necessário. Assim, ele imagina que entregou o Estado ao governador Virgílio Távora em condições bem melhores do que recebeu, sem dívidas.

Parsifal também carregou para o Ceará a Fábrica de Asfalto – Asfor –, depois de uma disputa acirrada com Pernambuco. Na queda de braço o Ceará ganhou porque o presidente da Petrobras, ao tempo, era um amigo particular seu, Francisco Mangabeira, um antigo opositor militante no Partido Socialista.

Na solenidade de doação do terreno pelo governo do Estado à Petrobras, o governador Parsifal afirmou que aquela área era o dobro do que a Petrobras havia solicitado.

“Depois da fábrica, o Ceará quer uma refinaria”, afirmou Parsifal. “A refinaria seria o marco na instalação de uma indústria petroquímica.”

O presidente da Petrobras, Francisco Mangabeira, lançou em seguida a pedra fundamental da Fábrica de Asfalto naquela segunda-feira, 6 de agosto de 1962. Depois visitou o Curso de Engenharia da Universidade Federal do Ceará e, à noite, foi recepcionado pelo governador com lauto jantar no Ideal Clube.

Outra queda de braço com o vizinho Pernambuco foi quando da disputa do estado sede para o Banco do Nordeste. “Devemos a mensagem do Banco do Nordeste, que situou a sede em Fortaleza, ao falecido cearense Jesus Soares Pereira, economista número um da equipe do Getúlio Vargas.”³⁰

Quando a mensagem presidencial chegou ao Congresso, houve a tentativa de retirar a sede de Fortaleza, mas a maioria da bancada nordestina fechou com o Ceará, exceto Pernambuco. A compensação de Pernambuco veio quando passou a sediar a Sudene.





Luís-Sérgio Santos

Em 1961, no auge da fartura de um inverno generoso, o governador Parsifal se desloca a Várzea Alegre para participar da Festa do Arroz, um evento anual congregando os municípios da região sul do Ceará. Nesta safra os produtores colheram mais de 500 mil sacas de arroz e alertam o governador que, com o fomento da rizicultura, o potencial do Vale do Machado elevaria a produção para 2 milhões de sacas. A presença do governador Parsifal juntamente com secretários de governo deram a Várzea Alegre ares de sede do governo estadual.

O governador Parsifal foi um dos entusiastas da rede educacional da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade. A instalação da CNEC no Ceará deu-se em 1960, em pleno governo Parsifal, que ministrou a aula inaugural da campanha no Ceará. “Mostrava-se apaixonado pela alternativa das escolas nascidas e mantidas por articulação local”, testemunha o jornalista Flávio Paiva que o entrevistou para a edição de março/abril de 1985 da revista da CNEC.

A presença de Parsifal no plano nacional, seja como deputado federal, senador da República mas, principalmente como ministro de Juscelino, incluiu seu nome na lista de fontes jornalísticas relevantes, principalmente devido ao seu excelente trato com a imprensa onde mantinha muitos amigos, alguns cultivados até mesmo no convívio social.

Portanto, sempre que viajava ao Rio de Janeiro, o governador Parsifal era assediado pelos mais influentes jornais. “Parsifal diz que não veio tratar de política e acha que Goulart é vice ideal”, destaca o título do influente *Jornal do Brasil* em sua página política.

“O governador Parsifal Barroso afirmou ontem ao *Jornal do Brasil* que sua vinda ao Rio de Janeiro ‘não tem nenhum





objetivo político' e se prende apenas a 'assuntos administrativos de interesse do Ceará.'"

Parsifal teria sido cotado para compor a chapa presidencial como vice do marechal Teixeira Lott. Foi incisivo quando abordado sobre o assunto:

“Considero que o sr. João Goulart é o candidato ideal para vice. Estou certo de que a convenção da PTB fará um apelo nesse sentido e acho que ele devia aceitar.”

Na verdade, Parsifal viajou ao Rio para pleitear a liberação do financiamento para a conclusão das obras do Porto do Mucuripe, o empréstimo para o plano de desenvolvimento de rodovias, elaborado por seu Governo e financiamento para a conclusão do Fórum Clóvis Beviláqua que deveria ter sido inaugurado nos festejos dos 100 anos do renomado jurista, fato que não aconteceu.

A campanha de Lott à presidência da República ganhou fôlego em Fortaleza. A visita de dona Edna Lott à capital cearense confirmou o êxito de sua excursão pelo país, celebrava o jornal semanário do Partido Comunista do Brasil, *Novos Rumos*, da semana de 12 a 18 de agosto de 1960.

A filha do marechal Lott participou de vários atos públicos mas o ponto alto foi o comício na praça José de Alencar, no centro de Fortaleza, com a presença do governador Parsifal Barroso e de sua esposa, dona Olga Barroso, recém aclamada presidente do Comitê Nacionalista Feminino de apoio à Lott. O vice-governador Wilson Gonçalves e outras autoridades locais como os deputados estaduais Esio Pinheiro e Wilson Roriz e o líder sindical Vital Felix lotavam o palanque montado em frente ao diretório estadual do PSD.





Luís-Sérgio Santos

Empolgada, dona Olga empunhou a bandeira em defesa da candidatura Lott-Jango. A sucursal cearense do Comitê Nacionalista era um posto avançado de distribuição de material de campanha e arregimentação de novas filiadas e militantes. Dona Olga coordenava mais de uma centena de comitês, tanto nos vários bairros quanto em cidades estratégicas como Sobral, Cascavel, Iguatu e Juazeiro do Norte.

“O povo cearense deve esperar do marechal Lott adoção de políticas voltadas para os interesses do povo e da nação”, prometeu, em nome do pai, uma entusiasmada Edna Lott. Ela assegurou que “Lott, apoiado por forças nacionalistas das mais sadias do país, é o único capaz de dar solução aos seus problemas, de por fim ao sofrimento e à exploração do povo.”

Sobre o oponente, asseverou com jovial convicção: “Do entreguista Jânio Quadros podemos esperar o pior”.³¹

O INVERNO DE 1960 E A AMEAÇA DO ORÓS

Uma das maiores tensões logo no início do governo Parsifal veio em decorrência das enxurradas do inverno de 1960, que ameaçaram arrombar o açude do Orós, ainda em fase de conclusão. Parsifal, que fizera a campanha de 1958 percorrendo um Ceará esturricado e poeirento, em decorrência de uma seca implacável, via agora seu estado ser alvo de uma das maiores enchentes da história. O obra do Orós foi finalizada no final de 1960 e inaugurada no dia 11 de janeiro de 1961 pelo presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Projetado e construído pelo Departamento Nacional de Obras Contra as Secas – DNOCS, o açude Orós foi um pioneiro equipamento estratégico no semiárido cearense, reservatório de esperanças em cenários de intensa estiagem.





Em março de 1960, o governador Parsifal Barroso alinhava-se ao drama de milhares de cearenses na iminência do arrombamento do açude Orós. O *Jornal do Brasil* destacava: “Mais de 100 mil pessoas, segundo telegrama da Transpress, estão sob ameaça de uma das maiores catástrofes do país, caso se confirme a previsão dos técnicos, que lutam desesperadamente para evitar o rompimento do açude de Orós, o maior do Brasil.

O sr. Themístocles de Castro e Silva, secretário do Governo do Ceará, informou ontem às 21h ao *Jornal do Brasil* que poucas são as esperanças de se salvar o açude de Orós e que cinco cidades já estão sendo evacuadas, tendo o governador Parsifal Barroso mobilizado toda a assistência possível aos retirantes cujo total já é de 50 mil”.³²

A manchete do *Jornal do Brasil* do sábado, 26, “Pânico no Ceará com boato de rutura”, amplificava o tamanho do problema. O enviado especial repórter Edísio Gomes de Matos informava que a falsa notícia do rompimento do Orós levou pânico a “300 mil habitantes do Ceará”. O iminente arrombamento traduziu-se em discreto transbordamento por sobre a principal estrutura de barragem.

A falsa notícia do arrombamento do açude Orós, segundo o *JB*, foi transmitida até para o presidente JK pelo ministro Armando Falcão. “O equívoco verificou-se quando as águas, atingindo o ponto mais alto do vasto paredão de 41 metros de altura, começaram a transbordar, caindo na escuridão do vale com um estrondo que parecia o rompimento.”³³

A fonte original da falsa notícia foi o radioamador PPA 3, do DNOCS, que interpretou erroneamente os sinais vindos do açude. Como havia uma predisposição em se aceitar qualquer notícia sobre o arrombamento do Orós, o equívoco se espalhou como fogo em pólvora seca. O governador Parsifal logo cuidou de informar ao presidente JK, na madrugada do domingo, que





Luís-Sérgio Santos

a notícia era falsa. De qualquer modo, foi feita uma operação de guerra para evacuar a população ribeirinha inclusive com uso de helicópteros.

A oposição botou a boca no trombone. O deputado udenista Edilson Távora não deixou por menos. Na tribuna da Câmara dos Deputados acusou o presidente Juscelino Kubitschek de ser o “único responsável pela situação dramática em que se encontra o Ceará, ante o rompimento do açude de Orós”.

“O presidente negligenciou na liberação das verbas para a conclusão da obra”, bradou. “O Orós é o sonho de muitos anos do povo cearense.”³⁴

Jornalistas presentes em Orós divulgaram que o vazamento do boato do arrombamento foi deliberado. Autoridades do DNOCS teriam divulgado a falsa informação para fazer com que os moradores concordassem em serem remanejados para as regiões mais altas. E o próprio DNOCS foi quem fez a ação preventiva da sangria, ao dinamitar parte da barragem abrindo uma fenda que provocou a sangria do açude.

Houve, de fato, uma grande comoção nacional em relação à ruptura do Orós. O governador Carvalho Pinto, de São Paulo, enviou uma emissão ao Ceará, trazendo ajuda material, roupas e medicamentos para os desabrigados. Dom Jaime de Barros Câmara, cardeal do Rio de Janeiro, se manifestou: “coloco minha alma de sacerdote e de brasileiro para obter de Deus todas as bênçãos que possam consolar tantos corações aflitos”. O cônego Francisco Bessa, secretário particular do cardeal, sentia na alma o drama como cearense cuja família ainda morava nas cercanias do Jaguaribe.³⁵

No dia 29 de março, o presidente da República Juscelino Kubitschek e o vice João Goulart desembarcaram do Viscount presidencial às 14h40 no aeroporto Pinto Martins, em Fortaleza. O governador Parsifal Barroso já aguardava comitiva





presidencial no saguão e dirigiu-se à pista para receber o presidente logo na descida da escada.

Às 15 horas, JK e comitiva, juntamente com o governador Parsifal, Dinarte Mariz e o general Portugal, comandante da 10ª Região Militar embarcaram no C-47 da FAB rumo à região do Jaguaribe, num sobrevoo às cidades inundadas até o açude Orós.³⁶

“Há dois anos estive no Ceará para ver a calamidade da seca e agora estou aqui para ajudar os cearenses na luta contra as águas”, declara, solenemente, JK, ao lado do governador Parsifal.

A ocupação das áreas ribeirinhas ao rio Jaguaribe, sem nenhum ordenamento, aumentou a devastação.

O governador Parsifal criou um grupo de trabalho, presidido pelo professor Renato Braga para avaliar e contabilizar os danos da devastação. Além de pedir a liberação de cerca de Cr\$ 11 milhões, contingenciados na Caixa Econômica Federal, no Ceará, Parsifal assinou decreto abrindo crédito especial de Cr\$ 420 milhões para atender flagelados e iniciar obras de reconstrução. Somava-se à primeira parcela, de Cr\$ 3 milhões, já totalmente consumida.

Em novembro de 1960, o governador Parsifal acertou, em audiência em Brasília com o presidente JK, a liberação de Cr\$ 300 milhões para a conclusão das obras do açude do Orós. “Com o dinheiro, tudo poderá ficar logo pronto, sem perigo de repetição de acidentes com a chegada das chuvas”, comemorou Parsifal.³⁷

No dia 31 de março de 1960 o destaque eram as epidemias que avançavam sobre o Jaguaribe. Em Aracati, cerca de 60 mil pessoas estavam desabrigadas e a Casa do Ceará, no Rio de Janeiro, mobilizou-se para arrecadar suprimentos para os flagelados. A campanha foi calcada em quatro pontos: Roupas, Remédios, Comida e Dinheiro – RRCD.

Em 1961, o governador Parsifal teria sido alvo de uma tentativa de envenenamento. Pelo menos foi o que admitiu a Polícia





Luís-Sérgio Santos

Técnica do Ceará. Uma funcionária do gabinete que inadvertidamente tomou café na xícara do governador foi acometida de uma crise de vômitos, com todos os sinais de envenenamento.

Para Parsifal, tudo não passou de mero acaso.

O caso nunca foi elucidado.

Em uma reportagem publicada na revista *O Cruzeiro*, de 11 de novembro de 1961, o governador Parsifal Barroso emitiu sua opinião sobre um debate em voga na época, a adoção do regime parlamentarista no Brasil. O parlamentarismo foi a solução casuística encontrada para que o vice Jango assumisse a presidência com a renúncia de Jânio Quadros. No entanto, o parlamentarismo precisava ser confirmado por um plebiscito, no qual o presidencialismo ganhou.

Sobre a adoção do parlamentarismo assim falou o governador:

“A emenda constitucional referente à adoção do regime parlamentarista contém defeitos e omissões que, na minha opinião, resultam do fato de haver sido redigido e voltada como fórmula de emergência para a superação de uma crise. Acredito que, ao ser votada a legislação explicitamente exigida pelo Ato Adicional, o problema da implantação do regime parlamentarista nas unidades federadas poderá ser mais bem enquadrado a fim de que as assembleias estaduais possam providenciar a revisão das constituições respectivas sem o risco de desacordo com o espírito e a essência do novo regime.

Parece-me injusta a situação criada pelo Ato Adicional não se podendo aceitar a plenitude dos poderes do regime presidencialista para governadores e prefeitos enquanto o Presidente da República se encontra privado de atribuições que tradicionalmente





lhe competiam. Trata-se de uma anomalia que só seria corrigida se o Congresso se dispusesse a proceder a uma revisão.

A dualidade de sistemas, sobre ser injusta, realmente acarreta prejuízos para a vida pública e administrativa do país.

Criar uma revisão que me parece urgente, é a referente à antecipação da data marcada pelo Ato Adicional para realização do plebiscito. Sustenta a opinião de que a consulta poderia ser realizada ao ensejo das eleições de 3 de outubro de 1962. Não há, por enquanto, acordo entre os presidencialistas de modo a se poder criar uma corrente de opinião pública favorável à antecipação do plebiscito para outubro de 62. A matéria dependerá da representatividade que se venha obter do congresso para uma revisão imediata do Ato Adicional.”

No imbróglio que virou crise institucional em relação à posse de Jango três governadores se pronunciaram a favor na primeira hora: Ney Braga, do Paraná, Parsifal Barroso, do Ceará, e Aurélio do Carmo, do Pará.

No sábado, 21 de outubro de 1961, Parsifal almoçou com o presidente João Goulart no Palácio das Laranjeiras, cujo anfitrião, o dono da casa, era o governador Leonel Brizola. À mesa, um grupo de oficiais do Exército, entre os quais os generais Osvino Ferreira Alves, comandante do I Exército, Amauri Krueel, chefe da Casa Militar da Presidência, Augusto Magessi, Jair Dantas Ribeiro, Paula Brasil e Osvaldo de Araújo Mota, chefe do Estado-Maior das Forças Armadas.

O presidente passou todo o dia na sede do governo do Rio de Janeiro onde despachou com o primeiro ministro Tancredo Neves, com o chanceler San Tiago Dantas e recebeu o novo embaixador dos Estados Unidos no Brasil, sr. Lincoln Gordon com quem conversou a portas fechadas.

Também neste mesmo dia, Jango, em companhia de Parsifal, recebeu o jangadeiro cearense Jerônimo André de Souza,





Luís-Sérgio Santos

o mestre Jerônimo, em sua histórica travessia a bordo de uma jangada.

Parsifal deixou para o sucessor Virgílio Távora toda a infraestrutura para que ele deslanchasse o primeiro PLAMEG (Plano de Metas Governamentais).

“Não há dúvida sobre isso”, enfatiza Parsifal.

Coube ao governo Parsifal a criação do Bando do Estado do Ceará, “uma providência que tomei ao verificar que a praça de Fortaleza estava sendo invadida por bancos de fora e que os bancos locais, cearenses, estavam em decadência – como o Banco União, o Banco Frota Gentil, o Banco dos Proprietários. Então, vendo que havia um avanço dos bancos de fora e um declínio dos bancos locais, tive a ideia de criar o Banco do Estado do Ceará”.

Não foi fácil para Parsifal obter a Carta Patente do Banco do Estado porque as relações do governo do Ceará com o governo Jango, depois que saiu do PTB, estavam em frangalhos. “E não se faz um banco sem que o governo federal dê mão forte nesse sentido”, lembra Parsifal. Essa foi das principais realizações do governo das oposições coligadas.

Com o golpe civil-militar, Parsifal Barroso mergulhou até porque sua tradição trabalhista estava na linha de fogo dos novos donos do poder. Em 1966, seu filho Francisco Régis, foi candidato e se elegeu para deputado federal. “A esse tempo, o deputado Paulo Sarasate considerava ainda necessário que eu me abstinhasse de voltar à política.”

Acerca da posição de Sarasate, Parsifal elucida: “Ele achava que meu nome, pelo fato de ser um trabalhista, não era bem aceito, bem visto pelos militares. Eu era um trabalhista que tinha uma feição socialista [...]”.³⁸





As candidaturas mal vistas à época eram chamadas “feto branco” – e sempre eram substituídas por outra do agrado do regime.

“E por esse motivo é que o Régis, meu filho, foi candidato a deputado federal em 1966, para me substituir. Todavia não demonstrou aptidão para a militância política e só exerceu o mandato de 1966 a 1970; e em 1970 eu já me elegeia deputado federal e voltava à Câmara do Deputados.”

O vive-governador Wilson Gonçalves, apoiado por Parsifal, elegeu-se senador. Renunciou ao mandato, mais adiante, para ser ministro do Supremo Tribunal de Recursos.

De 1962 a 1969, Parsifal retornou à Universidade Federal do Ceará onde era professor adjunto de Sociologia. Começou a lecionar Sociologia na Faculdade de Ciências Econômicas. Era a gestão do reitor Fernando Leite e época de uma nova reforma universitária que realocou Parsifal na Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia, de onde veio a ser o primeiro diretor.

Existia certa tensão no relacionamento do reitor Fernando Leite com o curso de Ciências Sociais, de modo que no momento em que foi criada a Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia, em 1969, entendeu o reitor de colocar uma pessoa de sua absoluta confiança como primeiro diretor. Deslocou Parsifal da Faculdade de Ciências Econômicas para a Faculdade de Ciências Sociais e Filosofia. A nova unidade agregava professores de formações diversas, como Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes e Helene Velay Leite (Letras); Francisco Alencar e Luís Fernando Raposo Fontenelle (História e Geografia); Hélio Guedes de Campos Barros, Mossclair Cordeiro Leite, Paulo Elpídio de Menezes Neto e Luís de Gonzaga Mendes Chaves (Direito).

Por conta das reticências do colegiado em relação ao reitor, Parsifal teve que usar toda a sua diplomacia para manter um





Luís-Sérgio Santos

bom relacionamento mas, confessou mais tarde, não foi fácil. Na verdade, Parsifal acabou se contaminando com a enorme rejeição ao reitor. Nem mesmo a amizade de Parsifal com Djacir Menezes, tio de Paulo Elpídio, atenuava a tensão interna. A conjuntura nacional era o combustível.

No final de 1969 Parsifal entrou com novo pedido de licença na Universidade para se dedicar unicamente ao seu retorno à militância política.

De volta à política, agora no bipartidarismo imposto pelo regime militar, Parsifal reconhecia a não representatividade daquele artificialismo. Na verdade, Parsifal era um crítico recorrente da fragilidade dos partidos políticos no Brasil desde sempre.

“Nunca foram representativos. Nem mesmo o Partido Socialista enquanto existiu, em 1947, chefiado pelo meu grande amigo João Mangabeira, tinha representações. E volto a dar uma ponderabilidade às ideias socialistas.”

O partido tinha três líderes de proa: João Mangabeira, Domingos Velasco e Francisco Mangabeira.

Parsifal criticava também o que chamava de “antropomorfização do poder”, a mania do cearense de olhar para o governador e ver o governo.

Um fato curioso é que, em 1960, a maioria dos governadores do Nordeste eram da UDN, exceto o governador do Ceará, Parsifal Barroso. Da UDN eram Juracy Magalhães, da Bahia, Cid Sampaio, de Pernambuco, Flávio Ribeiro Coutinho, da Paraíba e Luís Garcia, de Sergipe.

POLÊMICA COM FERNANDES TÁVORA

Já eleito governador do Ceará, Parsifal Barroso volta ao Senado para finalizar o seu mandato que fora cumprido em





maior parte pelo suplente Fausto Cabral. E é nesse interregno até a posse que Parsifal é surpreendido, na tribuna da casa, com um pronunciamento do seu colega senador Manuel do Nascimento Fernandes Távora, pai de Virgílio de Moraes Fernandes Távora, que acabara de perder disputa ao governo do Ceará justamente para Parsifal.

Foi um duelo extenso e penoso onde uma questão local de uma disputa ao governo do Ceará ganha o plano nacional na tribuna do Senado. De um lado, o recém eleito Parsifal, do outro, o pai do candidato derrotado Virgílio Távora. Fernandes Távora, durante 60 anos, influenciou a política no Ceará.

Na sessão do Senado Federal do dia 5 de novembro de 1958, Parsifal Barroso reage ao pronunciamento do seu colega senador Fernandes Távora referentes a eventos políticos no Ceará. O gancho do discurso de Távora foi uma entrevista concedida a Parsifal para a edição do dia 2 daquele mês de *O Jornal*, veículo do grupo Diários Associados, no qual um dos principais assessores de campanha de Parsifal, o jornalista Themístocles de Castro, tinha ampla penetração. O que poderia ser uma polêmica rápida ou uma mera catarse se arrastou sofregamente durante dois dias. Mas o fato é que Távora queria uma desforra e o ponto de partida foi a entrevista ao jornal de Assis Chateaubriand.

— Começou o senador Parsifal Barroso insinuando que fora prejudicada a sua candidatura pela permanência no poder dos candidatos à vice-presidência do Estado e à Prefeitura de Fortaleza, apesar de confessar que nada os impedia de, legalmente, continuarem naqueles cargos — reclama Fernandes.

Em aparte, Parsifal esclarece:

— Na entrevista a que vossa excelência se refere, fiz apenas questão de ressaltar a estranheza geral causada não só no Ceará como fora dele pelo fato público, notório e incontestável de haverem o sr. governador do Estado se candidatado à Prefeitura Municipal de Fortaleza, sem se afastar de suas funções e o sr.





Luís-Sérgio Santos

Prefeito Municipal à vice-governança, também permanecendo à frente da Prefeitura.

Parsifal opinou sobre o assunto estimulado pela pergunta do repórter sobre a oportunidade de uma revisão do texto constitucional, na parte referente às inelegibilidades. E deu como exemplo fatos ocorridos no Ceará.

— Tive, então, oportunidade de declarar que se a atual redação da nossa Carta Magna permite a candidatura de um governador de Estado à prefeitura da Capital, e um prefeito à vice-governança do Estado, no pleno exercício de suas funções, o fato me parecia mais do que suficiente para se chegar à conclusão de que a parte relativa às inelegibilidades estava necessitando de revisão. Sei que somente por questão de escrúpulo moral o sr. governador do Ceará e o sr. prefeito de Fortaleza ter-se-iam afastado das suas funções, a fim de disputarem as eleições de Prefeito de Fortaleza e de vice-governador do Estado, porquanto a Constituição, tal como está redigida, não exige esse afastamento. Somente por força da indagação do repórter, a respeito do meu ponto de vista sobre a revisão do texto constitucional, exemplifiquei com os fatos recentemente ocorridos no Ceará; jamais poderia criticar a atitude do atual governador do Estado e do atual prefeito de Fortaleza se a Carta Magna lhes permitia, efetivamente que entrassem em plena campanha, eleitoral como candidatos, um a prefeito da Capital e outro a vice-governador, sem que se afastassem de suas funções. Esse é o verdadeiro sentido da minha entrevista, não havendo dúvida, também, de que foi estranhado o fato de o sr. governador do Ceará e o sr. prefeito Municipal de Fortaleza se candidatarem a tais postos majoritários, no pleno exercício de suas funções, valendo apreciar, ainda, que o Governador do Estado que se candidatou a Prefeito de Fortaleza é concunhado do filho de vossa excelência [Virgílio Távora], que se candidatou a governador do Ceará.³⁹





O senador Fernandes Távora com a palavra:

— Se foi simplesmente esse o sentido das palavras do nobre colega, nada obstava expressasse sua opinião. Entendi que V. Ex^a. queria arvorar o acontecido em um documento para provar a perseguição de quem estava no Governo do Ceará e nesse ponto não tinha razão. Quanto à reforma da Constituição, também estou de acordo.

— Efetivamente, respondi a entrevista de *O Jornal* em tese, no plano doutrinário — explica Parsifal. — Verifico que vossa excelência partilha da minha opinião, desde que se proceda à revisão do texto constitucional, na parte da inelegibilidade. É essa liberalidade que permite atualmente a um governador de Estado candidatar-se a prefeito da Capital, no pleno exercício de suas funções e o prefeito a vice-governador. Não causa impressão favorável tal prática àqueles que se batem pela pureza do regime democrático, mas, nobre colega, se o governador do Ceará e o prefeito de Fortaleza decidiram permanecer no exercício de suas funções, é porque necessariamente julgavam que isso lhes possibilitasse o alcance da vitória.

E continua Parsifal:

— Se tivessem levado em consideração aquelas ponderações de ordem moral a que fiz referência, embora a Constituição condescendesse em lhes permitir essa atitude, ambos ter-se-iam afastado de seus cargos a fim de disputarem, à planície, os cargos de prefeito municipal de Fortaleza e o de vice-governador do Ceará. Mantenho também a minha impressão, já que vossa excelência pediu, de que, se aqueles dois políticos do Ceará permaneceram em seus altos postos, tiveram realmente o intuito de se prevalecerem dos mesmos para, de modo melhor, alcançarem seus objetivos políticos.

O senador Fernandes Távora argumenta:

— Permaneceram eles em seus postos apenas por sabermos que a lei disso não os proibia. Se tivessem continuado e





Luís-Sérgio Santos

praticado atos contra a candidatura de vossa excelência então o nobre colega poderia queixar-se. Não cometeram, entretanto, ato algum capaz de justificar o juízo que vossa excelência lhes atribui.

A Parsifal retorna a palavra:

— Quanto aos atos que o atual governador do Ceará e o atual prefeito de Fortaleza praticaram no exercício de suas funções e durante a campanha eleitoral permito-me, *a posteriori*, apresentar a vossa excelência as provas de que eles permaneceram nos cargos para deles tirar proveito. Ignorava que vossa excelência traria o assunto à consideração do Senado Federal. Limito-me, portanto, a declarar, neste momento, que o sr. governador Flávio Marcílio e o sr. prefeito Acrísio Moreira da Rocha não se afastaram dos postos porque ambos se quiseram beneficiar em seus objetivos políticos, durante a campanha e, ainda, por via indireta, o chefe do executivo estadual desejava favorecer o concunhado [Virgílio Távora], candidato a governador do Ceará.

— Pediria a vossa excelência as provas do que o governador [Flávio Marcílio] fez em benefício daquele candidato. No momento, entretanto, permita-me prosseguir em meu discurso.

— Trarei a prova com todo o prazer, já que vossa excelência entra nesse terreno.

— Eu serei todo ouvidos.

— Jamais desejei — declara Parsifal, surpreendido com o tema em pauta — utilizar-me da tribuna do Senado para tratar de assunto da política doméstica do Ceará. Já que vossa excelência o deseja, entretanto, *a posteriori*, terei prazer em atendê-lo.

— Não desejo coisa alguma. Trago apenas ao conhecimento do Senado aquilo que se fez de mal.

— Trarei as provas a respeito da matéria, a fim de que este Senado verifique não terem o governador do Ceará e o prefeito de Fortaleza permanecido no exercício de suas funções





apenas por quererem observar, rigidamente, a liberalidade da Constituição.

Fernandes Távora intervém com novas impressões:

— Não provou, entretanto, que eles houvessem, de qualquer forma, impedido a sua propaganda, feita aliás, por indivíduos tão desclassificados que, em qualquer outro país do mundo, não teriam ficado incólumes.

— Devo esclarecer a vossa excelência que, muito antes de lançar-se minha candidatura ao governo do Ceará, houve uma campanha pública de intimidação, ponto de partida de todos os ataques dirigidos contra a minha honra pessoal ainda quando ocupava o cargo de Ministro do Trabalho no governo do presidente Juscelino. Essa iniciativa coube aos jornalistas e radialistas a serviço da campanha política do filho [Virgílio Távora] de vossa excelência que a esse tempo, já, era candidato a governador do Estado.

— Creio que vossa excelência não é capaz de atribuir a Virgílio Távora campanha de difamação — atalha o senador Fernandes Távora. — Ele, ao contrário, fez tudo para que a campanha política do Ceará transcorresse em termos da decência; mas, partindo dos arraiais adversos os maiores insultos, calúnias e misérias, não lhe foi possível conter a gente do seu lado, no repelir, infelizmente no mesmo padrão, os desaforos dos correligionários de vossa excelência.

— Permita vossa excelência com a sua bondade, mais um esclarecimento — retoma Parsifal. — Chamei a atenção de vossa excelência para uma questão de prioridade cronológica. A campanha de ataques pessoais, inclusive ferindo a minha honra, surgiu, quando ainda não existia a minha candidatura, da parte dos jornalistas e radialistas, a serviço da candidatura do sr. Virgílio Távora. A nossa reação foi posterior. Quando já lançada a candidatura havia necessidade de revidarmos à altura a violência com que éramos atacados. A prioridade histórica





Luís-Sérgio Santos

e cronológica dos ataques à minha honra é anterior à minha candidatura e se não da responsabilidade pessoal do candidato da União Democrática Nacional foi, todavia, inspirada e mantida por aqueles que tinham o objetivo de me intimidar, a fim de que eu não me demitisse do Ministério do Trabalho para disputar o governo do Ceará.

Fernandes Távora introduz novo argumento na sua retórica:

— Por haver ganho a eleição em Fortaleza, julgou sua excelência improcedentes as alegações do candidato Virgílio Távora, porque, segundo afirmou, com espantosa coragem, não há, naquela cidade serviços do DNOCS ou do DNER. Para o dr. Parsifal Barroso, as diretorias desses grandes departamentos federais, que dirigem dezenas de milhares de funcionários e jogam com centenas de milhares de cruzeiros, nenhuma influência poderiam ter na campanha eleitoral. Semelhante raciocínio dispensa comentários.

— Fui acusado pelo sr. deputado Virgílio Távora de haver vencido as eleições no Ceará através de obras e serviços dos Departamentos Nacional de Obras Contra as Secas e Nacional de Estradas de Rodagem.

— O que é verdade!

— Depois provarei a vossa excelência que não é verdade.

— Direi mais alguma coisa — retruca Távora.

Parsifal retoma a ênfase:

— Provarei que o maior beneficiário do Governo Federal, nesta quadra política que estamos vivendo no Ceará, foi o governo udenista daquele estado e não a minha pessoa. Provarei a vossa excelência como o governo federal dispensou mais favores à União Democrática Nacional, através do Governo do sr. Paulo Sarasate e do sr. Flávio Marcílio, do que a mim.

Parsifal Barroso, das Oposições Coligadas, lembrou na tribuna, em alto e bom tom, que se ele obteve em Fortaleza a maioria de quase 23 mil votos em relação a Virgílio Távora cai





o argumento de que teria usado a estrutura do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas e do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem em sua campanha considerando que na capital não existem obras desses dois órgãos.

E arremata:

— A acusação feita às Oposições Coligadas não tem fundamento. A esmagadora maioria que a Capital do Estado me proporcionou é tanto mais expressiva quanto vossa excelência sabe que o meu candidato à Prefeitura de Fortaleza foi derrotado, e as causas que determinaram minha vitória são, justamente, essas que vossa excelência subestima, mas que eu ponho em destaque — aquelas de ordem psicológica. O povo de Fortaleza reagiu contra um Governador que, no exercício das funções, queria a todo custo ser vice governador do Estado. Não há, portanto, possibilidade de se pensar que a maioria de quase 23 mil votos, que tive na capital do Ceará, seja proveniente de favoritismo do Governo Federal. Minha candidatura representa a reação espontânea e forte do eleitorado de Fortaleza contra os métodos, os pensamentos e os sistemas de campanha utilizados por aqueles que formavam a coligação democrática.

— Não foi nada disso — interrompe Távora.

— Na opinião de vossa excelência — rebate Parsifal.

— Aliás, se o argumento valesse para Fortaleza, seria desfeito por Sobral, o segundo colégio eleitoral do Estado, onde, apesar do SAPS, Casas Populares, SAMDU com 23 médicos, dezoito ambulâncias, e centenas de empregos de 7 a 15 mil cruzeiros, Chico Monte e seu genro foram espetacularmente derrotados, na própria furna!

— Permite vossa excelência outro aparte?

— Com todo o prazer! — responde Fernandes Távora.

— Vossa excelência está justamente fornecendo aos meus apartes o material melhor que eu poderia ter para contra-argumentar — enfatiza Parsifal. — Se o meu sogro, deputado





Luís-Sérgio Santos

Francisco Almeida Monte, perdeu as eleições de Sobral; se efetivamente existisse essa força do Governo Federal, que vossa excelência teima em afirmar estava ao meu inteiro dispor, pelo seu raciocínio, eu deveria tê-la utilizado, na sua potência total a fim de manter a vitória do Partido Trabalhista Brasileiro no município de Sobral.

— Aí é que está o engano de vossa excelência! Quem reagiu foi o povo, insurgindo-se contra o “mandão”, sogro de vossa excelência, que sempre usufruiu a Prefeitura de Sobral. Foi contra ele que a massa se revoltou, dando uma reviravolta completa.

— Vossa excelência é que está enganado...

— Não me engano, estou dizendo a verdade — reforça Távora.

— Se me permitir, explicarei, em rápidas palavras, a razão da derrota do Partido Trabalhista Brasileiro em Sobral.

— Vossa excelência não precisa explicar, foi a reação do povo e nada mais.

— Todos os partidos, inclusive o Social Democrático, que apoiou a minha candidatura ao governo do Ceará, combateram o candidato do Partido Trabalhista Brasileiro à Prefeitura de Sobral — lembra Parsifal. — Sabe ainda vossa excelência que, além de haver uma luta do PTB, isolado, contra todos os outros partidos do Ceará, a Diocese de Sobral deu total apoio ao seu candidato, na campanha municipal, porquanto o candidato da União Democrática Nacional, apoiado por todas as organizações políticas é secretário de sua excelência reverendíssima o bispo de Sobral [dom José Tupinambá da Frota]. Vossa excelência não ignora que na zona Norte, especialmente em Sobral, por força desse desentendimento, até eu, líder católico, vetado pelo sr. Luiz Carlos Prestes, fui condenado por aquela autoridade eclesiástica.

— Não sabia desse desentendimento e lamento que vossa excelência, tão rezador, fosse condenado...





— Vossa excelência sabe, tanto quanto eu, que a paixão partidária em Sobral para a derrota do PTB foi tamanha que, além de se juntarem todos os partidos contra o PTB – inclusive o PSD, que me apoiou para governador do Ceará – a Diocese de Sobral resolveu entrar na luta e dar todo o calor de sua atividade a fim de tornar vitoriosa a candidatura do secretário do reverendíssimo Bispo de Sobral. Nessas águas – repito eu, apesar ser de líder católico vetado pelo sr. Carlos Prestes –, foram anatematizadas pelo ilustre representante do Clero, o que prova o aceso das paixões partidárias do município. O sr. Luis Carlos Prestes, depois de justificar o seu apoio aos candidatos do Partido Trabalhista Brasileiro – com toda sinceridade disse: apesar de apoiar o sr. Leonel Brizola, apesar disso não podemos apoiar o sr. Parsifal Barroso, em virtude da sua condição de clerical e, por esse motivo, já firmamos nosso apoio à candidatura do sr. Virgílio Távora.⁴⁰

— Lamento muito o acontecido, porque vossa excelência sempre foi muito rezador e, portanto, merecedor do beneplácito das autoridades católicas. “Não logrei qualquer recomendação em meu favor, por parte da Igreja”, afirmou o dr. Parsifal. Ingrato! Agradeçam-lhe as ingênuas beatas que, na manhã do dia 3, após haverem comungado, foram dar-lhe o voto, em obediência aos seus confessores. [...] Virgílio Távora nada tinha com os comunistas.

— Ele aceitou o apoio. Que os comunistas participaram de sua campanha, não há dúvida.

— Virgílio Távora não tinha nada que ver com os comunistas — incomoda-se Fernandes Távora.

— Não estou dizendo que Virgílio Távora é comunista.⁴¹

— Vossa excelência me obriga a recordar. Vou ler a declaração de Virgílio Távora publicada nos jornais de Fortaleza; talvez vossa excelência não tenha tido tempo de as ler.





Luís-Sérgio Santos

“Em relação a um telegrama divulgado na imprensa local por inimigos gratuitos de minha família, fico-me no dever de esclarecer ao povo cearense o seguinte:

- 1º É absolutamente falsa a afirmativa, desafiando qualquer contestação, de que, em tempo algum, haja eu integrado qualquer Partido da extrema, quer da esquerda, quer da direita e muito menos pertencido à célula comunista a Rezende, como alega o autor do despacho telegráfico – um sujeitinho muitíssimo ordinário.
- 2º Nada tenho a retificar quanto a declarações anteriores feitas à imprensa de Fortaleza, no tocante ao alegado apoio, do Partido Comunista; não tive e não tenho compromissos e nem entendimentos.
- 3º Não vejo razão para esconder minhas convicções nacionalistas que, desde 1952, sustento, sendo, a esse respeito, irretorquível prova a apresentação da vitoriosa Emenda nº 63, de autoria do então Deputado Armando Fontes e minha no Projeto de Lei que criou a Petrobras.”

Além disso, há a peremptória declaração do jornal oficial dos comunistas em Fortaleza – cujo exemplar também possuo – de que nada tem o comunismo com o sr. Virgílio Távora. Por conseguinte, tudo quanto foi dito a respeito era falso.

— Quer vossa excelência dizer que o Partido Comunista me apoiava?

— Não. Estou apenas dizendo que não apoiava o coronel Virgílio Távora. Em quem votaram eles?

— Não sei. Ninguém lhes segurou as mãos para votarem. Fizeram a mesma coisa com o desembargador Faustino de Albuquerque. Apesar de declarar que não queria o voto dos comunistas – como no caso presente – disseram eles que votavam no desembargador porque queriam. Sempre a mesma





técnica, sempre a miséria de lançar sobre a pessoa que desejam prejudicar o estigma de seu apoio.

— Desculpe-me vossa excelência mas a sua argumentação peca pela base. O Sr. Luís Carlos Prestes foi o primeiro a declarar, na revista *O Cruzeiro*, que o Partido Comunista daria apoio ao sr. Virgílio Távora. Daí não se conclui que o filho de vossa excelência tenha se tornado comunista ou mantido compromissos para realizar política comunista.

— O sr. Luiz Carlos Prestes não deu nem lhe foi pedido apoio; ao contrário, foi repellido. Por conseguinte, é assunto de que não deveríamos mas tratar.

— Se tivesse sido repellido, o sr. Carlos Prestes teria declarado, como o fez em relação à candidatura do sr. Leonel Brizola: estamos apoiando o candidato tal contra a sua vontade. Todavia, com relação ao filho de vossa excelência o sr. Carlos Prestes nunca fez declarações dessa ordem, que se tornou pública e notória.

— Para que, se o órgão oficial de seu Partido o fez? Para que malhar em ferro frio?

— Sabe vossa excelência que um dos arautos da campanha da Coligação Democrática, no Ceará, era elemento de proa no Partido Comunista. O sr. Américo Barreira não era um dos generais da campanha do filho de vossa excelência?

— O Sr. Américo Barreira trabalhava por quem tinha simpatia, mas nunca foi autorizado a fazer qualquer campanha.

— Pode não ter sido autorizado, mas foi candidato a deputado estadual na legenda de partido da Coligação Democrática, que apoiava a candidatura do filho de vossa excelência. Foi um dos “generais” da campanha que terminou com a minha vitória.

— Derrotou vossa excelência mais um general... Está muito bem!





Luís-Sérgio Santos

— Ressalto que apenas declarei ao repórter que enxergava uma influência da Igreja na vitória das candidaturas majoritárias, em consequência da qual fui beneficiado pela minha condição de católico e de elemento considerado clerical pelo sr. Luís Carlos Prestes, que tal influência não se exercera em meu favor.

— Quer vossa excelência dizer que não somos católicos? — pergunta Fernandes Távora.

— Ambos somos, graças a Deus.

— Digo: eu e minha família.

— Ambos somos católicos, mas não se pode negar que os comunistas apoiaram o filho de vossa excelência. Votaram nas candidaturas da Coligação Democrática, que perdeu, mas eles tem que votar. Não pense vossa excelência, que, no Ceará, só existe a legenda do Partido Comunista.

— Diz o ex-ministro do Trabalho que, “em nenhuma campanha eleitoral, anterior, houve tanto dinheiro no Ceará, quanto nesta”. Ninguém mais autorizado para falar de cátedra, sobre o assunto, do que o dr. Parsifal Barroso.

— Permite vossa excelência outro aparte? — interpõe Parsifal.

— O nobre colega poderá ocupar oportunamente a tribuna e falar à vontade.

— É a respeito da fina ironia de vossa excelência.

— Não é ironia, absolutamente. O nobre colega faz parte de uma agremiação política que usou e abusou do suborno e da corrupção. É fato de todos conhecido. Não estou fazendo qualquer descoberta.

— O nobre colega vai permitir-me mais um argumento.

— Solicitaria de vossa excelência deixasse a explicação para depois.

— A ironia de vossa excelência é tão fina e ferina...

— Não é fina nem ferina, apenas pequena ironia que precisava ser feita.





— [...] à altura do espírito de vossa excelência tenho necessidade de imediatamente esclarecer. Quando fiz referência ao dinheiro gasto na campanha eleitoral do Ceará, foi de modo geral, mas com o intuito de dizer que tais recursos usados pelo meu contendor.

— Não digo que vossa excelência pratica suborno ou corrupção, mas seus amigos o fizeram na mais alta escala que se possa imaginar. Sobre isso não há dúvida; é sabido de todos e quem quer que tenha algum senso não a poderá negar.

— Agradeço a bondade de me haver, pessoalmente, excluído do rol daqueles que, no seu entender, são réus porque usaram de suborno e da corrupção, através dos dinheiros públicos. Declaro entretanto a V. Ex.^a, a respeito da acusação indireta, que quando respondi ao repórter de *O Jornal*, sobre a influência do dinheiro, o fiz com dois objetivos.

— Vossa excelência nos atribuía a ação do suborno; certamente não iria referir-se a seus correligionários como havendo praticado suborno e corrupção. Eis a razão por que tive de repelir a assertiva: não temos dinheiro nem costumamos subornar.

— Engana-se vossa excelência. O presidente Juscelino Kubitschek concedeu dois empréstimos à União Democrática Nacional do Ceará.

— Não à UDN – repito – mas ao Ceará, pois sabia ser ele governado por um homem honrado, que não seria capaz de dar emprego mau a esse dinheiro.

— O presidente deu por patriotismo e por não conhecer os udenistas do Ceará — retruca Parsifal.

— Vamos conceder esse patriotismo ao sr. Juscelino Kubitschek — ironiza Távora.

— O primeiro empréstimo, através do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, permitiu que a União Democrática Nacional fizesse desfilar em Fortaleza todas as





Luís-Sérgio Santos

máquinas compradas com esses recursos, enquanto apregoava a grande inverdade de que eu, como Ministro do Trabalho, não havia executado uma só obra em benefício do meu Estado.

Távora, novamente, puxa o foco para o DNOCS:

— Para comprovar tal munificência, ouça o Senado esta singela e real história: em um grande município do sul do Ceará, mandou o próprio Diretor do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas fazer a chamada, verificando, com assombro, que, dos 10.000 inscritos como operários, naquele serviço, responderam apenas, cerca de 2.000! E todos os inscritos figuravam nas folhas de pagamento, e recebiam. Quantos milhões furta, todos os meses, esse grande eleitor do Dr. Parsifal, só nesse serviço?

— Permite vossa excelência outro aparte?

— Pois não!

— Vossa excelência vai permitir, em primeiro lugar, que eu conclua o meu aparte. Houve um primeiro empréstimo, através do qual o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico possibilitou a realização da célebre passeata do progresso econômico do Ceará, e o segundo empréstimo, em letras do Tesouro, no montante de cento e sessenta e dois milhões de cruzeiros, feito pelo sr. ministro José Maria Alkmin, com a aprovação do sr. Presidente da República. Cito esses dois empréstimos, porque, um dos argumentos contra minha candidatura no Ceará foi justamente aquele que vossa excelência não quer ouvir, o de que eu não poderia ser governador do meu Estado porque durante dois anos e meio não manifestara qualquer prestígio na esfera federal, e nada realizara em favor do meu Ceará; nenhuma obra havia, no Ceará, como resultado do meu interesse em benefício do Estado, como ministro do Trabalho. Então, e por esse motivo, punham em contraste a penúria em obras da minha gestão ministerial em relação às benesses para o Ceará e os prodígios da mecanização da lavoura e do progresso econômico, através dos dois vultosos empréstimos que o sr. presidente da





República Juscelino Kubitschek concedeu ao governo udenista do Ceará. Agora, a respeito da acusação que vossa excelência está fazendo, não pessoalmente a mim, mas ao diretor geral do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.

Fernandes Távora retoma a palavra:

— Eu não acusei o diretor desse Departamento; disse, apenas, que sua senhoria assistira a essa chamada. Veja bem vossa excelência que não quero intrigas, pois assistir a uma chamada nominal não é ser conivente com qualquer irregularidade.

— Vossa excelência acusa o sr. diretor do Departamento de Obras Contra as Secas.

— Não o estou acusando; digo, apenas, que sua senhoria assistiu à chamada dos trabalhadores.

— Mas se havia mil pessoas que, na realidade, não tinham existência concreta, o que vossa excelência quer dizer com isso?

— Sua senhoria [o diretor do DNOCS] não sabia — recua Távora.

Demasiado rápido, Parsifal expressa o modo como entende o ciclo de sua campanha governamental:

— A história da minha candidatura tem três fases. Ainda na fase da intimidação, quando atacaram minha honra pessoal e apostaram como eu não teria coragem de deixar o Ministério do Trabalho para, na planície, sol a sol, ombro a ombro, desarmado, batalhar pela causa das Oposições Coligadas, a esse tempo ocorreu a primeira manifestação de suborno. Alguns deputados estaduais do Partido Trabalhista Brasileiro – antes de ser lançada minha candidatura – abandonaram o Partido a troco de dinheiro e de vantagens, abrindo uma dissidência para feri-la de morte a apoiarem de pronto, a candidatura do filho de vossa excelência.

— Eram partidários de vossa excelência e eu desejaria pusesse o nobre colega os pontos nos “is”, declarando quanto custaram esses deputados e quem os comprou.





Luís-Sérgio Santos

— O suborno começou com o objetivo de evitar o lançamento de minha candidatura.

— Vossa excelência está apenas dizendo coisas que muito provavelmente não poderá provar.

— Foi, repito, aberta uma dissidência no Partido Trabalhista Brasileiro; e alguns deputados estaduais passaram a apoiar a candidatura do filho de vossa excelência a troco de dinheiro e de vantagens.

— Vossa excelência tem que provar isso.

— Todo o Ceará conhece o fato — assegura Parsifal. — E por isso mesmo, alguns desses traidores foram derrotados, agora, nas eleições de nosso Estado.

— Vossa excelência, repito, tem que provar semelhante afirmativa. Faz acusação que jamais será capaz de provar. O que eu digo, provo.

— Vossa excelência não prova coisa alguma.

— O que digo, em meu discurso, é do conhecimento geral — assegura Fernandes Távora.

— Provo que o governo federal foi pródigo em favores, não à causa que defendi, mas para com o governo udenista do Ceará. Por essa altura o timbrava ele em demonstrar seu desinteresse pela minha candidatura.

— Alega ele “ter deixado a luta endividado, apesar da generosidade de seus amigos, que lhe forneceram dinheiro para muitas coisas”. Teve porém, a pudicícia de ocultar os nomes dessas coisas, e dos seus generosos e piedosos mecenas, o maior dos quais, foi sem dúvida, o governo federal.

— Esse acréscimo não está na minha entrevista. Permite vossa excelência, outro aparte? — solicita Parsifal.

— Peço a vossa excelência que não me aparteie a fim de que possa concluir meu discurso — refuta Fernandes Távora que, como orador principal, tem o poder de conceder os apartes.





O sr. presidente senador Apolônio Salles faz soar os tímpanos:

— Os apartes só podem ser dados com permissão do orador.

Parece que Fernandes Távora está disposto a monopolizar a palavra amparado em norma do regimento interno do Senado:

— Peço ao nobre senador Parsifal Barroso não insistir.

— A catilinária, agora, chegou ao clímax! — retruca Parsifal.

— Não há catilinária alguma — discorda Távora.

— Desejo dizer a vossa excelência que o presidente Juscelino Kubitschek foi pródigo em favores ao governo da UDN do Ceará — retoma Parsifal. — Uma das maiores demonstrações de força e de prestígio que a União Democrática Nacional deu na cidade de Fortaleza foi o desfile de todas as máquinas de todos os implementos: agrícolas, de todos os maquinismos, de todas as perfuratrizes, que o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico possibilitou comprar emprestando dinheiro ao Governo udenista do Ceará.

— Emprestou ao Ceará; não ao governo. O dinheiro se destinava à eletrificação. Esta não é de nenhum partido — é de todo o Ceará.

— Não tomou qualquer providência para saber a causa da irregularidade? Tenha paciência o nobre colega — mas está acusando o diretor do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, porque sua excelência não tratou de saber a causa de uma anormalidade como essa?

— Tenha paciência vossa excelência. O diretor não sabia de coisa alguma: chegando lá, uma pessoa, que conhecia bem o que ali se passava, concitou-o a mandar fazer a chamada e ele...

— Verificou a falta.

— [...] naturalmente muito bem intencionado, assim procedeu, e o resultado foi esse.

— Fez a chamada e verificou a falta de quase mil pessoas. Não é isso?





Luís-Sérgio Santos

— De mais de seis ou oito mil, porque, dos dez mil que corriam na folha de pagamento, só duas mil e pouco responderam à chamada.

— Então, havia uma diferença de umas oito mil, e o diretor do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, que assistiu à essa chamada, não tomou nenhuma providência para saber a causa? — quis saber Parsifal, encuralando o hábil contendor.

— Não entro nessa parte. Não sei se tomou, ou não a providência que compete ao Governo.

— Vossa excelência não se deu ao trabalho de verificar qual a atitude do diretor do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, quando encontrou essa anomalia na folha de pagamento?

— Não me dei a esse trabalho porque não costumo andar cascalhando atos desse Governo. Vossa excelência pergunte ao diretor daquele departamento.

Parsifal Barroso avança e arremata:

— Vossa excelência pelo menos, o acusa de omissão.

— Não acuso ninguém. Vossa excelência é que está puxando isso. Cito apenas um fato.

— Então, se não o acusa, vossa excelência admite que o diretor, diante da anomalia, tenha procurado verificar as causas que a determinavam e tomadas providências para que o fato não mais ocorresse.

— O que admito é que o representante dele, que estava em Iguatu, não andou bem. Agora, se ele o castigou ou não, nada tenho com isso.

— Vossa excelência não está entendendo o meu raciocínio — avança ainda mais Parsifal.

— Permita vossa excelência que eu conclua meu discurso.

O presidente soa os tímpanos:

— Atenção! Não são permitidos discursos paralelos. Tampouco diálogos.





O senador Fernandes Távora esboça um riso e continua:

— É o que está havendo. Não é meu desejo deixar de atender ao ilustre colega; todavia, se continuarmos assim, amanhã de madrugada não terei ainda concluído minha oração.

— Tenho renovado, constantemente, minha gratidão a vossa excelência, que tem sido tão benigno — diz Parsifal. — Se o nobre colega não acusa o diretor do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, então, concorda em que ele, diante dessa anomalia, tenha procurado verificar as causas da ausência desse pessoal.

— Estou no Rio de Janeiro e não me meti no que fizeram no interior do Ceará. Vossa excelência que é amigo do diretor daquele Departamento, pode conversar com ele e indagar quais medidas tomou. A mim não me interessa. Cito somente o fato.

— Quer que lhe diga a verdade nua e crua? O filho [Virgílio Távora] de vossa excelência é mais amigo do diretor do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas do que eu.

— É coisa que também ignorava.

— E isso era uma vantagem para ele.

— Se assim é, tanto melhor que ele tenha mais um amigo. O fato é que essa vantagem não se manifestou, ao contrário, *ab uno disce omnes*. [Pelas qualidades de um cidadão podemos avaliar as qualidades de uma civilização]. Não é por outro motivo que os serviços federais, no Nordeste, estão a dever mais de setecentos milhões de cruzeiros e sem crédito no comércio. Somente o Ceará – devo fazer a correção.

— Permita vossa excelência apartear, agora não para terçar armas, mas para corrigir seu discurso. A importância é muito maior que essa.

— Não podia ser de outra forma. A dívida há de ser de bilhões.

— Quer que lhe diga as causas?

— Não precisa dizer; já sei. — Neste momento ouvem-se risos.

— Sabe? — interpela Parsifal.





Luís-Sérgio Santos

— Demais.

— Vossa excelência – desculpe a franqueza – é completamente jejuo a respeito das causas que determinaram essas dívidas. Quer que diga a primeira?

— Pediria a vossa excelência que permitisse que conclua meu discurso. Vossa excelência responderá depois; agora peço licença para não ouvir.

— Então, direi quando responder ao discurso de vossa excelência.

— Na ocasião, ouvirei com muito prazer — asserta Távora. E continua: — Proclamou o repórter que “o ponto alto na vida do dr. Parsifal foi o Ministério do Trabalho, que assumiu em janeiro de 1956, deixando-o, depois de ter contornado graves empecilhos”. Era uma afirmação que ninguém contestará. O dr. Parsifal Barroso não solucionou qualquer problema, no ministério do Trabalho, limitando-se a contorná-los, como bem disse o repórter. O homem de governo enfrenta corajosamente os problemas que lhe são apresentados e, bem ou mal, os resolve de acordo com a sua capacidade. Contornar não é vencer; é apenas uma fuga, ou melhor, a confissão tácita de incompetência.

— Permite vossa excelência outro aparte?

— Que hei de fazer com vossa excelência? [Risos.]

— É curto o aparte.

— Ouço vossa excelência.

— Quer vossa excelência criticar minha atuação como Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio durante dois anos e meio?

— Estou apenas dizendo, como o repórter, que vossa excelência contornou uma porção de coisas. Ora, contornar não é resolver.

— Já tive a oportunidade de frisar que, se me animasse a intenção demagógica de utilizar o Ministério do Trabalho em benefício de minha futura candidatura ao governo do Estado,





não teria, por exemplo, rebaixado os níveis do salário mínimo no Ceará, quando me coube a responsabilidade de fixá-los em 1956.

— Está bem — resmunga Távora.

— Em segundo lugar, sabe vossa excelência muito bem que, justamente pelo fato de a Previdência Social estar atravessando, como ainda se encontra, fase de dificuldades financeiras, não construí obra alguma no meu Estado, e isso foi contra a minha candidatura. Agora, se vossa excelência pergunta se levei bem ou mal a minha missão de manter o equilíbrio social no Brasil durante dois anos e meio em que fui Ministro, permito-me ficar com o juízo dos empregados e empregadores do Brasil, que me aplaudiram entusiasticamente, quando tive necessidade de deixar a pasta do Trabalho.

— Salienta ainda o jornalista a rápida carreira política do seu entrevistado admirado, como toda gente, de tamanha vertigem. O dr. Parsifal personifica, realmente, uma dessas aventuras, tão comuns no petebismo, onde certos indivíduos tomam arrancadas de foguetes para, como estes, poucos momentos demorarem no ar...

— Permite vossa excelência outro aparte por mínima gentileza?

— Pois não — aquiesce Távora.

— Não sou autor da frase que vossa excelência comenta.

— Vossa excelência discorda do jornalista?

— Discordo do jornalista.

— Então, está acabado; fica o dito por não dito.

— Discordo, porque minha carreira política começou em 1935, quando fui eleito deputado estadual pela primeira vez.

— Aí começou a carretilha!...

— Não foi tão vertiginosa, porque meu primeiro mandato político de deputado estadual data da reconstitucionalização de 1934.





Luís-Sérgio Santos

— Pois então a coisa corre por conta do jornalista.

— Quer saber vossa excelência de outra verdade? Fui deputado federal normalmente como todos os candidatos do Ceará em 1950, tiveram oportunidade de disputar as eleições e ser eleitos. Fui Senador da República juntamente com vossa excelência na mesma legenda.

— Até aí eu já sabia.

— Cheguei ao Ministério do Trabalho contra a minha vontade. Se vossa excelência não acredita, eu queria ter aqui um Evangelho, para jurar que nunca desejei nem pretendi ser Ministro do Trabalho.

— Vossa excelência está me parecendo o português de Braga que mandou inscrever na sua sepultura: “Aqui jaz Francisco José dos Santos, muito contra a vontade”.

— A esse tempo, vossa excelência era meu aliado político, meu amigo fraterno.

— Ainda não sou inimigo, não.

— Mas, pela veemência de suas acusações parece querer tornar-se meu inimigo — responde Parsifal.

— Preciso falar alto para ser ouvido.

— Quando fui escolhido para a Pasta do Trabalho, era aliado de vossa excelência. Sabe o nobre colega, muito bem que não desejei e nem fiz empenho em chegar àquele Ministério. Minha escolha foi motivada por circunstâncias de momento, que vossa excelência conhece tanto quanto eu.

— Não conheço nada da carreira de vossa excelência.

— Conhece! A esse tempo, repito, vossa excelência era meu aliado.

— Mas eu conhecia muito pouca coisa — esquivava-se Távora.

— Conhecia muito bem, porque vossa excelência sabe que a aliança do Partido Trabalhista Brasileiro com a União Democrática Nacional, no Ceará, é das mais antigas. Foi feita pelo inesquecível presidente Getúlio Vargas.





— Quem a firmou, quem a garantiu fui eu. Vossa excelência deve lembrar-se que quando o dr. Plínio Pompeu se iludiu aqui, com as conversas fiadas do Partido Social Democrático e se prestou a ser seu candidato, eu garanti lá, aos seus amigos petebistas que a palavra empenhada pela UDN seria cumprida, desse no que desse. E o foi. Por conseguinte, é história que conheço bem.

— Vossa excelência está apenas fazendo referência a fatos passados, por mim revividos, justamente para que o Senado compreenda que toda essa vertiginosa carreira que espanta vossa excelência e que vossa excelência critica com tão fina ironia...

— Estou repetindo o que disse o repórter.

— [...] se processou ao tempo em que, além de aliados políticos, éramos amigos fraternos.

Nesse momento, o senador Fernandes Távora volta ao tema “DNOCS”:

— No que tange aos auxílios federais, não é possível esquecer o serviço de trezentos e tantos veículos do Departamentos de Obras Contra as Secas e de Estradas de Rodagem, e de todas as outras repartições federais no Ceará que, de um modo ou de outro, auxiliaram aos nossos adversários, gratuitamente, enquanto os meus correligionários, para levar os eleitores às urnas, pagavam oito ou dez cruzeiros por pessoa e por quilômetro, nos caminhões particulares!

— Vossa excelência ainda me permite?

— É ou não é verdade?

— Vossa excelência mais uma vez, *benigna amplianda*, vai me conceder, com a aquiescência da Mesa, talvez o último aparte, porque de fato a hora já vai avançada e vossa excelência necessita terminar o seu discurso. O nobre colega está mais uma vez, lançando não diretamente à minha pessoa, mas a elementos que estavam ligados à campanha em prol de minha candidatura.

— Ah, isso é. Não resta dúvida.





Luís-Sérgio Santos

— [...] a fim de que o Senado venha a aceitar a sua tese de que os serviços e obras do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas e do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem tinham uma finalidade eleitoreira – permitam-me a expressão, caros colegas.

— Eles não tinham essa finalidade, mas foram usados com esse fim.

— Fique vossa excelência certo de que a acusação de eleitores pode caber ao conjunto das obras que o filho de vossa excelência e o sr. governador do Ceará mandaram fazer em todo interior do Estado e logo suspenderam, terminado o pleito, causando essa situação dramática em que nos encontramos, hoje, da necessidade de absorver toda a mão-de-obra que se encontrava em função nos serviços de emergência do governo Estadual.

— Certamente vossa excelência acha que as obras federais não dispensaram operários. São milhares os empregados dispensados; fato que está dando lugar a invasões de cidades, como na Paraíba e no próprio Ceará.

— Se, nos órgãos federais...

— Não discutamos mais, porque é inútil. O assunto é de todos conhecido.

— Se nos órgãos federais diminuíram as matrículas de trabalhadores nas zonas de emergência, o argumento de vossa excelência não pode ser lançado contra o Governo Federal, que, se assim agiu, não estaria a meu favor.

— Não pode por quê? Vossa excelência não precisa agora dar explicações. Já está com a sua governança garantida com seu belo “abacaxi” nas mãos.

— Quem entendeu não mais ser necessária a continuação das obras foi o Governo udenista.

— O Governo não tem mais interesse em dar serviço — reage Fernandes Távora.





— Quem deu por terminadas as obras de emergência logo após as eleições foi – como disse – o governo udenista, causando-nos o transtorno de termos que absorver toda a mão de obra ora afeta ao Governo Federal.

— Se, tendo à sua disposição e dos seus correligionários, tantas e tamanhas facilidades, o dr. Parsifal ainda se endividou, como alardeia, é porque o mesmo faz questão de chegar ao céu, pela estrada da pobreza. Não seria eu quem lhe negasse o direito de lá ingressar, por este ou outro qualquer caminho. Nessa entrevista, delineou sua excelência afinal, um esboço de plano de governo. Mas o que apresenta como seu (construção de portos, pavimentação de estradas, extensão da rede rodoviária, eletrificação e incremento à industrialização, assistência ao homem para sua valorização), constitui uma parte do vasto programa do seu competidor.

— Está vossa excelência me chamando de plagiário?

— Posso afirmar, entretanto, que o deputado Virgílio Távora, apesar de esbulhado pelo suborno, se daria por satisfeito se o seu contendor, chegando ao governo, fosse capaz de executar apenas uma parte daquilo que pretende realizar, em bem de sua terra. Anunciou, no final, o futuro governante, a ida ao Nordeste do coronel Orlando Ramagem, subchefe da Casa Militar do Presidente da República “para indicar os meios de obter melhor rendimento na aplicação dos recursos, na região assolada”. Não pode haver mais clara confissão de que os recursos enviados para o Nordeste tem sido mal empregados! Há muito sabia o sr. Juscelino o que se estava passando no Nordeste, em matéria de roubalheiras, preterições e injustiças praticadas pelos seus correligionários naquela região; mas antes das eleições não lhe convinha chamar a contas os que delinquiavam contra a humanidade e contra a Pátria.

— Permite vossa excelência mais um aparte?

— Pediria que fosse sucinto, nobre colega!





Luís-Sérgio Santos

— Desde que vossa excelência me exclui do banco dos réus – e agradeço mais uma vez a generosidade – as acusações caem, diretamente, sobre o ministro da Viação, o diretor do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, o diretor do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem e o comandante do Primeiro Grupamento de Engenharia do Nordeste.

— O comandante do Primeiro Grupamento de Engenharia, como todos os militares que agem naquela região, tem sido de uma honestidade exemplar.

— Coloca vossa excelência ao meu lado o Comandante do Primeiro Grupamento de Engenharia — emenda Parsifal.

— Os militares têm procedido com toda a correção; agora, pelos outros, não ponho minha mão no fogo.

— Se vossa excelência me exclui e ao comandante do Primeiro Grupamento a responsabilidade cabe ao Ministro da Viação, ao Departamento Nacional de Obras Contra as Secas e ao Departamento Nacional de Estradas de Rodagem.

— Estou dizendo o que ouvi. Quem quiser enfie a carapuça.

— Pergunto se vossa excelência mantém a acusação nesses termos.

— Não era necessária a ida do coronel Orlando Ramagem ao Nordeste, para se saber que os recursos enviados pelo Governo Federal, até agora, não deram resultados, senão aos seus correligionários desonestos, que os têm arrancado, sem, compaixão, à boca dos famintos!

— Ignora vossa excelência as causas que determinaram a viagem do coronel Orlando Ramagem à área atingida pelo flagelo. Ignora, porque não compareceu, como senador do Ceará, às reuniões realizadas no Senado, na Comissão que estuda o problema das secas, para verificar quais as falhas e deficiências, que necessitam de rápida, urgente, retificação.





— Não compareci a essas sessões por não ter sido convidado ou, pelo menos avisado. Não costumo me meter onde não sou chamado.

— É vossa excelência, senador cearense. Sabe que existe, no Senado, uma Comissão especial que acompanha a evolução do flagelo climático.

— Tenho, porém, o direito de possuir amor próprio — reage Távora.

— Se vossa excelência comparecesse às reuniões, saberia quais as causas que determinaram esse apelo, de todos os nordestinos, para se corrigirem as deficiências na prestação de assistência àquela região.

— A verdade é que o sr. presidente da República verificou que o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas não ia para diante, no Ceará — afirma Távora. — O dinheiro sumia e as obras não apareciam. Essa a verdade! Se o presidente Juscelino deseja sinceramente por cobro às malversação e desonestidades dos que estão ajudando a seca a liquidar o Ceará, não há tempo a perder. Se houver demora, dentro de poucos meses, os seus enviados encontrarão, apenas, naquela terra devastada pela seca e pela maldade humana, algumas dúzias de malfeitores, enriquecidos pela política, a tripudiarem sobre as ruínas de um deserto.

E o senador Fernandes Távora conclui seu discurso:

— Quadro doloroso das misérias de minha terra, não o faço obedecendo a qualquer sentimento de ódio ou de despeito, porque acima de todas as paixões que acaso me dominassem, estaria sempre o amor irremovível que dedico à minha gleba natal. Na longa caminhada política de mais de cinquenta anos, já me habituei a todas as vicissitudes da vida; e a experiência que tenho do convívio dos homens, já quase não me deixa lugar para surpresas. E não terá dificuldade em compreender esse meu estado de espírito todo aquele que meditar um pouco





Luís-Sérgio Santos

sobre o que pode gravar na alma de um homem meio século de constantes lutas, no ostracismo, a enfrentar despotismos liberticidas, extremos de patriotismo e de ideal humano! Durante todo esse tempo, tenho visto nascerem e morrerem muitas agremiações políticas, crescerem e tombarem potestades, que pareciam inabaláveis, desfeitas em pó, e cuja lembrança o tempo vai inexoravelmente apagando, porque no seu restrito âmbito, não cabem coisas eternas. Entre pequenas vitórias e grandes derrotas, de animo resoluto, vejo passarem os anos, amparado, tão somente, pela esperança de, um dia, algo fazer pela minha pátria! A calamidade climática, eterno duende da minha terra, golpeou-a, mais uma vez, crestando, como sempre os meus mais ardentes anseios de servi-la. A desdita da terra-mater me crucia o coração, mas não me dobra o ânimo. Embalde nos perseguirão com injustiças e maldades, homens e fados adversos. Continuo de pé. Meu espírito não se curvou, minha esperança não morreu!

— Aguarde vossa excelência a minha resposta — informa Parsifal.

— Era o que tinha a dizer, senhor presidente.

Ouve-se aplausos e apupos de “Muito bem, muito bem”.⁴²

Na sessão do dia seguinte, sob a presidência do senador Freitas Cavalcanti, o senador Parsifal Barroso é o primeiro inscrito.⁴³

Freitas Cavalcanti, ao fim da leitura do expediente passa a palavra ao “nobre Senador Parsifal Barroso, que, de acordo com o art. 81, § 3º do Regimento Interno, teve a inscrição mantida para conclusão do discurso ontem iniciado”.

Na tribuna, de posse de um maço de papel, o senador Parsifal inicia seu discurso:





— Senhor presidente: nada calou mais fundo na consciência coletiva do Ceará, no último pleito, do que a imensa e impressionante desproporção entre os meios poderosos de dominação a serviço dos nossos adversários e a pobreza de meios da nossa campanha, tanto que as perspectivas de vitória somente eram conhecidas e divulgadas fora do Ceará, a favor da Coligação Democrática. Quando a União Democrática Nacional iniciou o seu plano de junção de todas as forças políticas contra o Partido Social Democrático, logo demonstrando toda a potência dos seus recursos, e, também, começou a se esboçar uma reação em torno do meu nome, a intimidação chegou a tal ponto que muitos amigos me avivaram os cuidados, para não aceitar o lançamento da minha candidatura ao governo do Ceará. Com exceção dos Diários e Rádios Associados e da Rádio Dragão do Mar, todos os demais órgãos de publicidade falada e escrita já se encontravam adquiridos ou controlados pela Coligação Democrática, e nenhum táxi aéreo poderia ser mais controlado pelas Oposições Coligadas.

— Permite vossa excelência um aparte? — interrompe o senador Fernandes Távora.

— Com todo o prazer — concede Parsifal.

— Vou me permitir ler uma carta do dr. Aderbal de Paula Sales [ex-secretário da Educação do Ceará], ilustre facultativo de Fortaleza, ao Sr. Roberto Marinho, pela qual vossa excelência ficará certo – se é que já não está – de que não foram tão poucos os recursos de que lançaram mão os correligionários do nobre colega, na campanha política da qual saiu vitorioso.

A carta é a seguinte:

“Fortaleza, 17 de outubro de 1953

Dr. Roberto Marinho,

Meus cumprimentos,





Luís-Sérgio Santos

O jornal *O Globo* tem acentuado em suas colunas a interferência do Governo Federal na política interna do Rio Grande do Sul, com o fim de amparar e fortalecer a candidatura do sr. Leonel Brizola ao governo daquele Estado. Essa interferência, entretanto, convém acentuar, tem sido observada em todos os estados do Brasil em que o PTB apresenta candidato a um cargo executivo.

Aqui no Ceará, num setor menos amplo, mas de eficiência de certo valor, o IAPC [Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes], mais ou menos dez milhões de cruzeiros foram gastos na contubernia de empregos desnecessários aos serviços da autarquia, conforme documenta a lista inclusa. Até o fim do ano de 1957, dificilmente, um médico conseguia ser nomeado para esse Instituto, porque era limitado o seu quadro e quando vagas surgiam, o que se observava, raramente, logo após havia concursos honestos e rigorosos para o seu preenchimento, vindo profissionais de fora para examinar os recém-nomeados.

Este ano, no entanto, foram adjudicados à delegacia de Fortaleza, numa prodigalidade sem precedência, 82 médicos, 73 dentistas e nove enfermeiros que, em sua maioria, aqui residiam e clinicavam e designados para prestar os seus serviços em cidades do interior, para tão longe não podiam se locomover, porque não iam abandonar as suas atividades do local em que tinham residência fixa.

O DNOCS, outro fator crucial para a vitória do candidato recém-eleito, com a população rural sob o seu controle nas obras de emergência oriundas da calamidade climática que assola o Estado, foi o maior eleitor da candidatura do ex-ministro do Trabalho, inegavelmente nome dos mais dignos para exercer o Governo do Ceará. Concentrando os serviços contra as secas nas áreas em que a UDN era majoritária, como Assaré, Campos Sales, Quixadá, Milagres, Jardim, Ouro Branco, Missão Velha, Iguatu, Senador Pompeu, Reriutaba etc., no dia das eleições,





além das cadernetas de ponto de antemão distribuídas eleitoral e graciosamente, toda a sua maquinaria movida a gasolina, como uma divisão motorizada, pronta para entrar em ação, ficou à disposição da massa de eleitores dirigida do candidato do PTB, transportando-a para as respectivas seções, em que deveria votar sob opressão e atemorizada.

Subalimentada, faminta e doente, na tragédia de seu desespero, essa multidão sem vontade, que ganhava 40 cruzeiros por dia para almoçar e jantar com toda a sua família, geralmente com mais de cinco pessoas, quando o preço do feijão era de 40 cruzeiros o litro e 50 o quilo de carne, era obrigada, pelo temor, a curvar-se e obedecer. O dilema era trágico: votar no candidato do PTB ou perder o emprego que miseravelmente alimentava a sua fome crônica e aguda. O resultado natural foi a vitória da Democracia Oficial, paga pelo tesouro federal e prodigamente amparada pelo dinheiro da corrupção, que vindo para permitir a sobrevivência de um povo, criminosa e amoralmente serviu para subornar-lhe o caráter. Será uma nova forma de educação política oficial?

Ex-secretário de Educação e Saúde, e ex-deputado estadual, egresso, há muito, da política que, no Brasil, se fez a mais desumana arma de corrupção e suborno, quero, nesta carta, apenas prestar o meu depoimento, sem espírito partidário e isento de paixão, denunciando através de *O Globo* o processo que orientou as eleições no ano de 1958, no Ceará.

Atenciosamente,
Aderbal Sales”

O presidente da sessão faz soar os tímpanos e avisa:
— Permita o nobre senador Fernandes Távora ponderar que o Regimento estabelece que os apartes devem ser breves.
O senador Parsifal Barroso pede um “pela ordem”.⁴⁴





Luís-Sérgio Santos

— Senhor presidente, a fim de chegarmos a perfeito entendimento, pediria a vossa excelência considerasse a carta transcrita na sua íntegra, através do aparte do nobre senador Fernandes Távora. Eu procuraria, tanto quanto possível, responder, de modo genérico, ao teor da acusação nela contida. Evitaremos, assim, que o tempo de que disponho seja mais abreviado com a leitura total da carta em poder do nobre senador Fernandes Távora.

O senador Freitas Cavalcanti faz soar os tímpanos e alerta:

— O Regimento estabelece duas hipóteses para a transcrição de documentos nos Anais: uma através de leitura; outra, mediante requerimento submetido à discussão e votação do Plenário.

— Agradeço o esclarecimento, sr. presidente mas é desnecessário — atalha Fernandes Távora. — Já li toda a carta. Faltava apenas enunciar o nome de quem a assina, o doutor Aderbal Sales.

— Continua com a palavra o nobre Senador Parsifal Barroso — conduz o presidente.

— Sr. presidente, senhores senadores, responderei à carta lida pelo nobre senador Fernandes Távora, através de três argumentos, já por mim de certo modo, desenvolvidos, quando aparteava sua excelência da primeira vez. Não há dúvida de que todos os desejos do governo udenista do sr. Paulo Sarasate e Flávio Marcílio, concedeu-os o governo federal. O sr. presidente da República atendeu ao Governo do Ceará em tudo quanto entendeu necessário para acudir às necessidades do Estado; mas, na realidade, visavam eles ao atendimento de objetivos políticos. Tudo foi dado; nada foi negado.

— Vossa excelência sempre diz que o Governo Federal tudo concedeu ao Governo do meu Estado; no entanto, o auxílio dado foi aos flagelados.

— Responderei a vossa excelência.





— A esse benefício está o governo da República obrigado, mesmo que Pedro-Botelho⁴⁵ estivesse na presidência do Ceará. Vossa excelência deve abandonar a ideia de que o sr. Juscelino Kubitschek atendeu a solicitações do sr. Paulo Sarasate ou do sr. Flávio Marcílio. Sua excelência fez muito bem em socorrer os flagelados; louvo esse seu gesto.

— Não abandono a argumentação, porque todos os favores solicitados pelo governo udenista do Ceará ao sr. presidente da República, e por sua excelência concedidos, importaram na utilização de benefícios políticos em favor das candidaturas da Coligação Democrática.

— Faça vossa excelência o obséquio de dizer qual o ato praticado pelo sr. Paulo Sarasate em favor da candidatura Virgílio Távora? Aponte-me um!

— Não queira vossa excelência desviar-me do raciocínio...

— O raciocínio é esse... que estou desenvolvendo, para provar que o Governo Federal nunca desatendeu ao Governo udenista do Ceará; e os benefícios obtidos através desse atendimento visavam a objetivos políticos com reflexos claros e evidentes, durante a campanha.

— Vossa excelência está se eximindo da razão. Então quem pede socorro para os flagelados que estão morrendo de fome e na miséria, tem o intuito de arranjar votos?

— É claro que não!

— O Governo do Ceará solicitou do Executivo Federal, porque a ele devia dirigir-se.

— Permite vossa excelência que continue. Não estou raciocinando nem argumentando com recursos destinados aos flagelados.

— Como o Tesouro Estadual não tinha recursos para atender aos flagelados, recorreu ao Governo Federal — insiste Fernandes Távora.





Luís-Sérgio Santos

— Vossa excelência não me deixa continuar; não estou argumentando com recursos destinados aos nossos irmãos flagelados e sim com empréstimo do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, por meio do qual os candidatos da Coligação Democrática realizaram a “Passeata do progresso econômico do Ceará”, exibindo todas as máquinas adquiridas no estrangeiro através da liberalidade daquele banco, por determinação do senhor presidente da República.

— Pelo que vossa excelência diz, um governo estadual, desde que oposição, não pode solicitar do Governo Federal qualquer auxílio para melhorar a agricultura, a pecuária, desenvolver a indústria. Tenha paciência! Não é raciocínio para um homem como vossa excelência.

— Pode pedir empréstimo; mas não o deve utilizar, como fizeram os correligionários de vossa excelência, exibindo ao povo de Fortaleza as máquinas adquiridas com financiamento do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, como demonstração de que tinham mais prestígio perante o Governo Federal que o Partido Social Democrático e o Partido Trabalhista Brasileiro.

— Pergunto a vossa excelência: essas máquinas eram ou não para melhoria da agricultura do Ceará?

— Quem discute a utilidade daquelas máquinas? Ninguém!

— Era exatamente o que desejavam: tornar evidente que não se haviam desinteressado pelo bem do Ceará e que procuravam fazer alguma coisa em benefício do País.

— Discutimos a utilização das máquinas compradas com o empréstimo do Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico, com objetivo político claro, determinado e inequívoco, que não pode ser desmentido. Sabe vossa excelência que houve a “Passeata do progresso econômico do Ceará”, à custa dessas máquinas. Nega-o, vossa excelência?





— Vossa excelência está querendo tirar uma ilação que não julgo razoável. O Governo que recebe máquinas do Governo Federal para desenvolver a indústria, melhorar a pecuária, a agricultura e mostra-as ao povo prova apenas que está exercendo corretamente suas funções, nada mais.

— Vossa excelência não focaliza o ângulo que apresentei. Estou-me referindo à utilização das máquinas através do propósito de propaganda política, do conhecimento de vossa excelência, e através do qual os candidatos da Coligação Democrática procuraram demonstrar terem mais interesse e prestígio para a realização das metas do progresso econômico do que nós, das Oposições Coligadas.

— Que tinham mais interesse do que os correligionários de vossa excelência nem há dúvida. Se, porém, vossa excelência ficou enciumado não tenho culpa.

— Se vossa excelência permite, vamos ao segundo argumento. O Governo da República, já nas proximidades da eleição, forneceu, através de letras do Tesouro, o empréstimo de Cr\$ 160.000.000,00 ao Governo do Ceará, para que realizasse objetivos, que poderiam ser defensáveis, no momento em que foi solicitado o empréstimo, mas tinham, também, fins políticos – e o dinheiro foi utilizado durante a campanha eleitoral.

— A que se destinava o empréstimo?

— Até hoje só se pode garantir que o empréstimo serviu para, depositadas as importâncias em bancos particulares, através dos juros e das comissões que possibilitavam, ser alimentada a caixinha política da Coligação Democrática.

— Vossa excelência havia de arranjar, naturalmente, algo com que nos acusar.

— Ainda estou investigando, quanto ao emprego dos Cr\$ 160.000.000,00 emprestados pelo Governo Federal, em letras do Tesouro.





Luís-Sérgio Santos

— É muito fácil. Vossa excelência, dentro em breve, estará “descascando esse abacaxi” que comprou tão caro; mas aquilo que o atual Governo do Ceará tomou emprestado há de encontrá-lo, porque se trata de homens honrados.

— Pela primeira vez, vossa excelência está sendo sincero, ao referir-se ao belo “abacaxi” que a União Democrática Nacional preparou para o futuro Governador do Estado — retruca Parsifal.

— Não! Quem o preparou foi a seca; do contrário, vossas excelências estariam em franca minoria.

— Os empréstimos, as nomeações feitas em demasia pelo governador do Estado, os encargos assumidos, muito acima das possibilidades financeiras do Tesouro estadual. Todos esses desmandos são da responsabilidade do governador udenista. Vossa excelência tem razão em dizer que me será entregue um belo “abacaxi”.

— Posso assegurar a vossa excelência que, quando assumir o governo do Ceará, encontrará as contas em perfeita ordem; e então se convencerá de que as acusações ao atual governador são de todo injustas.

— Já ontem, li, desta tribuna, acórdão do Tribunal de Contas do Ceará, do qual se infere, sem dificuldade, que os gastos feitos pelo governo, nesta fase, tiveram intuito político, razão por que várias dessas despesas estão sendo recusadas por aquele órgão. Aliás, o fato ficou provado quando procedi a leitura do acórdão, no meu discurso de ontem.

— Vossa excelência ainda fala no caso da Cadeia do Crato, onde os presos estavam morrendo sufocados! Deixe a história dos dois milhões de cruzeiros do Tribunal! Aliás, o Tribunal é composto, quase todo, de adversários.

— Como não bastassem os empréstimos, o ilustre deputado sr. Virgílio Távora, filho de vossa excelência e candidato ao governo do Ceará, conseguiu que o sr. presidente da República,





contrariando a Companhia Hidrelétrica do São Francisco, aprovasse o Plano de Eletrificação, divulgado durante toda a campanha como o “Plano Virgílio Távora”, aprovado pelo chefe da Nação.

— Permita vossa excelência mais um aparte. O Plano da Eletrificação Geral do Ceará foi aprovado não só pelo deputado Virgílio Távora, como por toda a bancada cearense.

— Vossa excelência torce novamente a questão.

— Por conseguinte, vossa excelência não pode atribuir responsabilidade apenas ao deputado Virgílio Távora, porque é de toda a bancada cearense. Se erro houve, é de todos. A meu ver, no entanto, não erraram.

— O plano que o sr. presidente da República aprovou, contrariando a Comissão Hidrelétrica do São Francisco, foi utilizado abusivamente durante a campanha do sr. Virgílio Távora — reforça Parsifal. — Vossa excelência sabe que a base da sua campanha foi a eletrificação do estado do Ceará, através do seu Plano aprovado nas condições que já expliquei.

— O plano, já o disse, mereceu a aprovação de toda a bancada cearense. Vossa excelência não nega esse fato.

— Não nego.

— O plano foi de autoria do deputado Virgílio Távora; por que não poderia ele utilizá-lo na sua campanha? É serviço à sua terra.

— Realmente, ele o elaborou e valeu-se da aprovação do sr. presidente da República em proveito de sua candidatura.

— Tinha mesmo obrigação de utilizá-lo.

— Quer vossa excelência que, para amenizar um pouco o ambiente, com minha responsabilidade, diga o que, ainda há pouco, ouvi no almoço da Confederação das Indústrias?

— Não estou pedindo misericórdia. Não a imploro de homem algum.





Luís-Sérgio Santos

— No almoço dos governadores eleitos do Nordeste, meu ex-colega e ilustre Governador do Rio Grande do Norte, sr. Dinarte Mariz, revelou que teve a ideia, tão logo assumiu o poder, de unir os esforços dos governadores do Nordeste, visando à elaboração de um planejamento regional que viesse a recuperar a área do polígono das secas. Então, dando os primeiros passos, convidou o ex-governador do Ceará, o nosso comum amigo Paulo Sarasate, a colaborar na elaboração desse planejamento, tendo ouvido a seguinte ponderação: “Ora, Dinarte, eu e você somos tão bem tratados pelo sr. presidente da República, conseguimos tanto para os nossos Estados, com tanta facilidade, que nos iremos prejudicar, dentro de um planejamento de conjunto, dentro de uma Comissão ou de esquema, em que apenas sejam apontadas as soluções gerais e não regionais, que importariam valorização do Nordeste”. Prova o fato a alta consideração de que sempre gozou o sr. Paulo Sarasate perante o governo da República. Sua excelência e a bancada da UDN, poderiam levar para o Estado tudo quanto desejassem. Digo isso, porque vossa excelência insiste em apresentar-me como beneficiário-mor e exclusivo do que o governo Federal possa ter feito pelo Ceará. Se vossa excelência não insistisse tanto nessa tecla, eu não chegaria a revelar o que ouvi.

— Vossa excelência está demonstrando que o governador Paulo Sarasate é homem honrado e por isso mesmo mereceu as atenções do senhor presidente da República.

— Revelarei quanto ainda há pouco ouvi no almoço oferecido aos governadores do Nordeste, na Confederação Nacional das Indústrias — repete Parsifal. — Vossa excelência parte de uma premissa — a de que sou o beneficiário-mor de tudo quanto o governo Federal tenha feito pelo nosso Estado; e eu, contrapondo-me ao argumento de vossa excelência, insisto em





que beneficiário-mor foi o governo udenista do Ceará, e não as Oposições Coligadas.

— Contradito, exatamente, nesse ponto: não é o governo udenista o considerado pela presidência da República, mas o Ceará, que tudo merece e de tudo tem necessidade urgente.

— Merece muito mais.

— Se o sr. presidente Juscelino Kubitschek ajudou o Ceará teve atuação louvável – o que é raro — diz Távora.

— Vossa excelência não mais se recorda do aparte que lhe dei quando pronunciava seu discurso. Disse que sua excelência, o sr. presidente da República, havia feito muito bem em ajudar o Ceará...

— Se fez bem, deixemo-lo com o galardão — interrompe Távora.

— ... porque o Ceará merece muito mais; mas que o fizera por patriotismo e por ignorar que os udenistas do Ceará iriam se transformar em beneficiários de todos esses favores, durante a campanha política, como realmente aconteceu.

— O fato é que vossa excelência julga que o sr. Juscelino Kubitschek não podia dar nem uma agulha ao Ceará. Tudo que desse ao governo udenista, em benefício do Ceará, seria em prejuízo da candidatura de vossa excelência. Esse o seu raciocínio; raciocínio, aliás, muito egoísta.

— Egoísta de modo algum — se eleva Parsifal. — Absolutamente não. Vossa excelência se engana. Meu raciocínio não tem essa mesquinhez, que vossa excelência me quer atribuir. Sustento que todos os benefícios pedidos pelo governo udenista do Ceará ao sr. presidente da República foram dados, utilizados, porém, na campanha política das candidaturas da Coligação Democrática contra as das Oposições Coligadas.

— Iria o sr. presidente da República proteger as candidaturas da Coligação Democrática contra a de vossa excelência?





Luís-Sérgio Santos

Só como pilhéria poder-se-ia admitir que o sr. Juscelino Kubitschek protegesse candidatos da União Democrática Nacional contra vossa excelência, seu ministro do Trabalho.

— Há pouco, vossa excelência lia uma carta onde eram mencionadas nomeações excessivas na Previdência Social do Estado do Ceará.

— Sim, sim.

— Pois bem, veja vossa excelência a desvantagem. Mesmo que tivéssemos feito nomeações em excesso – o que não é verdade e o provarei a *posteriori*, comentando a carta que vossa excelência leu durante o seu aparte – nós, que dependíamos do governo federal, a partir de 19 de maio, tivemos nossas portas trancadas no que dizia respeito a empregos e empréstimos, enquanto que o governo do Ceará continuava nomeando torrencialmente. Até o dia 3 de outubro, mais de dois mil funcionários foram nomeados pelo governo do Estado, enquanto que nós, do Partido Social Democrático e do Partido Trabalhista Brasileiro, desde 19 de maio, não podíamos nomear uma só pessoa. Aí está a desvantagem.

Fernandes Távora argumenta:

— Não nomearam ninguém? Todos sabem como fizeram. Quando o governo baixou a portaria, suspendendo as nomeações, milhares e milhares de pessoas já tinham sido beneficiadas.

— Deseja vossa excelência que eu leia as estatísticas?

— Não há mais tolos; ninguém acredita nessa história.

— Permita vossa excelência que eu continue. Quando vossa excelência fala em nomeações excessivas – centenas e milhares – não traduz a realidade. Quer que exemplifique?

— Corresponde à verdade apenas o que vossa excelência diz?

— Provarei com o *Diário Oficial* — responde Parsifal.

— Pertence a vossa excelência o monopólio da verdade?

— Provarei, com o *Diário Oficial*, as nomeações excessivas do governo estadual, principalmente depois que baixou portaria





vedando as admissões. Demonstrarei, com os Diários Estaduais, quantas foram feitas mensalmente, que ultrapassaram a casa dos dois mil.

— E eu não poderei provar? Todos afirmam que foram feitas nomeações; e vossa excelência se limita a dizer que não foram feitas.

— Quando o nobre colega se refere aos excessos do Partido Trabalhista Brasileiro, comete injustiças e falta à verdade, conforme provarei. Por exemplo, ao referir-se ao SAMDU de Sobral, vossa excelência diz: “Em Sobral foram feitas as do SAPS, as da Casa Popular, e as do SAMDU, com 23 médicos, dez ambulâncias e centenas de empregos de sete mil a quinze mil cruzeiros. Eis como fotografa as nomeações para o SAMDU de Sobral. Deseja vossa excelência saber quantas nomeações realmente foram feitas? Ouça a resposta do Diretor-Geral do SAMDU, estarecido, diante desse exército de ambulâncias e de funcionários que vossa excelência incluiu no seu discurso: em vez de dez ambulâncias, apenas uma.

— Reproduzi o que foi publicado no Ceará — diz Távora.

— Louva-se vossa excelência em publicações, nobre senador Fernandes Távora?

— O nobre colega não pode negar que foi publicado; se é verdade, não sei.

— Abastece-se vossa excelência nas informações da imprensa da Coligação Democrática contrária a nós! E com a autoridade de senador da República vem dizer que Sobral tem dez ambulâncias, quando o Diretor Geral do SAMDU declara que só tem uma!

— Entende vossa excelência que eu devia colher informações na imprensa que lhe é amiga? Tenha paciência; não sou tão ingênuo.

— Diz vossa excelência que Sobral tem vinte e três médicos, no entanto o Diretor-Geral do SAMDU, contestando a





Luís-Sérgio Santos

informação de vossa excelência a esta Casa e ao Brasil, pois não poderia ficar calado, esclarece que há apenas uma ambulância. Quanta inverdade de vossa excelência!

— O que disse estava escrito; não inventei — revela Távora.

— Estava escrito em fonte onde vossa excelência não deveria ter ido abeberar-se. É o ponto de vista que sustento. Com a sua responsabilidade de senador da República, não deveria ter procurado informações em carta como essa que recebeu, ou através de noticiário.

— A carta que tenho em mãos é assinada por um dos homens mais dignos do Ceará: o meu colega dr. Aderbal Sales. É pessoa que, quando afirma qualquer coisa, merece crédito.

— Não discuto esse aspecto.

— Referiu-se vossa excelência à carta.

— A informação sobre as dez ambulâncias consta dessa carta? De onde vossa excelência tirou? Declarou o nobre colega ao Senado que eu havia inaugurado um centro do SAMDU, em Sobral, com 23 médicos, dez ambulâncias e centenas de empregados que percebiam de 7 mil a 15 mil cruzeiros.

— Tirei a informação de um jornal daqui. Não lembro qual, não posso guardar de memória, mas não a inventei — informa o senador Fernandes Távora.

— Veja quão frágil é a base de acusação de vossa excelência! Passo a ler a carta do diretor-geral do SAMDU, porque o senhor Francisco Laranja não poderia admitir que o Serviço que dirige, fosse criticado dessa forma.

— Se vossa excelência entende não ser verdadeira a informação publicada em um jornal do Rio de Janeiro, não faço questão de retirar essa acusação, ficando vossa excelência, portanto, com uma acusação a menos na sua campanha eleitoral.

— Grato à nobreza de atitude de vossa excelência.

— Costumo proceder com nobreza — revida Távora.





— ... e para que saiba, realmente, a composição do SAMDU de Sobral, leio o trecho da carta do professor Francisco Laranja, assim concebido: “Posto Tipo C, instalado em 28 de outubro de 1956. Ocupa prédio cujo aluguel corresponde a três mil cruzeiros, e funciona com lotação de pessoal de oito médicos, quatro auxiliares do serviço médico, dois escreventes datilógrafos, quatro motoristas, dois serventes e uma telefonista”.

— Já é alguma coisa.

— Onde estão as centenas de funcionários? Empregou vossa excelência a palavra “centenas” — desafia Parsifal.

— É o que li.

— Vossa excelência lê mal.

— Se vossa excelência contesta, não faço questão de retirar o que li.

— Deveria vossa excelência ter feito a sua acusação com base em informação verídica, real. Desejava vossa excelência justificar a reação do povo de Sobral porque o SAMDU fora instalado com o equipamento de dez ambulâncias e centenas de funcionários, regidamente remunerados. A reação fora contra esse excesso. Quando afirmei que o governo do Ceará abusou de nomeações, e as fez, principalmente, depois que, em face do Decreto de 19 de maio, não havia possibilidade de admissões no serviço público federal, ou autárquico, baseei-me nos Diários Oficiais daquele Estado. Vossa excelência, no entanto, para apresentar informações contra minha pessoa, referentes ao SAMDU, de Sobral, valeu-se de dados publicados na Imprensa, os quais, diante da prova que ofereci, não merecem fé.

— Por que não acreditar eu nas notícias veiculadas pela imprensa? Creio nelas e as transmito, na melhor boa fé. Se, porém, vossa excelência repisa na afirmativa de não serem elas exatas, não faço questão de mantê-las.

— Essa, a única circunstância que eu desejava frisar. Louvo, aliás, a atitude de vossa excelência ao me descontar, no seu





Luís-Sérgio Santos

arraçado, ou no seu libelo, de acusações, essas ambulâncias e esses funcionários do SAMDU, de Sobral.

— Já ganhou vossa excelência quantidade apreciável de ambulâncias!

— Meu nobre colega, senador Fernandes Távora, há também SAMDU em Juazeiro e no Crato; e vossa excelência sabe que o Partido Trabalhista Brasileiro perdeu nesses dois municípios.

— Declarei que no Crato havia uma ambulância do SAMDU.

— No discurso de vossa excelência não há referência ao Crato.

— Deve ter havido falha na publicação do Diário do Congresso.

— Talvez vossa excelência tivesse a intenção de aludir ao Crato; mas perdoe-me a insistência, em seu discurso não há qualquer menção àquela cidade.

— Está bem! Fica o Crato sem ambulâncias.

— Lembro que há SAMDU também em Juazeiro do Norte e no Crato e nesses municípios o Partido Trabalhista Brasileiro perdeu a eleição — informa Parsifal que, na sequência, continua a leitura do seu discurso:

— Sr. presidente, srs. senadores, retomo o fio às minhas considerações após responder aos apartes do nobre senador Fernandes Távora. Não havia dúvida em nenhum espírito, quanto ao excesso de recursos em poder dos nossos adversários, e somente nos ficamos impossibilitados de custear a campanha ao nível das necessidades impostas, dia a dia, pela vertiginosa opulência dos nossos adversários, e durante algum tempo muitos admitiram que a nossa penúria causasse a nossa derrota.

O senador Fernandes Távora atalha:

— Pela primeira vez, um governo do Ceará – governo democrático – ficou tão cheio de dinheiro e de recursos! Eu não sabia de nada dessas coisas que vossa excelência tanto tem preconizado aqui.





— O que estou dizendo a vossa excelência – se me permite – é que era do domínio público a desproporção gritante, o desnível imenso entre os meios de propaganda e de ação dos candidatos da Coligação Democrática, em face da penúria, da escassez, da pobreza dos nossos recursos. Vossa excelência sabe, por exemplo, que o plano muito habilmente urdido pelo nobre deputado Virgílio Távora era de caráter militar, e, então, nem táxis aéreos pude conseguir, para sobrevoar o Ceará durante a campanha. A abundância de recursos era tamanha, que todos os táxis-aéreos foram previamente fretados, a fim de que eu fizesse a campanha de automóvel, a cavalo, ou a pé.

— Vossa excelência já alegou isso mais de uma vez.

— Se eu tivesse a riqueza de recursos que vossa excelência me atribui, ter-me-ia antecipado e fretado os táxis-aéreos existentes no Ceará.

— Vossa excelência diz que os aviões eram todos do coronel Virgílio Távora.

— Todos.

— No entanto, vossa excelência contratou um avião por dez mil cruzeiros diários.

— Claro. Que mal há nisso?! Se eu franciscanamente...

— Então vossa excelência, um pobrezinho, pôde alugar um avião por 10 mil cruzeiros diários, e depois afirma que não tinha nada.

— Vossa excelência me permite? O orador sou eu! Franciscanamente, apenas consegui, de uma firma comercial, que me fosse cedido um avião nos últimos dias, o que foi uma grande gentileza.

— Gentileza que custa dez mil cruzeiros diários, é grande gentileza.

— Esse o único transporte aéreo que me foi possível utilizar. Saiba vossa excelência que essa penúria era notada por todo o Ceará, porque enquanto o deputado Virgílio Távora chegava





Luís-Sérgio Santos

com uma esquadrilha aérea, com uma comitiva, eu conseguia chegar sem comitiva, levando apenas o candidato a vice-governador, porque mal pude obter esse único avião, fretado por dez mil cruzeiros, enquanto, repito, o filho de vossa excelência fez a campanha com uma esquadrilha aérea.

— Estou quase com pena de vossa excelência. Tão pobre, tão desajudado, que até dá pena à gente.

— Isso prova que as facilidades estavam do lado de lá, e que eu lutei e venci, como já disse e mais uma vez repito, unicamente com a graça de Deus e o favor do povo.

— Está visto que houve milagre. [Riso.]

— Não acredita vossa excelência em milagre?

— Diante da pobreza de vossa excelência, diante de tudo que havia, inclusive, observado que existia superioridade nossa de setenta mil correligionários sobre os de vossa excelência, sair o nobre colega vitorioso, foi sem dúvida milagre.

— Repito a minha pergunta: vossa excelência não acredita em milagre?

— Se vossa excelência ganhou sem nenhum auxílio, positivamente, foi milagre.

— Estou provando, sr. presidente e srs. senadores, que essa abundância de recursos e essa potência de ação, que me são atribuídas, através dos recursos do Governo Federal, tudo isso era privativo da Coligação Democrática. E durante muito tempo foi explorado até o complexo que se formava, porque aonde chegávamos, nesse avião, sem comitiva, apenas podíamos mostrar ao nosso eleitorado o candidato a governador e a vice-governador. Rádios, jornais, táxis-aéreos, propaganda em cartazes, em faixas, em boletins, tudo isso foi previamente monopolizado pela Coligação Democrática, pela soma de recursos de que dispunha. E, psicologicamente, foi isso que me salvou.

— Milagre!

— Claro que foi milagre, e não pequeno.





— Vossa excelência, apesar de formação católica que possui...

— Vossa excelência, lutando até contra o Governo Federal, pelo que diz, e acabar vencendo, é coisa sobrenatural, não ponho dúvida!

— ... que possui e que respeito, está se referindo ao milagre num tom que não fica bem a uma consciência católica.

— Não, não é questão de católico! Vossa excelência está dizendo coisas, que só milagre. Se eu demonstrei, e todo mundo sabe, que nós tivemos setenta e cinco mil e tantos eleitores registrados a mais que os Partidos que apoiaram vossa excelência; se tivemos ao nosso lado, em nossa chapa, um prefeito de Fortaleza que por si só se elegia; se tínhamos todos esses recursos que vossa excelência alega e vossa excelência ainda acaba vencendo, então é coisa sobrenatural – não tenho dúvida nenhuma! E diante do sobrenatural eu me curvo.

— Vossa excelência me perdoe.

O presidente da sessão faz soar os tímpanos e informa:

— Lembro ao nobre senador que está por esgotar o tempo de que dispõe.

O senador Fernandes Távora tem uma demanda, pela ordem:

— Sr. presidente, peço a vossa excelência consulte a casa sobre se consente na prorrogação da hora do Expediente, a fim de que o nobre senador Parsifal Barroso possa concluir o seu discurso.

O presidente:

— A mesa diretora recebeu, a um só tempo, solicitação por parte dos srs. senadores Fernandes Távora e Victorino Freire para prorrogação da hora do Expediente, a fim de que o sr. senador Parsifal Barroso possa concluir o seu discurso. O requerimento do nobre senador Fernandes Távora é regimental. Os senhores senadores que aprovam o requerimento de prorrogação da hora do Expediente queiram conservar-se sentados.





Luís-Sérgio Santos

[Pausa] Está aprovado. Continua com a palavra o nobre senador Parsifal Barroso.

— Sr. presidente, agradeço a vossa excelência e, mais uma vez, também a iniciativa do nobre senador Fernandes Távora, requerendo prorrogação da hora do Expediente, para que eu conclua o meu discurso, e aos meus nobres colegas a aquiescência a esse requerimento. [Lendo] Agora podemos assegurar que a grande lição, a ser aprendida por todos quantos participaram da última campanha no Ceará, é justamente de que a supersaturação de propaganda e de dominação políticas dos nossos adversários, por não sintonizar com o sentimento coletivo, fez que o povo reagisse através de todos os meios pobres, ao nível de sua contingência, transformando a cédula única no legítimo instrumento de sua vontade livre e soberana. Eis o que realmente ocorreu no Estado do Ceará.

— Reação do estômago — retruca Fernandes Távora.

— Chegarei até onde vossa excelência quer levar-me — responde Parsifal. — Estou ainda em plano espiritual e vossa excelência procura arrastar-me para o plano estomacal.

— Não desejo levar vossa excelência para parte alguma.

— Vossa excelência há de desculpar-me; mas toda vez que falo na graça de Deus, que me refiro à reação popular...

— Agora não falei em graça de Deus, nem vossa excelência.

— ... na força da coletividade, vossa excelência atrai-me imediatamente, com seus apartes, para o terra-a-terra; chama-me para examinar a questão estomacal. No devido tempo, vossa excelência há de me permitir, abordarei o assunto.

— Vossa excelência julga que não o devo trazer para a terra, continue nas alturas. Se pretender chegar ao céu, não será por culpa minha que não o conseguirá.

Parsifal continua sua leitura:

— Feita portanto a prova de que o Governo Federal jamais deixou de atender às solicitações do governo udenista dos





senhores Paulo Sarasate e Flávio Marcílio, possibilitando-lhe a obtenção de tudo quanto se destinava ao desenvolvimento econômico do Estado, mas foi realmente utilizado como propaganda da campanha política, e evidenciada a fragilidade dos nossos recursos, resta-me debater cada uma das alegativas feitas pelo nobre senador Fernandes Távora, no vão intuito de provar o contrário. Antes, porém, e em virtude de um telegrama que recebi do professor José Denizard Macedo de Alcântara, sinto-me obrigado a voltar ao debate do apoio comunista à candidatura do sr. Virgílio Távora, pois o nobre senador Fernandes Távora o interpreta como uma manobra do sr. Luís Carlos Prestes, para atrair a condenação católica à candidatura do seu ilustre filho. Durante a campanha foi denunciado o pagamento de publicidade no órgão oficial dos comunistas, *O Democrata*⁴⁶, através do andamento de alguns processos no Tribunal de Contas do Estado, tais como os de números 5.149-58, 5.883-58, 5.836-58, 5.630-58, 6.142-58 e 3.470-58, sendo público e notório que logo após o pleito o referido jornal suspendeu sua circulação diária. O telegrama que passo a ler é mais uma prova de que o sr. Américo Barreira foi um dos generais da campanha da Coligação Democrática, não apenas por simpatia, mas em virtude de um compromisso político. Peço permissão ao Senado para ler o telegrama que me foi dirigido pelo professor José Denizard Macedo Alcântara, catedrático da Escola Preparatória de Fortaleza.

“Comunico ao prezado amigo que o governador acaba de demitir-me de minha cadeira na Escola Normal, embora amparado por concurso e mais quatorze anos de magistério público, além de, por lei estadual de 18 de agosto passado, que concedeu minha efetivação. A medida teve caráter de perseguição política pela minha atitude no pleito, comprovada





Luís-Sérgio Santos

pela escolha acintosa do líder comunista Américo Barreira para meu lugar. Abraços.

Denizard Macedo.”

— Ainda considera vossa excelência que o apoio do líder comunista foi por simpatia?

— Como? Não entendi.

— Não entendeu? Vou repetir.

— Repita, por favor.

— Quando disse que tivera, ainda, a desvantagem de haver sido vetado pelo sr. Luís Carlos Prestes e nivelado pela Igreja Católica a seu ilustre filho, respondeu-me vossa excelência que o apoio comunista a Virgílio Távora fora manobra malévola, para incompatibilizar sua candidatura aos olhos dos católicos.

— Aliás, a manobra é conhecidíssima.

— Estou provando que não foi essa a manobra; do contrário, o nobre deputado Virgílio Távora teria tido tempo e meio para desfazer-se do apoio comunista, como fez o senhor Leonel Brizola, no Rio Grande do Sul.

— Já disse a vossa excelência e à Casa que ele publicou declaração de que nada tinha que ver com os comunistas, cujos votos não queria.

— Está pagando agora o compromisso. Quando eu disse que um dos generais da campanha tinha sido o líder Américo Barreira, a fim de provar que o apoio não era dado, teoricamente, para fazer mal ao sr. Virgílio Távora, vossa excelência respondeu-me: “Mas o sr. Américo Barreira apenas ficou com a candidatura de meu filho por simpatia”.

— Só podia ser assim — assegura Távora.

— E eu reafirmei: trata-se de um líder comunista que representou o Partido na caravana da Coligação Democrática. O professor José Denizard Macedo de Alcântara – que vossa excelência conhece...





— É integralista. Daí a luta. Vossa excelência sabe que conheço aqueles caboclos todos.

— Vossa excelência, então, julga os comunistas tão bonzinhos que não fossem pedir, na hora da cobrança do acordo, a cabeça do líder integralista? Ora, vossa excelência não é tão ingênuo! Aqui está a prova mais caracterizada de que se está cumprindo um acordo político, porque o sr. Américo Barreira pediu a cabeça do líder integralista e o Governador do Estado, embora o Professor José Denizard Macedo de Alcântara fosse efetivo como Catedrático da Escola Normal, o demitiu para nomear na sua vaga o líder comunista Américo Barreira. É o que diz o professor José Denizard Macedo de Alcântara, no seu telegrama de protesto. Estou usando o telegrama para provar a vossa excelência que o apoio dos comunistas, ao sr. Virgílio Távora, não foi, como vossa excelência supõe, simples perversidade do sr. Luís Carlos Prestes.

— Que culpa temos de os comunistas brigarem contra os integralistas? É uma luta entre dois “ismos”, com a qual nada temos que ver. É a mesma desordem, a mesma gente ruim, inconsequente, que vive a brigar entre si, mas não tem importância.

— Quem autorizou ao líder comunista Américo Barreira a obter a demissão do professor José Denizard de Alcântara?

— O comunismo no Nordeste não tem importância. Eu, pelo menos, não lhe empresto importância.

— Como não tem importância, senador Fernandes Távora? O líder Américo Barreira fez parte da campanha do filho de vossa excelência e agora tem força para demitir o líder integralista na Escola Normal e tomar o seu lugar. Vossa excelência conclui, então, que o apoio do Partido Comunista ao sr. Virgílio Távora, o foi em consequência de perversidade do sr. Luís Carlos Prestes?

— Digo que Luís Carlos Prestes, quando entende aprovar ou apoiar um candidato...

— Tenciona fazer mal?





Luís-Sérgio Santos

— ... tem o intuito de liquidar aquele candidato. Não dispõe da força que alardeia, que proclama, mas prejudica perante o clero, como quer.

— Estou provando o contrário.

— No Ceará, vossa excelência sabe que o comunismo não tem 100 mil votos.

— Estou provando que o jornal comunista *O Democrata* recebeu publicidade e dinheiro do Estado, durante a campanha eleitoral, e agora o professor Américo Barreira conseguiu que o governo estadual praticasse ato ilegal com a demissão do professor José Denizard Macedo de Alcântara, cujo lugar assumiu a seguir.

— Não acredito em conversa integralista. Integralista e comunista são a mesma coisa, “lé com lé, cré com cré”. Um equivale ao outro.

— Não acredita vossa excelência? Se não se convence, diante da minha argumentação...

— Vamos cuidar de outro assunto. Não levo essa gente em consideração.

— Vossa excelência não acredita no telegrama?

— Integralistas e comunistas não levo em consideração.

O senador gaúcho Mem de Sá irrompe do plenário:

— Muito bem!

— Não estamos aqui tratando de uma pessoa isoladamente, ligada ao integralismo ou ao comunismo — salienta Parsifal. — Trata-se de um professor, com direito de permanecer numa cátedra, da qual é despojado pela pressão do líder comunista que acompanhou o filho de vossa excelência na campanha eleitoral.

— São dois indivíduos que desejam prejudicar-se — diz Fernandes Távora. — Vossa excelência está se servindo de pessoas absolutamente suspeitas.

— Tenho a impressão de que o líder comunista apenas tentava ver se vossa excelência se convencia.





— Não queira misturar os assuntos, trazendo a questão para este terreno.

— Quando vossa excelência não se quer render, diante da realidade, é inútil. Vou passar a outro assunto.

— É melhor deixar os integralistas de mão.

Parsifal continua a leitura a do seu discurso:

— Os poucos e indispensáveis benefícios que as Oposições Coligadas propiciaram ao povo cearense, nada valem se comparados com a avalanche de obras, serviços e nomeações que a Coligação Democrática ia, crescentemente, realizando numa antecipação de cumprimento de suas promessas eleitorais. Não poderia deixar de citar a esta altura a utilização eleitoral do Fundo de Incremento à Produção, através do qual o tesoureiro da campanha, sr. Jorge Furtado Leite, recebeu, em 1958, adiantamentos num total de 3.411.700,00 cruzeiros conforme publicação feita pelas Oposições Coligadas, em Fortaleza, e vendeu as enxadas de sua firma no total de 4.737.100,00 cruzeiros.

— Quem recebeu todo esse dinheiro?

— O sr. Jorge Furtado Leite, tesoureiro da campanha da Coligação Democrática.

— Onde o arranjou?

— Recebeu-o do Fundo de Incremento à Produção, através de adiantamentos. Parte desse dinheiro, por sinal a maior, foi resultado da venda que o próprio Jorge Furtado Leite fez ao Fundo de Incremento à Produção, de enxadas que a Coligação Democrática distribuiu, como propaganda eleitoral.

— Jorge Furtado Leite gastou muito dinheiro, mas dele. É milionário, não um pobrezinho como vossa excelência.

— Não me estou referindo ao que o sr. Jorge Furtado Leite gastou do seu bolso, para se eleger deputado federal, mas ao que recebeu, em adiantamentos, através do Fundo de Incremento à Produção, para fomentar a campanha política do ilustre filho de vossa excelência.





Luís-Sérgio Santos

— Vossa excelência afirma, mas não sei se é verdade.
— Quer vossa excelência que eu leia os números dos processos? Tenho, aqui, o Diário Oficial, que publica os números dos processos correspondentes a cada um dos adiantamentos. São os seguintes:

Março: Processo nº 361-58 – Cr\$ 19.200,00
Julho: Processo nº 6.717-58 – Cr\$ 148.500,00
Processo nº 7.073-58 – Cr\$ 78.900,00
Abril: Processo nº 2.679-58 – Cr\$ 568.000,00
Processo nº 360-58 – Cr\$ 48.000,00
Processo nº 362-58 – Cr\$ 60.000,00
Maio: Processo nº 2.681-58 – Cr\$ 800.000,00
Processo nº 2.683-58 – Cr\$ 750.000,00
Processo nº 5.084-58 – Cr\$ 750.000,00
Agosto: Processo nº 5.576-58 – Cr\$ 17.500,00
Processo nº 7.979-58 – Cr\$ 94.500,00
Processo nº 7.054-58 – Cr\$ 77.100,00
Total de adiantamento: Cr\$ 3.411.700,00
Enxadas: Cr\$ 4.737.100,00
Total geral: Cr\$ 8.148.000,00

— Eu sei como se arranja isso; com funcionários que não valem dez réis de mel coado.

— Vossa excelência há de convir que estou procurando demonstrar uma tese, de que nada faltou à Coligação Democrática para vencer as eleições. Ela teve tudo dos Governos Federal, Estadual e Municipal.

— Só vossas excelências nada tiveram. É de corar um balcão seco.

— Nós das Oposições Coligadas, suportamos situação de desvantagem, diante deste poderio. É o que estou procurando provar.





— Sabia ser vossa excelência muito corajoso, mas não pensava que fosse tanto. Dizer que as Oposições Coligadas do Ceará não dispunham de recursos e que nós é que tínhamos tudo, revolta até os anjos.

— Se vossa excelência acompanhou a campanha eleitoral em Fortaleza, há de ter visto que a exibição de dinheiro era por parte da Coligação Democrática, e não das Oposições Coligadas.

— Estou sabendo pela primeira vez. É vossa excelência quem está descobrindo.

— Em tudo, nobre senador Fernandes Távora, foi notada essa desproporção; e em todos os momentos.

— Repito: pela primeira vez ouço falar nisso.

— Em todos os momentos, a máquina funcionava com tal perfeição que, conforme se lê neste jornal do Ceará: quando em determinado município o ilustre filho de vossa excelência fazia uma promessa e ficava provado que, para o cumprimento dela havia necessidade de uma providência do Governo Federal, imediatamente viajava para o Rio de Janeiro – como exemplo cito o caso do Cariri – o delegado Federal de Saúde, a fim de obter imediatamente do senhor ministro da Saúde o atendimento do que era solicitado. Não falou nada.

— Não sabia que o coronel Virgílio Távora tinha tanta influência junto ao sr. Juscelino Kubitschek. Só agora estou sabendo.

— Se vossa excelência me julga o onipotente, preciso, em primeiro lugar, fazer a prova de que a onipotência estava do lado de lá.

— Farei todo o esforço para acreditar no que vossa excelência está dizendo.

— Se o nobre colega partiu da premissa de que a totalidade da potência estava do nosso lado, cabia-me, então, provar que estava ela do lado da Coligação Democrática.

— Atire vossa excelência para cima de nós tudo aquilo que quiser.





Luís-Sérgio Santos

— Aquilo que quero, não; aquilo que eu posso provar.

— Não se lembram do que foi feito contra os míseros flagelados, a quem seus correligionários sacrificaram, roubando-lhes até a comida da boca. Tenho aqui as provas.

— Vou agora entrar no assunto. Em primeiro lugar, para que, também, economize um pouco mais o tempo, começarei a referir-me à acusação feita por vossa excelência, de que o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem estava tão a serviço das Oposições Coligadas, que até a mobilização do eleitorado de Fortaleza, no dia 3 de outubro, teve a participação dos veículos desse Departamento.

— O Departamento de Estradas de Rodagem de Fortaleza, fez, por acaso, o transporte de eleitores meus amigos? Está vossa excelência descobrindo coisas espantosas!

— Vou provar, com a devida vênia, que o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem não exerceu, e nem o poderia fazer, tal influência, pois, desde que eclodiu a seca, foi o órgão do Governo Federal que adotou medidas restritivas, crescentemente, a tal ponto que se estabeleceu um desentendimento, uma crítica, uma polêmica entre nós, que acompanhávamos a evolução da seca e a ação do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem. Certamente, vossa excelência ignora que o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem vem baixando, crescentemente, as suas matrículas, restringindo, cada vez mais, a sua área de ação, desde que a seca se estendeu. A prova dessa redução de atividades, contra a qual nos insurgimos, a ponto de ficarmos indispostos com o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, é evidente na estatística que o sr. ministro da Viação fez divulgar na imprensa do Rio de Janeiro. A publicação do *Correio da Manhã* de 5 de outubro de 1958 é do seguinte teor:

“De acordo com os dados fornecidos pelo DNER ao ministro Lúcio Meira, da Viação e Obras Públicas, em 10 de





abril do corrente ano, estavam alistados nos diversos serviços rodoviários em execução no Nordeste, para dar emprego às vítimas da seca, 60.175 pessoas. Já no fim de abril esse número passara a 89.852, para atingir 158.123, em meados de maio. O alistamento manteve-se mais ou menos estável, a partir daí até fins de julho, quando declinou para 139.571 pessoas. Em fins de julho baixou para 127.014 e, após pequena elevação na primeira quinzena de agosto, começou novamente a declinar, passando a 113.538, na semana de 15 a 28, para 112.069 trabalhadores na última semana daquele mês. Durante o mês de setembro último o alistamento foi de 109.298 flagelados, na semana de 1 a 7; de 111.998, na de 8 a 14, e de 111.985, na de 15 a 21. Nesta última data havia 45.952 trabalhadores nas obras em execução nos Estados do Piauí e Ceará; 4.420 nas dos estados de Pernambuco e Alagoas; 46.350 nas do estado da Paraíba, e 15.243 nas do estado do Rio Grande do Norte. No setor de 1º Grupamento de Engenharia, registrou-se, ao contrário, aumento no alistamento: 34.452 trabalhadores na semana de 23 a 29 de agosto; 35.485, na de 30 de agosto a 5 de setembro, e 38.111, na de 6 a 12 de setembro. De modo geral permanece inalterada e, portanto, ainda bastante séria, a situação dos estados nordestinos assolados pela seca.”

Verifica-se, portanto, que, de uma matrícula inicial de 158.123 pessoas, o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem foi reduzindo e restringindo sua área, a ponto de, em setembro deste ano, ter pouco mais de cem mil trabalhadores sob sua jurisdição.

Há vossa excelência de aceitar que, desde quando o DNER tomou essa orientação errônea, passamos a criticar e a combater esse órgão, tendo sempre negado todas as solicitações que encaminhávamos ou à direção regional ou à





Luís-Sérgio Santos

direção nacional daquele Departamento. Concordeará o nobre colega que, se realmente eu tivesse a possibilidade de influir no DNER, o faria pelo menos para que ele não se obstinasse, como se obstinou, na adoção de critérios restritivos, de critérios injustos, de critérios descabidos, a tal extremo que alguém já me perguntou porque as matrículas, no 1º Grupamento de Engenharia e no Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, cresciam, à proporção que a seca evoluía, enquanto, no Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, eram decrescentes. Indagava, ainda, se os trabalhadores a serviço do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem tinham morrido ou emigrado. Respondia-lhe eu, invariavelmente, que as matrículas nos serviços a cargo do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem eram decrescentes, com o meu protesto. O sr. doutor Edmundo Régis Bittencourt, alegando a insuficiência de recursos e de aparelhamento, não quisera cumprir a missão que cabia àquele Departamento. Sabe o nobre colega que, em época de calamidade climática, a obra mais adequada para evitar a centralização, é a construção de estradas de rodagem.

— Pergunto: temos nós, os adeptos da candidatura do sr. Virgílio Távora, alguma culpa nas restrições a que vossa excelência alude? Fala vossa excelência como se fôssemos responsáveis pela situação.

— Não estou expondo a situação em que ficou o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, desde que começou a seca, para daí inferir que a União Democrática Nacional tem culpa de ter o senhor dr. Edmundo Régis Bittencourt adotado estes critérios restritivos e descabidos. Não é com essa intenção, nobre senador Fernandes Távora. Provo apenas a vossa excelência que, desde quando começou a seca de 1958, eu me pus em situação contrária à do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, criticando-o e esposando pontos de vista rigorosos,





para considerar até mesmo criminosa a diretriz seguida por essa autarquia do Governo Federal.

— Veja, vossa excelência, enquanto vossa excelência se queixa da direção do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, os meus amigos lá fazem a mesma coisa. Pelo que vejo, é preciso acabarmos com isso, com zero igual a zero.

— Zero igual a zero?... Ainda bem.

— Pelas queixas que recebi de lá pensava que realmente o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem tinha sido pior que o DNOCS. Pelo que vossa excelência diz, no entanto, vejo que este nada fez no Ceará.

— Agradeço mais uma vez a vossa excelência, porque, por essa forma, e através da sua singeleza do zero a zero, me poupa de ler todas as negativas a mim dirigidas pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, quando lhe reclamei os critérios restritivos e descabidos que, ainda, hoje, perduram, causando situações verdadeiramente revoltantes do ponto de vista humano. Vou citar apenas um caso a vossa excelência que conhece a região: o governador Flávio Marcílio, em boa hora, mandou realizar as obras da estrada de Bela Cruz a Marco, mas, posteriormente ao pleito, as obras não puderam prosseguir. Em Marco, há uma obra do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, que é a estrada que liga Marco a Granja. Supliquei ao Departamento Nacional de Estradas de Rodagem que absorvesse nessa estrada a mão de obra disponível, e que resultava da suspensão dos serviços da estrada estadual, porque a região era próxima e... não obtive nada.

— Comunico ao nobre orador que faltam apenas três minutos para o término da prorrogação regimental da hora do expediente — intervém o presidente da sessão fazendo soar os tímpanos.

— Sr. presidente, hoje, sim, vejo-me forçado a apelar para o tempo que o regimento concede, após a ordem do dia, a fim de





Luís-Sérgio Santos

concluir meu discurso, pois mesmo faltando pouco, não poderia terminá-lo nos três minutos restantes que vossa excelência me anuncia. Iniciava agora o exame do problema referente ao Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, atendendo à solicitação e aos ataques do nobre senador Fernandes Távora.

— Estimarei muito que vossa excelência fira esse ponto.

— A mesa concederá a palavra a vossa excelência, em explicação pessoal, logo após a votação da ordem do dia — informa o presidente.

— Agradeço a vossa excelência sr. presidente e encerro, por enquanto, as minhas considerações.

No retorno da votação da ordem do dia, a mesa diretora passa a palavra ao senador Parsifal Barroso:

— Muito grato a vossa excelência. Dizia eu, ao fim de minhas considerações, que o Departamento Nacional de Estradas de Rodagem falhara na sua missão. A prática já nos ensinou a todos nós, nordestinos, que, em época de calamidade climática, a estrada de rodagem é a obra por excelência aconselhada, porque descentraliza ao máximo os flagelados, o que não ocorre com as obras hidráulicas propriamente ditas. Quando tomei conhecimento da denúncia apresentada pelo nobre senador Fernandes Távora, citando o caso de uma chamada feita pelo próprio diretor geral de Obras Contra as Secas, na zona sul do Ceará, onde havia falta de quase oito mil trabalhadores, dirigi-me a sua excelência para que me explicasse o ocorrido, porquanto citara o diretor geral do Departamento, como uma das testemunhas da irregularidade.

— Perdão! Não fui testemunha, nem poderia sê-lo, pois estava, aqui no Rio de Janeiro.

— Vossa excelência não ouviu bem. Considerou vossa excelência o sr. diretor geral do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas uma testemunha dessa irregularidade...

— Exatamente. Ele mandou fazer a chamada.





— ... mencionada por vossa excelência no seu discurso.

— Está certo.

— Dirigi-me, então, ao Sr. Diretor do Departamento Nacional de Obras contra as Secas, pedindo lesse o discurso de vossa excelência e me prestasse informações, a fim de que eu, à sua base, respondesse ao aqui declarado por vossa excelência. Passo, então, em primeiro lugar, a ler a informação que me foi dirigida pelo dr. José Cândido Parente. Antes, porém – e ainda por amor à verdade – insisto naquela declaração que já fiz a vossa excelência, de que minhas relações pessoais com essa autoridade federal comparadas com as de que goza o ilustre deputado Virgílio Távora, não são boas.

— É coisa que ignorava, porque pensava que vossa excelência era amigo do seu correligionário.

— Em primeiro lugar, pertenço ao Partido Trabalhista Brasileiro e o doutor José Cândido, ao Partido Social Democrático.

— Os dois Partidos estão unidos, atualmente. Quando se unem Partidos aqui no Brasil, todas as inimizades vão sendo esquecidas.

— Sabe vossa excelência que a família do dr. José Cândido Parente, de Sobral – de onde é originária – é nossa adversária política?

— Não sabia.

— Vossa excelência sabe.

— Dou-lhe minha palavra: não sabia.

— Refiro-me à família — esclarece Parsifal.

— Ouvi, do pai do dr. José Cândido, que vossa excelência era amigo dele.

— Se vossa excelência quer aprofundar mais a questão, lembro que até mesmo o general Vica Parente Paula Pessoa, pai do dr. José Cândido...

— Isso não tem importância.





Luís-Sérgio Santos

— ... acabou por se indispor com o Partido Social Democrático porque desejava ser suplente do deputado Menezes Pimentel e não o conseguiu. Vossa excelência não está a par desse assunto?

— Não sabia de coisa alguma.

— Pois fique vossa excelência ciente, apenas, para compreender por que me dirigi, oficialmente, ao sr. diretor do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas...

— Estou aprendendo. Não tenho nenhuma dúvida.

— ... que vossa excelência considera meu protetor.

— É natural que assim pensasse.

— Mas não é verdade.

— Não estou teimando. Vossa excelência há de concordar que, afinal, não sou tão teimoso quanto possa parecer.

— Responde, então, aquela autoridade:

“Informação

O Diretor do DNOCS, frequentemente, manda verificar a frequência dos flagelados. Não é exato que numa das frequentes verificações de frequência se tenha encontrado a diferença indicada de 2 mil em vez de 10 mil operários. Nas verificações, às vezes é constatada a diferença de flagelados, porém, numa percentagem pequena. Tal se deve ao fato de se tratar de um serviço de emergência, e a grande quantidade de operários existentes. A frequência é irregular e varia constantemente de um dia para outro, embora sempre em percentagem reduzida.

O Senado precisa compreender que o DNOCS não tem pessoal administrativo suficiente para atender perfeitamente a centenas de milhares de operários existentes na atual crise. O 1º Grupamento de Engenharia, por exemplo, fez um estudo minucioso e altamente técnico sobre a assistência dos flagelados e concluiu que para cada 10 mil flagelados, é necessário um batalhão completo. Posto isto em prática, essa nossa elite





militar chegou a verificar que a capacidade de um batalhão ainda não basta para enquadrar, administrativamente, os 10 mil flagelados. Ora, possui o DNOCS menos de 100 engenheiros, que estão assistindo a 400 mil flagelados, fazendo desta forma um trabalho equivalente a 40 batalhões. Qualquer homem de bom senso verificaria que não há no DNOCS corrupção, mas escassez de elementos.

Os Senadores deveriam estar aplaudindo a coragem do pequeno número de brasileiros que estão trabalhando noite e dia e se sacrificando para atender, à medida do possível, às vítimas da calamidade. Compreende-se que existem dificuldades de um controle rigoroso, mas o próprio senador Távora deu conhecimento à casa, que o diretor do DNOCS está pessoalmente fiscalizando os serviços federais e tomando as providências dentro da lei e punindo impiedosamente os responsáveis.”

— Tenha vossa excelência a bondade de repetir essa frase.

— “Compreende-se que existem dificuldades de um controle rigoroso, mas o próprio senador Távora deu conhecimento à casa que o diretor do DNOCS está pessoalmente fiscalizando os serviços federais e tomando as providências dentro da lei e punindo impiedosamente os responsáveis.”

— É verdade! Até aí está certo.

O senador Parsifal Barroso continuando a leitura:

“Veículos

No regime democrata a forma do Governo se prestigiar e a que deve ser mais aplaudida, é a de construir obras públicas vitais ao desenvolvimento do País. O atual Governo vem fazendo pelo Nordeste o que somente o presidente Epitácio Pessoa tentou, e não conseguiu. Várias obras já foram concluídas. Ainda sexta-feira passada foi inaugurada a Adutora de Campina Grande, onde o presidente Kubitschek perdeu as eleições em





Luís-Sérgio Santos

outubro de 1955. Teve agora uma manifestação popular que o presidente considerou a maior que recebeu em toda a sua vida. Foi superior à que o sr. presidente Kubitschek teve em Diamantina, sua terra natal, que tanto lhe deve. As obras são realizadas porque o DNOCS e o DNER estão bem equipados de máquinas de terraplanagem e viaturas. Várias viaturas foram utilizadas a 3 de outubro, mas apenas transportando tropas federais e a justiça eleitoral, que fiscalizavam e garantiam o pleito. Não houve transporte de eleitores. A ida do coronel Ramagem ao Nordeste é uma demonstração que o Governo dá do zelo que lhe merecem as coisas públicas.”

— Permita vossa excelência que eu leia apenas um trecho de um documento que tenho em mãos.

— Antes de conceder o aparte a vossa excelência, tomo a liberdade de declarar que, efetivamente, por força da limitação de alistamento nos batalhões de engenharia e em virtude do decréscimo de matrículas, que se observa crescente nas obras a cargo do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, é indiscutível que a sobrecarga maior ficou efetivamente sobre os ombros daqueles que dirigem o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas.

— Sobre isso não há dúvidas — concorda Fernandes Távora.

— Na minha opinião, havendo aquele Departamento tomado a si encargos acima da sua capacidade de administração e fiscalização, por força dessas limitações e restrições a que acabo de me referir, é possível, como diz o próprio diretor do Departamento, que chamadas irregularidades possam ser encontradas, em virtude dos motivos que especificou, mas não na ordem de grandeza a que vossa excelência se referiu.

— É exatamente o que quero dizer muito rapidamente — atalha Fernandes Távora. — Não acredito sejam da responsabilidade daquele diretor; mas houve enorme diferença na





chamada dos operários. Os serviços de Tauá tinham como encarregado o sr. José Brasil Barreto e estava subordinado à Comissão Patu-Fogareiro. Em junho do corrente ano, o chefe da Comissão, João Leopoldo Soares, verificou que nos serviços de Tauá, dos 3.600 operários constantes em folha, trabalhavam, na realidade, 2.400, com irregularidade, desde abril. Como dito, o encarregado fôra designado pelo próprio Diretor Geral do DNOCS, o chefe da Comissão, não podendo, por isso, demiti-lo, oficiou ao Diretor Geral, comunicando a ocorrência e pedindo providências. O dr. José Cândido determinou ao Chefe do 1º Distrito dr. Ferreira Antero que mandasse fazer sindicância. O dr. Antero concluiu pela demissão do encarregado; mas, como José Brasil Barreto era pessoa do peito e pau-mandado do deputado Joel Marques, e este fazia questão fechada da sua permanência, o diretor do DNOCS, foi obrigado a silenciar, não tomando qualquer providência naquela ocasião. Indo, porém, ao Ceará, em meado de outubro (por conseguinte, depois das eleições), aquele diretor determinou a demissão de José Brasil Barreto. Mas o número dos operários fantasmas havia crescido extraordinariamente desde a época da primeira verificação, o que era de esperar, em vista da impunidade de José Barreto. A folha de pagamento, nessa ocasião, já contava cerca de 10.000 operários, e o número dos que realmente trabalhavam não chegava a 3.000, havendo, portanto, mais de 7 mil operários fantasmas. Os serviços de Senador Pompeu, estando subordinados à Comissão Patu-Fogareiro, os políticos da oposição pressionaram o senhor João Leopércio Soares, chefe dessa Comissão, para que ele mudasse o encarregado, pois, sem isso, não poderiam fazer face às despesas da eleição. Como o sr. João Leopércio se recusou à sórdida manobra, conseguiram passar os serviços de Senador Pompeu para a Comissão do Banabuiú. Esses correligionários do dr. Parsifal, também sabem contornar...





Luís-Sérgio Santos

— Sabem contornar?

— Já declarei a vossa excelência – e desejo fique bem claro – que não estou acusando o dr. José Cândido Parente. Verificou ele a primeira falha e quis tomar providências. A política do Ceará, no entanto, que era contínua e perfeitamente apoiada pelo Governo Federal, não consentiu que fosse punido o funcionário faltoso. Quando o dr. José Cândido Parente quis aplicar a punição, após as eleições, não eram mais mil e poucos os inscritos, porém, cerca de dez mil. Era o que eu queria esclarecer, para provar que não disse nada fora da verdade.

— Quando vossa excelência fez o seu discurso, citou um fato que eu submeti à consideração do diretor-geral do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, trazendo hoje a resposta que aquela autoridade federal me enviou.

— Perfeitamente. Está tudo esclarecido.

— Vou, ato contínuo, submeter ao dr. José Cândido Parente os dois assuntos que vossa excelência acaba de focalizar, a fim de que preste também informações idênticas às que houve por bem fornecer no primeiro caso.

— Está certo.

— No momento, desejo deixar bem claro que nenhum de nós, das Oposições Coligadas, é contrário a qualquer investigação sobre as irregularidades apontadas por vossa excelência, nos Serviços de Emergência, a cargo do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. Temos a convicção de que esses Serviços atenderam, indistintamente, a todas as correntes políticas do Ceará.

— Neste ponto é que divergimos, meu ilustre colega. Aliás, não tenho mais interesse em que vossa excelência indague coisa alguma. O caso, depois das eleições, carece de importância.

— Dou a vossa excelência dois exemplos do acerto da minha argumentação. Em primeiro lugar, lerei a “Nota” que os





Partidos da Coligação Democrática publicaram, às vésperas da eleição, a respeito dos Serviços de Emergência, sob o título: “A razão do desespero”. Está ela assim redigida:

“Não há dúvida que as chamadas ‘oposições’ estão desesperadas. Já deram mostras disso com a ‘Exibição’ da Praça do Ferreira. As depredações ali levadas a cabo significam desespero. A razão do desespero está em que não puderam concretizar os seus planos de prender os trabalhadores nos serviços federais para coagi-los na hora do pleito.

É que, por ordem do excelentíssimo sr. Presidente da República, desde o dia 1º do corrente, até o dia 5, eles estão liberados para que possam exercer o direito de voto na jurisdição de sua residência. Ruiu por terra o plano das ‘oposições’ e, daí, a razão do desespero. Os trabalhadores dos serviços federais vão votar nos locais de seu domicílio e levar para as urnas, não o peso da coação, mas o produto da consciência de cada um.

É certo que algumas frentes de serviço desobedeceram a ordem das autoridades superiores, mas está liberada a grande maioria de trabalhadores dos serviços federais.

O Ceará está de parabéns!”

Meu nobre colega, senador Fernandes Távora, as Oposições Coligadas não iriam publicar essa “Nota” às vésperas do pleito, embandeirando-se em arco, se nas frentes de trabalho de emergência não houvesse trabalhadores de todos os Partidos. E há privilegiados, dentro do Partido de vossa excelência...

— E por que se embandeiraram em arco? Tinham motivos suficientes!

— Está aqui a nota, que não é da minha autoria; foi divulgada pela Coligação Democrática, às vésperas do pleito.





Luís-Sérgio Santos

— Que é que tem isso?

— Que é que tem a nota?!

— A Coligação Democrática estava absolutamente enganada. Pensava que, realmente, não tinha havido a corrosiva, brutal ação do dinheiro...

— Não é possível discutirmos, caro colega, se vossa excelência não se convence diante da leitura de uma “Nota” publicada, às vésperas do pleito, pela Coligação Democrática. Se vossa excelência desejar que mencione claramente, nomes de correligionários seus que de fato são queridos e preferidos no coração dos dirigentes do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, eu o farei. Basta que cite os deputados Guilherme Gouveia e Perilo Teixeira.

— Ignorava.

— Se vossa excelência ignorava, fique agora sabendo. Citei esses dois nomes, porque são de pessoas que privam da amizade de vossa excelência...

— Não adianta.

— ... e se o Regimento permitisse, pediria pelo menos um assentimento de cabeça ao que estou afirmando, do nobre senador Colombo de Sousa, que honra este Plenário com a sua presença. Se há irregularidades no alistamento de emergência, devemos, em primeiro lugar, procurar os motivos, submetendo cada caso à consideração do Diretor do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, que no juízo de vossa excelência está acima de qualquer suspeita...

— Não digo que está acima de qualquer suspeita. Acredito seja homem digno.

— ... e vossa excelência dará as explicações, como o fez, quando li – há pouco – as informações que me foram prestadas.

— Não tenho interesse em incriminar ninguém; apenas apresso as queixas que me parecem razoáveis.





— Vossa excelência apresenta as queixas e os fatos como se, através dessas provas, quisesse colocar-me frente ao Brasil como beneficiário das irregularidades.

— Incontestavelmente, aquilo, que se fez em todo Nordeste, aproveitou aos amigos do Governo Federal. Quanto a isso não há discussão. Vossa excelência era um mimado do sr. Juscelino Kubitschek e, positivamente, era quem podia aproveitar.

— Garanto a vossa excelência que, longe de me aproveitar, ele aproveitou tanto aos correligionários de vossa excelência que eles se julgaram na obrigação de comunicar essa boa nova a todo eleitorado, às vésperas do pleito, garantindo que o sr. presidente da República mandasse liberar os trabalhadores de emergência, a fim de que eles se deslocassem para as suas zonas e ali votassem livres de qualquer coação.

— Entende vossa excelência que isso vale alguma coisa? O sr. Juscelino Kubitschek pode conversar fiado quantas vezes quiser, porque a palavra dele não vale — afirma Fernandes Távora.

— No caso, o presidente da República não conversou fiado. É o partido de vossa excelência quem agradece.

— Meu partido fez uma bobagem, pensou que, com isso, fazia crer aos pobres flagelados que eles tinham liberdade, quando era um engano, puro engano.

— Na interpretação de vossa excelência.

— Não! É a verdade. Não sou menino, não sou criança.

— Na interpretação de vossa excelência, porque sabe o nobre colega que o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas servia aos interesses da União Democrática Nacional e do Partido Social Progressista, no último pleito.

— Então já não entendo mais português; as palavras mudaram de significação.

— Quem andou discutindo com o Departamento Nacional de Obras contra as Secas, porque não atendia com a presteza necessária onde deveria estar presente, foi — permita vossa





Luís-Sérgio Santos

excelência – o deputado Colombo de Sousa, que aqui está e me apoiou. Eu mesmo tive discussões e divergências não só com o diretor do Departamento Nacional de Estradas de Rodagem, como também com o Diretor do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, encontrando-me até hoje na sustentação desses pontos de vista, porque não me afasto da tese que defendi, quando na Pasta do Trabalho, perante a Comissão Interministerial, presidida pelo sr. ministro da Viação, de que havia carência absoluta de plano assistencial para as ondas migratórias, durante a calamidade. Por força dessa ausência de plano assistencial é que ocorriam tais excessos de concentração humana, que não podiam ser absorvidos pelo grupamento de engenharia, em virtude de sua limitação imposta pelos regulamentos militares, nem tampouco pelo Departamento Nacional de Estradas de Rodagem – que se omitiu e ainda permanece omissa diante do sofrimento de nossos irmãos – e vinha a cair como sobrecarga fatal, acima das possibilidades do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. Enquanto sustentava tais pontos de vista, enquanto me indispunha, pessoalmente, com aqueles que têm a responsabilidade da direção desses serviços federais, vossa excelência considerava-me um amigo e comensal a usufruir de todos os benefícios que as verbas de emergência pudessem possibilitar à minha candidatura. Vale observar que, quando ainda à frente da pasta do Trabalho, fui atacado pelos udenistas, pelo fato de, na minha condição de ministro, integrar a Comissão Interministerial que, presidida pelo ministro da Viação e Obras Públicas, ficara com a responsabilidade de coordenar as providências governamentais para a assistência aos flagelados. Quando fui apontado, em todo o Brasil, como “superintendente e dono das secas”, em benefício próprio, tive a oportunidade de esclarecer que ali me encontrava apenas para promover medidas referentes ao abastecimento, através da COFAP, sem qualquer outra missão em proveito





peçoal nem a possibilidade de doar quaisquer gêneros a quem quer que fosse. Apesar disso, ainda agora insistem em manter a acusação de que, no exercício das funções de ministro do Trabalho, integrando a Comissão, fui ao superintendente geral do Departamento de Obras Contra as Secas, quando essa missão pertence, ainda hoje, ao ministro da Viação e Obras Públicas. O que não se disse e deve, neste momento, ser revelado, por amor à verdade, é que, desde ministro, estive em discordância com esses órgãos e autoridades e, por força dessa discordância, nascida do meu desejo de obter melhor assistência do Governo Federal às vítimas das secas, não poderia jamais, nem do ponto de vista moral, apresentar-me diante delas para solicitar-lhes, em benefício da minha candidatura, quaisquer favores. Ainda agora, continuo inflexível na defesa dos mesmos pontos de vista que sustentei, como voto vencido, quando ministro do Trabalho, por isso, desde quando vossa excelência iniciou o seu discurso, declarei ter motivos de fato para não me considerar absolutamente vitorioso por força de auxílios proporcionados pelo governo da República. Não posso terminar minhas considerações sem dizer a vossa excelência da minha mágoa pessoal por ter se referido à minha pessoa nos seus discursos e apartes, como se eu fosse um aventureiro político e tivesse comparsas.

— Já pedi desculpas a vossa excelência por ter-me escapado esse termo — responde Fernandes Távora. — Vossa excelência é um homem feliz, que entrou na política e subiu rapidamente.

— Eu não tinha ouvido o pedido de desculpas de vossa excelência.

— Sabe bem vossa excelência que, quando lutamos, politicamente, muitas vezes nos escapam expressões que não teríamos vontade de empregar.

— Já que vossa excelência nunca me quis sentar no banco dos réus, agradeço-lhe a gentileza de retirar a pecha que lançou sobre seu colega de representação.





Luís-Sérgio Santos

— Não é gentileza, é justiça.

— Ainda dentro dessa mágoa, pediria a vossa excelência que, também por amor à justiça, não considerasse aquele escriba⁴⁷ de quem guarda tanto rancor, um alugado meu.

— Aí, não posso. Tenha paciência... É alugado, cem vezes alugado.

— Mas se não paguei coisa alguma...

— Então, é um insensato! Lançar-se à campanha que fez contra mim e minha família de graça? Esse indivíduo é louco e deve ser asilado.

— Vossa excelência pode cair das nuvens.

— Não caio.

— ... mas, por se tratar de compadre e amigo fraterno, nunca recebeu de mim um centavo pelos serviços prestados à minha campanha.

— Vossa excelência há de convir que ninguém acredita nisso.

— Vossa excelência pode não acreditar, mas todos quantos acompanharam a campanha política sabem, em primeiro lugar, que o sr. Themístocles de Castro Silva não é espoleta nem desclassificado — argumenta Parsifal.

— É tudo isso e muita coisa pior. Quanto a esse ponto, inútil vossa excelência querer discutir. Tenho meu juízo formado e não modificarei, de forma alguma.

— Poderá vossa excelência chamar a alguém de espoleta e desclassificado quando se trata de jornalista dos *Diários Associados* e funcionário categorizado do Instituto dos Bancários?

— Podia ser jornalista até do [jornal do Vaticano] *L'Osservatore Romano*; se procedesse dessa forma, eu o classificaria assim.

— Poderia considerar espoletas e desclassificados os bandidos importados para o Ceará pela União Democrática Nacional — abre nova ofensiva Parsifal.

— Quem os importou?





— A União Democrática Nacional.

— Vossa excelência está enganado: nunca tivemos negócios com bandidos. Somos honrados e fazemos campanha leal, com recursos próprios, não somos capazes de importar bandidos.

— Importaram dois, pelo menos, Pedro Tenório e Catanan.

— Quem foi que os importou?

— A União Democrática Nacional. Pedro Tenório chegou ao Ceará recomendado pelo deputado Tenório Cavalcanti⁴⁸ ao sr. Paulo Sarasate.

— Para que o governador Paulo Sarasate mandou buscá-los?

— Não foi o Governador que mandou buscá-los.

— Minha família e meus amigos não usam desse expediente, fique vossa excelência certo.

— Faço justiça ao governador Paulo Sarasate. Sua excelência não mandou buscar Pedro Tenório, nem o outro, de nome Catanan, que está preso na cadeia pública. Nenhum dos dois foi encomendado por ele.

— Não buscamos bandidos para fazer campanha eleitoral.

— Mas que o bandido Pedro Tenório chegou ao Ceará, recomendado pelo deputado Tenório Cavalcanti ao governador Paulo Sarasate, é verdade. Por um acaso, o cartão perdeu-se na rua e foi parar em nossas mãos. Hoje, é propriedade nossa.

— Estão com ótima propriedade! Vossa excelência nos devia fazer mais justiça e não nos atribuir conivência com bandidos.

— O outro, Catanan, preso na cadeia pública de Fortaleza, no depoimento que prestou, contou toda a história, inclusive que se recusava a matar homens como o deputado Wilson Roriz.

— Quem os mandou buscar? Vossa excelência deve saber, em consequência de sua confissão.

— Está preso na cadeia de Fortaleza e já confessou.

— Vossa excelência ponha em pratos limpos. Diga quem os importou. Quanto aos meus amigos, não acredito que algum tenha mandado buscar bandidos.





Luís-Sérgio Santos

— A esses vossa excelência poderia chamar de desclassificados, de espoletas, mas não ao meu secretário, que, além de jornalista dos *Diários Associados*, é funcionário categorizado do Instituto dos Bancários e não ganhou para colaborar na campanha das Oposições Coligadas.

— Vossa excelência pode limpar as mãos na parede com o seu secretário.

— Agradeço mais uma vez a grosseria de vossa excelência.

— Não é grosseria. Tenho razões para dizer tudo isso, porque esse indivíduo foi levado para o Ceará exclusivamente para me descompor e à minha família, dia e noite nos jornais e no rádio. Por conseguinte, tenho todo direito de fazer o juízo que faço do seu secretário.

— Tudo quanto o jornalista Themístocles Castro e Silva escreveu, assinou. Nada foi apócrifo.

— Que tem que assinasse se para ele a assinatura nada vale?

— Se ele assinava e assina o que publica, repto vossa excelência a trazer um só dos seus artigos publicados nos jornais do Ceará, atacando-lhe a honra e a dignidade pessoal.

— Todo o Ceará tomou conhecimento dos fatos e se admirou que eu, o coronel Virgílio Távora e os nossos amigos não mandássemos dar uma surra completa nesse indivíduo. Não o fizemos, porque não temos o hábito de usar desses sistemas; mas que ele merecia, não há dúvida.

— Vossas excelências não mandaram dar a surra porque, se a dessem, perderiam por diferença maior.

— Estou pronto, nobre colega, a perdoar-lhe qualquer falha na campanha, mas isso de servir-se de Themístocles Castro e Silva para nos insultar, não! Vossa excelência pode explicar como quiser; para mim esse indivíduo será sempre um indesejável.

— Repito para vossa excelência que tudo quanto o jornalista escreveu foi assinado, e convido vossa excelência a trazer





um só desses escritos que fira a honra e a dignidade de vossa excelência ou de sua família.

— De um indivíduo desses, não quero nem me lembrar, quanto mais descer a ponto de com ele tratar.

— A seu gosto.

— Para mim, ele não existe. Faço questão de ignorá-lo. Não perco tempo nessas querelas.

— Vossa excelência, entretanto, não diz o mesmo dos que atacaram minha honra pessoal e de minha esposa.

— Refere-se vossa excelência àquele que o atacou e, hoje, é inimigo do coronel Virgílio Távora, porque este não quis placitar quanto dissera? Vossa excelência precisa saber disto. Não faça injustiça a seu adversário, que não é capaz de aprovar infâmias. Aquele que o atacou – e é irmão de um seu correliogonário, que vossa excelência sabe muito bem quem é – é, hoje, inimigo do coronel Virgílio Távora, porque este não quis placitar o que tinha dito a seu respeito. Vossa excelência precisava saber disto.

— Não estou, absolutamente, declarando que esse ataque tenha sido placitado por vossa excelência ou pelo filho de vossa excelência. Absolutamente. Não os julgo capazes de tal.

— Perdoo-o, mais uma vez.

— Que esses ataques à minha honra pessoal e de minha esposa têm prioridade cronológica, vossa excelência há de convir que têm, realmente.

— Vossa excelência sabe que não temos nada com isso. Esse cidadão era do seu partido, seu amigo ou coisa que o valha. Daí, vir vossa excelência dizer que o atacamos, em primeiro lugar, não há razão alguma; e eu não me posso calar.

— Torno a repetir que não estou responsabilizando vossa excelência, nobre senador Fernandes Távora, ou seu ilustre filho, pelos ataques pessoais a mim dirigidos.

— Mas está dando a entender.





Luís-Sérgio Santos

— Estou falando claro. Responsabilizo aqueles que patrocinavam a candidatura do sr. Virgílio Távora. Senhor presidente, senhores senadores, termino aqui as minhas considerações, agradecendo a perdulária bondade dos nobres colegas, porque, durante tanto tempo acompanharam a exposição desses fatos, cientes, estou certo, de que apenas procurei provar, mais uma vez, que, se de fato ninguém esperava, no Rio de Janeiro, a vitória da minha candidatura é porque todos os fatores, e recursos que podiam ser utilizados em benefício de uma vitória eleitoral não se encontravam ao meu dispor. Desejo, nesta oportunidade, repetir aquelas palavras iniciais: Tomo a cruz do Governo aos ombros porque através de um regime administrativo de terra arrasada, vou, de fato, receber o Estado do Ceará como muito bem disse o nobre senador Fernandes Távora, ao modo de quem recebe um belo “abacaxi”. Deus me dê forças e luzes como até agora obtive, porque, na verdade, venci lacerado de sofrimentos, contando, exclusivamente, com a graça de Deus e o favor do povo.

— Muito bem! Muito bem! — manifesta-se o plenário.

UM GOLPE PELAS COSTAS

O Brasil preparava-se para a posse do novo presidente Jânio Quadros e do seu vice João Goulart – eleitos à 3 de outubro de 1960 – que aconteceria no dia 31 de janeiro de 1961. Parsifal Barroso passara os primeiros dias do Ano Novo nos Estados Unidos acompanhado dona Olga Barroso que estava em tratamento de saúde. Longe de casa é surpreendido com a publicação de insidiosa notícia pelo *Jornal do Brasil*, no Rio, e *O Estado de S. Paulo*, da capital paulista, colocando sua idoneidade em xeque.

Na volta ao Brasil viu-se, em raras vezes, o sempre tranquilo Parsifal perder a paciência e esbravejar contra seus detratores.





O *Jornal do Brasil* se recusou a publicar seu ponto de vista sobre o episódio. Simplesmente não deu direito de resposta.

Sua resposta nacional veio pelo jornal carioca *A Noite* –, então dirigido por Celso Kelly. O jornal enviou um repórter especial a Fortaleza para conversar com Parsifal e abriu um título destacado na página três.

O Sr. Parsifal Barroso ao *A Noite*: “Oposicionistas tentam incompatibilizar-me com o futuro governo do sr. Jânio Quadros”

[SUBTÍTULO] O Governador do Estado do Ceará, falando ao enviado especial de *A Noite* responde aos seus detratores – “A Campanha de Difamação mereceu o repúdio de todos os brasileiros” – Nova investida, agora contra a esposa do governante cearense – Movimento de solidariedade do povo cearense ao seu governador⁴⁹

Fortaleza, 11 – De José Maria Neves, enviado especial de *A Noite* – O governador Parsifal Barroso foi acusado por um jornal carioca de estar ligado a grupos de contrabandistas que operam nesta região. A notícia, divulgada com sensacionalismo, teve ampla repercussão no cenário político do país e mereceu imediata repulsa por parte dos cearenses. Encontrando-se nos Estados Unidos, o governador foi colhido de surpresa pelo noticiário, bem como os seus auxiliares imediatos. Só após o seu regresso, sem maior estudo da matéria, o governador cearense divulgou uma nota oficial, defendendo-se da grave acusação, não sendo a mesma acolhida pelo jornal responsável pela divulgação da denúncia, o que originou da parte do chefe do executivo do Ceará uma ação judicial baseada na Lei da Imprensa. [O jornal não deu direito de resposta].





Luís-Sérgio Santos

Sem poder ausentar-se do Estado, com problemas administrativos de amplitude a resolver e ainda pela ausência prolongada da chefia do Executivo, o sr. Parsifal Barroso viu-se impossibilitado de viajar ao Rio para prestar esclarecimentos à opinião pública através da imprensa carioca, como era do seu desejo. A oportunidade ofereceu-se agora, quando o enviado especial de *A Noite* ao Ceará manteve demorado contato com o governador cearense. Conhecido pelo temperamento calmo, no Senado da República e no Ministério do Trabalho, o sr. Parsifal Barroso mostra-se irritado com os acontecimentos. Instado a falar sobre o que se divulgou no Rio, começou dizendo:

“Durante minha permanência nos Estados Unidos, onde estive para prestar assistência à minha esposa enferma, fui vítima da mais torpe e perversa campanha de difamação, atribuindo a urdidura desse plano a inimigos políticos interessados em me situar mal perante o novo governo da República. Nada houve na Comissão Parlamentar de Inquérito que justificasse as duas reportagens publicadas no *Jornal do Brasil* e no jornal *O Estado de S. Paulo*, conforme o formal desmentido que o sr. comandante Roberto Coimbra livremente divulgou antes do meu regresso ao Brasil, por verificar que o noticiário se fundamentava exclusivamente em declarações que jamais prestara ao depor na referida Comissão de Inquérito. Tenho os testemunhos das próprias autoridades federais, em sentido absolutamente contrário ao do noticiário por mim esmagadoramente desmentido tão logo desembarquei no Rio de Janeiro.

O governo do Estado do Ceará”, prossegue o sr. Parsifal Barroso, “tanto quanto lhe tem sido possível, tem manifestado seu propósito firme e decidido de combater o contrabando, convido ressaltar que, antes de ser pedida a colaboração do Estado pelo comandante Roberto Coimbra, já a Secretaria de Segurança





do Ceará estava executando, como continua a executar, o seu plano de repressão aos contrabandistas.

As inúmeras provas de solidariedade e protesto que venho recebendo demonstram que o alvo principal não foi atingido. Ainda agora”, frisa o sr. Parsifal Barroso, “foi tentada nova investida, por meus inimigos, visando a incompatibilizar o governo com o futuro chefe da Nação. Desta feita, lançaram-se contra a minha esposa, que é presidente da Legião Brasileira de Assistência, seção do Ceará. Acusam-na, os seus detratores, de desvios de verbas da entidade para fins inconfessáveis. Imediatamente foi posta toda a escrita e documentação da LBA à disposição do denunciante, que lá não compareceu para coligir os elementos reunidos pelos contadores e assim apreciar o que realmente tem sido feito pela atual administração da entidade de assistência. Por outro lado, o denunciante nenhuma prova pode apresentar para basear a sua acusação. Por aí se vê que há um plano adrede traçado para perturbar o nosso trabalho de recuperação econômica e financeira do Estado do Ceará e levantar suspeitas entre os membros do futuro governo federal quanto à nossa atuação.

Concluindo as suas informações, disse o governador Parsifal Barroso:

“Continuo de consciência tranquila e convicto de que a opinião pública nacional repeliu a insidiosa manobra de baixa politicagem contra mim desfechada.”

A maledicência contra Parsifal ganhou manchete de primeira página do *Jornal do Brasil* de 3 de dezembro de 1960. O jornal acusava o governador em letras garrafais, demolidoras. Estampada no alto da primeira página, logo abaixo do logotipo, em seis colunas, lia-se: “Parsifal envolvido em contrabando de





Luís-Sérgio Santos

café”.⁵⁰ A manchete estrondosa de primeira página remete a um texto sem destaque na página 9 daquela edição. A denúncia, inconsistente, se perde nos dias seguintes pela inexistência de documentos que deem guarida ao acusador. O jornal deixou-se usar em um estratagema para denegrir a imagem de Parsifal. E, pior, não abriu espaço para que a vítima da manchete se pronunciasse. Tratou-se de uma irresponsabilidade do jornal que se deixou envolver por alguma fonte de informação com motivos escusos.

Também em 1961, Parsifal enfrentou ferrenha oposição na Assembleia Legislativa do Ceará. O primeiro revés foi a eleição do udenista Abelardo Gurgel Costa Lima para a presidência do Poder Legislativo de 1960 a 1961, derrotando o deputado Oriel Mota (PTB), candidato da situação.

A crise se acentuou em 1961 quando o governador rompeu com diretoria executiva do PTB sem, no entanto, se desligar do partido. Trouxe para si a maioria da bancada estadual do PTB e dos diretórios no interior do Ceará.⁵¹ Em 12 de maio de 1961 o rompimento foi formalizado em reunião conduzida pelo deputado Carlos Jereissati e o governador Parsifal.

Em um ano em que decisões administrativas relevantes conviviam com crises políticas, Parsifal tinha tudo para, neste dia, perder sua inquebrantável paciência de monge tibetano.

Um cinzeiro atravessou o gabinete do governador, em voo apressado, e espatifou-se no contorno de madeira de uma porta lateral. O governador estava furioso como nunca se vira.

Régis chispou na velocidade que seu Jeep Aero Willys permitia fazendo um percurso em linha reta da Avenida Santos





Dumont ao Palácio da Luz via Rua Costa Barros. Fora acionado por um sôfrego telefonema:

— O senhor precisa vir aqui agora — apelava do outro lado um jovem assessor.

O governador estava transtornado. Dizia-se disposto a renunciar, imaginava-se vítima de uma conspiração, não só da UDN mas agora, também, do seu PTB.

— Meu pai — falou Régis com enorme tranquilidade —, o senhor está dizendo que não quer mais ser o governador do Ceará?

Houve um murmúrio inaudível. O governador abria mais espaço no colarinho, relaxando a gravata. Tomou um gole de água, a boca estava seca, sequer salivava.

— Pois eu quero dizer ao senhor, meu pai, que logo ali, do outro lado dessa praça, tem um time inteiro olhando para a cadeira que agora é sua. Eu quero dizer ao senhor, afinal, que todo mundo quer ser governador do Ceará.⁵²

Apenas pai e filho estavam no gabinete. Régis apoiou as duas mãos na mesa do governador e inclinou seu tórax em um ângulo de 60 graus. Fez-se um profundo silêncio de poucos segundos.

— Se acalme!

Ouviu-se agora uma mansa voz de Parsifal.

— Papai, essa tensão política, é bom para o senhor. Quem já foi entregador de bolo não vai jogar a toalha agora. Ser entregador de bolo e chegar a governador é muito difícil.

Quando Hermínio Barroso morreu, o jovem Parsifal virou arrimo de família, largando o sonho da Faculdade de Medicina na Bahia.

— Você tem razão, Régis.

— Meu pai, se acalme.

Ao final da conversa, Régis deu um choque:





Luís-Sérgio Santos

— Bote as coisas no lugar e tenha certeza de que não estarei aqui da próxima vez.

Nunca mais o governador voltou ao assunto. Seu espírito desarmado seria o motor de um inimaginável momento na acirrada disputa eleitoral, a União pelo Ceará.

A partir deste episódio, nas raras vezes em que Parsifal esboçava um estresse, alguém mais próximo murmurava “Vamos chamar o Régis”.

Na iminência de renunciar ao mandato de senador para assumir o Governo do Ceará, Parsifal Barroso fez um apelo na tribuna do Senado por políticas para “o complexo e angustioso problema da valorização da área do Polígono das Secas”.

“A questão foi posta, agora, em grande evidência por força das conclusões a que chegou o Grupo de Trabalho do Conselho de Desenvolvimento, incumbido pelo sr. presidente da República de apresentar estudos definitivos acerca da diretriz política que se deva imprimir ao esforço governamental em favor da recuperação daquela zona.”⁵³

O discurso de Parsifal, naquele 15 de janeiro de 1959, tinha tom de despedida antecipada. E, de fato, o era.

Disse ele:

“Senhor presidente, senhores senadores, de há muito meu coração de nordestino pede, insistentemente, que, antes de renunciar ao meu mandato de senador, para assumir o Governo do Estado do Ceará, procure, ao modo de exame de consciência, solicitar a atenção não somente dos Senadores nordestinos, mas de toda a Casa, para o complexo e angustioso problema da valorização da área do Polígono das Secas.





A questão foi posta, agora, em grande evidência por força das conclusões a que chegou o Grupo de Trabalho do Conselho de Desenvolvimento, incumbido pelo Sr. Presidente da República de apresentar estudos definitivos acerca da diretriz política que se deva imprimir ao esforço governamental em favor da recuperação daquela zona.

Há poucos dias, o meu caro amigo e nobre colega, senador Jarbas Maranhão, teve oportunidade de encarecer a atenção do Senado Federal para a análise espectral das causas que motivam o subdesenvolvimento do Nordeste, as quais se refletiam, com precisão, na publicação daquele órgão da imprensa, que assim concluía:

‘Os trabalhos têm de ser imediatamente iniciados, com prazos de conclusão improrrogáveis. O Sr. Presidente da República deve empenhar-se diretamente na execução dessa tarefa, porque não está em jogo apenas a recuperação do Nordeste, está em jogo a unidade do País.’”

O tom de despedida ficou mais claro quando do aparte do senador da bancada do Pará, João Guilherme Lameira Bittencourt:

“Conheço vossa excelência e o admiro, também – para muita honra e satisfação minhas – desde os tempos inesquecíveis em que trabalhamos juntos na Câmara dos Deputados, primeiro na Comissão de Finanças e, posteriormente, na Comissão de Orçamento e Fiscalização Financeira. Afirmo, não mais a V. Ex.^a, que conhece o juízo que de sua pessoa, do seu caráter, da sua cultura e da sua conduta política eu sempre fiz, mas ao Senado, que V. Ex.^a é, sem favor nem lisonja, um dos homens públicos mais dignos, mais capazes e mais operosos que já tive a ventura de conhecer. Desejo que V. Ex.^a seja, como governador, o que pôde ser como deputado e como senador. Formulo esses votos não somente no meu nome pessoal mas também no





Luís-Sérgio Santos

exercício da liderança da maioria, que V. Ex.^a sempre integrou com brilho, lealdade e eficiência. É o testemunho que peço permissão para oferecer ao Plenário, em abono da conduta política e parlamentar, repito, de um dos homens públicos mais dignos que tive a ventura de conhecer.”

O senador por Pernambuco Jarbas Maranhão, colega de Parsifal na Câmara dos Deputados e agora, no Senado:

“É grande satisfação para mim render-lhe, nesta hora, uma homenagem pelo magnífico ensaio que está desenvolvendo em relação ao problema da recuperação do Nordeste brasileiro.”

O mesmo o senador Fernandes Távora rendeu homenagem a Parsifal sendo aplaudido pelo despendimento. Lamentou, no entanto, não ser seu filho Virgílio Távora a tomar posse:

“Neste momento, em que o prezado colega se despede do Senado para assumir o Governo do Ceará, sinto-me na obrigação moral de dizer a V. Ex.^a e aos nossos companheiros do Senado que, esquecendo todas as divergências políticas que nos separam, desejo possa o ilustre representante do Ceará executar, no governo da nossa infeliz terra, aquilo que a mim e ao meu filho não foi dado realizar, como era nosso desejo sincero e patriótico.”

O tom era mesmo de despedida embora Parsifal informasse a seus pares que somente renunciaria ao mandato no dia 24 de março, porquanto o novo Governo do Ceará teria início no dia 25 daquele mês:

“Depois da cruz pesada do Ministério do Trabalho, vou receber sobre meus frágeis ombros a cruz mais pesada ainda do Governo do meu Estado.”

Aquela seria, de fato, a última sessão presencial de Parsifal antes da renúncia:

“Presidente, quero unir no mesmo sentimento de gratidão tudo quanto neste momento pudesse encontrar dentro do meu





ser, em réplica a tamanha generosidade dos meus colegas”, disse Parsifal. “Embora não me esteja despedindo do Senado, sinto vibrar demais o pequeno cristal da minha sensibilidade, e, portanto estou incapacitado de formular o agradecimento na justa medida que correspondesse ao que se abriga no meu coração. Somente renunciarei, ao meu mandato no dia 24 de março, porquanto o novo Governo do Ceará tem início, a 25 daquele mês. O ensejo, porém, das manifestações de meus eminentes pares que me sensibilizaram tão profundamente, dá-me oportunidade de dizer aos caros colegas que espero de cada um, em sintonia com os sentimentos que acabam de ser expressos, confiança em mim, que não tive a felicidade de exercer integralmente o meu mandato de Senador; em mim que, depois da cruz pesada do Ministério do Trabalho, vou receber sobre meus frágeis ombros a cruz mais pesada ainda do Governo do meu Estado.”

Na sessão de 21 de janeiro, presidida pelo senador alagoano Antônio de Freitas Cavalcanti falou-se em verdadeira revolução social que se acelera. Era alusão aos “pobres que veem no PTB uma nova, dolente e votiva canção com que se embala o berço da miséria humana, canção de redenção e de renovação nacional”. Saudava-se novos governadores do PTB, no Estado do Rio, com a eleição de Roberto Silveira, no Rio Grande do Sul, com a de Leonel Brizola, no Ceará, com a de Parsifal Barroso, no Piauí, com a de Chagas Rodrigues, e, no Amazonas, com a de Gilberto Mestrinho.

Um episódio ruidoso interferiu na vida do Governo Parsifal. Na edição do domingo, 3 de setembro de 1961, o jornal *O Estado* estampa em primeira página o artigo assinado por





Luís-Sérgio Santos

Themístocles de Castro e Silva sob o título: “Posse, pura e simples, e estamos conversados!”. Em seu artigo, depois de argumentar com base na Constituição Federal, Themístocles proclama: “Posse, pura e simples, e nada mais!”.

O antológico ensaio de Themístocles é uma peça que reforça a tradição libertária do jornal *O Estado*, de Fortaleza. Vejamos, na íntegra, seus argumentos impressos no canto inferior direito da primeira página:

“É triste, é lamentável, ou, simplesmente, vergonhoso, o quadro atual da vida brasileira. Tudo está parado há mais de uma semana, numa expectativa inquietante e revoltante, enquanto, perante os olhos do mundo, passamos por simples republiqueta, onde o povo nada vale, não pensa, nem decide.

Ora, senhores, se o sr. João Goulart não pode tomar posse do cargo de Presidente da República, para que eleições? Para que Congresso? Por que, finalmente, mentir ao povo, com esse bonito anúncio luminoso, dizendo-lhe que vivemos em regime democrático?

Por que o sr. João Goulart não pode tomar posse? Por que permitiram o registro do seu nome no Tribunal Eleitoral, ao lado – vejam bem – do então Chefe do Exército? Por que deixaram o povo elegê-lo? Por que lhe deram posse na vice-presidência? Por que lhe permitiram, também, ser Presidente da República, na ausência do sr. Juscelino Kubitschek?

Por que não experimentá-lo? Ninguém pode julgar os outros à base de caprichos pessoais ou de frustrações políticas.

O sr. João Goulart deve tomar posse da Presidência sem quaisquer restrições, partam de onde partirem. O que está em jogo não é a vaidade de pessoas ou de grupos, mas a Constituição da República, votada pelo povo, através de seus legítimos representantes.





Ou se respeita essa vontade ou se acaba logo com essa fantasia de regime democrático!

Um regime é uma mentalidade. E a mentalidade de um povo não pode, nem deve ser transformada da noite para o dia, só porque fulano ou sicrano não vai com a cara do Presidente da República que o povo escolheu livremente nas urnas. Assim, esse negócio de parlamentarismo também deve cair. É uma farsa.

[...]

Que venha o sr. João Goulart, com todos os seus defeitos e virtudes. Na Constituição há também remédio para o Presidente que não honra o exercício do cargo. E o povo, que o chama agora, também saberá repeli-lo, se ele o trair.

O que não é possível, seja qual for o pretexto, é deixar-se o Brasil como está, às tontas, com uma Constituição que nada vale e com um povo que vale muito menos ainda.

O papel das Forças Armadas é o de velar pelo regime e não o de desfigurá-lo ao sabor das conveniências pessoais ou de grupos.

O sr. João Goulart é Presidente da República sem coações, sem parlamentarismo, sem nada. Como tal, não pode e nem deve submeter-se a fórmulas redigidas em cima da perna, sob pena de também contribuir para o desrespeito à vontade do povo.

Posse, pura e simples, e nada mais!

Themístocles de Castro e Silva”

As consequências da publicação do incisivo texto, com lógicas ponderações e incontestáveis argumentos em defesa da legalidade valeram ao autor graves admoestações. Themístocles foi conduzido coercitivamente, altas horas da noite, para a 10ª Região Militar, onde permaneceu preso até a madrugada.





Luís-Sérgio Santos

Não era apenas o jornalista que estava sendo conduzido, mas também o secretário de Governo e Administração – que acumulava com a secretaria de Agricultura e Obras Públicas – do governo Parsifal Barroso.

Themístocles estava sendo coagido sob ordens do tenente-coronel José Tito Canto de quem ouviu insultos e tentativa de agressão física. Tito Canto era “comandante em chefe” da 10ª Região Militar. Havia uma clara vacância ali – interinidade. O general Luís Augusto da Silveira assumiu o comando no dia 6 de setembro, substituindo o general Milton Barbosa Guimarães, que havia deixado o posto no dia 2 daquele mês. O coronel Emídio Nogueira era quem vinha respondendo provisoriamente pelo comando da 10ª Região Militar. É possível que este hiato tenha estimulado Tito Canto a praticar seu desvairado ato.

Mas nada é por acaso.

Tito Canto era velho desafeto de Parsifal Barroso. Em 1952 ele tentara dar um golpe em Chico Monte, Carlos Jereissati e Parsifal Barroso e tomar o controle do PTB no Ceará.

O *Diário Carioca* noticia o episódio com precisão, em sua edição de 3 de abril:

“Foi encerrada a convenção do PTB saindo vencedora a chapa chefiada pelo político Carlos Jereissati e deputados federais Francisco Monte e Parsifal Barroso, por 51 votos contra 3.

A ala dissidente, encabeçada pelo major Tito Canto, atual secretário de Polícia do governo Raul Barbosa e Oton Sobral, foi integralmente alijada dos quadros diretivos.

Como é sabido, a corrente dissidente aderiu há tempos ao governador Raul Barbosa, que nomeou o sr. Tito Canto secretário de Polícia.”⁵⁴





Por um triz, Parsifal Barroso não agregou a seu currículo o cargo de embaixador. Embora rompido com o então presidente João Goulart, o ex-governador Parsifal Barroso foi indicado dois dias antes da intervenção militar de primeiro de abril para embaixador do Brasil em Israel. Parsifal não chegou a ocupar a função, a despeito de o *agrément* estar concedido – o governo militar reformou o ato. O ex-ministro voltou ao Ceará, mas esteve há dias no Rio de Janeiro para depor num IPM, porque as autoridades não conseguindo envolvê-lo em qualquer processo, resolveram acusar sua esposa, sra. Olga Barroso, de irregularidades na LBA do Estado. Como dona Olga está em Israel, em visita para conhecer a terra e agradecer a concessão do *agrément*, o sr. Parsifal Barroso ofereceu-se para depor em seu lugar.⁵⁵

Olga foi incluída arbitrariamente no inquérito policial-militar por motivos meramente políticos. O encarregado do processo era um major adversário político e inimigo pessoal do ex-governador do Ceará.

Além de aborrecimento e constrangimento ao casal, o IPM nada produziu.

Mas eleições 15 de novembro de 1974 Parsifal Barroso retoma seu protagonismo parlamentar pela Arena com o mandato de deputado federal para a legislatura de 1975 a 1978. Mesmo com o bipartidarismo o governo não controlava o ímpeto do eleitor e amargava importantes derrotas. O general Ernesto Geisel assume a presidência no dia 15 de janeiro de 1974 e iniciaria um ciclo de distensão que culminaria com a eleição do general João Figueiredo.

No dia primeiro de fevereiro de 1975 começa a atuação da bancada federal cearense. Além de José Parsifal Barroso estavam lá Ernesto Gurgel Valente, Flávio Portela Marcílio,





Luís-Sérgio Santos

Humberto Bezerra, Januário Alves Feitosa, Jorge Furtado Leite, Manoel Rodrigues, Marcelo Linhares, Mauro Sampaio, Ossian Araripe, Paulo Studart e Raimundo Gomes da Silva.

Pelo Movimento Democrático Brasileiro – MDB, assumiam os deputados Antônio Alves de Moraes, Antônio Paes de Andrade e Joaquim de Figueiredo Correia.

Para o Senado, o MDB cearense elegeu Carlos Mauro Cabral Benevides, tendo como suplente Osíris Pontes.

NOTAS

- 1 Entrevista com o deputado federal Parsifal Barroso concedida à professora Luciara Silveira de Aragão, responsável pelo Convênio da Universidade Federal do Ceará com o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. A entrevista fez parte do Projeto de História Oral e foi realizada no dia 17 de junho de 1976.
- 2 Entrevista com Teresa Haguette nos dias 22 e 28 de fevereiro de 1984, para o Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC/UFC, do Curso de História da Universidade Federal do Ceará
- 3 LINHARES, Marcelo. *Virgílio Távora: Sua época*. Fortaleza, UFC – Casa de José de Alencar, 1996, p. 171.
- 4 MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará: 1945-1985*. Fortaleza: Stylus, 1985, p. 90.
- 5 “Ceará: a candidatura Parsifal”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 18 de janeiro de 1958, p. 3.
- 6 “Ceará: Esquema pessedista”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1958, p. 3.





- 7 “Távora absoluto”. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 22 novembro de 1957, p. 4.
- 8 *Tribuna da Imprensa*. Rio de Janeiro, 4-5 janeiro de 1958, p. 3.
- 9 “Neutro, mas nem sempre”. *Jornal do Brasil*, 4 de fevereiro de 1958, p. 4.
- 10 Entrevista com Francisco Régis Monte Barroso, em Fortaleza, no dia 5 de janeiro de 2017, quinta-feira.
- 11 MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará: 1945-1985*. Fortaleza: Stylus, 1985, p. 93.
- 12 *Correio do Ceará*, 27 de janeiro de 1958, p. 97, citado por Aroldo Mota.
- 13 Idem, p. 98.
- 14 “Ministro quebrou mão e pulso”. *Jornal do Brasil*, 14 de fevereiro de 1958, p. 4.
- 15 “Vivências políticas”. *O Povo*, caderno semanal Fame, agosto de 1981, p. 245.
- 16 *Diário Carioca*, quarta-feira, 30 de abril de 1958, p. 6.
- 17 “A mensagem da mentira”. In: Coluna do PTB. *Jornal Unitário*, 21 de março de 1959, p. 1-2.
- 18 Idem.
- 19 *Revista do Instituto do Ceará* (Histórico, Geográfico e Antropológico), 1988.
- 20 Entrevista concedida a Teresa Haguette.
- 21 Entrevista com o deputado federal Parsifal Barroso concedida à professora Luciara Silveira de Aragão, responsável pelo





Luís-Sérgio Santos

Convênio da Universidade Federal do Ceará com o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. A entrevista fez parte do Projeto de História Oral e foi realizada no dia 17 de junho de 1976.

- 22 CEARÁ. Lei nº 5.427, de 27 de junho de 1961, que dispõe sobre o desdobramento da Secretaria de Educação e Saúde em Secretaria de Educação e Cultura e Secretaria de Saúde e Assistência. *Diário Oficial*, Fortaleza, 28 de junho de 1961.
- 23 NOBRE, Geraldo da Silva. *Para a história cultural do Ceará: O Conselho Estadual de Cultura (1966-1976)*. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1979. 127 p.
- 24 “Vivências políticas”. *O Povo*, caderno semanal Fame, agosto de 1981, p. 254.
- 25 *Jornal Unitário*, quarta-feira, 14 de janeiro de 1959, p. 1.
- 26 “Ceará em busca da recuperação econômica: batalha conta o subdesenvolvimento tem seu ‘front’ no Nordeste”. Texto de Cláudio Rocha e fotos Geraldo Viola. *O Cruzeiro*, 10 de junho de 1961, p. 64-65.
- 27 Idem.
- 28 Entrevista concedida a Teresa Haguette.
- 29 Idem.
- 30 “Povo cearense mostrou que Fortaleza é Lott”. *Novos Rumos*, Rio de Janeiro, semana de 12 a 18 de agosto de 1960, p. 4.
- 31 Idem.
- 32 *Jornal do Brasil*, sexta-feira, 25 de março de 1960.
- 33 “Pânico no Ceará com boato de rutura”. *Jornal do Brasil*, 26 de março de 1960, p. 1.





34 Idem.

35 *Jornal do Brasil*, 27 de março de 1960, p. 10.

36 “Presidente e Vice foram ver do alto as inundações em toda a região do Orós”. *Jornal do Brasil*, quarta-feira, 30 de março de 1960, p. 7.

37 “Orós tem prazo para ser terminada ou ruir novamente”. *Jornal do Brasil*, sábado, 12 de novembro de 1960, p. 9.

38 Entrevista concedida a Teresa Haguette.

39 139ª Sessão da 4ª sessão legislativa, da 3ª legislatura, em 5 de novembro de 1958, Anais do Senado. Secretaria Especial de Editoração e Publicações – Subsecretaria de Anais do Senado Federal, p. 177.

40 Ibidem, p. 181.

41 Ibidem, p. 182.

42 Ibidem, p. 237.

43 144ª Sessão da 4ª sessão legislativa, da 3ª legislatura, em 11 de novembro de 1958, com presidência do sr. Freitas Cavalcanti.

44 Quando o senador solicita informações sobre o andamento dos trabalhos da sessão ou faz reclamação quanto à observância do regimento. Disponível em: <www12.senado.leg.br/noticias/glossario-legislativo/pela-ordem>.

45 O diabo, figurativamente.

46 O jornal *O Democrata* teve duas fases. A primeira fase começa no dia 5 de agosto de 1945 quando começa a circular,





Luís-Sérgio Santos

sob a direção de Olavo Oliveira, tendo como diretor técnico Alfeu Faria de Aboim e como redator-chefe Stênio Gomes da Silva. A redação e as oficinas estavam na Rua Senador Pompeu, 814, na casa onde nasceu Rachel de Queiroz. A segunda fase começa no dia 28 de fevereiro de 1946 quando foi adquirido pelo Partido Comunista, e virou “órgão oficial” do PCB em Fortaleza. NIREZ, Miguel Angelo de Azevedo. In: *Revista do Instituto do Ceará*, 2005.

- 47 Refere-se ao jornalista Themístocles de Castro e Silva.
- 48 Com o fim do Estado Novo e a criação dos partidos políticos em 1945, Tenório Cavalcanti filiou-se à União Democrática Nacional (UDN) e foi deputado federal pelo Rio de Janeiro de 1951 a 1964. Segundo Israel Beloch: “Manteve-se na oposição durante todo o governo Kubitschek, combatendo a política desenvolvimentista e a construção de Brasília, além de denunciar repetidas vezes a corrupção oficial”. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/cavalcanti-tenorio>>.
- 49 *A Noite*, Rio de Janeiro, sexta-feira, 13 de janeiro de 1961, p. 3.
- A Noite* era editado pela companhia jornalística Castellar, dirigido por Celso Kelly e sediado na Rua Frederico Serrador, 2, sobreloja, Cinelândia, Rio de Janeiro. Voltou a circular no dia 20 de dezembro de 1960. Um hábito de quase 50 anos, interrompido por três anos voltava agora.
- 50 “Parsifal envolvido em contrabando de café”. *Jornal do Brasil*, sábado, 3 de dezembro de 1960, p. 1.
- 51 MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará: 1945-1985*. Fortaleza: Stylus, 1985, p. 106.





Parsifal: Um intelectual na política

- 52 Entrevista com Francisco Régis Monte Barroso, em Fortaleza, no dia 5 de janeiro de 2017, quinta-feira.
- 53 8ª Sessão da 6ª sessão legislativa, da 3ª legislatura, em 15 de janeiro de 1959, sob presidência extraordinária dos senhores Cunha Mello e Victorino Freire.
- 54 “PTB do Ceará alija a corrente adesista”. *Diário Carioca*, Rio de Janeiro, quinta-feira, 3 de abril de 1952.
- 55 “Por tabela”, Coluna Hora H. *Última Hora*, sexta-feira, 11 de setembro de 1964, p. 3.







3. A União pelo Ceará

Parsifal Barroso renega qualquer outra versão que não esta. Ele é o autor intelectual da União pelo Ceará contrariando a paternidade requerida por Armando Falcão em seu livro *Tudo a declarar*¹.

Parsifal é peremptório, enfático, contundente:

“O autor intelectual da União pelo Ceará sou eu, unicamente eu. Verifiquei em primeiro lugar que se eu não fizesse a União pelo Ceará, o Adahil Barreto estaria eleito governador do Estado, na legenda da UDN.”²

A União pelo Ceará foi uma articulação de engenharia política que desmontou a candidatura de um candidato considerado esquerdista em uma conjuntura onde o fantasma do golpe, de esquerda ou de direita, era o melhor condimento da Guerra Fria. Nessa engenharia, a candidatura pela via da “esquerda” vinha da própria UDN através do pré-candidato Adahil Barreto.

Para desconstruí-la, engendrou-se uma frente partidária imbatível, colocando no mesmo palanque os históricos oponentes PSD e UDN e mais outros coligados. A composição ganhou volume e Virgílio Távora, da UDN, era o antídoto à candidatura do seu correligionário Adahil que foi defenestrado e manteve sua candidatura por outra legenda.

Régis Barroso confirma que a costura política da União pelo Ceará veio de conversas de Parsifal com Virgílio, Sarasate e José Martins Rodrigues. Antes, houve uma conversa reservada de Parsifal com Zé Martins e Carlos Jereissati.

“A costura foi fácil porque todo mundo tinha interesse, todo mundo estava com medo dos comunistas, a Guerra Fria estava





Luís-Sérgio Santos

começando a pegar fogo e o candidato do outro lado era o Adahil Barreto, que era um homem esquerdista.”

Parsifal assevera que a candidatura de Adahil Barreto tomou um impulso tão grande que deixou a UDN amedrontada quanto à fidelidade dos seus cabos eleitorais. Estavam seduzidos pelo candidato em detrimento de uma posição do partido.

“Eu, então, verifiquei que precisava evitar a eleição do Adahil Barreto; ao mesmo tempo eu verifiquei que o Estado precisava, pela primeira vez na história, unir politicamente o PSD e a UDN, o Partido Social Democrático e a União Democrática Nacional, que eram adversários ferrenhos desde que eu entrei na política. E, finalmente, eu já sabia que haveria a Revolução de 1964, por intermédio de fontes fidedignas. Se eu não colocasse um nome forte para governador, qualquer um outro seria fatalmente defenestrado com o advento da revolução. Eu tinha informações seguras de que a revolução viria. Não se sabia quando, mas que ela viria era uma verdade fora de contestação, porque o governo do presidente João Goulart estava seguindo uma orientação perigosa, do ponto de vista de Segurança Nacional. Ao mesmo tempo em que essa orientação do governo João Goulart se acentuou, necessariamente a corrente militar só podia se posicionar de uma maneira contrária, como de fato aconteceu.”

Parsifal foi alertado sobre isso por suas fontes militares. Os muitos apoiadores civis da revolução foram engolidos por ela. Lembra Parsifal: “Toda revolução devora os seus próprios filhos”.

Com o golpe civil militar de 1964, um sobrinho de Parsifal, Raimundo Ivan Barroso de Oliveira – filho de Olavo Oliveira, casado com a irmã de Parsifal, Maria José Barroso – foi preso e cassado.





A tendência de esquerda de Raimundo Ivan, na avaliação de Parsifal, decorria da influência e da amizade com o deputado Pontes Neto.

Pontes Neto era o médico da família, o conselheiro, e por essa via é fácil de se entender a influência que exercia junto a Raimundo Ivan Barroso de Oliveira.

Na verdade, avalia Parsifal, Raimundo Ivan era inofensivo, do ponto de vista revolucionário. Era mais um ideólogo, um formulador, um homem ilustrado a serviço de uma utopia.

Pelo fato de ter sido ministro do Juscelino Kubitschek e de ser trabalhista, Parsifal entrou na lista negra dos militares no poder. Foi chamado para depor em dois inquéritos policial-militar. Primeiro, em Fortaleza, depois, no Rio de Janeiro, no I Exército, interrogado pelo coronel Andrade Serpa. Mais tarde, seu próprio interrogador virou homem da oposição ao governo.

Voltando à paternidade da União pelo Ceará, Parsifal ressalta:

“Pretensos chefes da União pelo Ceará existem muitos, não é somente o deputado Armando Falcão. Mas, se eu não tomo a deliberação de ficar no governo até o final, se não decido ficar sem mandato como o fiz, saindo do Palácio da Luz para minha casa e para a Universidade Federal do Ceará não teria acontecido a União pelo Ceará porque a União Democrática Nacional considerava condição *sine qua non* que eu continuasse no governo até o último dia do meu mandato. E isso por um motivo simples, eles só confiavam em mim. Porque, veja bem, eu sempre advoguei que o meu sucessor devia ser udenista.”

Parsifal defendia a UDN no poder porque, de posse de informações da caserna, sabia que a UDN seria o partido sustentáculo do golpe civil militar de 1964. Some-se a isso o fato de os udenistas negociadores da coligação só confiarem em Parsifal.





Luís-Sérgio Santos

Além disso, a candidatura de Adahil Barreto era vista como contaminada por certo viés esquerdista. Um esquerdismo udenista, enquanto que a parte maior do udenismo, na que ficou Parsifal, formava o que ele chamava de “conservadorismo”. À dissidência udenista aliou-se o PTB, tanto que o candidato a vice-governador era o petebista Fausto Cabral, que fora suplente de Parsifal no Senado e assumira grande parte do seu mandato tendo em vista sua indicação ao ministério JK.

Para Parsifal, o esquerdismo de Adahil Barreto é decorrente do nacionalismo exagerado e incompatível com aquela realidade.

A UDN tinha outros nomes governamentáveis, como o empresário José Flávio Costa Lima. Mas a escolha de Virgílio para ser o cabeça de chapa na União pelo Ceará foi estratégica. Parsifal dava uma “prova convincente” de que estava imbuído das melhores intenções ao fazer a União pelo Ceará e por isso escolheu como sucessor aquele que derrotara em 1958. Era a prova mais evidente da sua determinação de conduzir sua sucessão até o último dia de governo.

E graças a isso reposicionou o talentoso Virgílio Távora na política do Ceará. Ele vivia um certo ostracismo e sua indicação para liderar a cabeça de chapa na União pelo Ceará reabilitou o tavorismo.

“Virgílio foi retirado do ostracismo. Quando o Virgílio foi escolhido meu sucessor, sabe o que é que o Virgílio era? Era diretor da Novacap em Brasília. A lei criadora da Novacap dava direito a que um diretor fosse udenista, para a oposição fiscalizar. A UDN mandou três nomes para o Juscelino. Virgílio foi o escolhido. Então, aconteceu que ele estava reduzido a diretor da Novacap, com um mandato que não era vitalício. Então, estava no ostracismo. A expressão é exata: estava no ostracismo. Justamente eu o retirei desse ostracismo e passei a apoiá-lo para o governo do Estado.”³





Adahil Barreto reagiu à União pelo Ceará e manteve sua pretensão de disputar o Governo.

“Minha candidatura nasceu espontaneamente no seio do povo, pelo menos há dois anos”, disse. “O meu dever de homem público era o de permanecer candidato mesmo contra a composição que o sr. Virgílio Távora fez, tornando-se candidato, graças ao acordo celebrado com os srs. Parsifal Barroso e Armando Falcão, formalizado às pressas e na calada da noite.”⁴

Depois do embate de 1958 e das graves críticas que recebeu de Fernandes Távora, pais de Virgílio, Parsifal como que retribuía dando a outra face.

Sobre o governo de seu sucessor, avalia Parsifal:

“O governo Virgílio Távora tem o seu merecimento porque aquele princípio de planejamento que eu fora obrigado a criar no meu governo, no governo dele – que se seguiu – é já um planejamento: o 1º Plano de Metas Governamentais – PLAMEG. Esse primeiro PLAMEG ele não pôde executar por inteiro – é claro que todo planejamento está sujeito a falhas – mas, não há dúvida alguma que a criação da Secretaria do Planejamento, que é obra do governo Virgílio Távora, concorreu bastante para modificar a conceituação do planejamento, de modo a se tornar obrigatório para todos os governos. E as obras que ele fez estão dentro do primeiro PLAMEG.”

No pacote da União pelo Ceará foi eleito o general Murilo Borges Moreira, o último prefeito de Fortaleza antes do golpe de 1964. Quando faleceu, a 2 de maio de 1982, Murilo Borges, primo e amigo de Parsifal, foi tema de um de seus artigos.

“Somente agora posso revelar o grau de parentesco, através de nossas idolatradas mães, cujo sobrenome Cunha foi indevidamente eliminado dos nossos sobrenomes, pois eu e o saudoso Murilo fomos erradamente registrados pelos nossos pais. Em honra às excelsas memórias de Narcisa Borges Moreira





Luís-Sérgio Santos

e Emília Barroso, nossas admiráveis mães, deveríamos ter o sobrenome Cunha, pois eram primas legítimas. Através desse esquecido parentesco materno é que o admirável Murilo se tornou afilhado, pelo sacramento do batismo, dos meus inesquecíveis pais, Hermínio Barroso e Emília Cunha Barroso.”⁵

A política é dinâmica desde sempre. Em maio de 1961, a sucessão de Parsifal foi tema da sempre bem antenada revista *O Cruzeiro*, que dedicava suas primeiras páginas à cobertura política.

Observava-se ali que a sucessão do governador petebista Parsifal Barroso repetiria a estratégia que impôs surpreendente derrota à UDN, em 1958. Tudo indicava que agora seria a vez do PSD e já se especulava em relação aos nomes dos deputados federais José Martins Rodrigues e de Armando Falcão.

“Um dos dois seria o beneficiário direto da manutenção do esquema de forças que derrotou a UDN”, previa a revista *O Cruzeiro* na publicação de 27 de maio de 1961.

Mas em período pré-eleitoral a política é aquela nuvem à qual se referia uma velha raposa política mineira: “quando a gente olha novamente já mudou tudo”.

Pois o PSD se juntou com a UDN, sob o patrocínio do governador Parsifal Barroso, em torno do nome de Virgílio Távora, seu desafeto em 1958.

O pré-candidato udenista Adahil Barreto, expelido pelo próprio partido e, em protesto, manteve sua candidatura ao governo agora pelo PTB e pelo PSP.

Parsifal rompeu com o PTB, fundou o PTN e para a nova sigla levou o governo Virgílio Távora.





Parsifal: Um intelectual na política

Perder o governador Parsifal foi um baque para o PTB cearense. Com a criação do PTN, Parsifal rapidamente construiu um novo abrigo para seus correligionários. E não teve dificuldades para reforçar a convergência UDN-PSD em torno do nome de Virgílio Távora.

Segundo o governador Parsifal Barroso, existiam, no Ceará, três obstáculos à decisão do problema sucessório local: o primeiro, diz o governador, é que todos esperavam que, no dia 7 de julho, o ministro Virgílio Távora confessasse o que todo mundo já sabia, isto é, que era candidato ao governo do Ceará. O segundo é a segunda votação já proposta à Assembleia Estadual, da emenda que introduz o parlamentarismo no Ceará, aprovada em primeira votação. E, finalmente, o terceiro é a expectativa de que, também a 7 de julho, Parsifal diga que ficaria no governo.

“Farei o que prometi ante a descrença geral: permanecerei no governo e presidirei minha própria sucessão.”

No dia 28 de julho de 1962, PSD, UDN e PTN firmaram um acordo político pela União pelo Ceará com o candidato a governador da UDN, o vice do PSD e as duas vagas para Senado, uma do PTN e a outra do PSD.

Virgílio diz que a indicação de seu nome veio de José Martins Rodrigues em uma reunião na casa do senador Menezes Pimentel. Foi Zémartins quem também fez com que Figueiredo Correia, que tinha como filho, aceitasse a indicação para vice. Armando Falcão abre mão de uma das vagas para o senado a favor de Wilson Gonçalves, que ameaçava dissidência. Pelo PTN o governador Parsifal indicou Tancredo Halley de Alcântara para o senado. Tudo foi homologado em convenção.





Luís-Sérgio Santos

Duas chapas entraram na disputa. A União pelo Ceará com Virgílio, Figueiredo Correia (vice) e Wilson Gonçalves e Tancredo Halley (senadores).

A oposição se aglutinou na Frente Democrática (PTB, PP, PR, PST e PDC), tendo Adahil Barreto para governador, Fausto Cabral para vice-governador e para o Senado Federal Carlos Jereissati e Olavo Oliveira.

Para a Prefeitura de Fortaleza, a União pelo Ceará lançou a candidatura de Murilo Borges tendo o jornalista Luiz Queiroz Campos como vice. E a Frente Democrática lançou Péricles Moreira da Rocha para prefeito (Pekin) e o líder sindical José de Moura Beleza para vice.

Foi nesse contexto de cisão com antigos aliados em uma eleição concorridíssima que Carlos Jereissati surpreendeu, conquistando o mandato de senador, tendo como suplente Antônio Jorge de Queirós Jucá, que elegeu-se também deputado federal naquela mesma eleição.

NOTAS

- 1 FALCÃO, Armando. *Tudo a declarar*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- 2 Entrevista concedida a Teresa Haguette.
- 3 Idem.
- 4 “Adahil atribui êxito de sua candidatura no Ceará à compreensão do povo”. *Jornal do Brasil*, 15 de agosto de 1962, p. 4.
- 5 “Vivências políticas”. *O Povo*, caderno semanal Fame, agosto de 1981, p. 365.





4. Os primeiros dias na política

“Recordo que na minha infância conheci pela primeira vez um presidente de Estado, o inesquecível presidente Justiniano de Serpa. Tinha eu de cinco para seis anos de idade... Aproximei-me do presidente Justiniano de Serpa e ele entendeu que eu estava desejoso de conhecê-lo. Disse-me ele: ‘Estude sempre, meu garoto. Porque foi graças à educação que cheguei a governar o nosso Estado.’”¹

Essa memória remota de Parsifal foi seu *leitmotiv* para sempre. A educação, a formação intelectual e a cultura foram seu grande campo, na pesquisa, na música, na sala de aula, na literatura. E também no parlamento. Seus discursos eram eivados de um saber no limite da erudição, revestido pela simplicidade.

“Sempre fui um menino bem acomodado, além do conselho do presidente Justiniano de Serpa para que eu me dedicasse exclusivamente ao estudo meu pai sempre exerceu sobre mim uma influência muito grande, como professor que era, de modo a me tornar um aluno que, afora as horas de estudo, vivia o lazer apenas em companhia dos nossos alunos do Liceu, meus inesquecíveis amigos, colegas; depois, posso afirmar sem receio de contestação, tomei tão a sério a obrigação de trabalhar e de estudar, que toda a minha vida ficou restrita a esses deveres: estudando e trabalhando desde a idade de 16 anos. Por isso meu começo de vida como professor corresponde à idade de 16 anos, e a minha formatura ocorreu quando eu tinha 21 anos incompletos, e em meu primeiro mandato de Deputado Estadual estava com 22 anos. Assim sempre exerci a minha vida preso





Luís-Sérgio Santos

a esses dois deveres, ao cumprimento dessas duas obrigações: de estudar e de trabalhar. Antes dos 16 anos trabalhei como entregador e carregador de embrulhos em Fortaleza.”²

Casado com Olga Monte Barroso, seu amor para sempre, Parsifal, naquela entrevista concedida no dia 17 de junho de 1976, com o neto Igor – filho de Myra Eliane e Régis Barroso – no colo, desfila a prole que dessa relação germinou:

“Vera Maria, casada com duas filhas que são as minhas netas mais velhas; Francisco Régis, que já foi deputado federal como eu atualmente sou, e casado, possui um filho que está ao meu lado nesta entrevista e é o meu neto Igor; depois vem meu filho Roberto Parsifal que reside nos Estados Unidos, Nova York, e tem dois filhos; depois minha filha Siglinda Maria, que reside em Brasília com um neto, e finalmente, Olga Emília, ainda solteira e universitária que reside neste apartamento. Eis minha família com os filhos e os netos.”³

José Parsifal Barroso nasceu em Fortaleza, no dia 5 de julho de 1913, filho de Hermínio Barroso e Emília Cunha Barroso.

Sua alfabetização começou pelas mãos da professora Beatriz Ibiapina, mãe de Mozart Ibiapina Siqueira e de José Ibiapina Siqueira. Em seguida tomou aulas particulares com a professora Maria de Lourdes Ramos. Depois ingressou no Colégio Castelo Branco onde fez uma parte do primário. Essas duas professoras o alfabetizaram, enquanto que no Colégio Castelo iniciou o curso primário, concluído no Colégio Cearense. E no Colégio Cearense Parsifal teria ficado até o fim do curso secundário se, em 1925, com a Reforma Rocha Vaz do ensino, tivesse certeza de que os colégios particulares pudessem oferecer os cursos. A reforma instituiu juntas examinadoras nos colégios particulares. Então, em 1925 fez a prova para ingresso no Liceu do Ceará de onde somente saiu em 1929. No início do ano seguinte, fez vestibular para a Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará obtendo pleno êxito.





Nesse período, Parsifal vivenciou uma situação pouco comum. Era simultaneamente, em 1930, aluno do primeiro ano do Curso de Direito e também aluno do sexto ano do Liceu porque queria obter o grau de bacharel em Ciências e Letras como, de fato, aconteceu.

Só que a motivação de Parsifal extrapolava o grau Ciências e Letras. Ele ficou no Liceu também para fazer o Tiro de Guerra do Exército Brasileiro que formava atiradores e cabos reservistas. Era possível conciliar a instrução militar com o trabalho ou estudo. O civil Parsifal queria ter essa experiência militar.

No sexto ano, Parsifal teve como professor de Sociologia o jornalista e advogado Jáder de Carvalho, polêmica personagem do jornalismo cearense que mais tarde seria um dos seus ácidos críticos, inclusive construindo alcunhas com Zé da Olga. Consta que Jáder teria “rompido” com Parsifal quanto este se recusou a comprar as máquinas do seu recém fechado jornal *Diário do Povo*.

Para provisionar a família órfã de Hermínio, Parsifal intensificou sua atividade como professor. Passou a lecionar cinco disciplinas em vários colégios de Fortaleza: química, física, biologia, sociologia e teologia.

“Química e física eram realmente o forte dele”, lembra seu filho, Régis Barroso.⁴

Parsifal foi professor nos colégios mais populares de Fortaleza: Imaculada Conceição, Colégio São João, Colégio Cearense. Também dava aulas particulares preparatórias para jovens de Fortaleza que iam fazer vestibular na Bahia para a Faculdade de Medicina. Parsifal sabia o caminho das pedras pois ele próprio fora aprovado para a Faculdade de Medicina, em Salvador.

Em 1933, quando se graduou em Direito, foi escolhido orador da turma em decorrência de sua participação no





Luís-Sérgio Santos

movimento estudantil. “Fui eleito, em renhida luta, orador da turma de bacharéis que se formou em 1933. Eu, politicamente, lutei para ser eleito orador da turma, que naquele tempo tinha uma grande expressão político-social”, afirma Parsifal. Depois de tudo, foi eleito pelos colegas – dentre eles José Ibiapina Siqueira, a desembargadora Lucrécia Pinho e Renato Carvalho – o orador da turma. Fez um discurso inflamado tratando da conjuntura. O ano eleitoral com intensas campanhas e enormes crises de legalidade com apelos de intervenção ao presidente Getúlio Vargas.

O vírus da política contaminara Parsifal naquele mesmo ano a partir da militância no Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua, do Curso de Direito.

“Faculdade de Direito representou sempre a viga mestra do ensino superior universitário no Ceará, tanto que ela conservou o nome de Faculdade de Direito do Ceará mesmo quando, pela Reforma Universitária, as faculdades deixaram de ter esse nome. Mas a Faculdade de Direito conservou. Em torno da Faculdade de Direito, foi que se formaram todos os políticos do Ceará, inclusive eu. Todos fomos formados em Direito por essa Faculdade que representava tanto na paisagem cultural do Ceará.”⁵

Parsifal lembra que “todos os políticos do Ceará eram expressão da classe média. Até a Revolução de 1964 foi assim. E como expressão da classe média eles tendiam sempre a exercer posições que os afastassem das ideologias integralista e comunista”.

A sucessão de intensas crises e correlações de forças fez a Constituição Brasileira de 1934, promulgada em 16 de julho pela Assembleia Nacional Constituinte, que se propunha a “organizar um regime democrático, que assegure à Nação, a unidade, a liberdade, a justiça e o bem-estar social





e econômico”. Durou somente um ano, e foi suspensa pela Lei de Segurança Nacional.

Parsifal acompanhava o movimento de reconstitucionalização do Brasil que teve início em 1934. Pouco tempo depois, em 1936, assumiria o seu primeiro mandato como deputado estadual e, na tribuna, combateu o Partido Integralista Brasileiro – um dos partidos ideológicos da época, o outro era o Partido Comunista Brasileiro.

“Tive grandes debates com o integralista deputado Ubirajara Índio do Ceará. Atacava o integralismo por ser uma expressão política totalitária e não democrática.”

O integralismo tinha uma bancada estadual de dois parlamentares: Ubirajara Índio do Ceará e Carlos Eduardo Benevides. Severino Sombra e o deputado federal Jeovah Motta eram outros integralistas não menos importantes.

De 1935 a 1937, prevaleceu a influência do Partido Integralista Brasileiro no parlamento estadual através desses dois deputados e isso não era pouco, considerando que na decisão no plenário um voto fazia toda a diferença, como vimos na eleição de Menezes Pimentel.

“A presença de dois deputados integralistas tinha ponderabilidade muito grande.”⁶

Curioso é que, contraditoriamente, tanto os integralistas quando os comunistas contavam com ampla penetração e apoio junto ao operariado, aos trabalhadores. “O sustentáculo do Partido Integralista era o movimento operário. [...] A Igreja também teve muitos padres que aderiram ao integralismo porque o partido combatia o comunismo. Então, por isso, muita gente da Igreja foi para as fileiras do Integralismo.”

No entender de Parsifal, a Igreja Católica apoiava o integralismo porque sabia que era uma organização política nascida para combater o comunismo no Brasil. Diferentemente da





Luís-Sérgio Santos

LEC (Liga Eleitoral Católica) que foi um movimento criado para dar expressão política à Igreja Católica e só obteve êxito eleitoral expressivo no Ceará.

Nos poucos cursos superiores que existiam, praticamente Direito, Farmácia e Agronomia, o debate ideológico era conduzido pelos integralistas e pelos comunistas. Era um ambiente muito carregado, “de modo que as ideologias tiveram muita importância nesse tempo, tanto no tempo do Integralismo como no tempo do Comunismo”.⁷

Em 1935, Parsifal Barroso estava à frente da Junta de Conciliação e Julgamento do incipiente Direito do Trabalho, que começou a se consolidar no Ceará a partir de 1930. Em 1932, surgiram as primeiras Juntas de Conciliação e Julgamento com a função inovadora de mediar e pacificar conflitos trabalhistas.

Parsifal mediu o processo mais antigo disponível para consulta no acervo do Tribunal Regional do Trabalho do Ceará (nº 2665-1939). Trata-se do caso de um vendedor de bananadas e goiabadas que foi demitido após 14 anos seguidos de trabalho na mesma empresa.

Para convencer a Junta de Conciliação, o advogado do empregador fez defesa cheia de metáforas literárias ao estilo “travestido de manso cordeirinho, quando na realidade não passa do voraz lobo da fábula” etc.

O advogado do vendedor argumentou, baseado no artigo 33 do Decreto-Lei 24.273, que a estabilidade era um direito irrenunciável, assegurado pelo citado artigo, de 22 de maio de 1934.

À frente da Junta de Conciliação e Julgamento, Parsifal Barroso determinou “que o empregado fosse readmitido no seu antigo cargo de pracista [...] recebendo integralmente os seus vencimentos correspondentes ao tempo em que esteve afastado do seu emprego”.⁸





A defesa do empregador recorreu a duas instâncias superiores e em todas a decisão de Parsifal foi mantida.⁹

Como deputado estadual classista, Parsifal foi eleito em nome de uma categoria profissional, filiado que era ao Sindicato dos Professores, instituição reconhecida pelo Tribunal Superior Eleitoral. Dezenas de associações regionais no Brasil passaram a participar das eleições legislativas já a partir de 1933 e 1934, ocupando espaço nessa brecha da lei eleitoral de então.

Parsifal era sindicalizado desde 1930, quando começou a dar aulas no Liceu do Ceará e, logo depois, em colégios particulares de Fortaleza. Em 1936, ele fundou e foi o primeiro presidente do Sindicato dos Professores do Estado do Ceará.

“O Sindicato tinha extrema credibilidade porque fora criado pela Constituição de 1934. A representação política classista e os classistas eram eleitos pelos sindicatos e, desse modo, os sindicatos passaram a ter uma importância muito grande.”¹⁰

Esse cenário mudaria com o Estado Novo, que pôs fim à figura do deputado classista empurrando os sindicatos para a sua atividade primária em defesa dos interesses da classe trabalhadora.

Sua eleição deveu-se muito a dois amigos. Um deles, o advogado Olavo Oliveira, à época filiado à LEC, era o grande mentor da formação de quadros legislativos classistas no Ceará e apoiou a candidatura do cunhado. Olavo era casado com Maria José Barroso, irmã de Parsifal. Outro apoiador incontestado de Parsifal foi seu futuro sogro, Chico Monte, um e outro políticos militantes germinados na zona Norte, Sobral e Granja. Naquele 1935, quando se elegeu, Parsifal já era noivo de Olga Monte, a diletta filha única de Chico Monte. O casamento aconteceria mais tarde, em 1937.





Luís-Sérgio Santos

“Olavo Oliveira fez todos os deputados classistas”, relembra Parsifal.¹¹

Olavo era amigo-irmão de Agamenon Sérgio de Godoy Magalhães, o poderoso ministro do Trabalho do governo Getúlio Vargas. Assim, Agamenon Magalhães facilitou a criação dos primeiros sindicatos de trabalhadores no Ceará, potencializando a ampliação da representação classista no parlamento.

Parsifal lembra que Olavo Oliveira elegeu a bancada classista para aumentar a maioria do governador Menezes Pimentel na Assembleia Legislativa, que estava reduzida a um deputado. E reforça:

“O Dr. Pimentel foi eleito Governador do Ceará em 1935 com a maioria de 1 (um) voto sobre o adversário. Um voto só.”

Em outra situação, o engenhoso Olavo Oliveira bolou uma lei para afastar da política seu desafeto eleitoral José Sabóia. Sabóia era criticado por seus oponentes por misturar política com judicatura e, sem judicatura, ele ficaria bem mais fraco politicamente. Assim, foi aprovada uma lei que reduzia o teto para o juiz se aposentar e, assim, atingir Sabóia. Só que o estratagemma não se aplicou a Sabóia porque a idade que se presumia dele era bem maior do que de fato era.

Olavo Oliveira era filho do coronel Luiz Felipe de Oliveira, líder político em Granja que, juntamente como o coronel Tibúrcio Gonçalves de Paula (São Benedito) e o coronel João Ramos (Camocim), Grijalva Costa (Ubajara), João Nunes (Tianguá) eram apoiadores de Chico Monte na zona Norte do Ceará. Em outra parte do Ceará, Nova Russas, Chico Monte tinha o apoio do líder político local Oriel Mota.

Em 1954, Olavo Oliveira sofreu acentuada derrota quando concorreu ao Senado em aliança com o governador Raul Barbosa – este, do mesmo modo, derrotado em sua corrida à Câmara Alta. Antes, em março daquele ano, Olavo Oliveira





pressionou o PSD para lançá-lo, na coligação com seu partido, candidato ao governo do Ceará.

Olavo Oliveira divulgou uma carta onde revela “que havia a combinação de que, se o PSD conseguisse atrair o PTB para a aliança que mantem com o seu partido, o candidato a governador seria o sr. Menezes Pimentel”. Em caso contrário, seria ele, Olavo.¹²

“Os pessedistas estão certos de que se lançarem a candidatura de Olavo Oliveira perderão a eleição para o deputado Paulo Sarasate, que é muito popular em Fortaleza, onde Olavo não conta com número apreciável de votos”, assegura o jornal *Tribuna da Imprensa*.¹³

Mas em abril de 1954, o senador Olavo Oliveira tinha seu próprio sonho de composição política. O candidato a governador de sua preferência naquele momento, na aliança PSD-PSP, era o pessedista Menezes Pimentel Oliveira, afirmava ao jornal *Correio da Manhã* que “o acordo firmado entre os dois partidos gira em torno da seguinte chapa: Menezes Pimentel governador (PSD), Raimundo Ivan (PSP) vice governador e senadores Olavo Oliveira (PSP) e Raul Barbosa (PSD). Para prefeito de Fortaleza, Stênio Gomes (PSP).”¹⁴ Tratava-se de um balão de ensaio, nem o próprio Oliveira acreditava no sucesso dessa fórmula.

Ao perder a disputa para o Senado, Olavo Oliveira requereu ao Tribunal Regional Eleitoral a recontagem da sua votação à reeleição. Teve o pedido indeferido por unanimidade. “Se desejar, o senhor deve se dirigir às diversas juntas apuradoras”, sugeriu o texto de indeferimento.

Raul Barbosa teve o bom senso – constata Parsifal – de afastar-se da política partidária, para exercer uma política administrativa, através do Banco do Nordeste. Enquanto o Olavo foi decaindo.





Luís-Sérgio Santos

Parsifal participou intensamente da acirrada campanha eleitoral de Menezes Pimentel.

As desavenças do grupo com José Sabóia remanesciam a um episódio que envolve Chico Monte e um certo tenente Castelo Branco, aliado de José Sabóia. E o militar queria prender o coronel Francisco de Almeida Monte em decorrência de um episódio de homicídio. “Foi uma perseguição inteiramente pessoal ainda mais porque Chico Monte foi absolvido por ter agido em siso legítima defesa”, avaliou mais tarde, Parsifal. Em 1958, quando Sabóia derrota Chico Monte e seu grupo político o acirramento fica maior. Em 1962, estavam eleitoralmente na mesma coligação, a União pelo Ceará.

Na oposição, nas trincheiras do Partido Social Democrático, quem liderava era Paulo Sarasate, surfando em seu primeiro mandato político conquistado em 1935 como deputado à Assembleia Constituinte Estadual.

Ao mesmo tempo em que Parsifal era eleito deputado classista, em 1935, seu futuro sogro, o prócer político sobralense Francisco Monte também estreava no parlamento estadual como deputado constituinte, eleito pelo povo.

Nesse mesmo ano, ainda aliado de Menezes Pimentel, Chico Monte conseguiu a nomeação de Vicente Antenor Ferreira Gomes como prefeito de Sobral, gestão somente encerrada em 1944. Na visão de Parsifal Barroso, Vicente Antenor realizou uma gestão “ponderada, mas muito operosa construindo estradas vicinais e Grupos Escolares”. Vicente Antenor era parente de José Euclides Ferreira Gomes, pai do ex-deputado João Frederico.

DEOLINDO BARRETO, DOM JOSÉ E CHICO MONTE

Ainda em Sobral e adjacências, a histórica tensão entre as famílias Almeida Monte e Barreto remonta ao assassinato de





um tio de Cesário, o inflamado jornalista Deolindo Barreto, assassinado no plenário da Câmara dos Vereadores no dia 18 de junho de 1924. Chico Monte foi publicamente insinuado como um dos mandantes do crime. Nada se provou a respeito disto. “Durante a vida inteira, esse crime foi usado contra Chico Monte de diversas maneiras”, comenta Lustosa da Costa.¹⁵

O fazendeiro e influente Chico Monte era um dos fiéis do grupo religioso “Filhos de Cristo”, círculo católico comandado por dom José. Deolindo era o fundador, tipógrafo e principal redator do jornal hebdomadário *A Lucta*, que começou a circular no dia 1 de maio de 1914. O jornal de Deolindo Barreto era citado pelo concorrente *Correio da Semana*, de dom José Tupinambá, como um exemplo de “má imprensa”. O jornal fora lançado por dom José para se opor ao jornal de Deolindo. Em 1922, Dom José proibiu os fiéis católicos de lerem *A Lucta*, os infratores estariam cometendo pecado mortal. “O que Deolindo Barreto temia era que as leis não fossem respeitadas, pelo uso abusivo do poder, foi concretizado no processo de apuração do seu assassinato” constata a pesquisadora Chrislene Carvalho dos Santos.¹⁶

A Lucta tinha como epígrafes “Conte-se o caso como foi. O cão é cão, o boi é boi. Diga-se a verdade na terra embora desabem os céus” segundo anota Barão de Studart na *Revista do Instituto do Ceará* de 1914 sob o título “Jornais publicados no Ceará no ano de 1914”.

A INFLUÊNCIA DA IGREJA CATÓLICA

A Liga Eleitoral Católica foi um partido político poderoso e influente no Ceará. Ela criou as condições objetivas para a ascensão de uma plêiade de políticos que fizeram carreira no plano nacional e ascenderam a elevadas posições na política.





Luís-Sérgio Santos

Todos eles, após a ditadura do Estado Novo, se abrigaram na sigla do PSD.

Em antológica entrevista à socióloga Teresa Haguette, o ex-governador Parsifal Barroso atribui ao arcebispo Metropolitano de Fortaleza, dom Manoel da Silva Gomes¹⁷, a indicação do nome do advogado Menezes Pimentel ao Governo do Estado. A indicação e a eleição. O influente dom Manoel da Silva Gomes era o mentor espiritual da Liga Eleitoral Católica.

A ação política da Igreja Católica naquela conjuntura, decorre, na avaliação de Parsifal, de uma decisão do cardeal do Rio de Janeiro, dom Sebastião Leme, arcebispo do Rio de Janeiro. O cardeal criou a Liga Eleitoral Católica, e o Estado em que essa Liga teve mais vida, expressão, ponderabilidade, foi o Ceará. Porque elegeu a maioria da bancada estadual, federal e o governador de então, Menezes Pimentel.

Em 1933, na eminência das eleições para a formação de uma Assembleia Nacional Constituinte, dom Leme organizou e assumiu a direção da Liga Eleitoral Católica, associação civil de âmbito nacional criada para estimular e apoiar candidaturas alinhadas à doutrina social da Igreja Católica, independentemente de sua filiação partidária. Curiosamente, o Ceará foi um dos estados brasileiros que melhor respondeu à proposta do cardeal graças ao empenho de dom Manoel.

Sobre esta decisão estratégica do cardeal, Ralph Della Cava indica seu *leitmotiv*. Entendia dom Sebastião que “a República havia levado ao poder uma minoria descrente, deixando os crentes – que constituíam a maioria – sem poder de decisão a respeito dos problemas nacionais. Para inverter essa situação, era necessário mobilizar uma cruzada de militantes católicos, a fim de reeducar a nação através dos seus ensinamentos e, fundamentalmente, assegurar para a Igreja o reconhecimento jurídico de sua legítima posição”¹⁸.





Parsifal entende que o sucesso da LEC no Ceará se deve ao fato de que ela funcionou no Estado como um partido político. Isso porque o tirocínio de dom Manoel fê-lo entregar a LEC a políticos tarimbados.

“A LEC foi entregue a políticos com experiência, cada qual mais inteligente que o outro: Edgar Cavalcante de Arruda, Valdemar Falcão, Olavo Oliveira. Basta citar estes três nomes para mostrar que a Liga Eleitoral Católica conseguiu os melhores políticos do Ceará, os mais expressivos para a eleição. Valdemar Falcão foi eleito nessa época, a sua vida política começa ali, eleito pela LEC. Dom Manoel era um homem de temperamento político mas somente a serviço dos políticos do Ceará que acamparam na Liga Eleitoral Católica.”

A ideia de Olavo Oliveira para dar maioria parlamentar ao recém-eleito Menezes Pimentel foi engenhosa. O Ceará era o motor na modalidade representação classista no parlamento. Poucos estados tinham essa modalidade. E funcionou. Pimentel passou a ter folgada maioria do parlamento estadual.

Na visão de Parsifal “a Liga Eleitoral Católica era um partido quase confessional”, tinha estreita ligação com a Igreja Católica, liderada em Fortaleza pelo arcebispo dom Manoel. Em 1935, a LEC elegeu o advogado Francisco Menezes Pimentel, nas eleições indiretas, na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. O deputado Francisco Monte, líder político da zona Norte do Ceará, teve papel decisivo na eleição de Menezes Pimentel que teve a vantagem de um voto. Derrotou José Pompeu Pinto Accioly, filho do comendador Nogueira Accioly, candidato do Partido Social Democrático. Esse Partido Social Democrático posteriormente transformou-se na União Democrática Nacional. Na época, no Ceará, os partidos que de fato contavam eram a Liga Eleitoral Católica e do PSD. Curioso que, com o fim do Estado Novo, a sigla PSD foi “tomada” pelos





Luís-Sérgio Santos

próceres da LEC tais como Menezes Pimentel, José Martins Rodrigues e outros.

O PSD era sucessor da Aliança Nacional Libertadora, o “Partido dos Tenentes” que deu suporte a Getúlio Vargas, a partir de 1930.

Getúlio se apoiou nos políticos militares da classe dos tenentes, daí a expressão “Partido dos Tenentes”.

O GOLPE DE 1937, PARSIFAL CASSADO

Em análise muito posterior ao fato, Parsifal defende que Getúlio Vargas deu o golpe de 1937 por dois motivos: o primeiro é que ele temia o aumento da importância da ponderabilidade tanto do Integralismo como do Comunismo. Isso seria um fator de enorme perturbação política para o seu governo. Em segundo lugar, o presidente Vargas criou o Estado Novo para introduzir no Brasil um novo tipo de política à sombra da ditadura. E ele conseguiu.

Todos os governadores, eleitos pelo povo, concordaram em passar a interventores federais. As exceções foram Bahia e Pernambuco. Na verdade, a maioria dos estados dependia financeiramente do governo federal e Getúlio mantinha a todos com a rédea curta. Assim, quando o governador mineiro Benedito Valadares, que apoiava os planos continuístas de Vargas enviou Francisco Negrão de Lima aos estados do Norte e Nordeste, a luz verde acendeu. A chamada “missão Negrão de Lima”, para medir a temperatura dos governadores em relação aos interesses golpistas de Vargas, constatou o apoio da maioria dos governadores. Com a exceção de Juraci Magalhães, da Bahia, e Carlos de Lima Cavalcanti, de Pernambuco – que sequer foram visitados – os demais mandaram dizer que apoiavam o golpe iminente.





Sempre sincero e cortante em suas posições transparentes e verdadeiras, somente um político como Parsifal era capaz de um diálogo como este:

— O que o Golpe de 1937 trouxe de novo, o que significou esse golpe?

— A ditadura.¹⁹

Parsifal, contemporâneo da ditadura do Estado Novo, assegura que a repressão de Filinto Müller, o poderoso chefe de Polícia do Estado Novo, “foi de uma crueldade sem limites”. Há, na visão de Parsifal, uma equivalência da violência do Estado Novo com a violência do regime militar. O Estado Novo reprimia o integralismo, o comunismo, os líderes resistentes de toda ordem.

Desempenhando o papel de interventores, os governadores que dependiam da receita da União para custear e investir em seus Estados ficaram mais dependentes ainda. Todo o poder estava centralizado no plenipotenciário Getúlio Vargas.

No Ceará, o governador Menezes Pimentel, agora interventor federal, “foi prestigiar politicamente os correligionários”. Exonerou todos os prefeitos que não rezavam na sua cartilha. Houve, de fato, uma caça às bruxas a exemplo do que aconteceu em outros estados. E os apoiadores de primeira hora, como Waldemar Falcão, Edgar Cavalcante de Arruda, Olavo Oliveira e outros próceres da LEC ganharam privilégios. Pimentel exerceu o poder plenamente. Usou autoridade policial para sufocar desde o menor levante. Seu secretário de Segurança, o general Manoel Cordeiro Neto, era mais que respeitado. Vinculado a ele estava Delegacia de Ordem Política e Social, cheia de métodos de investigação heterodoxos, comandada pelo delegado José Góis de Campos Barros.

Em 1958, Parsifal teve um embate eleitoral direto com o general Cordeiro Neto – do nanico Partido Libertador – na





Luís-Sérgio Santos

disputa pela prefeitura de Fortaleza. Seu candidato era o professor Ari de Sá Cavalcante, derrotado pelo general na disputa pela prefeitura de Fortaleza.

Apoiador de primeira hora, Olavo Oliveira, no entanto, rompeu com o interventor Menezes Pimentel. “Olavo tem uma particularidade na vida dele: ele não apoiou o interventor Menezes Pimentel durante todo o tempo, ele dissentiu, brigou e separou-se do Pimentel.”

Também o líder político Francisco de Almeida Monte rompeu com Menezes Pimentel, a exemplo de Olavo Oliveira. Parsifal acompanhou politicamente Olavo e Francisco Monte. Outros que os seguiram foram Francisco Silveira Aguiar, Manoel Gomes de Freitas, Pedro Paulo Cavalcante, João Ramos e José Euclides Ferreira Gomes.

Pimentel não atendeu demandas apresentadas por Chico Monte e Parsifal. Sem a compensação pelo apoio dado, o grupo político rompeu politicamente com o interventor Menezes Pimentel. Os cargos eram para atender as demandas e pressões das bases – abrigar, no Governo, seus apoiadores e cabos eleitorais. Era, também, uma demonstração de força e prestígio. “Fazer política era prestigiar com posições, cargos ou funções, os elementos que permaneceram fiéis ao dr. Francisco de Menezes Pimentel, interventor federal, e que eram procedentes da antiga LEC.”

Na avaliação de Parsifal, o desprestígio dos dois dissidentes junto ao interventor Pimentel decorreu de uma premonição deste em relação a Olavo Oliveira. “O dr. Pimentel sentia que a intenção do Olavo era fundar seu próprio partido de modo a servir de fiel da balança nas decisões políticas no Ceará.” Dito e feito.

No princípio de 1937 Parsifal teve mandato de deputado cassado. Afastou-se da política e voltou a lecionar no magistério secundário.





Em 1945, Parsifal foi candidato a deputado estadual pelo Partido Democrata Cristão. Perdeu a eleição. Mesmo sendo militante da Ação Católica Brasileira, desde 1939, Parsifal não recebeu amparo da Igreja Católica. Certamente esse não apoio foi decisivo para a sua derrota. O arcebispo dom Antônio Almeida Lustosa não foi sensível a essa candidatura como de resto não era um animal político como fora seu antecessor, dom Manoel. Nas palavras de Parsifal, “dom Manoel da Silva Gomes, que criou a Liga Eleitoral Católica, era um temperamento político; dom Antônio de Almeida Lustosa não era político. Era um santo apóstolo e entendia que não podia fazer política”.

Parsifal entrou na Ação Católica em 1939 passando a dirigi-la movido por sua convicção religiosa sem nenhum interesse político. “A Igreja nunca me deu nada em termos de política partidária ou eleitoral.”

A Ação Católica era uma organização que o papa Pio XI criou, em 1929, para arregimentar os católicos através das idades e dos sexos. Havia a Juventude Católica, Juventude Operária Católica, Homens da Ação Católica, era tudo feito por segmentos. Pio XI ficou conhecido como o “papa da ação católica”, o “papa das missões”. No Ceará, a influência da Ação Católica na comunidade era mínima. Segundo Parsifal, “só teve influência dentro da Igreja, e mesmo assim, muito restrita”.

A filiação ao Partido Democrata Cristão deveu-se à ruptura Francisco Monte com Olavo Oliveira. Francisco Monte fez as pazes com Menezes Pimentel e ingressou no recém fundado Partido Social Democrático, sucessor da LEC. Olavo ficou no Partido Sindicalista, brigaram. A briga deveu-se ao fato de Olavo não ter dado ouvidos ao seu sogro Francisco Monte, que queria tê-lo no PSD. “Com redemocratização, finalmente Olavo realizava seu sonho, ter um partido próprio, autônomo, para ser fiel de balança na política do Ceará.” Em 1945, Olavo debandou-se para o Partido Sindicalista.





Luís-Sérgio Santos

Entende Parsifal que houve ali um choque de lideranças. Francisco Monte se considerava um líder e o Olavo outro, embora competissem em níveis parlamentares diferentes. Francisco de Almeida Monte se elegeu deputado federal constituinte em 1945 pelo PSD, e Olavo elegeu-se senador pela aliança de sua nova legenda o Partido Popular Sindicalista – PPS, coligado com a UDN. Olavo filiou-se ao Partido Social Progressista – PSP, de quem era donatário no Ceará.

Em 1945, com o fim do Estado Novo e a volta da democracia no Brasil retorna a correlação de forças partidárias. O rearranjo das forças político-eleitorais foi em torno do PSD e da UDN. Parsifal, no entanto, se filiou ao Partido Democrata Cristão e foi derrotado nas urnas.

Parsifal fez a opção devido à cisão política entre Olavo Oliveira e Chico Monte, logo eles que tinham laços de família, embora não consanguíneos. Mas, com a redemocratização, Francisco de Almeida Monte resolveu candidatar-se pelo PSD enquanto que o Olavo Oliveira permaneceu naquele partido que ele sempre teve no Ceará, como fiel de balança entre os dois grandes partidos, PSD e UDN. Olavo tinha na mão o Partido Social Progressista – PSP, sucedâneo do Partido Sindicalista.

Parsifal relembra:

“Francisco de Almeida Monte, meu sogro, ficou, portanto, no PSD e o meu cunhado, senador Olavo Oliveira, ficou no PSP. Houve portanto um distanciamento político dos dois. Eu, para não ficar com um e desagradar o outro, candidatei-me pelo Partido Democrata Cristão e foi a única eleição que perdi.”





O Partido Democrata Cristão sequer fez o número suficiente de votos para a legenda. Parsifal foi o grande puxador de votos para o partido, o candidato mais votado.

Em 1947, Parsifal resolve esse conflito entre o sogro e o cunhado. Ficou com o sogro e foi para o PSD onde Chico Monte lhe aguardava de braços bem abertos. Tratava-se de uma ruptura umbilical. Parsifal se apartava da filiação que inicialmente teve com Olavo Oliveira.

Parsifal considera que a constituinte de 1947 foi um dos fatos mais importantes para a História do Ceará.

“Tanto no PSD como na UDN, houve um empenho de se recrutar candidatos altamente qualitativos, equilibrados e ilibados de modo que os melhores quadros de 1947 a 1950 estavam eleitos. Na política republicana foi a melhor bancada que houve no Ceará. Nunca a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará teve um nível tão alto, do ponto de vista cultural e político, quanto na legislatura que vai de 1947 a 1950. Eu considero essa legislatura o ponto áureo da política cearense. Cabia a ela a densa tarefa de elaborar uma Constituição e todas as Leis Complementares exigidas por ela. E tudo isso feito dentro do prazo marcado, seis meses, sob pena de ser o Ceará norteado, guiado pela constituição de outros Estados.”

A Constituição de 1947, no olhar de Parsifal, trouxe várias inovações, dentre as quais disposições relativas ao ensino e à preocupação dessa Constituição em enumerar todas as leis complementares de que o Estado do Ceará tinha necessidade.

Foi dado ali o primeiro passo para que se estadualizasse as escolas de ensino superior que existiam em Fortaleza. Em segundo lugar, foi dada uma importância muito grande ao ensino secundário. Essa importância fez com que o Estado, através dos governos posteriores, viesse a criar colégios e ginásios estaduais no interior do estado. E, finalmente, houve uma preocupação





Luís-Sérgio Santos

muito grande em se assegurar o percentual da receita estadual, para cobertura de demandas financeiras da educação.

Outras decisões de 1947 foram o Estatuto do Funcionário Público, o Estatuto da Polícia Militar dando uma cobertura jurídica para o funcionalismo civil e para os servidores militares além das leis complementares para dar uma maior organicidade à estrutura do Estado.

A eleição do governador Faustino de Albuquerque nasceu de uma coligação entre UDN e PSP. No entanto, pouco depois da posse houve o rompimento. Parsifal conta que o fato deveu-se a “uma conversa que o Olavo Oliveira manteve com o governador Faustino de Albuquerque no Rio de Janeiro. Nós, tanto os udenistas como os pessedistas, nunca estivemos a par do que tenha sido essa discussão do senador Olavo Oliveira com o governador Faustino de Albuquerque. O fato é que, logo após esse rompimento, Olavo Oliveira telefonou para os correligionários dele no Ceará dizendo que o hoje falecido deputado Joaquim Bastos Gonçalves, como presidente da Assembleia, assumisse o Governo e procurasse implantar diretrizes em oposição àquelas que o governador Faustino de Albuquerque vinha implantando. Mas isso durou pouco. O deputado Joaquim Bastos Gonçalves, como presidente da Assembleia e Governador – nesse tempo não havia o vice-governador, foi eleito posteriormente – o deputado Joaquim Bastos Gonçalves nomeou novo Secretariado, foi isso que caracterizou o rompimento político. Mas, estou bem lembrado, o desembargador Faustino de Albuquerque voltou tão depressa para reassumir o governo que alguns secretários que se encontravam no interior do Estado deixaram de tomar posse. Quando chegaram a Fortaleza, já estava o governo nas mãos do desembargador Faustino de Albuquerque. Ele apressou o regresso ao Ceará quando soube que o deputado Joaquim Bastos Gonçalves, como governador substituto,





estava praticando esses atos contrários e de hostilidade à política udenista”.

A aliança PSD-PSP, que fez a maioria na Assembleia Legislativa, elegeu Francisco de Menezes Pimentel a vice-governador do Ceará, por via indireta, em 1947. Insatisfeito, o governador desembargador Faustino de Albuquerque – eleito em janeiro de 1947 – entrou com uma ação de impugnação da eleição junto ao Supremo Tribunal Federal. Ele achava que tendo sido eleito pelo povo, o vice-governador também deveria ser eleito pelo povo.

“E nós, na Assembleia, mostramos que cabia ao vice-governador ser eleito pela Assembleia como de fato aconteceu.”

A eleição indireta era considerada tão válida e democrática quanto a eleição direta. Tanto que na decisão do Supremo Tribunal Federal, na arguição da constitucionalidade desses dispositivos, o Supremo deu razão à oposição. Considerou válida, lícita e constitucional a eleição indireta do senador Menezes Pimentel, que foi eleito vice-governador do desembargador Faustino. Pimentel jamais assumiu o Governo do Ceará, nesta fase, porque o desembargador Faustino, mesmo doente, nunca convocou o vice-governador para assumir – eram ferrenhos adversários políticos. Menezes Pimentel era do PSD-PSP, e o desembargador Faustino, da UDN. Ocorre que o PSP de Olavo Oliveira já fora aliado recente na eleição de Faustino. Graças a um rompimento de Oliveira com Faustino, logo depois da eleição, o governo perdeu maioria na Assembleia impondo derrotas a Faustino como foi a eleição de Pimentel para vice-governador. Olavo Oliveira e seu pequeno PSP continuavam sendo o fiel da balança.

Só que Faustino reagiu e aqui surge a figura dos “anjos rebeldes”, deputados de outros partidos aliciados pelo governo. Em pouco tempo, Faustino recompôs sua maioria na Assembleia.





Luís-Sérgio Santos

Na época o jornal *O Estado*, ligado ao PSD e dirigido pelo deputado Walter de Sá Cavalcante, publicou a foto dos aliciados de cabeça para baixo, na primeira página. Dentre eles os deputados Waldery Uchôa, José Aristóteles Gondim, Plínio Pompeu e Perilo Teixeira, que passaram-se de mala e cuia para as lides do desembargador Faustino.

O ano da constituinte foi de grandes embates na tribuna do parlamento estadual e Parsifal exercitou aqui sua verve de grande orador, certamente treinado também por uma especialista em retórica com a qual convivia há mais de dez anos, dona Olga Monte Barroso.

As galerias do centenário Palácio Senador Alencar, sede do Legislativo desde 4 de julho de 1871, ficavam lotadas de apreciadores dos grandes embates e mesmo com as claques partidárias. Foi uma época de debates calorosos e de grande ressonância na cidade, em toda história política da Assembleia Legislativa do Ceará. Até porque era uma atração em uma cidade circunspecta, pudica e machista.

Assim como em 1936, o deputado Parsifal Barroso combateu arraigadamente o Integralismo, em embates com o parlamentar camisa verde Ubirajara Índio do Ceará, agora, em 1947, se colocava contra o comunismo. Eram acirrados os embates com sua bancada na Assembleia Legislativa.

As polêmicas com os deputados comunistas José Pontes Neto e José Marinho de Vasconcelos eram “acalorados, doutrinários, ideológicos e chamavam a atenção das galerias”.

A torcida pró-Parsifal era maior que a de Pontes Neto. Viam mais riqueza de ideias e de exemplos na argumentação de Parsifal, que exibia toda sua fundamentação teórica, com diversidade, enquanto o deputado Pontes Neto era obrigado a seguir a cartilha ortodoxa do marxismo-leninismo.

A Assembleia ficava superlotada em razão dos dois contendores.





“Por conta disso, as galerias viviam cheias de gente que ia ouvir os meus debates com o deputado Pontes Neto. Porque eu dizia que o Partido Comunista Brasileiro era dirigido por um pedreiro a quem era submisso o deputado Pontes Neto.”

Parsifal estranhava essa dependência. Até por que o ilustrado massapeense José Pontes Neto já atuava como médico-cirurgião desde 1940 e dava aulas de Matemática, Física e Química.

“José Marinho de Vasconcelos era convicto, mas como era homem de poucas letras, ele não podia ombrear com Pontes Neto. De modo que teve o bom senso de outorgar ao deputado Pontes Neto a incumbência de defender o Partido Comunista. Enquanto a bancada comunista teve assento na Assembleia Legislativa do Ceará esses debates chegaram a um auge. E eu lamentei quando no governo do marechal Eurico Gaspar Dutra a Justiça Eleitoral cassou todos os mandatos dos deputados comunistas no Brasil.”

O governo Dutra golpeou de morte os comunistas. No dia 7 de maio de 1947, o Partido Comunista do Brasil teve seu registro cassado. Em janeiro de 1948 comunistas perderam seus mandatos por força do governo. Alinhado aos Estados Unidos, além de perseguir os comunistas Dutra rompeu as relações diplomáticas do Brasil com a União Soviética, em outubro de 1947.

No dia 12 de janeiro de 1948 a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará declara extinto o mandato dos deputados comunistas José Pontes Neto e José Marinho de Vasconcelos. Sobre este, lê-se no documento “Os Constituintes de 1947”, editado pela Assembleia Legislativa do Estado do Ceará²⁰: “Tendo apenas estudos primários, dedicou-se à arte de pedreiro, em que se tornou exímio. Ingressou em 1930 na Juventude Comunista, no Estado de Pernambuco. [...] O deputado José Marinho foi uma





Luís-Sérgio Santos

revelação e um exemplo frisante de autodidatismo. Contando apenas com o curso primário, discorria com segurança e pertinência sobre assuntos de ordem econômica e social, e na tribuna sabia manter-se com aprumo e fluência”.

O espírito democrático de Parsifal aflora mais uma vez, neste episódio. Mesmo sendo opositor do PCB via como “sem sentido” a cassação dos mandatos.

“Eles haviam sido eleitos, conosco, e a impugnação não tendo sido feita em tempo oportuno, perante a Justiça Eleitoral, não era possível que, posteriormente, a mesma Justiça Eleitoral que diplomara esses deputados comunistas cassasse os seus mandatos. Não tinha sentido.”

No entanto, Parsifal, era doutrinariamente contra a existência dos partidos comunistas. “Acho que sendo o Brasil um Estado democrático capitalista, não pode apoiar nem permitir que tenham avanço, prestígio e representação política, os elementos que vêm das facções comunistas. É um ponto de vista meu.”²¹

Parsifal considera que, ao seu lado, isto é, tanto quanto ele, mas de lados opostos, do ponto de vista cultural-ideológico, o deputado mais atuante na Constituinte de 1947 foi Pontes Neto.

“Isso do ponto de vista cultural-ideológico. Do ponto de vista político-partidário, os maiores deputados da turma de 1947 foram Walter de Sá Cavalcante e Antônio Perilo Teixeira.”

Parsifal lembra que “Walter de Sá Cavalcante era um tribuno combativo e defendia as convicções do Partido Social Democrático com ardor, como se fosse um partido ideológico. Do mesmo modo o Antônio Perilo de Sousa Teixeira defendia o programa, as diretrizes da União Democrática Nacional: no mesmo nível, como se fosse partido ideológico. Mas ambos não eram partidos ideológicos, como sabemos”.





Parsifal: Um intelectual na política

PSD e UDN se assemelhavam muito na parte programática, interpreta Parsifal. Para ele a pouca diferença entre os dois era meramente as richas locais onde quem era pessedista não podia ser udenista, e quem era udenista não podia ser pessedista.

“A União Democrática Nacional sempre se caracterizou pelo revanchismo mesmo na fase inicial em que ela ainda não se chamava União Democrática Nacional. Sempre foram revanchistas. Enquanto que os parlamentares do PSD foram conservadoristas.”

As eleições de 1954 foram demasiado disputadas. Muitos candidatos para poucos cargos. Nada menos que 479 candidatos disputaram a preferência do eleitorado no dia 3 de outubro.

Para governador: Paulo Sarasate, Armando Falcão e Salvador Correia de Sá e Benevides. Vice-governadores: Flávio Portela Marcílio, Ivan Barroso de Oliveira e Evandro Carneiro Martins. Senadores: Fernandes Távora, Parsifal Barroso, Olavo Oliveira e Raul Barbosa. Suplentes: Carlos Viriato Sabóia, Fausto Cabral, Carlos Barbosa e Hugo de Castro. Prefeitos: Raimundo Girão, Acrísio Moreira da Rocha, Ari de Sá Cavalcante, José Denizard Macedo de Alcântara e Fernando de Brito Bastos Trindade. 135 candidatos disputaram o Câmara dos Deputados e 272 a Assembleia Legislativa. A política estava em alta temperatura.

Mas, na correta avaliação da revista *O Cruzeiro*, existiam em 1954 somente quatro partidos de peso no Ceará: PSD e UDN, com potencial eleitoral equivalente – 200 mil eleitores cada um; PSP e PTB, também forças equivalentes com cerca de 45 eleitores.²²

A dissidência do PSD encabeçada pelos deputados Chico Monte e Parsifal Barroso fortaleceriam o PTB, para onde foram.





Luís-Sérgio Santos

À época o PSD tinha seis deputados federais, dezoito estaduais e um senador; UDN: oito deputados federais, vinte estaduais e um senador; PSP: um deputado federal, quatro estaduais e um senador; PTB: dois deputados federais e dois estaduais. O PR, com um capital eleitoral de cerca de 10 mil votos tem um deputado estadual e é aliado da UDN.

Ainda a revista *O Cruzeiro* cravava que, em 1954, as duas vagas do PSD para o Senado seriam para Raul Barbosa e Olavo Oliveira. Na aliança UDN-PTB, existe uma coisa assentada: as vagas de senador serão uma para Fernandes Távora e outra para Parsifal Barroso. Esses se elegeram.

A mesma *O Cruzeiro* revelava, ao contrário da imprensa local, partidarizada, que referente ao “candidato a governador, o problema parece difícil de resolver”. Dizia:

“A UDN é dominada no Ceará por dois antigos e poderosos grupos políticos, o dos Távora e o do falecido José Sabóia. Os tavoristas e os saboístas disputam o domínio do partido, tendo no encaço a ala minoritária do deputado Paulo Sarasate, que herdou do sogro [Demócrito Rocha] o jornal [*O Povo*] e o eleitorado, um e outro crescendo de força e prestígio. Com a morte do coronel Sabóia a divergência tende a ser superada, rumo à unificação do partido.”²³

“O então major Virgílio Távora, deputado federal e secretário geral da UDN, filho do ex-senador Fernandes Távora, seria o candidato natural ao Governo se suas atividades militares não o tivessem afastado por tanto tempo do seu Estado e as eleições não fossem decididas entre os 70 mil votos de Fortaleza. O deputado Paulo Sarasate, que os Távora apoiariam, segundo se acredita, pois é perfeito o seu entendimento





com o major Virgílio Távora, seria para a capital um bom candidato, não só em decorrência do prestígio que conseguiu com sua atividade na Câmara dos Deputados, como pela força do seu jornal *O Povo*.

Mas o sr. Sarasate está convencido de que pode prestar mais serviços ao Ceará no Rio de Janeiro do que em Fortaleza e que não vale a pena, com o atual modelo de distribuição de rendas na Constituição, ser governador de Estado.”²⁴

Diz Sarasate à revista *O Cruzeiro*:

“Os governadores, com mingüado orçamento, tornaram-se mendigos dos cofres federais. Sem ajuda federal os governadores não sobrevivem nem no plano administrativo nem no plano político.”

O noticiário político da revista *O Cruzeiro* servia também de balão de ensaio para provocar reações e até mandar recados.

“Os srs. Francisco Monte e Parsifal Barroso, sogro e genro respectivamente, vindos de uma dissidência do PSD, constituem atualmente a principal base eleitoral do PTB cearense. Entretanto, um e outro se inclinam a tornar total sua aliança com o governador Sarasate e com os Távora, anunciando o propósito de ingressar na UDN. Os udenistas, entretanto, consideram isso um erro tático, pois os remanescentes do PTB poderão se voltar contra eles, aderindo ao adversário. Prefere, assim, a UDN que os srs. Monte e Barroso continuem no PTB para controlar o partido.”²⁵

Dona Olga Barroso não ficava impassível diante as crises de relacionamento político. Morando no Rio em 1956, a esposa do ministro Parsifal foi ao Ceará com a missão especial de procurar uma solução para a luta interna que se verifica no PTB estadual.²⁶

A crise era em decorrência do anunciado rompimento do deputado federal Chico Monte e o deputado estadual Haroldo Martins. Uma briga por espaço político e expansão de território.





Luís-Sérgio Santos

“Meu pai, o coronel Chico Monte, não largará o PTB”, afirmou Olga ao repórter do *Jornal do Brasil*. “O deputado Chico Monte está muito bem no partido e não pensa em abandoná-lo.”

Disse Olga que a aliança PTB-UDN continuará. E que a posição do ministro Parsifal no PTB está “consolidada”.

Deputado de 1951 a 1954 e alinhado a Getúlio Vargas, Parsifal Barroso nutria uma enorme admiração pelo presidente.

“Tinha a certeza de estar na presença de um estadista, porque Getúlio Vargas era um estadista. Era dono de uma visão global da realidade brasileira e situava-se nela imparcialmente.”

Parsifal relata um dos seus encontros com Getúlio atestando a admiração deste pelos “trabalhadores do Brasil” como bem demarcou no seu antológico discurso do “reencontro” no dia 1º de maio de 1951:

“[...] os trabalhadores nunca me decepcionaram. Nunca se aproximaram de mim para pleitear interesses particulares ou favores pessoais. Pleitearam sempre para a coletividade a que pertencem, pelo reconhecimento dos seus direitos, pela melhoria das suas condições de vida, pelas reivindicações da classe e pelo bem-estar dos seus semelhantes.

Quando me retirei da vida pública e passei anos esquecido pelos que me festejavam no poder, vós, trabalhadores, nunca me esquecesteis.”

Certa vez, em um encontro no Palácio do Catete, cinco dias antes da morte de Getúlio, onde a pauta principal era sucessão política cearense, Parsifal perguntou a ele:

— Presidente, por que é que a Justiça do Trabalho está tão bem instalada e tão mal instalada está a Justiça Eleitoral?





— Prezado amigo Parsifal, é porque os trabalhadores estão organizados através dos Sindicatos, das Federações e das Confederações. São representações permanentes da força do trabalho e por isso a Justiça do Trabalho nasceu forte, para servir ao capital e ao trabalho, não é? Enquanto isso a Justiça Eleitoral surgiu apenas para defender a classe política e a classe política sempre foi fraca e desunida. É por isso que a Justiça Eleitoral não tem a força da Justiça do Trabalho.

O olhar diferenciado de Getúlio Vargas em relação aos “trabalhadores do Brasil” é objeto de várias leituras, principalmente na academia que via naquilo uma maneira de tutela do Estado. Para Parsifal, foi a influência de Alexandre Marcondes Machado Filho, nomeado ministro do trabalho em dezembro de 1941, que fez Vargas potencializar o sindicato brasileiro de modo que ele se tornasse tão relevante quanto as representações políticas.

O recém-nomeado ministro continuou e intensificou a ação ascendente do Estado brasileiro sobre os sindicatos. Assim, em maio de 1943, o presidente decretou a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, que efetivava e, em muitos casos, ampliava a legislação social e trabalhista de Vargas iniciada em 1930.

Mais tarde, como ministro de Juscelino, Parsifal teria que lidar diretamente com isso e administrar com enorme diplomacia o poder dos sindicatos de trabalhadores. Eles estavam fortes “porque quando Getúlio Vargas criou o sindicalismo, criou também o imposto sindical. Sem o imposto os Sindicatos, as Federações, nem as Confederações sobrevivem. Quem sustenta toda essa estrutura é a receita do imposto sindical”.

A SAÍDA DO PSD

Germinado na LEC e, mais tarde, em 1945, membro fundador do PSD, Parsifal Barroso trocou de legenda ingressando





Luís-Sérgio Santos

no Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, por onde, em 1954, se elegeu senador. Em fevereiro de 1955, era eleito membro da comissão permanente de Finanças do Senado Federal.

O motor da saída foi o governador Raul Barbosa. Em outubro de 1950 Raul elegeu-se governador do Ceará, pela coligação PSD-PSP-Partido Republicano, derrotando Edgar Cavalcanti Arruda, da UDN.

Logo que assumiu o governo, Raul deu as costas para os aliados Parsifal e Chico Monte. “Ele não cumpriu as promessas e os compromissos assumidos com a nossa corrente política”, relata Parsifal falando também em nome de Chico Monte. Algumas nomeações solicitadas pelo grupo não foram atendidas por Raul. Uma delas foi a nomeação de Paulo de Almeida Sanford para a Secretaria da Agricultura. Raul fez ouvidos moucos à demanda, não nomeou. “Em muitos momentos ficava claro que o governador Raul Barbosa desejava nos ver pelas costas. Ele tinha certeza de contar com a maioria da bancada federal e da bancada estadual e prescindia de nós.”

Assim mal começava o governo Raul Barbosa e o grupo de Chico Monte mudava de legenda, aborrecido pelo fato de Raul não ter cumprido com o prometido.

A relação com Raul Barbosa azedou totalmente. Era como se fossem adversários políticos. Tanto que o PTB, na sucessão de Raul Barbosa, se aliou à UDN para eleger Paulo Sarasate Ferreira Lopes governador do Ceará.

Raul era conhecido por sua vitalidade intelectual somada à extrema vaidade. Moço de bons modos, bem vestido e de gestos contidos, quase um lorde inglês, ele não economizava na vaidade.

Parsifal revela que nunca conseguiu dar uma informação em primeira mão para Raul Barbosa mesmo que, àquele momento,





fosse impossível que ele soubesse dado o ineditismo do fato do qual Parsifal era testemunha ocular.

Qualquer notícia de natureza política que eu levasse ele dizia: “Já sei, já sei”. Já sabia.

Parsifal, no entanto, vê que o governo Raul Barbosa fez milagres no Ceará. Recebeu do governador Faustino de Albuquerque um estado arrasado do ponto de vista financeiro e, em seu governo, conseguiu arrumar a casa.

Mais tarde, em 1954, Parsifal derrotaria Raul Barbosa em disputa para o Senado. Mas, indiretamente, Parsifal – então aliado da UDN no Ceará – acaba influenciando na nomeação do pessedista Raul Barbosa para o Banco do Nordeste. Sua nomeação de Parsifal para ministro de JK causou uma ciúmeira danada na bancada pessedista em especial no PSD do Ceará. O partido, então, pressionou o presidente pessedista Juscelino pedindo compensações. As compensações solicitadas pelo PSD foram o Banco do Nordeste e o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas. Indicaram, para o Banco do Nordeste, o Raul Barbosa, e para o Departamento Nacional de Obras Contra as Secas, o Paulo Pessoa.

A ida para o Partido Trabalhista Brasileiro, logo no início do governo Raul Barbosa, em 1950, deu novo alento ao grupo político de Chico Monte. O PTB vivia uma fase de crescimento tanto por abrigar novos filiados quanto pelo aumento do número de votos. Tinha quadros de primeira linha como Alberto Pasqualini, Rui Ramos, Fernando Ferrari, Roberto Silveira e Danton Coelho.

No Ceará, o partido era presidido por Carlos Jereissati, amigo do presidente Getúlio Vargas, a quem havia hospedado em Fortaleza em anos passados.





Luís-Sérgio Santos

Parsifal considera que o crescimento do PTB no Ceará foi em decorrência de três fatores:

1. o governador Getúlio Vargas, de 1951 a 1954;
2. a coincidência do governo dele com nossa entrada – minha, do Chico Monte e dos elementos de Chico Monte – no Partido Trabalhista Brasileiro; e
3. o desejo que o dr. João Goulart tinha de que o Partido Trabalhista Brasileiro – o dr. João Goulart nesse tempo era presidente do partido – passasse a desempenhar no Ceará a mesma função de fiel de balança do Partido Social Progressista.

O *Jornal do Brasil*, de 5 de agosto de 1954, acompanha a largada da corrida eleitoral ao governo do Ceará:

As oposições coligadas, UDN e PTB e dissidentes de outros partidos, tendo à frente o deputado Paulo Sarasate, candidato ao governo do Ceará, iniciaram a marcha para o sertão em propaganda eleitoral. Sobral será a primeira cidade a ser visitada, rumando depois a caravana para a zona norte do Estado. Chefiam os coligados o sr. Carlos Jereissati, chefe do PTB local, o prefeito de Fortaleza, sr. Paulo Cabral, e os deputados Parsifal Barroso e Chico Monte.²⁷

Coligado com o PTB de Jereissati, Parsifal e Chico Monte, que, por sua vez trouxe ao Partido Republicano – PR, o jornalista Paulo Sarasate, da UDN, que se elege governador do Ceará a 3 de outubro de 1954, com 266.168 votos. Deixou furioso seu contendor deputado federal do PSD Armando Falcão – 257.567 votos – que alegou ter sido usurpado nas eleições. A campanha fora acirradíssima. Falcão reclamava que a vitória teria sido dele. Mas o fato é que Sarasate assumiu o governo no dia 31 de janeiro de 1955 das mãos de Stênio Gomes da Silva, o





governador tampão substituto de Raul Barbosa, que renunciou a 1 de julho de 1954 para disputar o senado. Perdeu para Parsifal Barroso.

“Paulo Sarasate, pela sua desenvoltura de atitudes, pela projeção do seu nome, se tornou necessariamente o candidato para a sucessão cearense. Necessariamente, era quase que uma imposição daquela realidade.”

Acrísio Moreira da Rocha, do PR, ganhou a Prefeitura de Fortaleza.

Nas negociações para compor a coligação, o PTB tinha dois nomes potencias. Assim, um deles, Flávio Portela Marcílio foi indicado para vice-governador e Parsifal preferiu concorrer ao Senado, obtendo êxito.

Enquanto isso, no restante do país getulistas convergiam para o PSD e para o PTB. No Ceará, as Oposições Coligadas uniam PTB, a UDN e o PSD e mais o PSP. A vitória, como vimos, foi avassaladora: José Parsifal Barroso e Manuel do Nascimento Fernandes Távora são eleitos senadores, Paulo Sarasate Ferreira Lopes é eleito governador. Virgílio Távora e Carlos Jereissati foram eleitos deputados federais com as maiores votações e Acrísio Moreira da Rocha, pela coligação do UDN-PTB-PR é eleito prefeito de Fortaleza.

Derrotado nas eleições, o deputado federal Armando Falcão inicia uma campanha nacional de oposição ao PTB, em especial ao seu presidente Carlos Jereissati. Esse episódio ganhou ampla cobertura na imprensa nacional da época e Parsifal Barroso funcionou com uma espécie de bombeiro na defesa de Jereissati.

Sobre a gestão de Paulo Sarasate, Parsifal entende que ele fez um grande governo carreando para o Ceará, com seu prestígio político, muitos investimentos federais e dando força regional ao Estado. Destaca a obra de reaparelhamento da Rede Viação Cearense.





Luís-Sérgio Santos

Com a nomeação de Parsifal para o ministério de JK, o grande beneficiado foi seu suplente Fausto Augusto Borges Cabral. Ele usufruiu do mandato muito mais tempo que o titular.

A GÊNESE POLÍTICA EM SOBRAL

Antes de 1930 a política de Sobral tinha como principal expoente dr. José Sabóia de Albuquerque a despeito da importância do bispo de Sobral, Dom José Tupinambá da Frota.

Francisco de Almeida Monte ainda não conquistara a projeção que ofuscaria por completo o saboísmo a que pertencera.

José Sabóia era coadjuvado por Clodoveu de Arruda Coelho e Plínio Pompeu, genro do dr. José Sabóia. Fora de Sobral, a figura mais importante do saboísmo era o deputado Gentil Barreira.

O coronel Enéas Mendes e os irmãos Gomes Parente – Emílio Gomes Parente e outros irmãos – tinham expressão e influência política. Eram marretas, correligionários dos Accioly e, portanto, opositores do rabelismo. O coronel José Sabóia era aciologista e o coronel Enéas Mendes, rabelista.

Era essa a divisão de Sobral antes da Revolução de 1930. Mas quando esta sobreveio, o coronel José Sabóia de Albuquerque se sobrepôs a todos.

Um sobralense famoso, o João Tomé de Sabóia e Silva, foi presidente do Ceará nos anos 1920, expressão de grande status como político que era.

A vinculação de Parsifal com Sobral começou em 1934 com a campanha da Liga Eleitoral Católica. A repercussão da LEC em Sobral foi muito grande porque dom José Tupinambá da Frota, responsável por ela, era também um político. Parsifal fora a Sobral com a LEC para ajudar seu futuro sogro, deputado Francisco Monte, “porque a esse tempo eu já tinha o mais íntimo relacionamento com ele”.





Havia, antes da chegada da LEC em Sobral uma correlação de forças entre o bispo e o dr. José Sabóia. Com a chegada da LEC essa disputa só se agravou. A Liga se contrapunha ao dr. José Sabóia de Albuquerque e o chefe da LEC em Sobral era o Dom José Tupinambá da Frota.

Em 1937, Francisco de Almeida Monte indicou para a prefeitura de Sobral Antenor Ferreira Gomes, pleito prontamente aceito pelo interventor Menezes Pimentel. Eram estreitos amigos e dessa amizade Parsifal Barroso era testemunha.

No período do Estado Novo o dr. José Sabóia de Albuquerque hibernou. Seus oponentes estavam no poder. O melhor era se retirar estrategicamente. Se dedicar às suas fazendas e fábrica de tecidos como de fato fez.

Durante o Estado Novo, o deputado Francisco de Almeida Monte ganhou a concessão de um matadouro modelo de Sobral, sendo esta, naquele momento, sua principal atividade econômica. Além disso, ele desenvolveu as suas atividades normais dentro das propriedades que ele possuía e que sempre visitava.

De 1945 a 1946, no período de redemocratização, foi indicado o sr. Randall Pompeu para a prefeitura de Sobral. Randall Pompeu era irmão do dr. Plínio Pompeu, genro do dr. José Sabóia.

Chico Monte influenciou e decidiu a eleição de vários prefeitos em Sobral, dentre os quais Paulo de Almeida Sanford, seu primo. Em 1959, no entanto, assume a prefeitura o padre José Palhano de Sabóia que fica no poder até 1963. Chico Monte não era mais aquele touro saudável. Desde 1958 o coração dava sinais de fragilidade. Na campanha eleitoral não foi a presença de sempre. Em 1962, morreu.

Com o apoio de dom José, padre Palhano ganha a eleição. Foi algo esquisito, Parsifal derrota Virgílio Távora e chega ao





Luís-Sérgio Santos

governo do Ceará e Chico Monte perde a prefeitura em Sobral para o adversário José Palhano de Sabóia tendo como vice Pedro Mendes de Carneiro. O padre Palhano derrotou Cesário Barreto, candidato de Chico Monte. A essa época as relações políticas entre Chico Monte e dom José estavam estremecidas. Dom José Tupinambá da Frota não se sentia plenamente satisfeito na respostas às demandas dos seus projetos sociais dadas pelos dois políticos. E apoiou padre Palhano.

Parsifal contesta a reclamação do bispo:

“Nós sempre procuramos atender dom José Tupinambá da Frota em todos os pontos, até mesmo em assuntos da Igreja. Eu, por exemplo, fui advogado de dom José Tupinambá da Frota perante o Núncio Apostólico, para a criação da Diocese de Acaraú. Não consegui, foi criada a Diocese de Crateús.”

Parsifal entende que dom José foi levado pelo jeito sedutor do padre Palhano.

“Ele foi induzido pelo padre. Ele já se encontrava no fim da vida. Fala-se sempre que, apesar de dom José Tupinambá da Frota ser um homem que influía politicamente, ele nunca permitiu, nunca desejou que seus padres entrassem na política. Mas ele nunca teve voz ativa para o padre José Palhano de Sabóia.”

Dom José Tupinambá da Frota faleceu à época em que Parsifal era governador e José Palhano, prefeito de Sobral.

“Dom José Tupinambá da Frota era humilde de natureza, de temperamento. Não era um temperamento sujeito a brigas; ele era muito exigente na observância da liturgia das prescrições do culto, mas somente isso. Dom José foi um grande tocador de obras em benefício da civilização de Sobral. Eu considero dom José o maior elemento civilizador de Sobral. Ele levava muito a sério a sua condição de Príncipe e de Conde-Pontifício, porque não havia Bispo no Ceará que tivesse o título de Bispo-Conde, como ele teve.”





Anos mais tarde, em 1982, Parsifal foi um dos oradores na solenidade que celebrou os 100 anos de nascimento de dom José, no Instituto do Ceará. Nascido em 10 de setembro de 1882, dom José faleceu no mesmo setembro, 77 anos depois, em 1959, durante o governo Parsifal.

“Permito-me confessar que meu primeiro conceito de ‘sobralidade’ e de ‘sobralismo’, nasceu após a primeira visita que fiz ao meu futuro amigo, dom José Tupinambá da Frota, em 1931, ao ir a Sobral para ser visto e conhecido pela elite da princesa do Norte, uma vez que pretendia me casar com uma sobralense, como graças a Deus o fiz.”²⁸

O político Chico Monte tentou retribuir como pôde sua liderança política em Sobral. Levou para Sobral, não sem muitas articulações, as instalações Hospitalares do Sandú, uma alívio para a sobrecarga de demandas sobre a Santa Casa de Misericórdia. O Sandú foi um pequeno hospital que se criou dentro de Sobral. Além disso, Chico Monte levou para Sobral as agências de todas as instituições de Previdência que tinham delegacias em Fortaleza. A Agência do Instituto de Aposentadoria dos Comerciantes foi a primeira a ser implantada. Depois veio o Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Industriários.

Quando Parsifal chegou ao governo do Ceará, Chico Monte já estava no fim da vida.

— Como é que se poderá fazer bem a Sobral com o prefeito adversário? — arguia ele.

— Não se incomode, Chico Monte. Não se incomode — aliviava Parsifal. — Eu vou criar o Colégio Estadual dom José Tupinambá da Frota. Fique tranquilo, que as providências para a criação do Colégio já estão tomadas. E não há melhor benefício para a juventude sobralense do que um colégio gratuito de 2º grau. Escolhi o nome de dom José Tupinambá da





Luís-Sérgio Santos

Frota, porque sendo governador a esse tempo, queriam que fosse o meu nome. E eu tenho comigo o propósito de não deixar o meu nome ligado a estabelecimento nenhum, criado ou não por mim.

— Por que essa convicção, Parsifal?

— Porque só confio na justiça depois que a pessoa morre. Só confio na justiça depois da morte.

Com a morte de Chico Monte, sua mulher dona Maria Monte assume as rédeas do capital eleitoral do marido. Ela continuou exercendo função de tomar conta do eleitorado até mesmo em 1970, na eleição de Parsifal a deputado federal. Dona Maria Monte era o braço direito do deputado Francisco de Almeida Monte. Os preparativos para a campanha eleitoral eram feitos por ela. Ela conhecia cada eleitor pelo nome. E tinha uma capacidade de promover a Assistência Social à esse eleitorado de um modo incansável e contínuo. Do mesmo modo, Francisco de Almeida Monte era um perdulário no fazer bem e no emprestar dinheiro, como constatou várias vezes Parsifal.

“Emprestava e depois dispensava. Não era de emprestar e cobrar.”

Quando saíram de cena os emblemáticos José Sabóia, Francisco de Almeida Monte e dom José Tupinambá da Frota, as lideranças políticas escassearam mas Sobral nunca deixou de ter expressões muito importantes nas classes conservadoras e nas classes liberais revelando, mais tarde, dois expoentes da política contemporânea, os irmãos Ciro Gomes e Cid Gomes, eleitos governadores do Ceará, algo que nem mesmo Chico Monte imaginara.

Por fim, esta pérola que é o perfil de Chico Monte escrito por Parsifal Barroso. Está originalmente publicado no livro de





Lustosa da Costa, *Sobral do meu tempo*, uma coletânea de artigos em que o autor, proustianamente, se reporta a um tempo que passou mas que foi essencial na germinação da sua formação de repórter político.

Ei-lo, via Lustosa da Costa, o texto sob o título “Chico Monte”²⁹, assinado por Parsifal Barroso, em 1982:

“Foi o autêntico e o último Líder político da zona norte, como símbolo do coronelismo, oriundo das fileiras comandadas pelo Coronel José Sabóia, no Partido Republicano Conservador, de que foi vereador em 1921.

Quando o conheci, em 1931, já não mais pertencia ao grupo político saboiense, apresentando-se a integrar as forças que se agruparam em torno da Liga Eleitoral Católica, mas se afigurando com a autonomia e a visão de um verdadeiro chefe político. Na LEC foi a principal figura política da zona Norte, integrando o grupo formado pelo professor Olavo Oliveira.

Quando passei a conviver com ele, a partir de 1931, comandava força política suma, notabilizara-se por sua coragem física de homem destemido e se tornara respeitado como esteio de força moral. Seu crescente valor pessoal e seu ponderável prestígio político foram, sempre, caracterizados por essas qualidades que esmaltavam sua personalidade e crescentemente aprimorada por um espírito público que eu fazia pugnar, constantemente, pelo atendimento prioritário das necessidades de Sobral.

Sempre que me procurava, durante os longos anos de nossa convivência político-partidária, era para eu ter minha cooperação em favor de alguém de algum benefício a Sobral e à zona norte. Não deixava, jamais, de receber em sua casa o homem simples da cidade ou o caboclo rústico da roça, que





Luís-Sérgio Santos

o procuravam na certeza de serem atendidos. Era, enfim, um homem do povo.

Tornou-se uma figura legendária da política cearense, porque tanto sabia enfrentar as ameaças de seus inimigos, vencendo-os, como nunca mediu distância para ajudar os amigos nas horas de maior necessidade. Sempre foi leal e nunca negou ‘fogo’.

Embora não tivesse a oportunidade de fazer seus estudos secundários, supriu esta deficiência com a leitura assídua e permanente de jornais e livros de história política.

Fator inconsciente é que Chico Monte chegou aos mais altos degraus de espontânea consagração popular e conseguiu gozar de estima e confiança pública em todo estado do Ceará.

Ingressou no partido social democrático, quando de sua fundação, na fase de reconstitucionalização de 1945 e, após ser constituinte federal, seus sucessivos mandatos de deputado federal, até sua morte em Brasília, a 16 de março de 1961. Guardo comigo a impressão de que a decisão sua de fixar-se no Partido Social Democrático decorreu do fato de não aceitar a chefia, na Zona Norte, do desesperado movimento do presidente Getúlio Vargas, em favor de uma ‘Constituinte com Deus e Getúlio’, na falsa suposição de que, por esta forma, ainda continuaria no poder.

Muito aprendi e lucrei em conviver politicamente com Chico Monte, pois suas vivências político-partidárias muito me ensinaram, dado o admirável alcance de sua sabedoria prática, no trato com os mais sagazes líderes políticos. Até agora, para alegria minha, ouço comentários elogiosos de Chico Monte, pela sua grande habilidade em testar armas com o falecido governador Raul Barbosa, com qual rompeu politicamente, antes do início de seu governo, passando a militar nas hostes do Partido Trabalhista Brasileiro, juntamente a mim.





Desejaria relembrar, finalmente, uma das cenas de sua argúcia política, por mim presenciada.

Ao cair de uma tarde, chegou à sua fazenda, Pocinhos, um dos seus chefes da zona norte, para inteirar-se das perspectivas da campanha em favor do inesquecível Cristiano Machado, mostrando-se desanimado. Procurei incentivá-lo, mas sem qualquer resultado satisfatório.

Chico Monte, sentindo-me canhestro na conversa, interveio logo com uma frase que animou seu desconfiado amigo, garantindo-lhe a vitória eleitoral de Cristiano Machado com a seguinte frase:

‘Não tenha medo de derrota, compadre, porque nosso Cristiano tem umas coisas boas escondidas lá em Minas Gerais e quando elas aparecerem vai ser um estouro.’

A criatividade e imaginação que me faltara, mas que era imanente em Chico Monte, conseguiram reanimar o chefe que deixou a fazenda convicto da vitória de Cristiano Machado.”

NOTAS

- 1 Entrevista com o deputado federal Parsifal Barroso concedida à professora Luciara Silveira de Aragão, responsável pelo Convênio da Universidade Federal do Ceará com o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. A entrevista fez parte do Projeto de História Oral e foi realizada no dia 17 de junho de 1976.
- 2 Idem.
- 3 Idem.
- 4 Entrevista com Francisco Régis Monte Barroso, em Fortaleza, no dia 5 de janeiro de 2017, quinta-feira.
- 5 Entrevista concedida a Teresa Haguette.





Luís-Sérgio Santos

- 6 Idem.
- 7 Idem.
- 8 *A história da justiça do trabalho no Brasil: multiplicidade de olhares*. Brasília: Tribunal Superior do Trabalho, Comissão de Documentação, 2011, p. 228.
- 9 Idem.
- 10 Idem.
- 11 Entrevista concedida a Teresa Haguette.
- 12 “Olavo quer a governança”. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 22 de março de 1954, p. 3.
- 13 Idem.
- 14 “O senador Olavo Oliveira e o governo do Ceará”. *Correio da Manhã*, quarta feira, 7 de abril de 1954, p. 3.
- 15 COSTA, Lustosa da. *Clero, nobreza e povo de Sobral*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 2006, p. 117.
- 16 O artigo “Crime no sertão cearense: Política, narrativas e assassinato (Sobral 1910-1924)”, da professora Chrislene Carvalho dos Santos Pereira Cavalcante é um relato minucioso do episódio do assassinato de Deolindo. Disponível em: < http://www.snh2015.anpuh.org/resources/anais/39/1434131835_ARQUIVO_Artigoanpuh2015chrislene.pdf>. Acesso em: fevereiro de 2017.
- 17 Dom Manoel da Silva Gomes foi o terceiro bispo do Ceará e o primeiro arcebispo de Fortaleza. Nasceu na cidade de Salvador, Bahia, no dia 14 de março de 1874 e faleceu em Fortaleza no dia 14 de março de 1950, quando completava 76 anos de idade.





- 18 DELLA CAVA, Ralph. “Igreja e estado no Brasil do século XX”. *Novos Estudos CEBRAP*, 1975, n. 12, p. 5-52.
- 19 Entrevista concedida a Teresa Haguette.
- 20 *Os constituintes de 1947*. Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Memorial Deputado Pontes Neto. Fortaleza: Editora INESP, 2002, p. 85.
- 21 Entrevista concedida a Teresa Haguette.
- 22 *O Cruzeiro*, 22 de maio de 1954, p. 32.
- 23 *Ibidem*, p. 39.
- 24 “Sarasate: Não vale a pena ser governador”. *O Cruzeiro*, 22 de maio de 1954, p. 39.
- 25 *O Cruzeiro*, 1 de janeiro de 1955, p. 98.
- 26 *Jornal do Brasil*, 26 de agosto de 1956, p. 6.
- 27 *Jornal do Brasil*, quinta-feira, 5 de agosto de 1954, p. 6.
- 28 BARROSO, José Parsifal. “Dom José Tupinambá da Frota”. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 1982, ano 96, p. 236.
- 29 BARROSO, José Parsifal. “Chico Monte”. In: COSTA, Lustosa da. *Sobral do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 1982, p. 163 (Coleção: Lima Barreto).







5. Olga, idolatrada e onipresente

Quando o assunto era Olga Monte Barroso, Parsifal assumia uma fala ainda mais sóbria e mansa, com uma retórica solene.

“Minha mulher conquistou por mérito pessoal o direito de ter estado lado a lado comigo em todos os acontecimentos”, revelava ele à jornalista Núbia Brasileiro. “E essa presença constante tinha não somente o meu assentimento como o meu incentivo. Além de ser uma esposa maravilhosa, sempre exerceu uma atividade pública independente, além da ajuda que me emprestava.”¹

“Ao grande amor de minha vida, inspiradora deste livro – minha admirável Olga – homenagem e a gratidão do autor.”

A dedicatória de *Uma história da política do Ceará: 1889-1954* não podia ser mais reveladora². Olga é fascinação, conforto, abrigo e cúmplice. Fascinação, como na música imortalizada por Carlos Galhardo, em 1943:

O teu corpo é luz, sedução,
Poema divino cheio de esplendor
Teu sorriso prende, inebria, entontece,
És fascinação, amor!

A sincronia dos dois não era somente na hora de puxar o terço, logo após o jantar onde se revezavam em fina sintonia. Segurando o crucifixo do terço, rezavam:





Luís-Sérgio Santos

“Creio em Deus Pai Todo-Poderoso, criador do céu e da terra. E em Jesus Cristo, seu único Filho Nosso Senhor, que foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria, padeceu sob Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos Céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-poderoso, donde há de vir a julgar os vivos e mortos. Creio no Espírito Santo, na Santa Igreja Católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne, na vida eterna. Amém.”

Afinavam na conjugação em família, social, religiosa a também na vida política.

“Papai e mamãe tinham uma sintonia fina. Minha mãe era uma grande mulher, ela era superprotetora de todos. A mamãe se dedicava à política com o papai e ao mesmo tempo cuidava de mim, de todos os meus irmãos. O papai a tratava carinhosamente de Olguinha, querida Olguinha, principalmente quando rezavam o terço juntos.”

Olga era a desejável química, a pessoa que completa a outra. Era a necessidade vital de Parsifal. Era a sua face espelhada. Os diálogos prescindiam as palavras. O olhar, o silêncio, uma piscadela, uma interjeição... Cumplicidade e consentimento. Parsifal se projetava em Olga. Olga se projetava em Parsifal. Parsifal era o filho homem que o coronel Chico Monte nunca teve.

“Tudo devo a ela”, conta um circunspecto Parsifal. “Olguinha sempre cuidou dos meus interesses como se fossem os interesses dela. E devo-lhe a indicação para Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio. Tenha a certeza de que, além desse, todos os demais cargos que exerci foram por inspiração dela.”³





Olga Monte Barroso nunca quis ter mandato, mas foi uma mulher atuante na política – com o DNA de Chico Monte o que significava, primeiramente, ir direto ao ponto.

Dona Olga, movida pelo que entendia ser a preservação e a defesa dos interesses políticos e eleitorais do marido, exercia muita influência no governo. Dentre tantas decisões nessa perspectiva está a demissão da médica Maria Nogueira Machado Arcanjo, de Santana do Acaraú, na região norte do Ceará. A médica e seu marido eram lideranças políticas em Santana. Ela formou-se em Medicina pela Universidade do Recife, em 1955. No ano seguinte casou-se com José Arcanjo Neto, colega de turma, com que teve sete filhos. Sua demissão foi defendida por dona Olga, em uma carta dirigida a dois líderes do PTB, em Santana. “A Dra. Nogueira esteve contra nós na última eleição e na semana passada, mesmo depois de nomeada pelo Parsifal, escreveu um artigo publicado no jornal *O Povo*, de elogios ao deputado Paulo Sarasate”. A carta, datada de 17 de novembro de 1961, foi endereçada a João Alfredo (“seu Joca”) e Martiniano, líderes, juntamente com Sebastião Alves (citado ao final da carta) do PTB da cidade.

Parsifal era desligado e despojado de coisas materiais. Nunca se preocupava em andar com dinheiro: primeiro porque era mesmo desligado em relação a isso, sua carteira de cédulas parecia um artefato inútil exceto por portar documentos. O segundo motivo era sua preocupação por limpeza, as cédulas eram condutores de sujeira. A mais pura verdade. O projeto *Dirty Money* (Dinheiro Sujo) da Universidade de Nova York (NYU) descobriu que uma cédula, ao passar de mão em mão, é um meio de troca de centenas de tipos diversos de bactérias. Cerca de 93 espécies de bactérias aderem às notas de papel.

“O papai não pegava em dinheiro”, lembra Régis Barroso. “Ele dizia que dinheiro era sujo, ele comprava, deixava em débito e depois a mamãe ia pagar, isso no Rio de Janeiro, mas a





Luís-Sérgio Santos

vida inteira ele foi assim, nunca tocou em dinheiro. A mamãe comprava o sapato, o terno, tudo, ele era um intelectual, a vida prática não existia para ele.”⁴

O casamento de José Parsifal Barroso com Raimunda Olga Monte aconteceu no dia 3 de outubro de 1937. Do consórcio nasceram cinco filhos: Vera Maria, Francisco Régis, Roberto Parsifal, Siglinda Maria e Olga Emília.

Do seu consórcio nasceram os filhos: Vera Maria Monte Barroso, Francisco Régis Monte Barroso, Roberto Parsifal Monte Barroso, Siglinda Maria Monte Barroso e Olga Emília Monte Barroso.

Vera Maria Monte Barroso, nascida a 18 de fevereiro de 1939, casou-se com Francisco José Ferreira Gomes Studart. Pais de Ticiana Barroso Studart e Cristiana Barroso Studart. A neta primogênita, Ticiana, inspirou o título do diário de Olga, *Mensagem a Ticiana*. Cenas do casamento de Vera foram exibidas nas telas do Cine São Luiz. O enlace foi considerado o “casamento do ano”.

Francisco Régis Monte Barroso, advogado, ex-deputado federal, diretor da Monteiro Refrigerantes e empresário agropecuarista, casou-se com Myra Eliane Queiroz. Do casamento nasceu Igor Queiroz Barroso, o primeiro neto de Edson Queiroz.

Roberto Parsifal Monte Barroso, advogado, casou-se com Lígia Renaux Barroso. Pais de Guida Renaud Barroso, Carlos Parsifal Renaud Barroso e Paulo Renaud Barroso.

Siglinda Maria Monte Barroso casou-se com Vicente Navarro Gondim. Pais de Leonardo Barroso Gondim e Marcela Barroso Gondim.

Olga Emília Barroso casou-se com José Augusto Vasconcelos. Pais de Rodrigo Barroso Vasconcelos e Roberto Barroso Vasconcelos.





O namoro começou nas salas de aula e dependências do Colégio Imaculada Conceição. As freiras diretoras da casa fizeram gosto e abriram a guarda, facilitando o interlúdio. O jeito dócil e sacristanesco de Parsifal também encantava as freiras. Além disso, ele era um homem temente a Deus, católico fervoroso e com excelente trânsito junto ao clero. E mais, tratava-se de um intelectual erudito, refinado na cultura e cheio de simplicidade nos modos. Para coroar, tinha tradição política na família, algo bem ao gosto do futuro sogro. O que mais uma moça prendada, perspicaz e inteligente poderia querer em uma sociedade que preparava a mulher para as “prendas do lar”?

Some-se a isso o fato de Parsifal ser cunhado de Olavo Oliveira – então correligionário de Chico Monte – que gentilmente acolhia o jovem casal em sua chácara na Porangaba, ex-Vila Nova de Arronches. Os interlúdios transcorriam no bucólico bairro até chegar ao casarão dos Almeida Monte, em Sobral.

Parsifal passou a conviver com seu futuro sogro Chico Monte a partir de 1931. Naquela época Monte já “comandava força política sua, notabilizara-se por sua coragem física de homem destemido e se tornara respeitado como esteio de força moral”⁵

Na avaliação do insuspeito pesquisador Francisco da Silva Nobre, “Olga Barroso foi uma mulher muito à frente do seu tempo”⁶

Olga foi parceira incansável de Parsifal, esteve como ele lado a lado em todos os momentos da sua vida. Altiva, firme, pragmática, erudita conciliou a maternidade com a política e a erudição. Tinha o domínio da voz e da fala, formou muitos jovens na arte da retórica.⁷

Olga nasceu em Sobral, em 9 de novembro de 1917, único rebento do casal Francisco de Almeida Monte e Maria de Xerez Monte.





Luís-Sérgio Santos

Formou-se professora pelo Colégio da Imaculada Conceição na turma de 1936. No Rio de Janeiro, fez cursos de Oratória e Retórica, na Academia Brasileira de Retórica, e de Reeducação da Voz e da Fala. Poliglota, era fluente em inglês e em francês.

No Rio de Janeiro, acompanhando seu marido o ministro Parsifal Barroso, teve uma intensa presença em eventos culturais, sociais e filantrópicos.

Dona Olga, a “sra. ministro Parsifal Barroso”, como assim se refere a revista *O Cruzeiro*, foi uma das patronesses de 1956 do concurso Rainha das Rosas, um “chá de caridade” nos salões do Copacabana Palace. A outra patronesse foi a “sra. prefeito Negrão de Lima”. “Durante o chá, modelos desfilaram em vestidos para lua de mel, esporte, coquetel e baile”, relata o repórter Luís Edgard de Andrade. No evento, Dona Olga vestia um sóbrio conjunto *prêt-à-porter* com chapéu tipo boina, em voga. Fazia-se acompanhar de Francisco José Studart, oficial de gabinete do ministro Parsifal. Studart era casado com Vera e genro de Olga.

A revista *O Cruzeiro* destacou com foto e texto os 25 anos de casados de Olga e Parsifal. “As bodas de prata do casal Olga Monte Barroso e José Parsifal Barroso reuniram a alta sociedade de Fortaleza, numa comemoração cheia de beleza e elegância. O governo do Ceará, coronel Virgílio Távora, compareceu acompanhado de sua esposa, dona Luíza Távora, juntando-se às filhas do casal Vera Maria e Olga Emília. O sr. Parsifal Barroso é ex-governador do Ceará.”

Maria de Lourdes Parente Xerez, casou-se com Francisco de Almeida Monte – Chico Monte –, no dia 14 de fevereiro de 1917. Filho do jurista João Júlio de Almeida Monte e de Raimunda Olga da Rocha Monte.⁸

Chico Monte, nascido a 3 de outubro de 1895, iniciou na vida como chefe de grupo de trabalho nas construções dos açudes em Patos, Santo Antônio Aracatiaçu e Forquilha, distritos





no município de Sobral. Aos 21 anos, conquistou seu primeiro mandato eletivo como vereador com assento na Câmara Municipal de Sobral, pelo Partido Republicano Conservador. À época era casado com dona Maria Xerez, e já era pai de uma única filha, Raimunda Olga. O segundo mandato, como deputado estadual Constituinte pela Liga Eleitoral Católica, veio em 1935.

Em 16 de março de 1961, o deputado federal faleceu de um enfarto do miocárdio, em Brasília, na plenitude do governo do seu genro, Parsifal Barroso. O corpo foi sepultado em Sobral, para onde foi trasladado em avião cedido pelo então presidente Jânio Quadros. Lustosa da Costa conta que um dos motivos do enfarto fulminante de Chico Monte foi sua ira contra o prefeito Palhano Sabóia, “que diariamente agredia não só a ele, como a filha Olga e o genro Parsifal Barroso”.⁹

Chico Monte era protótipo do chefe político, utilizava seu prestígio para beneficiar as diversas comunidades da zona Norte, e ajudar nas necessidades dos amigos. Gozava de maior admiração e respeito em todo Estado do Ceará, em cuja política foi figura marcante. Sua constante preocupação com a problemática da pecuária e economia de sua região fez com que exercesse suas atividades parlamentares como membro titular da Comissão do Polígono das Secas.

Com sua influência conseguiu junto ao presidente Getúlio Vargas a implantação em Sobral do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Transportes e Cargas – IAPETEC, Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciantes – IAPC, Serviço de Assistência Médica Domiciliar de Urgência – SANDU e Serviço de Alimentação Previdência Social – SAPS.

[...] junto a seu genro Parsifal Barroso, em 1959, conseguiu a construção e implantação do Colégio Estadual Dom José Tupinambá da Frota, em Sobral.¹⁰





Luís-Sérgio Santos

A apreciada *Revista da Sociedade*, suplemento dominical do influente jornal *Diário Carioca*, lançou em sua edição de 25 de maio de 1958 uma nova seção, “O nome da semana” onde perfilava personalidades destacadas da sociedade do distrito federal. A seção era editada por Jean Pouchard, pseudônimo de Mauro Valverde, o sucessor de Jacinto de Thormes – o pioneiro do jornalismo social – quando este foi para a *Última Hora*, seduzido por Samuel Wainer. O *Diário Carioca* era um ícone da imprensa nacional, uma coleção de talentos. Até Cartola trabalhou lá, como contínuo. Carlos Castello Branco, o Castelinho, era o analista político. Zuenir Ventura, Amílcar de Castro, Danton Jobim, Roberto Pompeu de Souza Brasil – cearense de Redenção –, Prudente de Moraes Neto, Sábado Magaldi, Armando Nogueira, Evandro Carlos de Andrade, Jânio de Freitas, José Ramos Tinhorão, Thiago de Mello – o poeta –, Ferreira Gullar, Nilson Lage, Nelson Pereira dos Santos.

Dona Olga Barroso, com texto e retrato, foi a personagem de estreia da nova seção do festejado Jean Pouchard.¹¹

Escreve Pouchard:

“Hoje, lanço uma novidade, nesta página semanal, ‘O nome da semana’. Este será sempre um rápido retrato daquele ou daquela que mais se destacou, na vida brasileira, quer no campo social, político, industrial, científico etc. A primeira pessoa a merecer figurar como o ‘nome da semana’ é a sra. Olga Barroso, esposa do ministro do Trabalho.

Uma semana, onde o problema do flagelado foi debatido no campo político e social, justo se tornava que destacássemos quem mais tem auxiliado os flagelados nordestinos.

A senhora Olga Barroso organizou, com grande sucesso social e monetário, apresentação de estreia do famoso conjunto de negros de Trinidad, componentes do Steel Band Calypso





que sucedeu na Sociedade Hípica Brasileira, terça-feira, em benefício do nordestino vitimado pela seca. Nem bem acabará colher os frutos do vitorioso empreendimento, a senhora Olga Barroso traçava novos planos para levar avante seu ideal de servir seus conterrâneos menos favorecidos. Já está programando um jantar com o mesmo lito.

Mas, não foi apenas pelo dinamismo com que organizou a noitada filantrópica que apontamos a senhora Barroso como o ‘nome da semana’. Em outras atividades também a encontramos. No setor político, ainda recentemente, foi destacada pela direção nacional do Partido Trabalhista Brasileiro para pacificar ‘*une petite révolution*’ no PTB cearense, tarefa em que muitos políticos experimentados viram fracassadas suas gestões.

Como resultado, a paz voltou a reinar nas hostes petebistas, tendo os partidários de seu marido e de seu pai – também líder político – a convidado a disputar as eleições de outubro, para deputada federal. Rejeitou, alegando que antes de seu nome e de sua campanha política, estava a de seu marido e do ‘senhor Monte’, seu pai.

Aproveitando, vamos relembrar a nossa homenagem um aspecto agradável de sua vida – coisa que faremos também com os homenageados das semanas que virão. Há muitos anos, uma estudante de Química enamorou-se, secretamente, de seu professor. Esse também nutria uma recolhida admiração por sua pupila. Mas, apenas seus olhares se encontravam. As palavras de afeto recíproco somente apareceram quando a aluna estava formada no segredo das combinações químicas laboratoriais. Como você já deve ter notado por esta minha falação, a aluna era a senhora Olga Monte e o professor o atual ministro do Trabalho. Hoje, este início de romance é contado no recesso do lar para a jovem de 19 anos e morena Vera, filha do casal. É por este seu dinamismo em ajudar os menos favorecidos





Luís-Sérgio Santos

que eu, Jean Pouchard, escolhi a senhora Olga Barroso como ‘o nome da semana.’”¹²

O jornal *Última Hora*, de Samuel Wainer, via a filha de Chico de Monte como “Destemida, a primeira dama Olga Barroso”, conforme estampa em sua edição de 6 de abril de 1960.

O presidente da Assembleia Legislativa do Ceará acusado de desviar gêneros alimentícios para os flagelados das inundações em Aracati. O parlamentar se defendeu acusando um oficial do Exército. No governo Parsifal, o Ceará viveu um período de três invernos consecutivos.¹³ À época Parsifal estava em desvantagem no parlamento estadual pois seu deputado à presidente da casa fora derrotado pelo candidato da oposição, Abelardo Costa Lima.

A ação executiva de Olga aconteceu principalmente na esfera da assistência social como presidente da Legião Brasileira de Assistência no Ceará, de 1959 a 1963 e, simultaneamente, presidente do Serviço Social do Governo do Estado. Foi na condição de presidente da LBA que, em setembro de 1959, dona Olga assinou convênio com a Maternidade Popular de Fortaleza para a construção do Hospital Infantil do Ceará, uma iniciativa com o apoio dos *Diários Associados* representados pelo executivo João Calmon com o aval do ministro da Saúde Mário Pinotti e do influente jornalista Assis Chateaubriand.¹⁴

No dia 17 de junho de 1976, Parsifal Barroso concedeu uma longa entrevista a Luciara Silveira de Aragão, da Universidade Federal do Ceará. E solenemente, como reverência, destacava o papel essencial de Olga em sua vida:

“Atendo à solicitação da professora Luciara esclarecendo que casei-me em 1937, com a senhora Raimunda Olga Monte Barroso, que tem sido, ao longo de minha vida pública, o braço direito para a conquista de todas as vitórias que hei logrado.”¹⁵





Parsifal: Um intelectual na política

Parsifal já documentara seu amor por Olga em dedicatórias intensas e afetuosas. Uma dessas, no Natal de 1975, é cheia de ternura e humildade:

“Para o meu amor cada vez mais amado – a sempre Olguinha dos anos 1930 – agora transformada em instrumento de Deus, como a única razão de ser de minha vida, o pequeno e pobre sinal natalino do meu afeto e da minha gratidão, com o terno beijo do seu devedor insolvável

Parsifal
24.12.1974.”

Em 1992, Olga dedica seu livro *Quem são elas*, “à memória de Parsifal, com afetuosos gratidão e constante admiração da esposa e discípula.” Enredada em seu próprio desafio, Olga revela-se em “uma situação muito especial e difícil, ao querer satisfazer a ideia que me persegue de há muito, dentro do ânimo bem cearense de selecionar as maiores figuras femininas da terra”.

O livro trata de “mulheres do passado e do presente, bravas e generosas, que ergueram com a força da vontade e o impulso forte do coração um verdadeiro monumento de amor ao próximo”.¹⁶

Quem são elas é uma coletânea de contundentes e afetivas biografias. Um livro emocional e necessário onde Olga desenha a face e a história de mulheres da extensão de Bárbara de Alencar, Maria Tomásia, Fideralina Augusto Lima, Jovita Feitosa, Ana Facó, Alba Valdez, Henriqueta Galeno, Zilda Martins Rodrigues, Rachel de Queiroz, Yolanda Queiroz, Luíza Távora, Heloneida Studart e Florida Bulcão dentre tantas outras. Ao todo, são trinta e quatro perfiladas. A capa e as ilustrações são de Aldemir Martins.¹⁷





Luís-Sérgio Santos

“Como agradeço ao pai pela felicidade extra que me concedeu”, escreveu Olga. Ele coincidiu o lançamento do livro com as comemorações dos seus setenta e cinco anos de vida.

O livro estaria completo senão por uma ausência deliberada. No prefácio, Artur Eduardo Benevides lamenta que não esteja perfilada na obra a própria Olga. O príncipe dos poetas cearenses augura, no entanto, que outros preencham a lacuna “sobre tão grande primeira dama que muito tem feito pelo Ceará guiada por sua alma empreendedora e por seus nobres sentimentos de solidariedade e de amor ao próximo”.

A propósito de *Quem são elas* e sobre sua autora Olga, escreveu Raimundo Aristides Ribeiro, do Instituto do Ceará:

Mulher inteligente e amante dos livros, jamais descuro o aprimoramento do seu espírito [...]. Trata-se de obra escrita com amor, em homenagem às grandes mulheres cearenses que, ao seu tempo foram influentes e arrojadas. Umas, fortes, destemidas, guerreiras; outras, delicadas, meigas, amoráveis; outras puras, devotadas, santas – todas elas admiráveis.

Uma das personagens de Olga certamente foi também uma de suas grandes influenciadoras nas artes e no arrojo. Trata-se de uma jovem chamada Maria Rodrigues Peixe, que nasceu no sertão de Itapagé a 12 de dezembro de 1874 e aos três anos de idade, em 1877, foi tangida pela seca para a cidade que crescia olhando para o litoral, Fortaleza.

Usou sempre o pseudônimo “para ocultar-se da censura dos seus venerandos pais que, acompanhando a tônica da austeridade patriarcal, julgavam que escrever não era ofício de mulher”.¹⁸

“A vida e a obra de Alba Valdez, para quem as examina através de uma visão de conjunto, se desenvolve num sentido de pioneirismo libertador”, escreveu Olga em *Quem são elas*.





Tão inteligente e precoce era Alba Valdez que se diplomou na Escola Normal antes de completar os 16 anos. E isso fascinava Olga. Em 1904, Alba Valdez fundou a Liga Feminina Cearense, primeiro grupo literário feminino do Ceará.

A precocidade, um traço marcante em Alba Valdez, permeou sua carreira literária e seu feminismo “em um meio ambiente que jamais foi favorável à expansão do talento feminino”.¹⁹ Alba foi traduzida pela língua sueca pelo um poeta sueco e reconhecido lusófilo Göran Björkman. Alguns capítulos do livro *Em sonho*, de Alba, foram publicados na revista *Illustrerad Hwad Nytt*, de Estocolmo.

Também um conto de Alba Valdez, intitulado “Carta”, ganhou versão em francês e foi publicado pelo jornal *Le Matin*, de Paris – lançado em 1884 e descontinuado em 1944. Sobre Alba Valdez, o minucioso e percuciente crítico literário Agripino Grieco ponderou que esta era a brasileira que os escandinavos prezavam tanto e que os brasileiros desconheciam.

Essa história fascinava Olga ainda mais porque “a mulher cearense do final do século XIX vivia naquele círculo fechado e compressor da família. Numa sociedade receosa de escândalos diante de tantos preconceitos, tendo ainda na figura do pai de família a figura patriarcal e temida”.

Ela ingressará no Instituto do Ceará somente em 1936, na cadeira ocupada antes pela professora de geografia Júlia Leão de Vasconcelos.

No livro *Mulheres do Brasil: pensamento e ação*, Olga lembra que Alba Valdez foi, entre outros preconceitos, vítima de um dentro da própria Academia Cearense de Letras onde foi admitida em 1922. Só que, em 1930 ela foi excluída por ser “considerada da velha guarda”. Somente em 1953 o equívoco histórico foi corrigido: Alba foi reintegrada na ACL.²⁰





Luís-Sérgio Santos

Sobre outra cearense marcante, Yolanda Queiroz, Olga Barroso subscreveu o título “dama de ferro” da economia cearense, como se referiu a ela uma reportagem da revista *Exame*, da Editora Abril.²¹

Em sua aparente fragilidade, Yolanda deixa transbordar do seu eu uma força incomum, da qual a retidão do caráter se manifesta através do espírito superior que possui e da sua capacidade de decisão a toda prova.²²

Olga continua sua escritura, a propósito agora, do precoce falecimento do empresário Edson Queiroz, aos 57 anos, em dramático acidente aéreo, com dezenas de vítimas fatais, no dia 8 de junho de 1982:

“Difícil para Yolanda preencher a imensa lacuna deixada por um empresário da estatura do seu marido. Com a responsabilidade, entretanto, a lhe pesar sobre os ombros, ela não se omitiu e com garra enfrentou a luta no desempenho da árdua tarefa que a esperava. Em momento nenhum arrefeceu, mesmo diante das graves dissenções surgidas, seguiu firme o leme da empresa e partiu para o desafio.”

Em 1976, em discurso para os formandos na Universidade de Fortaleza, o chanceler Edson Queiroz, lembra Olga, reconheceu o papel pendular de Yolanda: “cuja presença em meus dias constitui uma fonte de energia e inspiração”.²³

“É dama que honra a mulher cearense”, subscreve Olga. “Nos honra por sua altivez, dignidade e qualidades morais que marcam sua personalidade e embelezam seu perfil.”

MARIA DE XEREZ MONTE

A maior carga passional de Olga Barroso revela-se no capítulo onde perfila sua mãe, dona Maria Xerez, a leal secretária do





marido fazendeiro e político, coronel Chico Monte. Era dona Maria quem organizava todo o trabalho referente ao eleitorado – conhecia-os pelo nome e sabia a qual comunidade pertencia cada um.

Escreve Olga:

“Com o mais puro sentimento de amor filial, tento reproduzir a trajetória de vida de uma grande mulher – minha mãe – toda ela iluminada de bondade, trabalho construtivo e profunda dedicação aos semelhantes.

Seria de minha parte injustificável omissão deixar de prestar este testemunho, relegando-a ao esquecimento, quando, inegavelmente, os seus méritos ultrapassam os limites de qualquer vaidade ou pretensão.

Nasceu Maria de Xerez Monte, em Sobral, em 15 de abril de 1895, filha do dr. José de Xerez, juiz de Direito da Comarca de Sobral, e de Olindina Gomes Parente de Xerez, agente dos Correios da cidade.

Seus ascendentes são da melhor linhagem; pelo lado paterno pertence à família Xerez, que refluí ao Capitão-Mor, José de Xerez de Furna Uchoa, e pelo materno vem das famílias Gomes Parente e Ferreira Gomes.

Casou-se em 14 de fevereiro de 1917 com Francisco de Almeida Monte, um dos maiores criadores da Zona Norte, e teve grande influência política numa época em que Sobral se manteve em destaque como importante polo de decisões políticas do Ceará.

É de se ressaltar a presença de minha mãe como testemunha e personagem de importantes fatos da política estadual.

Não menos notório o papel que desempenhou, com ação firme e discreta, nas lutas e vitórias entre os grupos políticos locais.





Luís-Sérgio Santos

Companheira dedicada do meu pai, o inesquecível Chico Monte, sua participação efetiva e eficiente contribuiu para que ele atingisse a culminância da vitória e sucessivos êxitos.

Era a sua leal secretária, organizando todo o trabalho referente ao eleitorado, cujas pessoas conhecia pelo nome e sabia a que grupo pertenciam, dando-lhes assistência completa em suas necessidades.

Sua Fortaleza de formação se deve à notável mãe. Dona Olindina, que cedo enviuvou, tornando-se um modelo de virtude nas lutas, a lembrar a mulher forte do Evangelho; era admirada e respeitada na sociedade sobralense, desde que impediu a briga política que se tratava entre seus irmãos Emília e Frederico Gomes Parente.

Possuidora de grande sensibilidade, minha mãe quebrava de quando em vez a rotina do trabalho com a delicadeza do trinado do seu bandolim, que tão bem tocava.

Sua vida foi um constante florescer de ideias novas. Possuía uma visão abrangente do mundo, dedicando à leitura horas de lazer, principalmente aos romances históricos, pelos quais tinha grande predileção.

Durante sua viuvez, a cada dois anos viajava à Europa tendo um encanto especial pela França, cuja língua bem entendia.

Nessas viagens, visitava de preferência os museus que a seduziam pela importância do acervo cultural de cada povo.

Não se limitava, pois, ao lugar comum de simplesmente viajar para matar o tempo. Sua curiosidade intelectual exigia respostas, as quais ia anotando cuidadosamente.

Escrevia sobre os vultos históricos, o encanto das paisagens, os usos e costumes de cada povo. Nada, portanto, escapava à sua aguçada observação.

Como mulher responsável pela felicidade alheia, cristã de formação e cidadã fiel aos destinos de sua gente, prestou larga folha de serviço social que muito engrandece seu nome, evocando





sempre com respeito e admiração. Foi escolhida para a presidência do Núcleo das Pioneiras Sociais, desde a fundação da associação pela Primeira Dama do País, em 1958.

Todo o seu trabalho era conduzido numa linha de continuidade, sem interrupção, mesmo que as verbas destinadas pelos deputados para fins assistenciais atrasassem. Com espírito de zelo e desprendimento, gastava o próprio dinheiro na construção dos casebres, contanto que pudesse atender às necessidades emergentes do seu povo. Sempre preponderou em minha mãe, toda a vida, a dedicação aos pobres, doentes e necessitados, jamais negando auxílio àqueles desafortunados que lhe batiam à porta.

Nossa devoção aos carentes, incluiu, como feliz reminiscência, a promoção das festas natalinas, nas quais o seu coração se expandia em generosidade e a fé cristã iluminava de alegria o semblante. Eram contempladas anualmente com a festa do Natal não só a pobreza de Sobral, mas a de Forquilha e Meruoca.

A programação ia da distribuição de roupas, tecidos e brinquedos para as crianças, até a visita aos presidiários, na cadeia de Sobral, aos quais prestava solidariedade, levando presentes para homens e mulheres, em cujos semblantes deixavam transparecer a desesperança. Entrava em todas as celas sem medo, enchendo-as de dádivas e de alegria. Naquela visita festiva ela também contribuía para que a alimentação deles fosse melhorada com doces e biscoitos.

O seu dia a dia era todo enriquecido pela ação que desenvolvia, sempre voltada para o bem comum.

É este o testemunho que dou de sua saudosa memória; mulher que muito amou a vida, as viagens e passeios, convivia bem com os jovens e tinha horror à morte. Teve longa e benemérita vida, falecendo em 30 de agosto de 1983.

Dela há de se perpetuar o exemplo da honradez e de trabalho infatigável, realizado com o objetivo de servir, com a convicção





Luís-Sérgio Santos

sempre de que se é responsável pela felicidade de alguém. Uma grande mulher que muito amou a comunidade a que serviu.”

“Nas eleições de 1970”, narra Olga Barroso, “no comício realizado na Praça Professor Arruda, em Sobral, e sem que meu nome constasse no programa dos oradores, fui obrigada a falar ao grande público presente, por uma emergência.”

O episódio é narrado por Olga no livro *Quinteto em ritmo de crônica*, de 1975, uma coletânea de mulheres escritoras organizada por Cândida Galeno.²⁴

Continua Olga:

“É que ocorrera uma afonia quando o Parsifal falava, porque o seu entusiasmo inicial o fez abusar das cordas vocais. Subi ao palanque, aceitaram-me com júbilo.”

Olga perguntou a Parsifal quais eram as mensagens finais do seu discurso. Agora, sabia como terminar. Mas como começar?

“Momentaneamente ocorreu-me uma ideia, considerada depois muito feliz. Assim que falei: povo amigo de minha terra, das muitas cidades por mim conhecidas neste universo, apenas duas têm o mesmo despertar do dia. Nessas duas cidades acordamos com o badalar dos sinos das igrejas, cada qual com o encanto de sua sonoridade a nos chamar para oração, a nos elevar o espírito para os irmãos que sofrem e a nos chamar para o trabalho cedo, ativados pelo sol. São elas: Sobral e a Roma eterna.”

Os aplausos e vivas troaram e daí Olga entrou no tema central da campanha, na caça pelos votos.

Quinteto em ritmo de crônica traz várias crônicas de Olga, a maioria escritas entre Sobral e Brasília.

Em “Minha cidade-berço”, escrita em agosto de 1973, faz uma declaração de amor a Sobral.





Parsifal: Um intelectual na política

As influências que recebi na minha formação de sobralense somente agora se avivaram nitidamente em mim, ao término dos festejos do bicentenário da criação da Vila de Sobral, comemorados durante uma semana.

Nasci e cresci na minha terra, ouvindo que o nosso grande bispo dom José Tupinambá da Frota recusara o título de arcebispo somente para não sair de Sobral; o nosso grande juiz dr. José Sabóia de Albuquerque, ao lhe oferecerem uma cadeira com a eleição certa, para o Senado Federal, dissera que só a aceitaria se a câmara alta fosse instalada em Sobral, para não que sair da sua terra.²⁵

No dia 21 de setembro de 1989 dona Olga Barroso toma posse na Cadeira nº 24 da Academia Cearense de Retórica, cujo patrono é Leonardo Mota (Leonardo Ferreira da Mota Filho) sendo saudada pelo magistrado e jornalista Francisco Osmundo Pontes.

Logo no começo do ano o Governo Federal lança novo pacote econômico mudando a unidade monetária de cruzado para cruzado novo e congela preços e salários por tempo indeterminado. Teve até eclipse total da lua, em agosto.

Olga foi o filho homem que Chico Monte não teve e era franca, direta, reta, sem dissimulações. Era o que nos fazia admirá-la. Isso se pode constatar pela obra *Sobral do meu tempo*, de Lustosa da Costa.

A influência sobralense continuava na política. Fortaleza vivia, em 1989, o primeiro ano da gestão do jovem prefeito Ciro Ferreira Gomes e seu vice Juraci Vieira Magalhães.

NOTAS

- 1 BRASILEIRO, Núbia. *Por trás de um nome*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1984, p. 30.
- 2 BARROSO, José Parsifal. *Uma história da política do Ceará: 1889-1954*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1984.





Luís-Sérgio Santos

- 3 Entrevista concedida a Teresa Haguette.
- 4 Entrevista com Régis Barroso.
- 5 BARROSO, José Parsifal. “Chico Monte”. In: COSTA, Lustosa da. *Sobral do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 1982, p. 163 (Coleção: Lima Barreto).
- 6 Obra do irmão de Geraldo da Silva Nobre: NOBRE, Francisco Silva. *1001 Cearenses Notáveis*. Nobre Editora: Casa do Ceará, 1996.
- 7 Idem.
- 8 ARRUDA, Francisco de Assis Vasconcelos. “Os Gomes Parente”. In: *Genealogia Sobralense*. Fortaleza: IOCE, 1996, vol. II, tomo II.
- 9 COSTA, Lustosa da. Sobral do meu tempo. “O último dos coronéis”. In: *Sobral do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 1982, p. 79 (Coleção Lima Barreto).
- 10 ARRUDA, Francisco de Assis Vasconcelos. “Os Gomes Parente”. In: *Genealogia Sobralense*. Fortaleza: IOCE, 1996, vol. II, tomo II.
- 11 *Diário Carioca*. Seção “O nome da semana”. Domingo, 25 de maio de 1958, p. 8.
- 12 Idem.
- 13 “Nordeste: Além da catástrofe, desvio de auxílios destinados às vítimas”. *Última Hora*. Rio de Janeiro, 6 de abril de 1960, p. 4.
- 14 “LBA: convênio para levantar hospital infantil no Ceará”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1959, p. 7.
- 15 Entrevista com o deputado federal Parsifal Barroso concedida à professora Luciara Silveira de Aragão, responsável pelo





Convênio da Universidade Federal do Ceará com o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. A entrevista fez parte do Projeto de História Oral e foi realizada no dia 17 de junho de 1976.

- 16 BARROSO, Olga Monte. *Quem são elas*. Ilustrações de Aldemir Martins. Fortaleza: IOCE, 1992, p. 11.
- 17 BARROSO, Olga Monte. *Quem são elas*. Ilustrações de Aldemir Martins. Fortaleza: IOCE, 1992. 206 p.
- 18 “O centenário de Alba Valdez”, pronunciamento de F. Alves de Andrade como orador da Casa de Juvenal Galeno, na solenidade de 12 de dezembro de 1974, comemorativa do Centenário de Alba Valdez, da Academia Cearense de Letras, associando-se a Academia à homenagem realizada.
- 19 BARROSO, Olga Monte. *Quem são elas*. Ilustrações de Aldemir Martins. Fortaleza: IOCE, 1992, p. 55.
- 20 BARROSO, Olga Monte. *Mulheres do Brasil: pensamento e ação*. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1971, v. 2, p. 487.
- 21 Reportagem da revista *Exame* assinada pelo jornalista José Maria Furtado, em 1989.
- 22 BARROSO, Olga Monte. *Quem são elas*. Ilustrações de Aldemir Martins. Fortaleza: IOCE, 1992, p. 187.
- 23 Ibidem, p. 188.
- 24 “Sobral x Vaticano”. In: GALENO, Cândida et al. (orgs.). *Quinteto em ritmo de crônica*. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1975.
- 25 “Minha cidade-berço”. In: Ibidem, p. 116 -17.







6. A influência de Hermínio Barroso

No dia 26 de julho de 1882, no Festival de Bayreuth, estreava *Parsifal*, última ópera de Richard Wagner. O herói do título é um dos cavaleiros da Távola Redonda, coroado rei do Santo Graal.

Antes de ser crucificado, Jesus Cristo se reuniu com seus discípulos para a Última Ceia, relata a Bíblia. O Graal, taça em que Jesus bebeu o vinho, foi a mesma que recebeu suas gotas de sangue na cruz.

Quando Richard Wagner (1813-1883) descobriu o mito, preparou um rascunho de libreto e enviou-o a seu amigo, o rei Ludwig 2º, da Baviera. Ludwig ficou fascinado com o argumento e respondeu ansioso: “Oh Parsifal, quando você irá nascer?”. Foram 25 anos de espera até que Wagner concluísse a ópera. *Parsifal* é considerada uma *Gesamtkunstwerk* – a obra de arte total.

O mito de Parsifal é fascinante. Trata-se de uma poema épico, uma obra-prima da Idade Média, escrita entre 1200 e 1210 por Wolfram von Eschenbach, sob o título original de “Parzifal”. Introduz o tema do Santo Graal na literatura alemã. A fonte de “Parzival” foi quase certamente *Perceval: Le conte du Graal*, um trabalho inacabado de Chrétien de Troyes. Em “Parzival”, Wolfram afirma que Kyot (Kiot) de Provença é sua fonte, mas os estudiosos não conseguiram identificar uma figura histórica com esse nome e geralmente acreditam que Kyot seja uma invenção.

Em 2006, a Oxford University Press lançou *Parzival and Titirel*, na sua série Oxford World’s Classics, traduzido por Cyril Edwards, com introdução de Richard Barber. Trata-se de um





Luís-Sérgio Santos

trabalho valioso, cheio de notas explicativas e disponível nas livrarias. O livro de Wolfram von Eschenbach narra o crescimento de Parzival desde a sua fase juvenil até a cavalaria na corte do Rei Arthur e sua busca pelo Santo Graal. Exuberante e gótico em sua narrativa, e profundamente emocionante, Parzival inspirou e influenciou obras tão diversas como a ópera *Parsifal* de Richard Wagner, o filme de Terry Gilliam, *The Fisher King* (O Pescador de Ilusões) e *Bandolino*, de Umberto Eco.

Os anos de dedicação à construção de Parsifal exauriram Wagner. Ele morreu em fulminante infarto meses depois da gloriosa estreia.

Já familiarizado com uma metrópole, o Rio de Janeiro, onde iniciou estudos em Engenharia antes, Hermínio Barroso viajou para a Alemanha onde encontrou um país em acelerada expansão. A Alemanha saía de um penoso ciclo de atraso econômico e divisão política, em 1871 reuniu seus pequenos e dispersos estados num Império poderoso, com o chanceler Otto von Bismarck como seu guia efetivo até 1890.

A Alemanha construía uma força política e econômica, rival da França e da Inglaterra, principalmente por causa da produção industrial variada e competitiva. Expandiu sua ação para colônias, a partir de 1884, principalmente na África e na Ásia. O país se sentia, agora, o centro do mundo. Com a unificação, ocupou o lugar de segunda potência industrial mundial, criou e treinou um exército expressivo, e ocupou e explorou suas colônias, consolidando-se também como uma potência imperialista.

Em 1888, o governo do Ceará era presidido por Caio da Silva Prado, e o Estado enfrentava, com a forte emigração de





retirantes, consequência da recente e longa sequência de secas (1877-1879).

No mesmo ano, na Alemanha, uma dança das cadeiras, três imperadores se sucediam. O velho Guilherme I morreu com 91 anos de idade. De seu filho, Federico III, considerado um liberal, muitos esperavam uma reforma do Estado, tornando-o menos militarista e autoritário. Entretanto, Federico III morreu três meses após assumir. Guilherme II, seu herdeiro, era jovem, vaidoso e impulsivo. Pode-se dizer que ele contribuiu diretamente com a política mais agressiva do Império, até levá-lo às portas da Primeira Guerra Mundial.

O gigante imperial emergente vivia seus conflitos internos. A rápida industrialização deu origem a um proletariado que começou a se organizar num ousado partido social democrático. O Estado se mostrou repressivo contra as organizações operárias que, além disso, sofriam com o silêncio imposto pela censura à imprensa. Hermínio Barroso presenciou estes conflitos entre aristocratas e militares que governaram a Alemanha, bem mais radicais e reacionários do que na França e na Inglaterra.

A atmosfera no país era frenética, tensa, e certamente provocava um estranhamento num brasileiro. As relações humanas se apoiavam numa lógica de base hierárquica, o país dominado pelos grandes industriais e os grandes proprietários de terra – porém, ainda mais pelos militares. O exército era presente e atuante, gozava da estima da população. Fração expressiva dos alemães desejava que o país conquistasse outros territórios e a relação diplomática com os vizinhos em geral, e com a França, em particular, não era das melhores, sobretudo depois que os alemães derrotaram os franceses na Guerra de 1870.

Anos mais tarde, de volta ao Ceará, Hermínio Barroso se tornaria um homem público, um influente intelectual e articulado político.





Luís-Sérgio Santos

Vivenciaria conflitos, venceria obstáculos e construiria o seu legado em meio a rivais e aliados.

Em 27 de janeiro de 1914 dividiria com o Kaiser Guilherme II, a mesma página do jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro.

Mas, por enquanto, Hermínio ainda se encontrava na Alemanha. E se por lá, para ele, o cotidiano intrigava um brasileiro, em contrapartida, na vida acadêmica – ciências naturais e humanas – era alto o nível de qualidade das Universidades, elevadíssimo.

Naquela época, foi no campo da música que a Alemanha exibiu ao mundo o seu melhor lado. Os alemães, eternos admiradores da delicada arte, acreditavam traduzir sua alma mais pura no estilo musical clássico.

Depois dos anos de 1860, a música de Richard Wagner (1813-1883) teve enorme êxito dentro e fora do país. Wagner se tornava mais famoso que Napoleão, até mesmo na França. O festival de Bayreuth se transformou numa espécie de “peregrinação religiosa”, a música quase substituiu a religião nos meios burgueses.

Hermínio Barroso foi marcado pelo culto a Richard Wagner. Embora o genial compositor tenha falecido em 1883, dois anos antes da chegada de Hermínio à Europa, aquele respirou e se enebriou com os ares onipresentes da música de Wagner.

Sua música, essencialmente passional, marcou profundamente o jovem brasileiro e seus contemporâneos na temporada germânica. Além de Hermínio, estavam ali seu amigo Alberto Nepomuceno, Rodolfo Bernardelli e seu irmão Henrique Bernardelli também conviveram na mesma hospedaria.¹

Nos 5 anos em que Hermínio viveu na Europa, aprofundou-se nos seus estudos de música e assistiu ao famoso Festival de Bayreuth, aderiu ao culto e apaixonou-se pela obra do compositor Wagner, como bem lembrou o Barão de Studart no seu *Dicionário Biobibliográfico Cearense*.





“O vovô passou 5 anos na Alemanha estudando música”, relembra Régis Barroso, neto de Hermínio. “Meu avô Hermínio viveu bem na Europa. Em Berlim era para ter estudado Direito, mas quando chegou lá ficou fascinado com as obras de Wagner e formou-se em violoncelo.”

Com inteligência rara, Hermínio Barroso tornou-se um especialista em Wagner ao mesmo tempo em que dominou as sutilezas semânticas da língua alemã, passando a falar com fluência.

Em uma época em que as famílias queriam seus filhos formados em Direito, Medicina, Engenharia, qualquer outra opção se colocava vários degraus abaixo em uma escala de prestígio social. O jovem Hermínio Barroso não hesitou em romper com esse protocolo e certamente foi influenciado pelo seu amigo Alberto Nepomuceno.

Quando retornou ao Ceará, seu pai o coronel Paulino Joaquim Barroso, que já tinha um filho, Euclides Barroso, formado como engenheiro civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, em 1883, ficou insatisfeito com a escolha de Hermínio, que deveria, a exemplo de seu irmão mais velho, ter seguido o caminho de uma graduação “respeitável”. Contudo, em vez de Engenharia no Rio de Janeiro e Direito na Alemanha, Hermínio se enamorou por Arte e Estética Musical da escola wagneriana.

O coronel Paulino Joaquim não aceitou e reagiu com um grau acima da firmeza: cortou sua mesada, quebrou seu violoncelo e não mais o aceitou em sua casa. Hermínio estava exilado de sua própria família.

Na primeira edição completa das obras de Bach, estão dois assinantes brasileiros, os cearenses Alberto Nepomuceno e Hermínio Barroso, atesta o compositor, musicólogo, folclorista e professor Aloysio de Alencar Pinto. Os demais são todos alemães e outros, estrangeiros.





Luís-Sérgio Santos

A influência de Richard Wagner era avassaladora. Era o compositor mais executado à época. Influenciou técnica e esteticamente nomes como A. E. Chabrier (1841-1894), até mesmo na França inimiga, o poeta e ensaísta Charles Baudelaire foi um dos seus primeiros admiradores. No Brasil, é notória sua influência na produção do maior compositor brasileiro de óperas, Carlos Gomes. O entusiasmo mundial ao redor de Wagner não foi um fenômeno passageiro. Até um século depois, na pequena enciclopédia francesa *Le Petit Robert*, a mais difundida no país, o artigo sobre Wagner era a mais longa biografia, maior que a do compulsivo conquistador Napoleão Bonaparte.

E entre os amigos que arranjou, Wagner fez história. Sendo o mais famoso dos casos, a aproximação com Nietzsche gerou uma amizade que se estendeu pelo tempo e atraiu atenção, curiosidade e polêmica.

Em um artigo de Harry Crowl sobre a música de Richard Wagner e a sua influência no Brasil, ele falou mais:

“As relações da música de Richard Wagner com o Brasil suscitam desde o século XIX grande curiosidade. É fato que sua produção artística e intelectual foi motivo de grandes controvérsias, até mesmo por aqui. A primeira questão envolvendo o nome do compositor que talvez mais chame a atenção é o fato de o Imperador do Brasil D. Pedro II ter, supostamente, tido algum tipo de contato com o compositor alemão. O interesse do imperador brasileiro nas artes é fato já muito conhecido e admirado. Ele foi um patrono generoso e graças a ele, vários compositores brasileiros tiveram a chance de estudar na Europa, principalmente Carlos Gomes. Além disso, foram muitos os esforços envidados ao longo do século XX tanto para se promover a música de Wagner no Brasil, seja através de concertos ou de montagens, quanto através de composições de compositores brasileiros que procuravam imitar o seu estilo.”





Wagner, no mesmo ano de sua morte, 1883, apresentou em Bayreuth a sua última ópera, *Parsifal*, de estupenda repercussão. De volta ao Brasil, profundamente marcado pelos ideais wagnerianos e, sem dúvida, marcado pelo impacto da música do gênio alemão, Hermínio Barroso resolveu homenageá-lo, batizando seu filho com o nome Parsifal.

Tratava-se do primeiro cidadão brasileiro a se chamar Parsifal.

Anos mais tarde, Hermínio redimiou-se ante à sua dívida com a memória do pai. Ele não só não se tornara um músico profissional, como estudou Direito e graduou-se em dezembro de 1907, na primeira turma da Faculdade de Direito do Ceará que, anos mais tarde, viria a ser incorporada pela Universidade do Ceará e, depois, Universidade Federal do Ceará.

O bacharel Hermínio Barroso compunha uma turma com Guilherme Moreira da Rocha, Raimundo Leopoldo Coelho de Arruda, Armando Madeira, Antônio Aurélio de Menezes, Hildebrando Gomes do Rego, Alceu Ferreira Baltar, Domingos Bonifácio de Oliveira, Abner Cordeiro Leão de Vasconcelos, Vicente de Arruda Gondim e Adalberto Soares de Araújo Amorim. Dentre os membros do corpo docente, estavam Olavo Oliveira, Francisco de Menezes Pimentel, Benedito Augusto Carvalho dos Santos (Beni Carvalho), Manuel Antônio de Andrade Furtado, Manuel Leiria de Andrade, Eduardo Henrique Girão, Raimundo Gomes de Matos, Francisco Gomes Parente, e José Vitor Ferreira Nobre.

A influência de Hermínio Barroso em Parsifal é contundente. Ambos seguiram carreira política, atuaram na vida acadêmica – Hermínio, como professor da Faculdade de Direito do Ceará e professor de alemão do Liceu do Ceará, onde foi diretor por três mandatos consecutivas. O Liceu de Hermínio era o mais





Luís-Sérgio Santos

importante colégio do Ceará e seu filho Parsifal Barroso seria futuro aluno do mesmo Liceu, em 1925.

Na histórica entrevista à professora Luciara Silveira de Aragão, em 17 de junho de 1976, Parsifal Barroso nos remete à determinação de Hermínio:

“Meu pai sempre exerceu sobre mim uma influência muito grande, como professor que era, de modo a me tornar um aluno que, afora as horas de estudo tinha as horas de lazer apenas em companhia dos nossos alunos do Liceu [...]. Por isso meu começo de vida como professor corresponde à idade de 16 anos, e a minha formatura ocorreu quando eu tinha 21 anos incompletos, e em meu primeiro mandato de Deputado Estadual estava com 22 anos.”

O jovem, que na Alemanha estudou música, no Ceará se tornou comerciante dono de uma livraria, advogado, professor, membro do Partido Republicano Conservador, deputado federal pelo Ceará, cônsul honorário da Bélgica, secretário dos Negócios do Interior no governo Benjamin Liberato Barroso.

Hermínio não se tornou músico famoso e nem regeu nenhuma orquestra, como porventura sonhou na juventude cada vez mais distante, mas deixou de herança para Parsifal Barroso não apenas lições de força, ousadia, coragem, determinação, mas, acima de tudo, semeou e cultivou seu interesse pela cultura, arte e política. Pode-se afirmar que Hermínio Barroso iniciou o que Parsifal continuaria e aprofundaria.

O ano em que Parsifal nasceu, 1913, foi marcado por grandes conflitos, se a ópera que inspirou seu nome é um drama, o contexto em que ele veio ao mundo não era menos dramático.

Tal qual a Alemanha de 1888, no Ceará havia uma atmosfera frenética, tensa, e porque não dizer, de guerra. O jornal *O Paiz*, de 3 de dezembro de 1913, nos dá um instantâneo da situação





em uma dada perspectiva, considerando o viés governista do Padre Cícero, aliado de Accyoli:

“Os telegramas que o respeitável Padre Cícero Romão Batista dirigiu aos senhores presidentes da República e do Senado e a representação cearenses são de uma lógica esmagadora contra as explorações que vem fazendo a imprensa oposicionista, sobre a situação política no Ceará. O que está passando na Terra do Sol é um fenômeno social muito explicado.

O truculento Régulo Franco Rabelo e seus sequazes entendiam que, por mais que tiranizassem o povo cearense, este nunca se revoltaria contra o seu jugo ferrenho.

Mas quem conhece o heroísmo desse povo que desbravou a Amazônia e tem seu nome nas páginas mais fulgurantes da nossa história previa sua revolta contra os desmandos do despota cearense. E o senhor Franco Rabelo, em vez de procurar contentar o povo que o repele, torna-se cada vez mais opressor, argumentando as violências. Não foi somente no Juazeiro que o tirano decretou o extermínio daqueles que tinham a coragem de fazer oposição ao seu governo. Na vila de Várzea Alegre, os cangaceiros rabelistas ameaçaram de exterminar a importante família Correia Lima, de grande prestígio no Estado, simplesmente por ter hombridade de fazer oposição ao detentor do poder. O senhor Franco Rabelo convence-se-a, em breve, que os processos de que está usando são contraproducentes fatal.”²

Outras notícias eram desoladoras como a que trata da destruição das oficinas do jornal *Unitário*, em 26 de janeiro de 1914 enviadas ao jornal do Rio através da tecnologia de ponta da época, o telegrama. O emissor era o combativo e panfletário jornalista João Brígido dos Santos.





Luís-Sérgio Santos

O deputado Thomaz Cavalcante recebeu os seguintes telegramas no dia 26, em Fortaleza:

“Acabaram de ser destruídas as oficinas do *Unitário*, sendo roubadas e incendiadas. Não houve garantias. Ameaçaram atacar a minha residência. A livraria do dr. Hermínio Barroso, onde funciona o consulado da Bélgica, foi apedrejada. O comércio está fechado. Continuam as desordens. João Brígido.”

“A casa do dr. José Lino da Justa, após tiroteio e assalto, foi saqueada hoje, às 13 horas, pelos rabelistas.”³

No entanto, o ano de nascimento de Parsifal, e os anos em que transcorreu sua infância, foram época da Fortaleza de famosos cafés, quiosques e as livrarias do “Banco do Ceará”, a “Imperial”, “Araújo”, “Hermínio Barroso” e o “Sebo do Guimarães”, dentre outras, além das novidades literárias, foram as constelações aspiradas por alguns trabalhadores que desejavam se projetar no meio literário... a interseção entre a boemia e a leitura. Era a Fortaleza ainda com resquícios *Belle Époque*. Há registros de alguns estabelecimentos “etílicos” junto às livrarias.

Parsifal Barroso não era filho único, seus primeiros irmãos morreram ainda na infância em decorrência da epidemia de crupe – laringotraqueobronquite, doença infecciosa que atinge as vias aéreas superiores e inferiores – que assolou Fortaleza no século XIX e anos iniciais do século XX.

Quando Hermínio faleceu, em 1932, Parsifal virou arrimo de família. No Instituto do Ceará constam vários registros da luta de Hermínio para salvar seus filhos da crupe.

O sobrenome Barroso vem da avó paterna de Hermínio, Antonia Maria de Jesus Barroso, casada com Joaquim Ignácio Vieira, bisavós de Parsifal.





Hermínio teve nove irmãos, Joaquim, Amália, Maria, Esmerino, Amélia, um segundo irmão Joaquim – o primeiro faleceu aos dois anos de idade –, Adolpho e o segundo filho de Paulino e Francisca Gondim, Euclides Barroso, nome de grande destaque na história da Engenharia na região Nordeste.

O *Parsifal* de Richard Wagner tem como objeto uma figura mitológica, enigmática e sedutora.

O Parsifal, de Hermínio Barroso é o filho que trata do amor à História, o culto do passado e a veneração às tradições.

“Sempre sustentei a tese de que o povo cearense é avesso à tradição e não cultua o passado, malgrado o esforço de uma heroica minoria que mantém sua posição de contra-ataque, sempre em vão”, escreveu Parsifal no dia 8 de junho de 1981, em sua coluna no caderno de Lúcio Brasileiro, no jornal *O Povo*.

Continua Parsifal:

“Relembro a incompreensão de que fui alvo, quando governei o estado do Ceará e, graças aos justificados e diligentes cuidados do meu ilustre assessor, Mozart Sariano Aderaldo, consegui encomendar ao saudoso escultor Leão Veloso as estátuas de Farias Brito, Alberto Nepomuceno, Clóvis Beviláqua, Capistrano de Abreu e Gustavo Barroso, bem como a herma de Delmiro Gouveia.”

E mais:

“Por força dessa circunstância, que reputo uma contingência de ordem histórica, somente me foi possível inaugurar as estátuas de Farias Brito, Capistrano de Abreu, Clóvis Beviláqua e Gustavo Barroso, deixando pronta para ser inaugurada no centenário do seu nascimento, em 1963, a herma do extraordinário ipuense, que foi Delmiro Gouveia.”

A estátua de Alberto Nepomuceno, posta sob o signo da deambulação, viveu longo tempo no porão do Instituto do Ceará e, depois de inaugurada na avenida que tem o nome do maior





Luís-Sérgio Santos

músico do Ceará, dali foi retirada e não sei informar aos meus constantes, onde o governo a reinaugurou.

Ao inaugurar a estátua do imortal filósofo Farias Brito, meu ajudante de ordens ouviu, por entre o vozerio do povo, dois comentários que bem exemplificam a justeza de minha tese.

Alguns de mim se condoeram por que, ainda beirando meus cinquenta anos, já estava caducando, com essa mania de erguer estátuas a quem não as merecia.

Outros, em maior número, se perguntavam entre si de onde havia eu tirado “esse Farias Brito”, considerado então “uma besta”.

Se volto a essas considerações é porque, ao dar conta da pesada tarefa de escrever *Uma história da política do Ceará: 1889-1954*, verifiquei que os poucos presidentes e governadores, com seus nomes gravados em ruas da Fortaleza, não foram mencionados como chefes do executivo, mas pelas suas patentes militares ou suas funções, feita a observação em relação à fase republicana.⁴

Foi este artigo, “Vivências políticas”, que inspirou dona Olga Barroso a dar título ao livro póstumo de Parsifal, englobando parte importante do seu pensamento.

Um político que escrevia compulsivamente.

NOTAS

- 1 Biblioteca Nacional. Vitrine n.º IV 35 – Nepomuceno com Hermínio Barroso. Retrato tirado em Zurich.
- 2 ZANOTTI, J. *O Paiz*, 3 de dezembro de 1913.
- 3 *O Paiz*, terça-feira, 27 de janeiro de 1914.
- 4 “Vivências políticas”. *Revista da Academia Cearense de Letras*, 1981 p. 227-28.





7. O olhar dos filhos

Francisco Régis Monte Barroso foi, dos filhos de Parsifal, aquele que experimentou a política eleitoral, tendo sido eleito deputado federal em novembro de 1966. Elegeu-se em um momento em que Parsifal fora vítima de perseguição política devido às suas ligações anteriores, partidárias, eleitorais e administrativas, com JK e com Jango. Viu-se, rapidamente, que as ilações e insinuações eram leituras malversadas da realidade. Régis nasceu em Fortaleza no dia 4 de agosto de 1941, sendo o segundo filho de José Parsifal Barroso e de Raimunda Olga Monte Barroso. A primeira a nascer foi Vera Maria.

Em 1959, recém-ingresso nos 18 anos de idade, Régis foi nomeado oficial de gabinete do governo do estado do Ceará. O ano seguinte foi de estudos nos Estados Unidos, formando-se em inglês no English Language Institut, da Universidade de Michigan. De volta ao Ceará em 1961, foi nomeado chefe da Casa Civil do governo Parsifal acompanhando o país até o final do governo.

Parsifal era um homem de uma grande cultura universal e de uma religiosidade fantástica. No nosso dia a dia, no aconchego do lar e mesmo já na minha fase adulta tínhamos um pai que conversava muito com todos nós. Ele não orientava, nem ditava regras. Apenas conversava e cada um teve que se fazer por si.

Em suas memórias de criança em Fortaleza, Régis vê uma casa onde transitavam políticos e criadores de gado, situada na Rua Silva Paulet, 943, quase esquina com a Avenida Santos Dumont.





Luís-Sérgio Santos

Chico Monte, o avô materno, foi um grande criador de gado.

Nas constantes vindas a Fortaleza, Chico Monte se hospedava no Palace Hotel, onde tinha apartamento cativo. O avô paterno, Hermínio Barroso, morava no Centro de Fortaleza, ao lado da LBA (Legião Brasileira de Assistência), onde nasceu e viveu.

Régis cresceu vendo o entra e sai de políticos: Menezes Pimentel, José Martins Rodrigues, Wilson Gonçalves, Vicente Augusto, que era o secretário geral do PSD e mesmo Paulo Sarasate, prócer da UDN, não era figura rara na casa de Parsifal.

A amizade devia-se a fatores intelectuais.

“Paulo Sarasate admirava muito o papai pela cultura... e quando chegou a governador sentiu falta de uma aproximação, independentemente de partido. Ali o que prevalecia era o professor Parsifal e o professor Sarasate. Não era o PSD e nem era o UDN, era a figura do Parsifal Barroso e a figura do Paulo Sarasate. Essa foi uma das virtudes do meu pai – transcender as questões partidárias.”

Chico Monte era muito persuasivo, dono de uma inteligência prática – uma super inteligência prática. Fazendeiro e criador de gado em Sobral, era pessedista e negociava gado com o udenista José Sabóia. Era um pragmático.

Na perspectiva de Régis Barroso, foi Chico Monte quem, entre metáfora e realidade, elegeu Parsifal.

“Foi ele quem elegeu o papai deputado estadual, deputado federal, senador, ministro e governador, tudo foi meu avô, ele viveu até o meio do governo Parsifal. Morreu com 66 anos de idade.”

O ministro Parsifal tinha ótimo trânsito junto à imprensa. Régis relembra:

“O *Jornal do Brasil* agradecia por ter aparecido um senador e depois ministro que conseguia dialogar com a esquerda. Já os





Diários Associados dependiam muito do governo... Eu conheci o Assis Chateaubriand, ele era simpático, dado, mas era muito convencido... bastante convencido. Mas o doutor Parsifal mantinha uma boa relação com Assis Chateaubriand.”

Quando moravam no Rio de Janeiro, o hábito de visitar as famílias amigas nos finais de semana era muito forte. Uma das famílias que mais frequentávamos era a de Carlos Jereissati e dona Maria em Lourdes. Com Armando Falcão não havia proximidade. Ele era um estranho naquela época.

Outro amigo constante no Rio era o deputado Menezes Pimentel, que morava perto do apartamento de Parsifal nas Laranjeiras. José Martins Rodrigues, sogro de Paes de Andrade, era outro comensal, bissexto. Muitas vezes se fazia acompanhar por Paes de Andrade, ainda, um jovem na política àquela época.

Na casa de Parsifal, no Rio, a presença diária de jornais como o *Diário Carioca*, o *Jornal do Brasil*, a revista *O Cruzeiro*, *O Globo*, a *Tribuna da Imprensa*, de Carlos Lacerda... estimulavam o hábito de leitura.

A cidade do Rio de Janeiro era a joia da coroa no início dos anos JK. E o bairro das Laranjeiras estava no auge, era o bairro onde morava o presidente na fronteira do Palácio do Catete.

Juscelino tratava Parsifal como “meu ministro” e aquele era idolatrado por Parsifal. Em sua casa nas Laranjeiras era o próprio JK quem servia seu velho companheiro, o escocês Chivas Regal 12 anos, e eventualmente, um 25 anos, uma relíquia, à época.

“Ele vinha na cozinha com a garrafa de uísque e nos servia a todos e foi assim que eu aprendi a gostar.”

Relata Régis:

“O JK era uma pessoa encantadora, envolvente, bonachão, sedutor, um grande homem... e modificou o Brasil, sem dúvidas, só em ter tirado o Brasil do litoral, interiorizar o país foi uma





Luís-Sérgio Santos

obra estruturante. E hoje já tem a Belém-Brasília, e outras vias ligando as extremidades do Brasil ao planalto central.”

E acrescenta:

“A amizade de JK com Parsifal devia-se também a uma questão prática. O caixa da Previdência, numa época em que o Brasil não tinha nenhum aposentado, era extremamente líquido e JK tomou esse dinheiro, via empréstimo ao Branco do Brasil, para construir Brasília. Eu convivia com Juscelino mais nas viagens para financiar parte da construção de Brasília. Não foram poucas as vezes que Régis acompanhou JK e Parsifal no período da construção de Brasília.”

De volta ao Ceará, em 1958, Régis Barroso acompanhou a reviravolta na campanha eleitoral, onde Virgílio Távora era dado como o governador do Ceará. Ele entende que a vitória de Parsifal deveu-se, em muito, ao apoio dos católicos do Ceará e também devido à cultura e à imagem do seu pai como professor.

“Ele perdeu no interior por 30 mil votos e na capital ganhou por 60 mil votos, veja aí a força dele nos colégios”, conta Régis. “O próprio Virgílio me confessou depois que nunca imaginou que poderia perder a eleição... na época chegou a sair matéria dizendo que ele seria o próximo governador e ele perdeu.”

Com Parsifal no governo do Ceará, Régis tem sua primeira função pública. Ele conta as circunstâncias colocando em relevo a figura de sua mãe, dona Olga, idolatrada por Parsifal:

“Na verdade foi a minha mãe quem decidiu pela minha nomeação. Ela era profundamente partidária dos de casa, não é?”, conta Régis em bem humorada narrativa. “Então quando o papai assume o governo, ela conseguiu colocar a minha irmã mais velha, a Vera, como chefe de gabinete. Meu meu pai aceitou um pouco chateado... mas aceitava porque era Olga que estava pedindo. Só que Vera casou logo em seguida, 6 meses depois





de assumir o cargo. Assim, recém-ingresso nos 18 anos, assumi a função e passei a dialogar com todas as forças políticas e industriais do Ceará.”

A experiência no governo foi muito positiva, porque passei a conhecer todo mundo de Fortaleza, o político e o empresarial, as duas forças da época.

Aos 20 anos ingressou na Faculdade de Direito do Ceará bacharelando-se em 1965. No ano seguinte concluiu o doutorado em direito público e privado também pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará.

Nas conversas que se seguiam ao jantar no casarão das Laranjeiras, Parsifal comentava sobre as coisas do governo e não raras vezes expressava sua admiração por JK:

“É realmente admirável o feito de Juscelino, realizando uma ideia que vinha dos tempos do império. Com Brasília, Juscelino modernizou o Brasil.”

Parsifal fez sua campanha ao governo do Ceará em 1958 sob um das mais impiedosas secas da história. No entanto, teve a felicidade de três invernos durante seu governo. Um deles, tão ostensivo, a ponto de arrombar o recém-construído açude do Orós.

Nessa perspectiva, Parsifal foi um governador abençoado. Além disso, os cofres do Governo se elevaram à condição de alta liquidez.

“Papai foi um governador rico”, relembra Régis Barroso. “Todo mundo andava atrás dele, o governo tinha alta liquidez, porque teve sol e chuva no Ceará durante os quatro anos de governo do papai. Isso é uma bênção. Essa situação atípica que aconteceu no governo Parsifal é uma coisa que pouquíssimas pessoas sabem. A produção do feijão e do milho triplicaram,





Luís-Sérgio Santos

1 milhão de tonelada de grãos... E também aí começou o ciclo de industrialização no Ceará.”

Edson Queiroz, o jovem empreendedor que em 1951 comprou a Ceará Gás Butano estava a pleno vapor. Expandia seus negócios e buscava apoio estratégico para consolidar seus projetos de crescimento. Edson Queiroz ingressa no setor de comunicação quando adquire, em 1962, a Rádio Verdes Mares AM que pertencia aos *Diários Associados* de Assis Chateaubriand.

Edson Queiroz era um visionário tão arrojado que conseguiu dar forma física aos seus projetos mais utópicos.

Em outubro de 1963, inaugurou uma infraestrutura para dar apoio à comercialização do GLP (gás liquefeito de petróleo), a Tecnomecânica Norte – Tecnorte, que passou a fabricar os recipientes (botijões). Ainda em 1963, dezembro, surge a Esmaltação Nordeste – Esmaltec, produzindo fogões domésticos na disputa com o competitivo mercado nacional.

Assim como Parsifal, Edson Queiroz foi muito precoce. Adolescente, trabalhou no armazém de estivas do pai Genésio Queiroz, em Fortaleza. Estudou no Colégio Cearense, no Seminário da Prainha e concluiu o ginásio no Liceu do Ceará. Em 8 de setembro de 1945 casou-se com Yolanda Pontes Vidal com quem teve seis filhos: Airton José, Myra Eliane, Edson Filho, Renata, Lenise e Paula.

É no cenário imediatamente anterior às expansões imaginadas por Edson Queiroz que Régis Barroso passa a ser o seu interlocutor junto ao governo Parsifal. À época já estavam em plena operação dois motores da economia local, os moinhos de José Macedo e o Moinho Cearense, idealizado por Carlos Jereissati e inaugurado no dia 10 de maio de 1963, um dia após o abrupto falecimento do senador. Tolhido em pleno exercício do mandato, Calila, como era tratado pelos amigos, foi substituído pelo seu suplente e também seu médico, o cardiologista





Antônio Jucá – que, desafortunadamente, faleceu antes de concluir o mandato de senador a 26 de outubro de 1965.

Régis Barroso foi o mediador da convergência do governador Parsifal Barroso com o industrial Edson Queiroz.

Era o início da tarde de um sábado e Régis retornava do Ideal Clube, em uma das suas rotinas semanais. Ao chegar na casa da Santos Dumont, dona Olga o esperava com uma missão.

— Meu filho — disse dona Olga —, almoce e logo em seguida vá buscar o Edson Queiroz.

Somente Régis sabia dirigir com desenvoltura o moderno JK – Alfa Romeo JK, linha que homenageava o então presidente Juscelino Kubitschek. Um dos diferenciais do novo modelo era a inclinação total dos bancos frontais, ideal para transportar Edson que estava avariado devido a um acidente que lesionou sua perna direita.

Edson morava em um raio de 500 metros, na Rua Osvaldo Cruz, 712, para onde acabara de se mudar do endereço na Barão de Aracati. Estava impossibilitado de dirigir devido à lesão na perna e Régis foi fazer as vezes de motorista.

Recebido por dona Yolanda, esposa de Edson Queiroz, se anunciou:

— Dona Yolanda — disse Régis —, vim buscar o seu Edson a pedido de minha mãe.

— É um prazer para nós, meu filho! — respondeu, amavelmente.

Edson queria visitar o terminal de gás que estava em construção na esplanada do Mucuripe, cercanias do cais do porto. Era o terminal de gás da Norte Gás Butano, denominado Ernesto Igel – pioneiro na venda de gás engarrafado no Brasil –, inaugurado em 1959. Era o primeiro terminal oceânico do Nordeste.

Não imaginava que aquele momento seria um divisor de águas na sua vida. Edson era sedutor e influenciador, dono de uma energia positiva contagiante.





Luís-Sérgio Santos

No caminho de volta do terminal, Edson Queiroz, em meio à conversa com seu jovem motorista, muda de assunto abruptamente, à altura das brancas dunas defronte ao novo Iate Clube:

— O que você quer ser na vida, Régis? Você é tão jovem, tem uma vida inteira pela frente.

— Seu Edson, só não quero ser criador de boi, por conta das secas e nem comerciante porque não me disponho a trabalhar das seis da manhã às seis da noite.

— Então você tem o mesmo desejo que eu. Seja um industrial. [Silêncio.]

— Você vê quantas indústrias estão surgindo em Fortaleza. Sempre sou convidado para ser sócio de uma ou de outra mas quase sempre não disponho. Vou indicar seu nome como associado para um próximo convite... se, claro, for algo que eu avalie como bom potencial.

Muitos avaliaram, mais tarde, que aquela foi a “voltinha da minha vida”.

Seis meses depois a conversa teve um desfecho.

— Régis, fui convidado para ser sócio da Monteiro Refrigerantes S.A, um empresa de amigo meu [Wilson Magalhães Monteiro], dos tempos da Fênix Caixeiral e eu resolvi indicar você para ser sócio dele e ele aceitou de muito bom grado.

A fábrica engarrafava as marcas Pepsi Cola, Guaraná Wilson, Mirinda, Teem (sabor de limão é marca de propriedade da Pepsico), Grapette, Blimp laranja e Blimp limão. A marca Pepsi-Cola, o mais sério concorrente da Coca-Cola, passou a ser engarrafada em janeiro de 1963. A próspera indústria estava instalada em um quarteirão inteiro entre as Ruas Nogueira Accioly, João Brígido e J. da Penha. [Uma ironia, a Rua Nogueira Accioly faz esquina com João Brígido, este um ferrenho antiaciolista.]





Régis foi diretor da empresa durante 40 anos, de 1960 até o ano 2000. Em 2000, aconteceu um movimento com cheiro de cartel sob olhar cego de órgãos controladores.

“A Brahma [AmBev] passou a mão e comprou todas as fábricas do Brasil da Pepsi Cola”, lembra Régis. “Passaram de 22 engarrafadores espalhados pelo país para um único engarrafador, a Brahma. Isso é uma coisa que pouca gente sabe.”

Os parceiros regionais foram como que expulsos do negócio. Régis viu-se compelido a vender sua participação assim como os outros sócios por todo o Brasil.

A parceria com a PepsiCo fazia parte da estratégia da AmBev de ampliar sua participação no competitivo segmento de bebidas não alcoólicas.

“Fiquei revoltado porque os americanos diziam que refrigerante passava do diretor para os filhos dele”, relembra Régis. “E dos filhos para os netos dele e de repente, surpreenderam a todos nós quando mudaram radicalmente de pensamento.”

Em 1958, o ministro Parsifal Barroso abriu caminho junto à Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) para que Edson Queiroz comprasse chapas de aço sob medida para a construção do terminal de gás em Fortaleza.

A CSN era subordinada ao ministro Parsifal, que acumulava Trabalho, Previdência e Indústria e Comércio.

Parsifal entrou em contato com a CSN, apresentou a demanda de Fortaleza já solicitando a produção de placas com a especificação exata informada pelos engenheiros que projetaram o terminal observando rígidas normas regulamentadoras.

“Doutor Parsifal, nós vamos produzir as chapas porque a ordem está vindo do senhor”, retrucou o sisudo general Edmundo





Luís-Sérgio Santos

de Macedo Soares, presidente da CSN. “Mas, para ser sincero, eu ficaria mais confortável se a autorização viesse com a rubrica do presidente Juscelino Kubitschek.”

Disciplinado, Parsifal acionou JK, que não objetou a demanda, ainda mais por se tratar em um investimento privado, estruturante, em uma região carente de investimentos. Empolgado, o desenvolvimentista Juscelino quis saber mais detalhes sobre a planta do terminal no Porto do Mucuripe e quem era o investidor.

“Como precisamos de pessoas arrojadas, com esse perfil”, comemorava JK.

Régis também participou do grupo de executivos da Universidade de Fortaleza – Unifor, desde a discussão do seu projeto e planta baixa. Também teve assento no primeiro escalão da Fundação Edson Queiroz de onde acompanhou o planejamento e a construção da TV Verdes Mares e da Unifor.

“Seu Edson via na Fundação uma maneira de melhor usar o dinheiro dos impostos que iriam para o buraco negro da gestão pública.”

Uma contundente convergência afetiva se fez. Régis, nos seus 19 anos, seis anos mais velho que os filhos de Edson – Ayrton, o primeiro e Edson Filho, o segundo – era uma antecipação da próxima adolescência dos filhos.

As conversas com Edson, sobre política e economia, na casa da Rua Osvaldo Cruz, eram sempre regadas a uísque *Black&White*. O Ceará estava mudando. No último ano do governo Parsifal foi feita uma pesquisa sobre o potencial econômico para agricultura irrigada no Vale do Jaguaribe e na região do Apodi. Vislumbrou-se um potencial enorme. Do mesmo modo o potencial econômico do Vale do Curú foi diagnosticado nessa época. O Ceará hoje ainda recolhe as frutas desses vales em razão dos projetos desenhados no início dos anos 1960.





Magnífico. Não menos que magnífico era Edson Queiroz na visão de Régis Barroso. Muito à frente do seu tempo, Edson buscou nos anos 1950 qual tipo de negócio poderia investir considerando variáveis como menor risco e maior potencial de expansão e crescimento.

“Ele descobriu que o melhor negócio do mundo para investir era gás. E passou a fornecer GLP, o gás de cozinha, de Belém a Pernambuco. Uma vez encontrei com ele no Palácio da Luz e ele, sorridente e alegre, me disse: ‘Régis, hoje eu comprei uma parte igual à que construí até hoje’. Quer dizer, numa tacada, duplicou o tamanho do negócio.”

Nas tantas idas e vindas à casa da Rua Osvaldo Cruz, onde as conversas com Edson Queiroz se alongavam cada vez mais, em 1962, Régis acabou conhecendo e se enamorando de Myra Eliane Vidal Queiroz, então com 15 anos. Régis estava com 21 anos.

O primeiro filho do casal foi Airton José Vidal Queiroz, nascido a 14 de agosto de 1946. No ano seguinte, a 7 de novembro de 1947, Myra veio à luz, a primeira mulher da prole. Seguiram-se, depois, Edson Queiroz Filho, Renata Vidal Queiroz, Lenise Vidal Queiroz e Paula Vidal Queiroz.

Régis narra, resumidamente, o idílio:

“A dona Myra eu conheci na casa do seu Edson, em conversas sempre longas e animadas [Uísques e petiscos ornavam a cena]. Foi quando vi aquela menininha muito bonita, que, em seus 15 anos estava à frente da sua geração... muito evoluída. A diferença de idade entre homem e mulher era normal àquela época. Myra era fora de série, cheia de vida e com um gosto enorme pelas artes. Namoramos, noivamos, casamos... antes do casamento, porém, rompemos o noivado. Depois reatamos e quando casamos ela engravidou e foi esquiar grávida e perdeu o primeiro filho. Então no segundo filho cuidei de tomar precauções. Cuidados à base





Luís-Sérgio Santos

de algumas injeções e repouso. O bebê germinou, cresceu e ela sempre foi muito grata por isso.”

Assim, Igor Queiroz Barroso nasceu em 19 de janeiro de 1972, na Maternidade Escola no Assis Chateaubriand, um hospital que teve em dona Olga Barroso, à época primeira-dama do Ceará, sua incentivadora. Igor foi o primeiro de Edson Queiroz e também o primeiro neto de Parsifal Barroso. Viveu grande parte de sua infância na casa da Rua Osvaldo Cruz. O menino Igor foi o filho único de Myra Queiroz, certamente um espírito evoluído.

Como deputado federal de 1967 a 1971, Régis cumpriu um papel estratégico na carreira política de Parsifal. Alvo de corvos no início do regime militar, Parsifal mergulhou e se absteve de qualquer disputa eleitoral. Régis entrou em cena. Era preciso não frustrar a legião de eleitores e de admiradores de Parsifal. O mais importante para Régis era a fábrica – ficava indo e vindo em uma intensa ponte aérea Brasília-Fortaleza-Brasília.

Empolgado com os bons resultados empresariais, Régis decidiu disputar um mandato em dadas circunstâncias.

Parsifal estava sem legenda para entrar na corrida eleitoral. Chegou em casa visivelmente abatido, amargurado e, também, decepcionado com os rumos que a política tomava.

Existia um aparente prazer mórbido entre seus pares políticos vê-lo sem o guarda-chuva da legenda.

— O que está acontecendo, papai? O senhor está com um péssimo semblante.

Havia amargura no ar, sombrio semblante, cheiro de ultraje. O bipartidarismo varrera todos os partidos políticos do Brasil. Antigo correligionários se bifurcavam entre Arena e MDB.

— O doutor Paulo Sarasate disse que eu não tenho partido, portanto, não posso disputar mandato.





A “revolução” teria colocado Parsifal no limbo. Parsifal não estava preparado para o que ouviria mas o fato é Régis já havia conversado com dona Olga, desenhando cenários nos quais aquele se incluía. Naquela discussão, Olga antecipara a angústia de Parsifal.

— Papai, não se preocupe. O senhor não pode ser candidato, eu serei. Os negócios estão bem, posso me dedicar a esse projeto que, afinal, é seu.

Parsifal abraçou Régis. Um abraço forte. Esteve selado um compromisso e o silêncio tomou conta de sua sala de estar, exceto pelo tilintar da passarada próximo à hora do Angelus.

A residência de Sarasate em Fortaleza era sempre um entra e sai. Ele vivia política vinte e quatro horas.

— Doutor Paulo, minha candidatura não é nenhuma ameaça. Eu só vou ajudar na legenda da Arena. Não vou entrar na disputa para valer. Não tenho as chances de eleição que o meu pai teria.

O homem que negou legenda para Parsifal se deixou levar pelo discurso de Régis que, afinal, entrou na campanha com toda a força. Urnas fechadas, votos contatos, Régis eleito.

Em um encontro acidental com Sarasate foi inevitável aquele olhar cortante em um sorriso de Monalisa.

— Você me enganou, rapaz — disse Sarasate.

— E não é que o Chico Monte tem voto e tem força? — ironizou Régis.

A metáfora do Chico Monte se expandia, obviamente, para o patrimônio eleitoral de Parsifal.

Régis considera que sua experiência parlamentar foi excelente. Recém-graduado em direito, praticamente fez outro curso na Câmara do Deputados, por imersão. Myra não gostou da ideia, “se você for para Brasília eu não vou”. Além disso, a fábrica em Fortaleza e dona Olga foram empecilhos para a





Luís-Sérgio Santos

disputa de um segundo mandato. Dona Olga queria o retorno de Parsifal. E, afinal, Régis cumprira sua missão, manter acesa a chama eleitoral no seio da família. Mas o fato é que Régis continuaria na vida parlamentar não fosse a primazia de Parsifal.

“Eu trouxe de volta a legenda para meu pai. A legenda que friamente os amigos tinham tomado dele.”

Encucado com a história de que o nome de Parsifal teria sido vetado pela “revolução”, Régis, já no pleno exercício do seu mandato, procurou o brigadeiro Jaime Peixoto da Silveira.

— Como o senhor sabe, sou filho do ex-governador do Ceará. Há quatro anos atrás não deixaram ele ser candidato porque ele teria sido vetado pela revolução. O senhor confirma essa versão?

- O que houve foi um blefe.
- Quem blefou?
- Paulo Sarasate.

Nas eleições de 15 de novembro de 1974 Parsifal Barroso ganha um mandato de deputado federal para a legislatura de 1975 a 1978, na legenda da Arena. O bipartidarismo estava a pleno vapor mas o governo amargava substanciais derrotas. O presidente recém-empossado general Ernesto Geisel assume no dia 15 de janeiro de 1974 para um mandato cheio de turbulência que culminaria com a indicação do general João Figueiredo como seu sucessor. “Me arrependi de ter feito isso”, revelaria Geisel, mais tarde.

A bancada federal cearense da Aliança Renovadora Nacional (Arena), inicia seu mandato em 1 de fevereiro de 1975. Incluía, além de José Parsifal Barroso, Ernesto Gurgel Valente, Flávio Portela Marcílio, Gonçalo Claudino Sales, Humberto Bezerra, Januário Alves Feitosa, Jorge Furtado Leite, Manoel Rodrigues,





Parsifal: Um intelectual na política

Marcelo Linhares, Mauro Sampaio, Ossian Araripe, Paulo Studart e Raimundo Gomes da Silva.

Pelo Movimento Democrático Brasileiro – MDB, foram eleitos os deputados Antônio Alves de Moraes, Antônio Paes de Andrade e Joaquim de Figueiredo Correia.

Para o Senado da República, o MDB cearense engrossou a lista de derrotados da Arena em todo o Brasil e elegeu Carlos Mauro Cabral Benevides, tendo como suplente Osíris Pontes.

Roberto Parsifal Monte Barroso é o filho financista de Parsifal Barroso, tendo chegado ao topo como executivo do Citibank em Nova Iorque.

Nasceu em casa, na Rua Silva Paulet, 947, no dia 14 de maio de 1944. Depois a família se mudou para casa própria construída com base em modelo argentino escolhido por dona Olga e totalmente inapropriado para o clima de Fortaleza e muito menos para o calorento marido.

A casa era muito linda, na Avenida Santos Dumont, 2.369. Em um acidente doméstico, Roberto quebrou um braço ao cair de um galho de árvore no jardim.

A eleição de Parsifal para a Câmara dos Deputados provocou a mudança para o Rio de Janeiro. O PSD no Ceará ficou com Chico Monte, Parsifal migrou para o novo PTB cearense, comandado por Carlos Jereissati. A família foi morar em apartamento de número 201, alugado na Rua General Glicério, 400, Laranjeiras, Edifício Timbaúba. No prédio ao lado, Edifício Pajeú, na Rua General Glicério, 440, morava Olavo Oliveira.

Roberto Parsifal fez o primário no Instituto Nazareth, na esquina de Glicério com Rua das Laranjeiras. Com financiamento





Luís-Sérgio Santos

da Caixa, Parsifal e família mudaram-se, em 1954, para a Rua das Laranjeiras 83, apartamento 804.

Em 1955 foi estudar no internato Colégio São José (Maristas), na Rua Conde de Bonfim, bairro da Tijuca. Para ir para casa aos sábados, tinha que enfrentar a lotação até o Tabuleiro da Baiana no Centro e daí, o bonde (2, Laranjeiras ou 3, Águas Férreas).

Quando Parsifal Barroso foi nomeado ministro, passou a ter dois carros oficiais de placas 35 e 54. Ele não permitia que os filhos usassem os carros oficiais no longo trajeto até a Tijuca. Em 1957, o IRB – Instituto de Resseguros do Brasil cedeu um Chevrolet Belair do ano, com placa particular, que passou a ser o carro de Parsifal e da família, com motorista do MTIC.

Antes de tomar posse no MTIC, Parsifal ficou doente e João Goulart, curioso para conhecer os termos do discurso de posse, foi ao apartamento 804. Parsifal pegou um bloco de papel e “leu o discurso”. Jango saiu dali satisfeito. Nunca soube que o bloco de papel estava totalmente em branco.

“Só conheci PB falando de improviso”, conta Roberto Parsifal.

Aos domingos, missa na Candelária seguido de almoço no apartamento de parentes em Copacabana, para comer vatapá. Outra iguaria regional ao gosto de Parsifal era paçoca e pilão com a presença generosa de carne do sol. Não à toa, seus correligionários em época de campanha se apressavam em recomendar o prato.

Roberto acompanhou Parsifal em Juazeiro do Norte, na largada da campanha para governador naquele que viria a ser o primeiro discurso na campanha vitoriosa de 1958.

Em 1960, Roberto Parsifal passou uma temporada em San José, na Califórnia – a 77 quilômetros ao sul de San Francisco – num programa de intercâmbio cultural (AFS), onde cursou o último ano do High School. Ao retornar em 1961, dona Helena Jereissati passou o bastão da AFS para a primeira turma do Ceará.





Em 1962 o Ceará foi o estado que mais enviou estudantes para os EUA, pelo programa.

Em 1963, Roberto Parsifal se mudou para o Rio pensando em cursar o Instituto Rio Branco, mas o amigo da família embaixador Paschoal Carlos Magno o dissuadiu.

— Meu caro Roberto — disse ele —, você não tem o temperamento para a diplomacia.

Paschoal Carlos Magno – ator, poeta, teatrólogo e diplomata –, foi vereador pelo antigo Distrito Federal e ocupou a função de Chefe de Gabinete no governo Juscelino Kubitschek quando se tornou amigo de Parsifal Barroso.

“Em retrospecto, Paschoal Carlos Magno tinha toda razão”, avalia Roberto Parsifal.

Transferido para a Faculdade Nacional de Direito da Universidade do Brasil, participou do Centro Acadêmico Cândido de Oliveira – CACO e quando o golpe de 1964 aconteceu, um saudoso professor de Direito Tributário, o baiano Amílcar Falcão chamou Roberto e disse:

— Parsifal, isso que aconteceu vai demorar muito. Encontre outra coisa para fazer.

“Em 1964 tentei conquistar uma colega, na Faculdade de Direito, Lígia Renaux. Inicialmente porque era bonita e não tinha a menor ideia de quem eu era. A turma me apoiou e a carteira atrás dela ficava sempre vazia, me esperando. Aos poucos juntamos os CDFs no meio da sala, permitindo cola, descaradamente. Para um primeiro encontro me fizeram juiz de um concurso musical no CACO e a convidei para assistir.”

E assim, no dia 14 de julho de 1967, Roberto Parsifal Monte Barroso, advogado, casou-se com Lígia Renaux Barroso. São pais de Guida Renaux Barroso Detamore, Carlos Parsifal Renaux Barroso e Paula Barroso Tevnan e têm três netos. Roberto foi vice-presidente do Citibank, N. A. (National Association) nos





Luís-Sérgio Santos

Estados Unidos. Aposentado, hoje mora com a esposa Lígia no estado da Flórida.

Siglinda Maria Monte Barroso, nasceu no dia 14 de junho de 1948 em Fortaleza. Assim como Hermínio Barroso homenageou Richard Wagner, em José Parsifal Barroso, este, por sua vez, repetiu a homenagem, em memória do pai.

Siglinda (Sieglinde, da mitologia nórdica, é personagem da ópera de Wagner, *A Cavalgada das Valquírias – Die Walküre*, em alemão). Assim como Parsifal, Siglinda é nome raro no Brasil.

Siglinda é funcionária pública aposentada em Brasília, no Tribunal de Contas do Distrito Federal, para onde fez concurso estimulada pelo próprio pai, uma área totalmente diferente da sua. Comunicóloga, graduou-se em Comunicação Social pelo CEUB – Centro de Ensino Unificado de Brasília.

— Faça o concurso para o Tribunal — aconselhou Parsifal. — Seu futuro está aqui. — E, de fato, estava mesmo.

Do casamento, aos 19 anos, com Vicente Navarro Gondim nasceram os dois filhos Leonardo e Marcella Gondim. Quatro anos depois mudou o domicílio acompanhando o marido transferido de Fortaleza para Brasília pelo Ministério da Educação. À época, o primeiro filho, Leonardo, tinha um ano de idade. Começou logo a depois de obter sucesso em concurso para o Ministério Público.

As lembranças do meu pai são carregadas de muita admiração, como homem, como político e como pai ele era uma pessoa muito afetuosa.

É certo que a atividade política promoveu alguns hiatos, a ausência era inevitável.

No entanto a convivência em Brasília ficou muito intensa, principalmente aos domingos quando a família se reunia na





Meruoquinha, a chácara na Ponte Alta perto do Gama – uma região administrativa do distrito federal. Um local da predileção dos netos de Parsifal.

Parsifal passa seus últimos dias em Fortaleza, para onde veio por recomendação médica depois de sofrer dois infartos em Brasília. O ar pesado da capital federal passou a ser uma ameaça a dificultar a respiração.

A ideia de Parsifal ao se aposentar era continuar morando em Brasília e em Fortaleza e ir para o Rio de Janeiro somente na época dos concertos, no Teatro Municipal. Mas o coração acendeu a luz amarela e Fortaleza foi o lugar ideal para a sua recuperação. Tinha uma rotina simples, saía para alguns lugares como o Instituto do Ceará. Escrevia semanalmente no caderno social Fame, editado pelo jornalista Lúcio Brasileiro no jornal *O Povo*. Só reclamava da ausência das visitas. Ele dizia que quando morava na Avenida Beira-Mar, 2.760, no edifício Arpoador, todo mundo ia visitá-lo. Quando foi morar na Praia do Futuro as visitas ficaram escassas.

Siglinda fala aquele período agitado de menina de quase 11 anos em que era testemunha ocular de uma época onde a política se estendia para a sala de estar.

“Foi uma época bastante agitada. Nós não fomos habitar no Palácio da Luz, porque não havia instalações suficientes para os filhos. Ficamos na Santos Dumont. Assim, todas as recepções e jantares oficiais do governador aconteciam na Santos Dumont. Desde cedo nós éramos obrigados a participar de todas as recepções, eu até hoje tenho o hábito de sair do quarto arrumada porque eu nunca sabia quem estava tomando café da manhã em nossa casa.

Lembro-me principalmente do ex-governador Waldemar Alcântara, de Carlos Jereissati, do empresário Edson Queiroz, todos eles *habitués*. O pai do Expedito Machado, Francisco de Assis Machado, era nosso vizinho na Santos Dumont... era um





Luís-Sérgio Santos

movimento muito constante e a mesa do café estava sempre posta. O papai e a mamãe eram padrinhos do Hugo Jereissati, e Carlos Jereissati com dona Maria de Lourdes eram padrinhos da minha irmã Olga Emília. Assim, Parsifal e Carlos eram também compadres.

O papai comia muito bem, ele gostava de carne, mas tinha um prato simples e exótico que ele adorava, inhame com melado, e a minha mãe era uma cozinheira prendada, ela cozinhava muito bem. Naquele tempo as mulheres quando casavam sabiam cozinhar, costurar... Eram ‘mulheres prendadas’. A mamãe era diabética, mas não faltava doce lá em casa porque meu pai gostava muito de doce. A bebida preferida dele era o Conhaque Macieira 5 estrelas, também apreciava um charuto. E por conta da política e na época que ele era governador, a gente não tinha muito tempo de ver o papai e a mamãe. Então quando ele estava em casa e ia para o quintal fumar um charuto, eu corria para me sentar perto dele, tanto que hoje eu gosto de charuto porque charuto me traz essa boa recordação, e o Leonardo, a Marcela e os filhos da Olga, Rodrigo e Roberta, ainda conviveram com o avô.

Eu sou personagem das Valquírias, ópera de Richard Wagner, o meu avô Hermínio foi muito influenciado pela obra de Wagner e colocou o nome do papai de Parsifal.”

Siglinda acredita que o político potencial da família seria Roberto Parsifal Barroso. Isso foi considerado também por setores da imprensa, como nesta nota do *Jornal do Brasil*, em 1962: “Roberto Parsifal Barroso continua suas constantes viagens a Fortaleza. Ele pretende, como seu pai, ser um dia governador do Ceará”¹

Apaixonado por música clássica e por política, Parsifal admirava dois ícones dos Estados Unidos, o presidente John Kennedy, e o cantor Frank Sinatra. Conheceu os dois em viagens àquele país e pode, pessoalmente, externar a sua admiração. Uma das viagens do ministro Parsifal aos Estados Unidos aconteceu no





Parsifal: Um intelectual na política

dia 11 de abril de 1957 quando ele participou da Feira Mundial de Nova York, Expo 57. No dia 16 de abril de 1957, o casal Olga e Parsifal Barroso foi recepcionado com um jantar em homenagem a Olga, no endereço do Francisco Medaglia, chefe do Escritório Comercial do Brasil (Brazilian Government Trade Bureau), no número 630 da Quinta Avenida, em Nova York. Outro cearense, o reitor Antonio Martins Filho, da Universidade Federal do Ceará, em maratona de visitas pelas universidades americanas, foi um dos convidados do jantar oferecido por Medaglia.

Parsifal era um homem múltiplo e cheio de humanidade. O episódio em que visita o estudante João Nogueira Jucá é um emblema. João foi o herói que salvou dezenas de pessoas em um incêndio na Casa de Saúde César Cals, no centro de Fortaleza. Teve queimaduras quase na totalidade do seu corpo. Internado, recebeu a visita do governador Parsifal.

— João, você me conhece?

— Quem não conhece o senhor, doutor Parsifal! Obrigado pela visita!²

— Você não está só, meu caro amigo!

João morreu no dia 11 de agosto de 1959, aos 17 anos.

NOTAS

- 1 *Jornal do Brasil*, Revista de Domingo, 15 de dezembro de 1963, p. 2.
- 2 Ver <<http://www.fortalezanobre.com.br/2009/11/um-heroi-chamado-joao-nogueira-juca.html>>.







8. *O Cearense*, uma obra-prima

“O Ceará não tem propensão para o cultivo da memória histórica, e é um povo avesso à tradição.”¹

Em 1976, Parsifal Barroso comentou:

“Considero o livro *O Cearense*, que publiquei quando ainda estava como professor de Ciências Sociais da Universidade Federal do Ceará, um roteiro básico para o entendimento do Ceará e do cearense. Mas, como informei naquele livro, trata-se de uma introdução para um roteiro de pesquisas.”²

O livro *O Cearense* foi o toque de clarim, a primeira abertura para que viessem outros na mesma direção em busca dessas fontes que ainda estão por ser pesquisadas.

Em 1969, Parsifal Barroso lança sua original obra, no estilo ensaístico. Na verdade, uma obra-prima. O livro *O Cearense*, editado Gráfica Editora Record, do Rio de Janeiro, teve ampla repercussão. Ali, dá a partida para a construção simbólica do neologismo “cearensidade” que, para ele, é o que melhor traduz o “conjunto de sinais, gestos e traços de cultura, realmente singulares e inconfundíveis, dessa encantadora gente de que venho.”³ O jornalista José Augusto Lopes teve o privilégio de ler os originais e dialogar com Parsifal. Amigo-irmão de Afonso Barroso, filho de Paurillo Barroso, Lopes frequentava regularmente a casa de Parsifal, na avenida Santos Dumont.

E Parsifal sempre repetia: “O Ceará é um país dentro de um país”. E explicava: “Somos isolados do Brasil pelas serras – Apodi, Ibiapaba e Araripe”. Até brincava: “somos um país dentro de um saco”.

Daí a expressão “o Ceará é o meu país”.





Luís-Sérgio Santos

José Augusto Lopes lembra:

“Ele dizia que o cearense era muito egoísta (a luta pelo naco de pão, nas secas) e por isso aqui não floresciam artes ‘coletivas’, como grandes orquestras, onde aparece mais o trabalho em conjunto, mas apenas ‘individualistas’, como pintura, literatura ‘and so what.’”⁴

É ainda o ilustrado jornalista José Augusto Lopes quem revela:

“Tive a honra de ler *O Cearense* antes de o ensaio ser publicado, por deferência de seu autor Parsifal Barroso, que era meu amigo pessoal.”

O ensaio *O Cearense* mostra que nossa miscigenação decorre não somente da presença do português e do índio, mas também do cigano. Mostra também que o equilibrismo cearense decorre meramente de reativa à dicotomia seca-chuva e que a imprevidência e a ausência de políticas consistentes de enfrentamento do problema das secas são variáveis estruturantes da formação dessa cearensidade.

Ao longo de minha vida pública, por entre as atividades do magistério e da política, sempre desejei conhecer a origem e a natureza da especificidade que marca a presença do cearense, identificando-o tão facilmente. Responsável pelo destino de minha terra, crescentemente preocupado com sua problemática, resolvi encontrar meios que me permitissem realizar estudos e pesquisas sobre o apaixonante e grandioso tema da cearensidade.⁵

No livro *O Cearense* o neologismo “cearensidade”, repetido exaustivamente pelo autor ecoa como um marco do surgimento da expressão. Não há registro do uso da expressão anterior a Parsifal sendo, portanto, lícito atribuir a ele a criação do neologismo “cearensidade”. No seu ensaio “O Cearense Delmiro”, quando da celebração do centenário de Delmiro Gouveia⁶, ele





Parsifal: Um intelectual na política

usa a sua expressão de fé no espírito cearense para contestar a tese de que Delmiro, cearense do Ipú, seria pernambucano.

O ensaio de Parsifal é a primeira contribuição para uma arqueologia do conceito de cearensidade, uma narrativa fluente e limpa onde o autor se expõe como se estivesse numa conversa entre estreitos amigos. Sua utopia é validação científica da “natureza” da especificidade do cearense. Utopia que permanece considerando que o ambicioso projeto de Parsifal incluía a formação de um grupo de trabalho com cientistas sociais, o que implicaria financiamento do projeto.

Surgiram, todavia, dificuldades e incompreensões que não me permitiram contar com essa cooperação, e assim fiquei impossibilitado de entregar ao público, como tanto desejava, obra completa e perfeita.⁷

Nem formou-se a equipe nem deu-se a amplitude ambicionada pelo autor que previa *O Cearense* em dois volumes. O segundo volume, que nunca saiu, abrigaria os “resultados das pesquisas ainda não iniciadas por falta de recursos”.

[...] não me foi ainda possível contar com os meios indispensáveis à realização das investigações antropológicas que irão confirmar ou retificar o acerto do roteiro e das diretrizes, cuja justificação deverei tentar.⁸

Parsifal entende que o desinteresse de tantos em financiar sua pesquisa, colocando-o em “constrangedora situação” mostra o “desinteresse generalizado da cultura brasileira pela pesquisa social, por força da prevalência avassaladora da Economia”⁹

O Brasil continua dominado, crescente e assustadoramente, por esse primado que reduziu o social e o sociológico a simples categorias do econômico, sem caráter científico, aceitando-se essa modalidade





Luís-Sérgio Santos

de marxismo prático como válida para a solução da problemática nacional.¹⁰

A ideia de realizar uma obra que traduzisse o conceito de “cearensidade” perseguia Parsifal desde 1937, ao término do seu primeiro exercício parlamentar. Neste ano, leu sôfrego o “excelente ensaio” de Djacir Menezes, *O outro Nordeste: formação social do nordeste pastoril*¹¹, considerada obra complementar de *Casa-Grande & Sensala*, de Gilberto Freyre.

Parsifal era fascinado por Djacir Menezes, um dos maiores intelectuais brasileiros de todos os tempos. Neste item, Parsifal alinhava-se a Miguel Reale, Paulo Paim e Celso Furtado para quem o erudito Djacir era um polígrafo, tal a diversidade de sua obra.¹²

Em 1944, Parsifal começou a delinear com mais precisão um roteiro para sua pesquisa e para a sua narrativa. O estalo veio durante a “inesquecível conferência” do sociólogo Gilberto Freyre, no Theatro José de Alencar, em Fortaleza, publicada posteriormente no jornal *Unitário* sob o título “Precisa-se do Ceará”, na edição de 28 de agosto de 1944.

Guardo comigo a inefável lembrança daquele fraterno e caloroso encontro do mestre da sociologia nordestina com a mocidade e os intelectuais do Ceará, quando me senti disposto a ir ao encontro de sua sedutora determinação em favor dos estudos e das pesquisas que se deveriam iniciar sobre a origem e a natureza da cearensidade.¹³

A ideia inspirada em Djacir Menezes ganhava agora incrível fermentação a partir do encontro de Parsifal com Gilberto Freyre.

Sem preocupação acadêmica, em estilo livro, mas com rigorosa revisão bibliográfica, Parsifal, entretanto, contempla





a todos que, direta ou indiretamente se debruçaram sobre o enigma de esfinge cearense dentre os quais Nertan Macedo, Yáco Fernandes, Capistrano de Abreu, Rodolfo Teófilo, Barão de Studart, José Denizard Macedo de Alcântara, Artur Eduardo Benevides, José Honório Rodrigues, Thomaz Pompeu Sobrinho. Ele faz uma verdadeira revisão bibliográfica alinhando todos aqueles que pesquisaram as raízes do Brasil, a exemplo de Sérgio Buarque de Hollanda.

Mas o *leitmotiv* é mesmo Gilberto Freyre que, em 1944, destacara “o ascetismo franciscano da comida cearense – remanescente da civilização do couro – em contraste com a apetitosa e gorda cozinha baiana”¹⁴

A história das etnias cearenses se mistura com a da resposta dada pelos povoadores ao desafio da ambiência telúrico-social, e os traços de cultura que daí se originaram, também se confundem com aquelas cicatrizes de lutas brasileiríssimas, que Gilberto Freyre enaltece em *Precisa-se do Ceará*, porque a terra e o povo cearense sempre viveram unidos, na identidade de um mesmo e tortuoso destino.¹⁵

Freyre pernitoiu em Fortaleza e seguiu para Nova York (EUA) no dia seguinte. Sequer viu publicada sua conferência no jornal *Unitário*. Na verdade “esse mais ensaio que conferência”, observou Freyre, em 1967, quando recebeu uma cópia enviada pelo ex-governador do Ceará “e ilustre homem público e, ao mesmo tempo, de estudo, Parsifal Barroso, sugerindo nova publicação de *Precisa-se do Ceará*”. Esse contato inicial rápido foi suficiente para aprofundar em Parsifal a admiração por Gilberto Freyre.

Em *O Cearense*, Parsifal enfatiza, recorrentemente, o fato de que a “ferradura orográfica” dificultava a comunicação do Ceará com seus estados vizinhos.





Luís-Sérgio Santos

Por indicação do poeta Antônio Girão Barroso, Parsifal incluiu em seu ensaio um pequeno parágrafo de *Notícia do Povo Cearense*, um inédito do “espírito luminosamente irônico” do escritor cearense Yáco de Bleasby Fernandes.¹⁶

Yáco constata que o Ceará é circundado pelo “cinto pétreo de chapadões fronteiros”, isolando-o dos seus vizinhos. Relata que “por toda fronteira, umas após outras, alongam-se as serras açudando o Ceará numa vasta ferradura”.¹⁷

Daí surge a expressão “ferradura orográfica” cunhada por Parsifal. De fato, o Ceará é demarcado por chapadas trilaterais e, à frente, a planície líquida do Oceano Atlântico. Ele diz que esse emparedamento geográfico transformou o Ceará em um “fundo do saco”¹⁸, confinado que foi no contexto do Nordeste. “Para o Ceará foi destinada, inicialmente, no conjunto das capitânicas nordestinas, a função de terra de refúgio e de posto de trânsito.”¹⁹

Parsifal relata, amparado em estudos anteriores do “erudito Barão de Studart”, que a capitania do Ceará foi rejeitada pelo “famigerado capitão-mor” Antonio Cardoso de Barros mas põe também em relevo teses do “eminente historiador Francisco Adolfo de Varnhagen” favoráveis ao capitão-mor. A função do capitão era assegurar o Ceará como posto de descanso e de baldeação para que os colonizadores chegassem ao futuro estado do Maranhão, “caracterizando logo a função da Capitania do Ceará como trampolim e posto de trânsito para o Meio Norte”.²⁰

Infelizmente, porém, o cearense não a soube aproveitar, preferindo esquecer a utilização funcional de sua região como porta de entrada para o Estado do Maranhão, para ir gravitar em torno de Pernambuco, sem jamais descobrir e desenvolver outra via de integração que lhe garantisse uma hegemonia no conjunto nordestino.²¹





Parsifal: Um intelectual na política

Segue-se uma narrativa cronológica da ocupação do Ceará pela via de Camocim rumo à serra da Ibiapaba.

Enquanto nossa capitania não passava de uma simples referência para os que demandavam o Norte, e viveu abandonada à sua própria sorte, o eixo de povoamento e de civilização que manteve as condições de vida foi, sem dúvida alguma, o da zona norte, firmado no porto de Camocim e alicerçado no altiplano da Ibiapaba.²²

Parsifal saúda a salubridade do Ceará, “esterilizado pela ação conjunta e contínua do ar seco, do vento renovador e do sol ardejante, sem os quais não tornaria famosa e atraente salubridade do Ceará.”

A ausência de uma consciência geográfica, todavia, habituou o cearense a não considerar as benesses do solo e do clima, e a desconhecer as peculiaridades decorrentes da oposição e da configuração de sua grande região, no conjunto nordestino.²³

No capítulo “Complexo de seca”, Parsifal mostra “cicatriz mais profunda” que “resultou da interminável e trágica alternativa seca-inverno”. Parsifal assera:

A dura e imemorial relação que se criou entre o cearense e a água incerta e fugidia, transformou-o num complexado, desprovido de consciência geográfica, obediado pela alternativa que se renova a cada ano, sem saber enxergar as possibilidades de sua convivência com o meio ambiente a que se deve ajustar.²⁴

A crítica visão de Parsifal atesta a apatia do homem e de governos esperançosos de que as oscilações climáticas estejam sempre a seu favor em uma região tropical semiárida, fértil, porém susceptível à presença da água. Acostumou-se aqui ao fenômeno da chuva numa espécie de roleta russa sazonal.





Luís-Sérgio Santos

Para ele, “a realização do plano nacional de obras contra as secas, por não haver descido às causas da complexidade socioeconômica-cultural do problema, deixou de produzir consequências ao nível dos gastos feitos pela Nação, e por isso as estiagens continuam surpreendendo a todos como uma visita inoportuna, levando o Governo Federal a repetir suas velhas e deficientes ajudas”²⁵

Nada mais previsível no Ceará que a seca e, por muitos anos, prosperou a indústria da seca, aquela minoria que se beneficiava da total ausência de chuvas na região e da crise econômica que disso advinha.

Em vez de uma adaptação, o que prevaleceu foi uma prodigiosa capacidade de sobrevivência, constata Parsifal, “exercida através de uma extrema e fabulosa versatilidade de que sabe multiplicar, quase ao infinito, inesgotáveis fórmulas de superação e de escape, à altura do negociante e negociista que se qualificou como ‘judeu brasileiro’”²⁶

Em um cenário de desinformação, de não educação e de não esclarecimento, o cearense é levado a acreditar na pobreza do meio “descrendo da possibilidade de um ajuste”.

Parsifal metaforiza:

Tal como um amante que se deixasse prender à sua amada infiel e ingrata, o cearense prefere ficar em sua terra e somente cumpre o destino migratório, após se desiludir por inteiro, vítima dos erros e das omissões que se acumularam ao longo dos séculos.²⁷

Há toda uma crítica a políticas erráticas que não consideraram o homem assentado à tarde como fonte primária de informação de formação. “Assim como se desconhece, por forma cientificamente válida, o potencial dos recursos naturais, também não se estuda e nem se interpreta essa cultura das populações rurais, auxiliando-a e com ela também aprendendo”.





Ele discorre sobre jogo de alto risco, de “anos chuvosos intercalados de secas, sempre imprevisíveis”. Ele diz que, a despeito de tudo, desse insegurança climática, não há uma preocupação de prevenção contra o flagelo “a ponto de Rodolfo Teófilo profligar como o maior defeito do povo do Ceará, a imprevidência, que resulta da completa falta de hábitos de poupança”.²⁸

Parsifal identifica uma “unidade ambivalente” do cearense, tema a que se dedica em capítulo específico. Fala da personalidade onde contrastes coexistem assemelhados “à dupla face de uma mesma natureza ou imagem”.²⁹ Essa ambivalência faria parte do espartanismo cearense “ao reagir a determinados condicionamentos”.

É como se o cearense equilibrasse, sem dificuldade, as manifestações de certos contrastes, harmonizando-os. Algo que, no popular, chamaríamos de jogo de cintura, o improvisado criativo do condicionamento, malabarismo.

A unidade do ser cearense, para Parsifal, está claramente consolidada no “imediatismo de fundo materialista, que não se preocupa com as minúcias e é sempre apressado para o êxito”.³⁰

Assim como a belicosidade se prende às lutas para extermínio dos índios e às matanças das reses e dos inimigos, gerando uma indiferença pelo valor da vida, o materialismo não somente se relaciona com as heranças étnicas e ambientais, mas ainda com os intermináveis riscos e perigos de ordem pessoal que o cearense enfrentava, tornando-se respeitado e temido pela bravura física, a lutar sempre contra o individual, o visível e o palpável.³¹

Parsifal dedica um capítulo para tentar – como ele se apressa em alertar – traçar o perfil do que é ser cearense para quem qualquer “cabeça-chata” não consegue se camuflar como tal. “Não consegue trair ou dissimular as manifestações inequívocas e insopitáveis do seu modo de ser e de agir.”³²





Luís-Sérgio Santos

Uma das qualidades dos seus conterrâneos é “o anseio de liberdade que impele o cearense a transpor os círculos fechados do seu meio ambiente e a superar quaisquer limitações ou contingências, sempre em busca de uma segura estabilidade”. Esta condição, deduz Parsifal, “parece-me ser a forma mais expressiva e forte do seu ‘ethos’”³³

Opõe-se a isso a “contingência do meio ambiente” que empurra o cearense para o “imediatismo e a improvisação, sem nenhum tempo para criar algo a longo prazo”. Na preocupação apenas com o imediato desenvolve um traço marcante, o desapego à tradição.

“Nada persiste em linha de continuidade e de enraizamento, e jamais houve clima favorável à tradição.”³⁴

Esse traço é destacado por Parsifal Barroso em outros textos publicados em *Vivências políticas* e na *Revista do Instituto do Ceará*. Ele cita, tanto em *O Cearense* quanto nesses dois, sua tentativa de restaurar a memória de alguns cearenses ilustres e seu gesto foi recebido com indiferença. “Tudo fiz como governador para erguer as estátuas de Capistrano de Abreu, Farias Brito, Alberto Nepomuceno, Gustavo Barroso e Delmiro Gouveia.”³⁵ No entanto, no momento da inauguração desses monumentos um “escasso grupo de povo sempre assistiu a tudo com a irônica indiferença de quem já se acostumou a de nada admirar-se”³⁶

Parsifal, também ele próprio, faz um crítica com ferino humor em relação a esse comportamento do cearense:

Mas, como a alegre expansividade do cearense não lhe permite jamais guardar conveniências, pude também penetrar no inefável e discreto sorriso com que era indulgenciado, compreensivamente, como se me relevassem uma prática inusitada que somente poderia ser aceita como a primeira manifestação pública de minha velhice.³⁷





Parsifal: Um intelectual na política

Outro traço visceral, anotado por Parsifal, são os extremos do oito ao oitenta inerentes ao “exagero nas comparações”.³⁸ Há o emprego exagerado de diminutivos e de aumentativos.

Embora a têmpera espartana o torne desdenhosamente altivo, ao se defrontar com o melhor e o pior – porque de nada se espanta e tudo suporta galhardamente – mantém, contudo, espírito e coração abertos às amizades, às perspectivas de oportunidades e às novidades a que aplica seu tradicional poder de imitação.³⁹

As adversidades, a necessidade, a insegurança e o temor, prevalecem como marca de sua natureza original, a despeito das “melhorias alcançadas no terreno sociocultural”.⁴⁰

“O cearense ensinou o brasileiro a dançar à beira do abismo, sem qualquer risco, após equilibrar-se na corda bamba e insegura de uma vida de lutas.”⁴¹

Parsifal não tem dúvida quanto essa competência de equilibrista do cearense, fundada na adversidade e na polaridade seca-chuva que, na ausência da habilidade da convivência e da superação em decorrência do conhecimento, o mergulha em um cenário de incertezas. Esse cenário anti-iluminista só pode ser superado pelo conhecimento e pela tecnologia.

Dezenas de textos de Parsifal, paralelos ou posteriores ao seu ensaio seminal sobre o conceito de “cearensidade” tratam desse impasse. No entanto, a ideia do “espartano ativista” se sobrepõe pela força, pela intuição e mesmo pelo senso de oportunidade, funcionando como uma alavanca de superação.

As imagens do sucessor dos Bandeirantes, do judeu brasileiro e do último português do Brasil se juntam confundidas numa só e mais autêntica, que é a do espartano ativista, civilizador e negociista ávido de liberdade e de segurança, com um portentoso potencial de capacidade





Luís-Sérgio Santos

e de afirmação, que o Ceará ainda não houve conhecer, valorizar e desenvolver em próprio benefício.⁴²

Na economia, Parsifal lembra que o ciclo em que a civilização do couro era a base de sustentação do Ceará, duas cidades, Sobral e Aracati, superavam Fortaleza como polos desenvolvimentistas. E mostra também que Sobral reagiu criativamente quando a hegemonia do couro chegou a fim, diferentemente de Aracati que começou a perder influência. “Sobral soube encontrar meios de evitar sua decadência, enfrentado ainda forte e ilógica tendência do Estado de sempre voltar as costas ao seu destino geoeconômico, de porta de acesso ao Meio Norte.”⁴³

Embora situado em solo e clima adversos, o município líder do norte cearense sempre desenvolveu um esforço contínuo e sinérgico para não sofrer as consequências do deslocamento do eixo econômico do Estado, em sentido contrário ao de sua conexão natural com o Piauí e o Maranhão.⁴⁴

Essa verve criativa heterodoxa do sobralense é vista pelo cearense, “avesso a tradições” com certo viés pejorativo porque “diferente do comum estilo de vida”. Por isso, a expressão “Estados Unidos de Sobral”, cheia de “louvor jocoso”.⁴⁵

“O Ceará deveria sobralizar-se, isto é, valorizar-se a todo custo, à base de um conhecimento cientificamente válido de sua realidade global.”⁴⁶

O livro gerou bastante repercussão em razão da explicação de Parsifal para a origem do “cabeça-chata”, que ganhou notas e resenhas no *Jornal do Brasil*.





Parsifal: Um intelectual na política

A revista *O Cruzeiro*, em reportagem de nove páginas, ilustrada com fotografias e assinada por Glauco Carneiro, deu enorme repercussão ao conceito de “cearensidade”, colocado em relevo por Parsifal.

Na edição de 29 de setembro de 1970 – cuja capa estampava uma foto produzida da jovem Maria Stella e a revelação “Só amei Dener” – o livro *O Cearense* foi o gancho para o repórter Glauco propagar o conceito de “cearensidade” a partir da obra de seu conterrâneo cearense Glauco, irmão de Luciano Carneiro, o lendário fotógrafo. O título “Cearense, esta raça diferente” fazia coro à obra recém-lançada.⁴⁷

[...] Parsifal Barroso, ex-governador do Ceará e cabeça chata tão chata que decidiu estudar por que os naturais da terra têm cabeça chata, acha que a ferradura orográfica dificultou sempre a comunicação dos cearenses com seus vizinhos, enquanto a cortina movediça das formosas dunas fazia com que, olhado do mar, o Ceará não se mostrasse à primeira vista.⁴⁸

[...] A pacífica simplificação da mistura – português com índio – não satisfaz a Parsifal Barroso em seu estudo *O Cearense*.⁴⁹

A densa reportagem reforça as teses de Parsifal sobre a “cearensidade” – a rigor, eles são o fio condutor da narrativa, espalhadas na totalidade do texto. O repórter Glauco introduz o tema com uma prosaica pergunta:

O que Florinda Bulcão tem em comum com Chico Anísio, além das pernas finas? O que aproximava Castelo Branco de Luciano Carneiro, Paulo Cabral de Djalma Menezes, Gustavo de Parsifal Barroso?⁵⁰

O Jornal, influente veículo dos *Diários Associados* no Rio de Janeiro, em 16 de setembro de 1944, publicou a segunda parte de *Precisa-se do Ceará*; em 18 de outubro, a terceira parte.





Luís-Sérgio Santos

PRIMÓRDIOS DE O CEARENSE

A tese do “cabeça-chata” acompanhava Parsifal desde sempre. No ensaio “O Senador Pompeu – Um cabeça-chata autêntico, político realista e anti-impostor” publicada na revista do Instituto do Ceará.⁵¹

Ali, José Parsifal Barroso coloca em relevo a família que consolidou seu nome, no Ceará, “através da continuidade do trabalho de pesquisa de três dos seus membros, que direcionaram sua inteligência, sua acuidade e seu espírito de pesquisador ao exaustivo trabalho de inventariar as coisas de sua terra natal”.

Qualquer tentativa de pesquisa sobre o perfil geográfico, estatístico e iconológico do Ceará deverá citar, inevitavelmente, as figuras “destes gigantes”: o Senador Pompeu, seu filho Thomaz Pompeu e seu neto Thomaz Pompeu Sobrinho.

No Brasil, dinastias do talento não vão além de duas gerações. No caso dos Pompeus, não.

Conciliavam atividades mercantis com a vida intelectual. A fundação da primeira ferrovia – a Cia. Cearense Via Férrea de Baturité –, a criação do primeiro corpo regular de aulas secundárias, o glorioso Liceu do Ceará, de que nos orgulhamos ter sido alunos; a primeira fábrica de tecidos e fios a usar maquinismo inglês no Nordeste; a saudosa companhia de bondes de burros e as modelares fazendas de criação.⁵²

Escalado como orador na solenidade magna comemorativa ao centenário de morte do Senador Pompeu, Parsifal destacou o débito em que se encontram pesquisadores e estudiosos em relação ao homenageado.

Parsifal, na verdade, tinha inúmeras afinidades com o homenageado.





Parsifal: Um intelectual na política

Ambos foram professores, ambos foram bacharéis em Direito e advogados, foram políticos militantes, deputados e senadores. Ambos foram jornalistas e estudiosos do Ceará e do cearense. “Tal qual Senador Pompeu, física e mentalmente, um autêntico cabeça chata”.

Parsifal discorre de modo minucioso sobre a formação, a genealogia e a influência do senador Pompeu em seu tempo. “A vida de homens com a estatura de um senador Pompeu não pertence mais aos estreitos limites de um grupo familiar, mas é patrimônio do seu estado e do seu país.” E destaca a qualidade da produção historiográfica do senador considerando os poucos documentos de consulta.

Memória sobre o clima e secas do Ceará, escrito em 1877, foi “o canto de cisne de Senador Pompeu e coroa de sua obra puramente científica” com repercussão internacional, referenciado por Euclides da Cunha em *Os Sertões*.⁵³

Lamenta Parsifal:

A 2 de setembro de 1877, soou para o senador Thomaz Pompeu de Souza Brasil a sua última hora, que foi precisamente às dez e meia da manhã.

Seus olhos anuviados levariam a tristeza imensa que se evolava da terra-mãe calcinada pelo fenômeno periódico da seca – fogueira e holocausto e um povo sofrido e indestrutível, que é este amálgama de tipos étnicos bem adaptados ao território nordestino – o “cabeça-chata” cearense.⁵⁴

Ele considera que a morte do senador Pompeu teve o condão de unir amigos e inimigos no louvor ao falecido. “O Ceará como que parara, parando a sua inteligência maior.”

Parsifal lembra mais uma vez seu lamento em relação ao desprezo do cearense por sua história e por seus fundadores, em detrimento de um conceito de “cearensidade”.





Luís-Sérgio Santos

Do Ceará, ao que saibamos, duas homenagens foram-lhe prestadas: a de um nome de cidade e a denominação de uma rua.

E, mais uma vez, protesta conta a ausência de reconhecimento local aos seus talentos. Fora o que construiu na economia e na cultura, “seu nome nada representa para as novas gerações, que não tiveram ainda oportunidade de avaliar o oceano de conhecimentos que se contem em sua obra. Seus livros, raridades bibliográficas, não se encontram onde deveriam se encontrar: nas bibliotecas públicas. A maior homenagem que se lhe podia prestar, na comemoração do primeiro centenário de seu falecimento, não se prestou: a reedição de sua obra completa”.⁵⁵

Thomaz Pompeu de Souza Brasil Neto, em evento no Instituto do Ceará retribuiu a dedicação de Parsifal ao estudo sobre o seu bisavô. Disse ele:

— O ministro Parsifal Barroso, que percorreu toda a hierarquia das posições, a partir do movimento revolucionário de 1930 – deputado estadual, deputado federal, senador, ministro e governador de Estado, agora entregue à pesquisa para uma história da vida política do Ceará, acaba de retratar, com brilho da sua cultura e a eloquência do seu estilo, o retrato de corpo inteiro do meu bisavô.

Em seu “relatório da comissão designada para estudos sobre o descobrimento do Brasil”, divulgado a 4 de fevereiro de 1969, em parceria com Geraldo da Silva Nobre, Parsifal já destacava que “tem-se hoje como certo que foi Vicente Yanez Pinzón o primeiro alienígena a descortinar, mesmo antes da descoberta de Cabral, as brancas dunas que ornaram o litoral cearense”.

Em 1967, passados 23 anos daquele evento no Theatro José de Alencar, em Fortaleza, Gilberto Freyre revela que só agora recebeu uma cópia integral da publicação de sua conferência-ensaio no jornal *Unitário*. O remetente era o ex-governador Parsifal Barroso.





Freyre diz que, por sugestão de Parsifal, o Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais publicará o ensaio. “O texto será mantido quase sem alteração: omitidas apenas palavras inteiramente circunstanciais e feito um ou outro pequeno acréscimo, simplesmente esclarecedor.”⁵⁶

“Permanecerá, assim, em *Precisa-se do Ceará*, um tom apologético com relação aos traços que considere então e considero hoje positivos do caráter cearense, sem desconhecimento, é claro, de traços antes negativos do mesmo ethos. No momento e nas circunstâncias em que foi proferida a conferência, cercado o conferencista de jovens cearenses ávidos, como ele próprio, do mundo ou do Brasil que supunham ir resultar e, até certo ponto, resultaria, da II Grande Guerra, pareceu-lhe que era do seu dever destacar aqueles traços positivos, dada a conveniência de serem eles avigorados, avivados e adaptados a novas situações brasileiras. O Brasil a reorganizar-se precisava de inspirar-se em sugestões de ânimo cooperativo ou de espírito de atividade solidária que as tradições cearenses de ‘mutirão’ ou ‘adjunto’ traziam até nós, brasileiros dos meados do século XX: brasileiros já demasiadamente inclinados, em vários setores de atividade nacional, a formas exageradamente cruas de competição, quer interpessoal, quer intergrupar. Principalmente em atividades econômicas de um desordenado começo, ostensivo em São Paulo e já visível noutras áreas, de industrialização, de urbanização e de secularização.”⁵⁷

Em 1967, na reeleitura daquela sua pensata de 1944, pronunciada no calor de uma plateia de jovens intelectuais cearenses, Gilberto Freyre questiona-se:

Seria mesmo, então, e será hoje, o Ceará – a gente mais castiçamente cearense – exemplo, para o Brasil, de tradição de ânimo cooperativo apontado em *Precisa-se*





Luís-Sérgio Santos

do Ceará? Ou terá havido, na sugestão, um tal excesso apologético que a invalida como sugestão sociológica?

E o próprio Freyre responde:

Reconhecido o tom apologética da conferência de 1944, não me parece que ele invalide o que na sugestão, para o Brasil, daquele exemplo cearense, pretendeu o conferencista destacar em 1944. A sugestão continua, penso eu, em sua essência válida: vinda de uma inegável tradição, porventura mais viva entre a gente cearense do que entre outras, do Brasil.

No entanto, Freyre fez uma nova conferência sob o título *O Ceará de que se precisa* considerando agora a nova conjuntura nacional iniciada em 1945 e as influências externas do pós-guerra:

O que, entretanto, me sinto obrigado atualmente a observar – e daí nova conferência minha sobre o assunto, esta intitulada *O Ceará de que se precisa* e proferida no referido Instituto Joaquim Nabuco, que também a publicará – é que, de 1944 para cá, iniciada em 1945 nova fase na vida brasileira, em particular, e na internacional, em geral, a gente cearense, em vez de ter desenvolvido aquela tradição de ânimo cooperativo, vem, ela própria, se exagerando, tanto quanto outras, do país, e tanto em sua economia como em sua política, numa evidente predominância de ânimo competitivo sobre o cooperativo.⁵⁸

A sessão de autógrafos de lançamento do livro *O Cearense* aconteceu na Livraria Ciência e Cultura, palco de importantes acontecimentos culturais na cidade, de propriedade do deputado comunista Aníbal Fernandes Bonavides, do Partido Social Trabalhista – PST, à época com seus direitos políticos suspensos. O ex-deputado, jornalista e livreiro comunista era





amigo de Parsifal desde os tempos em que os comunistas estavam na zona de convergência de JK, um presidente preservado até mesmo pelo jornal do PCB, *Novos Rumos*, do qual Aníbal fora correspondente em Fortaleza.

Fechada em 1981, a Ciência e Cultura foi um grande centro de animação cultural em Fortaleza. Promoveu memoráveis noites de autógrafos com autores como o deputado federal Gregório Bezerra, o senador Marcos Freire, o deputado Paes de Andrade, o pernambucano Paulo Cavalcante, o professor Darcy Ribeiro, a escritora Rose Marie Muraro, o frei Leonardo Boff, o poeta Patativa do Assaré, o romancista Jorge Amado e muitos outros.

A segunda edição do ensaio *O Cearense* foi lançada em agosto de 2017 pela Escrituras Editora em parceria com o Instituto Myra Eliane. O prefácio veio assinado pelo neto de Parsifal, Igor Queiroz Barroso, filho de Myra e Régis e um dos entusiastas da reedição da obra.

Igor faz uma retrospectiva da carreira precoce e brilhante de Parsifal, com quem conviveu na infância e puberdade.

Escreve ele:

“O Ceará é o meu país.”

Essa frase de José Parsifal Barroso traduz bem seu atavismo, sua relação umbilical com o solo que o viu nascer e onde iniciou uma precoce e multifacetada carreira. Homem de múltiplas aptidões, nele se destacam o intelectual forjado na sala de aula e na academia e o político que cedo cultivou a retórica como ferramenta de difusão de seus credos. Tudo na vida de Parsifal foi muito precoce. A orfandade na adolescência precipitou sua atuação como professor. Aos 23 anos conquistou o seu primeiro mandato de deputado estadual no Ceará, pelo PSD. Aos 40 anos foi nomeado ministro do presidente Juscelino Kubitschek – o mais jovem ministro da equipe JK – e, aos 42 anos, foi eleito governador do Ceará





Luís-Sérgio Santos

em cuja gestão criou as bases para o primeiro grande planejamento estratégico do Estado.”

Também na reedição de *O Cearense*, em junho de 2017, Roberto Parsifal Barroso, filho de Parsifal, fez o seguinte comentário, impresso na quarta capa:

“Napoleão dizia que, se você esfregasse um russo, aparecia um cossaco. Raspe um cearense e você encontra um israelita ou um cigano, com as melhores características que essas raças possuem.”

Assim se referiu o saudoso e notável educador Roberto de Carvalho Rocha ao citar seu colega da Faculdade de Filosofia, Parsifal Barroso, quando agradecia a Sereia de Ouro do Sistema Verdes Mares de Comunicação, em 1991.

A citação resume a essência do agudo interesse indagador, que permeou sua vida, sobre a raça cearense.

O Cearense é um valioso ensaio sobre o tema cearenidade, que almejava incitar o aprofundamento científico da matéria. Para tal seria necessário patrocínio financeiro que Parsifal, nosso professor-autor, não logrou obter.

Fica, então, lançado o desafio para os que esposam a cearenidade darem prosseguimento a essa pesquisa, amplificando *O Cearense*, obra de um homem sábio e humilde, meu pai.”

DINAMISMO DA REFLEXÃO FILOSÓFICA DE PARSIFAL

A intensa produção intelectual de Parsifal se expressou também em uma coletânea organizada pelo professor Stanislavs Ladusâns. Trata-se *Rumos da filosofia atual no Brasil em autor-retratos*, editado em São Paulo.

Stanislavs Ladusâns, um letão-brasileiro, professor de filosofia, membro da Academia Brasileira de Filosofia e padre





da Igreja Católica enviado ao Brasil pela Companhia de Jesus em 17 de fevereiro de 1947, coordenou, em 1976, a edição de um livro sobre o ensino da filosofia no Brasil. Trata-se de uma coletânea com muitos articulistas, dentre os quais os cearenses Alcântara Nogueira e José Parsifal Barroso. Além desses, temos Miguel Reale, Leoncio Basbaum, Ivan Monteiro de Barros Lins e Maria Isabel Moraes Pitombo.

No capítulo 18, Parsifal Barroso discorre sobre o dinamismo de sua reflexão filosófica.⁵⁹ Parsifal revela que se sentiu atraído pela Filosofia desde 1929, quando a estudou obrigatoriamente como matéria final do curso secundário.

Ele escreve:

De todas as formas do conhecimento, a Filosofia é a que melhor interpreta a realidade do mundo em que vivemos, uma vez que ela, apesar da multiplicidade de respostas que oferece às indagações humanas, é a mais bem dotada da consciência e vida para a solução dos inúmeros problemas que se apresentam ao espírito indagador.

Talvez por isso se deva afirmar que não há forma de conhecimento que não necessite de fundamentação filosófica, mesmo que a sua explicação pertença à área da ciência propriamente dita.

A reflexão filosófica, portanto, é uma necessidade incessante do espírito humano.

GOMES DE MATOS – INESQUECÍVEL GOMEZ

Parsifal é um dos articulistas do livro em homenagem ao centenário de nascimento de Raimundo Gomes de Matos, seu professor de Direito Comercial na Faculdade de Direito do Ceará. “Tornei-me seu grande amigo e admirador a partir desse momento.”⁶⁰ O artigo de Parsifal, sob o título “Gomes de Matos – Inesquecível Gomez” ocupa as páginas 91 e 92.





Luís-Sérgio Santos

“Raimundo nasceu no Crato no dia 10 de outubro de 1886, filho de Raimundo Gomes de Matos e Claudiana de Matos Leite.

Posteriormente, vim a conviver mais intimamente com ele, na residência do meu saudoso cunhado Olavo Oliveira.

Nessa atividade é que passei a fruir melhor a riqueza da personalidade do Gomez, tornando-me um vivo admirador principalmente de sua extraordinária e inimitável *verve*, sempre e cada vez mais esfuziante.

Passei a saborear mais a riqueza imensurável de sua inconfundível personalidade quando, convocado que foi, assumiu como suplente uma cadeira de deputado federal. Habitando no Rio de Janeiro o apartamento do Olavo situado na Rua General Glicério, nas Laranjeiras, no ano de 1949, onde eu estava também hospedado.

Ri muito disso a primeira impressão da rua de apartamentos em que estávamos, quando disse: ‘Parsifal, renda-se à evidência de que esse quarteirão tem mais gente do que a cidade de Sobral’.

Era uma indiscutível verdade.

Recordo-me de ter tido a honra de ajudá-lo numa defesa de Júri na nossa capital; a partir daí passei a funcionar como advogado de júri.”

NOTAS

- 1 Deputado federal Parsifal Barroso em entrevista à professora Luciara Silveira de Aragão, no dia 17 de junho de 1976, para o Projeto de História Oral, produto do Convênio da Universidade Federal do Ceará com o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.
- 2 Idem.
- 3 BARROSO, José Parsifal. *O Cearense*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Record, 1969, p. 15.





- 4 Entrevista com José Augusto Lopes realizada no dia 17 de junho de 2017 via Facebook.
- 5 BARROSO, José Parsifal. Op. cit., p. 15.
- 6 _____. “O Cearense Delmiro”. *Revista do Instituto do Ceará*, v. 99, 1979, p. 79-90.
- 7 _____. *O Cearense*. Rio de Janeiro: Gráfica Editora Record, 1969, p. 16.
- 8 Ibidem, p. 17.
- 9 Ibidem, p. 17.
- 10 Ibidem, p. 17-18.
- 11 MENEZES, Djacir. *O outro Nordeste: formação social do nordeste pastoril*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937. 243 p.
- 12 É Miguel Reale quem revela que, em conversa com o ministro da Cultura Celso Furtado, este disse: “Antigamente, afirmava-se que Djacir Menezes era um polígrafo”. Ver conteúdo completo em “A pesquisa filosófica como reflexão e espírito Crítico” (discurso em homenagem aos 80 anos de Djacir Menezes na sessão especial do Conselho Federal de Cultura), Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, página 44.
- 13 BARROSO, José Parsifal. Op. cit., p. 19.
- 14 Ibidem, p. 53.
- 15 Ibidem, p. 56.
- 16 Yáco Bleasby Fernandes nasceu em Fortaleza em 1.º de janeiro de 1914. Pertenceu à turma de 1938 da Faculdade de Direito do Ceará. Foi jornalista, crítico literário, contista,





Luís-Sérgio Santos

poeta e auditor da Justiça Militar em Recife. Faleceu no dia 29 de maio de 1965, no Rio de Janeiro. Seu livro *Notícia do povo cearense* teve edição póstuma, em 1977, pela Universidade Federal do Ceará.

17 BARROSO, José Parsifal. Op. cit., p. 64.

18 Ibidem, p. 62.

19 Ibidem, p. 62.

20 Ibidem, p. 68.

21 Ibidem, p. 69.

22 Ibidem, p. 71-72.

23 Ibidem, p. 65.

24 Ibidem, p. 88.

25 Ibidem, p. 91.

26 Ibidem, p. 92.

27 Ibidem, p. 92.

28 Ibidem, p. 91.

29 Ibidem, p. 103.

30 Ibidem, p. 111.

31 Ibidem, p. 111.

32 Ibidem, p. 118.

33 Ibidem, p. 119.

34 Ibidem, p. 121.





Parsifal: Um intelectual na política

35 Ibidem, p. 121.

36 Ibidem, p. 121.

37 Ibidem, p. 121-122.

38 Ibidem, p. 122.

39 Ibidem, p. 122.

40 Ibidem, p. 126.

41 Ibidem, p. 126.

42 Ibidem, p. 126.

43 Ibidem, p. 127.

44 Ibidem, p. 127.

45 Ibidem, p. 128.

46 Ibidem, p. 130.

47 “Cearense, esta raça diferente”. *O Cruzeiro*, 29 de setembro de 1970, p. 84-92.

48 Ibidem, p. 88.

49 Ibidem, p. 89.

50 Ibidem, p. 85.

51 BARROSO, José Parsifal. "O Senador Pompeu – Um cabeça-chata autêntico, político realista e anti-impostor". *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, 1977, ano 91, p. 187-214.

52 Idem.

53 Idem.





Luís-Sérgio Santos

54 Ibidem, p. 209.

55 BARROSO, José Parsifal. Op. cit., p. 210.

56 FREYRE, Gilberto. A propósito do Cearense: Sugestões em torno da sua etnia e do o seu “Ethos”. *Revista da Academia Cearense de Letras*, 1983, p. 11.

57 Idem.

58 Ibidem, p. 12.

59 LADUSÃNS, Stanislavs (org.). *Rumos da filosofia atual no Brasil em autorretratos*. São Paulo: Loyola, 1976, volume 1.

60 *Gomes de Matos – itinerário de uma vida*. Trabalho coletivo coordenado por Thomaz Pompeu Gomes de Matos. Fortaleza, Ceará: Imprensa Universitária, 1986. 164 p.





9. Uma história da política do Ceará, pioneiro e clássico

O cuidado de Parsifal Barroso para com a história e a nossa memória do Ceará expressa-se claramente no seu livro *Uma história da política do Ceará: 1889-1954*, editado pelo Banco do Nordeste do Brasil.

Não, não foi sem razão que até hoje nenhum canal cearense tentou escrever uma história política do Ceará. Para quem conhece o ofício de historiador isso se afigura ambição muito afoita, mormente se quisermos abranger o período republicano.¹

O alerta do professor Pedro Alberto só engrandece o resultado do trabalho entregue por Parsifal Barroso em contribuição à história dos políticos e dos partidos políticos não somente no Ceará. O historiador sabia do que estava falando. Em sua pesquisa sobre a escravidão no Ceará se deparou com acervos totalmente dilacerados “documentos amontados, em processo de destruição, sem normalização ou tombamento”.² O descalabro atestado em 1984 que até aos anos 2017 persiste. A hemeroteca da Biblioteca Governador Menezes Pimentel vive uma crise que se arrasta desde o século XX. Um acervo valioso em risco permanente.

Foi em um mar revolto que Parsifal se aventurou ao aceitar o desafio do Instituto do Ceará para escrever o estudo pioneiro. Como resultado, nos deu uma pequena obra prima, um livro denso nas suas 167 páginas, impresso em outubro de 1984, na Divisão de Mecanografia do BNB. Tanto a pesquisa quanto a edição do livro foram frutos um convênio entre o Instituto do





Luís-Sérgio Santos

Ceará, o Banco do Nordeste do Brasil S. A. e a Universidade Federal do Ceará – através da Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura. O presidente do BNB no período de 1974 a 1979, economista Nilson Holanda, foi um dos entusiastas do projeto.

Parsifal Barroso convidou o historiador Pedro Alberto de Oliveira Lima para coordenar a pesquisa tendo como fonte primária principalmente hemerotecas. Pedro Alberto montou uma equipe com seis pessoas, uma bibliotecária documentarista, três pesquisadores, um sociólogo e um datilógrafo. Iniciava-se um trabalho de arqueologia principalmente nos acervos do Arquivo Público e da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. A hemeroteca da Biblioteca Pública Governador Menezes Pimentel também foi importante na prospecção dos fatos.

“A alma de um sistema democrático reside e se configura na legitimidade de sua representação político-partidária.” Certamente esse foi o fio condutor que levou Parsifal Barroso a escrever *Uma história da política do Ceará: 1889-1954*, decorrente de exaustiva e minuciosa pesquisa em uma época em que as fontes eram absolutamente precárias.

Pesquisar e publicar a história da política do Estado que ele governou, foi uma das várias iniciativas de Parsifal Barroso na presidência do Instituto do Ceará. Um empreendimento desafiador, mas que deveria, tinha mesmo de ser enfrentado, por mais obstáculos que houvesse. Buscou a parceria da Fundação Cearense de Pesquisa e Cultura, um organismo ágil e desburocratizado da Universidade Federal do Ceará, encontrou boa vontade e interesse. Rapidamente um projeto de trabalho foi elaborado definindo a criação de uma equipe de pesquisa, os recursos necessários e um programa de trabalho que cobriria





o levantamento de documentos e informações detalhadas sobre a vida pública no Ceará. De posse desse plano, dirigiu-se ao Banco do Nordeste do Brasil, para captar o financiamento. Encontrou na presidência daquela instituição financeira de desenvolvimento regional a figura de Nilson Holanda, sensível ao tema. O convênio foi assinado, os recursos foram repassados e a equipe de pesquisa saiu a campo. Era a segunda metade da década de 1970.

O plano previa levantamento de farta documentação na Biblioteca Pública Menezes Pimentel, na Assembleia Legislativa do Ceará, no próprio Instituto do Ceará e no Arquivo Público, sem falar dos arquivos e bibliotecas particulares. Chefiada pelo professor Pedro Alberto de Oliveira Silva, a equipe de seis qualificados profissionais (uma bibliotecária documentalista, três pesquisadores, sendo dois bacharéis em História, um sociólogo e um assistente para datilografia) foi a campo.

O resultado do trabalho dessa força-tarefa está na Nota Prévia do próprio coordenador da equipe, o professor Pedro Alberto de Oliveira Silva, na abertura do livro. Nessa Nota, o professor explica porque a equipe não teve condições de cumprir a missão recebida, dadas as condições absolutamente precárias que encontrou em todas as entidades constantes do plano de trabalho.

Parsifal Barroso viu-se no centro de um desafio ainda maior do que o naturalmente previsto. Estava quase impossibilitado de realizar o trabalho, já que lhe faltava a matéria-prima central, os dados, os fatos, as datas, os números, os eventos e os documentos históricos. Foi em frente, mesmo assim. Além de sentir-se pessoal e moralmente envolvido com a causa, havia o compromisso com o Banco do Nordeste, com a Universidade Federal do Ceará e, principalmente, com a sociedade.





Luís-Sérgio Santos

O livro foi editado e impresso pelo Banco do Nordeste do Brasil e lançado ao público em 1984. Tem 167 páginas e sua leitura começa com a referida Nota Prévia do chefe da equipe de pesquisa, seguida de uma Introdução de Parsifal Barroso. A tiragem foi de mil exemplares.

O livro se estrutura em 23 capítulos. A política, a administração pública e o poder no Ceará são examinados nos intervalos de tempo que vai desde a Proclamação da República até a morte de Getúlio Vargas, ou seja, de 1889 a 1954. Nesse período, os governadores foram chamados principalmente de Presidentes (presidiam a Província do Ceará), depois Interventores Federais (a nomeação feita pelos revolucionários de 1930) e depois de Governadores com o fim do Estado Novo. Na maior parte do tempo, como se vê ao longo do livro, esses líderes eram nomeados pela Presidência da República, à época instalada no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro.

Parsifal deixa bem nítida essa divisão ao longo de um período histórico de 65 anos em três grandes recortes: a Velha República, de 1889 a 1930, seguida do período que se abre com a Revolução de 1930 e vai até a deposição de Getúlio Vargas em 1945 (este segundo período cobre o Estado Novo, ditadura varguista instalada a partir de 1937) e o terceiro e último momento, de 1946 a 1954.

Na partida do livro, Parsifal, que o escreve nos primeiros anos da década de 1980, inicia sua visão em perspectiva histórica da Proclamação da República, tomando como base depoimento de Sérgio Corrêa da Costa para um caderno especial do *Jornal do Brasil*, publicado em 7 de maio de 1978, sob o título “Paço d’Arcos – de Deodoro a Floriano”.

No texto do *Jornal do Brasil*, o 15 de novembro é tratado como

o golpe inesperado, nascido na ocasião [...] a substituição de um monarca filósofo e sem ação (que não fosse pela





Parsifal: Um intelectual na política

intriga de Gabinete) pela presidência enérgica de um soldado, embora pouco instruído e nada político, mas audacioso [...] revolta militar, depois chamada revolução (e que o foi pelos resultados) de 15 de novembro, não esperavam tão feliz e grande golpe. Ficaram espantados com a facilidade de sua obra.³

Mais adiante, o autor cita trecho de uma carta do jornalista cearense João Brígido do ano de 1990, que para Parsifal retrata bem o andamento dos ajustes da situação inicial da República: “[...] o pior de tudo é o desparafusamento em que andam ministros e ministérios, as crises repetidas e a malquerença dentro dele, e no Congresso”⁴

Parsifal segue na sua leitura crítica do momento histórico, agora em suas próprias palavras:

Não há como negar que esse federalismo não foi incorporado ao texto constitucional, despido da velha eiva do processo sócio-político-brasileiro, cuja formação se fez de cima para baixo e de fora para dentro da marca específica da natureza da civilização brasileira.⁵

E diagnóstica, como consequência, que

a falta de uma sintonia entre a ordem política e a realidade sociopolítica provocou um período relativamente longo, configurado e expresso no relacionamento entre a União e os estados federados, e ainda entre o Poder Executivo e o Poder Legislativo, todos a travarem a luta pelo poder.⁶

Parsifal continua na sua análise:

[...] a organização do poder, expressa na força do estamento burocrático apresenta sempre o Estado, como mais autoritário do que de direito, com um realismo





Luís-Sérgio Santos

mais pragmático do que programático, para manter ainda relações variáveis de dependência, em relação ao Localismo Oligárquico.⁷

E prossegue para chegar ao povo e ao sistema de representação política:

Verifica-se, por outro lado, que nossa sociedade sempre foi artificial, sem nenhum cimento social que a fortalecesse, deixando-a sempre desligada de suas bases reais que somente podem estar no povo, cujos sentimentos ela não sabia interpretar.⁸

Simbolicamente, ainda no capítulo inicial do livro, Parsifal Barroso escolhe uma questão de interesses econômicos específicos que divide personagens da cena cearense em conflito administrativo e jurídico, a ser resolvido na esfera do novo poder federal republicano. Vale-se o autor das cartas que o jornalista e advogado João Brígido troca com o comendador Achille Boris, imigrante francês cuja família fez história no mundo dos negócios em Fortaleza.

Durante um ano de pesquisa documental, realizada para a feitura do meu livro *Um francês cearense*, publicado pela Imprensa Universitária, da Universidade Federal do Ceará, em 1971, fui verificando que essa correspondência trocada entre João Brígido e os irmãos Boris continha dados políticos da mais alta valia.⁹

Refletem elas a maravilha, os desentendimentos e as desavenças em que viviam os republicanos cearenses, por força da adesão de várias monarquistas que já namoravam a República, na fase final do regime monárquico.¹⁰

O poderoso e temível adesista contra o qual lutou tanto quanto lhe foi possível tenaz e temeroso João Brígido era o





Barão de Ibiapaba, contendores os dois na longa e dispendiosa disputa que a Casa Boris teve necessidade de manter, em defesa dos seus direitos de posse da mina de cobre, em Viçosa, litígio administrativo e judicial que foi travado por longo tempo, não obstante a constante porfia dos advogados dos irmãos Boris.¹¹

A Casa Boris, empresa da família, disputava com o Barão de Ibiapaba os direitos de manter a posse e a exploração de uma mina de cobre em Viçosa, sertão do Ceará, num longo litígio que subiu às altas esferas de poder. O evento é uma espécie de ponto de encontro da política local com a nacional, da justiça com os interesses, da economia com a política, da imprensa com o poder, do Ceará com o mundo.

Parsifal seleciona trecho de uma carta de João Brígido escrita do Rio de Janeiro para os irmãos Boris, datada de 29 de abril de 1890:

Espero que chegue o João Cordeiro para fazer, no meio da gente da república, certos passos. Como ele não me procurará, hei de dar-lhe notícias, por intermédio de pessoa de confiança, indicando os passos que deve dar, removendo os nossos adversários. O Ibiapaba não perde momento. Negocia na praça e, com os couros no matadouro, trata das minas e procura encampar a situação republicana, tomando-a de empreitada.

Teria há muito derrubado tudo, se não fora o Benévolo, o Beviláqua etc. que estão do lado do Benjamim, orientados na sustentação dessa gente no Ceará. Asseguro que o Ibiapaba não quer da política outra coisa, senão as minas de Viçosa, por questão de amor próprio.¹²

O pragmático e o programático encontram-se, o circunstancial e o institucional debatem-se, a lei e os interesses cruzam-se, nas páginas de *Uma história política do Ceará: 1889-1954*, por





Luís-Sérgio Santos

mais limitadas que tenham sido as fontes de pesquisa, por mais cauteloso que seja o texto do autor.

O vai e vem dos primeiros momentos da transição acontecem tanto no Rio de Janeiro como em Fortaleza.

O Ceará tinha votado e aprovado uma nova Constituição do Estado em 16 de junho de 1891. Mas, a 12 de julho de 1892, foi promulgada aquela que seria para sempre considerada a primeira. Aconteceu que o presidente da província do Ceará, em decreto assinado pelo vice-governador em exercício, major Benjamim Liberato Barroso, dissolveu a Assembleia que a elaborou. Liberato Barroso assumira o governo em função da deposição do governador Clarindo de Queiroz, em 16 de fevereiro de 1892.

No mesmo 12 de julho de 1892, o tenente-coronel José Freire Bizerril Fontenele foi o primeiro presidente eleito de forma indireta, pelo Congresso do Ceará.

Era mais que dinâmica a política.

Observe comentário de Parsifal:

A confusão política era tamanha, ao ser implantado o regime republicano que, embora o nosso primeiro governador (nomeado em 16 de novembro de 1892) haja sido o coronel Luiz Antonio Ferraz, a imprensa noticiava outros nomes, como o de João Cordeiro e do coronel engenheiro dr. João Nepomuceno de Medeiros Mallet.¹³

E completa: “Os grupos republicanos não se entendiam entre si, e a fundação posterior de clubes republicanos, ainda veio a dificultar mais a consolidação do novo regime no Ceará”.¹⁴

Parsifal Barroso baseia grande parte das informações do Livro das Mensagens que cada governador mandava anualmente para a Assembleia Legislativa, a título de prestação de





contas, por força de lei. Muitos desses documentos se perderam, deixando vazios importantes.

A leitura que Parsifal Barroso destaca que em cada um dos documentos a que teve acesso encontra pontos que se repetem à exaustão, variando apenas o estilo ou a ênfase que cada governador aplica. Uma dessas repetições é a questão da irregularidade climática. O Estado é vítima permanente dessa montanha russa no comportamento do meio ambiente. A seca prevalece, e se repete em dimensões variadas. Quando ela, eventualmente, não acontece, o Ceará é assolado pelos excessos do inverso, as cheias. Evidentemente, também é constante a queixa contra o descaso do poder público nacional, um alibi, justo ou não, para tentar explicar e justificar que os anos passam e nada muda.

A máquina pública ainda é simples e relativamente enxuta: Interior, Fazenda e Justiça são as únicas secretarias de Estado até então. A arrecadação é naturalmente baixa, concentrada no comércio, local e internacional. A falta de recursos para investimentos, e mesmo para o custeio, é outra questão que tem presença certa nas Mensagens anuais.

Também há a prioridade para a educação, sempre citada, sempre prometida, raramente praticada.

Não foi sem razão que Parsifal Barroso falou em localismo oligárquico. O autor aborda a questão quando chega ao poder Nogueira Accioly, que, segundo alguns cálculos, comandou o Ceará por longos doze anos (há também cálculos que atribuem a extensão de sua influência por até 20 anos). A oligarquia é evidente no Ceará, mas não nasceu e muito menos floresceu apenas no Ceará, ou no Nordeste.

“Sem exceção, o acciolismo tem sido tratado como a expressão histórica da maior oligarquia jamais havida no Ceará”, escreve Parsifal.





Luís-Sérgio Santos

Mas a relação do passado com o presente é de natureza histórica, e também porque sem a formulação do presente o passado é morto, começo por indagar se o fenômeno sociopolítico da oligarquia ainda remanesce em alguma parte, pois a resposta afirmativa me leva a considerar, inicialmente, o problema da origem e da natureza das oligarquias no Nordeste, atendo-me desse modo a uma indagação de ordem regional. Porque o oligarquismo não ocorreu somente no Ceará.¹⁵

E vincula o fato à resposta política do presidente do Brasil Campos Sales, quando acossado pela oposição. Diz Parsifal:

Como fenômenos de oligarquia, e fruto da política dos governadores, cimentada por Campos Sales, o Brasil se defrontou com os Machados, no Paraná, os Maltas, em Alagoas, o Castilhismo, no Rio Grande do Sul, os Lemos, no Pará, os Nérís, no Amazonas e os Maranhões, no Rio Grande do Norte, para citar somente os principais.¹⁶

Parsifal junta à sua leitura a palavra do jornalista e político que foi o professor Hermenegildo Firmeza, em seu livro póstumo *Crônicas escolhidas*. Na crônica “As velhas oligarquias” assim se expressa o autor citado:

Quando Campos Sales assume o Governo em 1898 a situação do país era a de um doente, quase de vela na mão. Entendeu este, porém, que o empreendimento de recuperação econômica e financeira poderia encontrar óbices na política partidária, a fim de que não soçobrasse o plano de salvação nacional. O remédio esteve no fortalecimento da política dos governadores, mal que se transformou em chaga para o Brasil, visto a continuação que teve nos governos posteriores a Campos Sales. Da política de governadores às oligarquias foi um passo.¹⁷





Parsifal: Um intelectual na política

Por falar em oligarquia, segundo Parsifal, “de todos os movimentos partidários ocorridos no Ceará, desenvolvendo-se em torno de um chefe com ‘status’ de líder, nenhum foi mais extenso e profundo do que o aciolismo”.

Parsifal coloca o casamento de Antônio Pinto Nogueira Accioly com a filha do senador Pompeu como “o condicionamento para a expansão do seu prestígio político”, embora ressalte nele “qualidades que o projetaram de logo, levando-o a alcançar o Governo do Ceará.” Segundo Parsifal, “não foi difícil ao presidente Nogueira Accioly contar com o beneplácito do árbitro da política nacional, o poderoso senador Pinheiro Machado, cujo domínio político-partidário se estendeu por todo o Brasil”.¹⁸

Parsifal reconhece méritos e iniciativa de Accioly na questão da educação. Diz o autor: “Mas sua preocupação máxima é com a instrução pública, dedicando-lhe oito páginas de sua Mensagem de 1898 [...] reorganizou-se a Escola Normal, reformou-se o Liceu e deu-se nova organização ao ensino público primário”.¹⁹

Na mesma Mensagem, ao se referir aos oferecimentos dos Governos dos Estados do Amazonas e do Pará, facilitando o transporte e os empregos aos que, acossados pelo flagelo da seca, tivessem necessidade de emigrar, o Presidente Accioly assim se manifesta:

Agradei, como me cumpria, tão espontâneas manifestações de nobre altruísmo, mas declarei que o Governo do Ceará somente no último extremo da crise aconselharia seus concidadãos a aceitarem este recurso, visto não lhe ser lícito concorrer para o despovoamento de nossos campos, já tão desertos, enquanto lhe restasse qualquer expediente prático para assisti-los em suas próprias residências.²⁰





Luís-Sérgio Santos

Do historiador Raimundo Girão, de seu livro *Pequena História do Ceará*, editado em 1962 pelo Instituto do Ceará, página 245, Parsifal destaca um juízo sobre Accioly:

Sem grande cultura humanística e filosófica, mostrou, no entanto, neste primeiro período de governo, as mais positivas qualidades de chefe, notável líder que por dezesseis anos controlaria de modo personalíssimo a administração e a política de sua terra.²¹

Pedro Borges substitui Nogueira Accioly, com apoio deste, de 1900 a 1904. Accioly volta ao poder em 1904 e depois reelege-se em 1908. Mas cai do poder a poucos meses do fim do mandato. Renuncia em 24 de janeiro de 1912. Já não contava mais com o apoio de Pinheiro Machado e sabia-se que o novo governo do Ceará, a ser eleito em meses, seria tutelado em parte pelo general Dantas Barreto, o novo presidente da Província de Pernambuco.

Parsifal estabelece um vínculo da renúncia de janeiro de 1912 com um fato ocorrido em janeiro de 1904. Deixa ao historiador Hermenegildo Firmeza o relato do fato:

O caso se resume no seguinte: os catraieiros do porto de Fortaleza declararam-se em greve, devido ao sorteio dos trabalhadores do mar para o serviço da Armada. Chegando um navio do Lloyd Brasileiro, eles se recusaram a fazer o serviço de embarque e desembarque. O capitão do porto, Lopes da Cruz, que morreu tragicamente mais tarde no Rio de Janeiro, requisitou o uso de força policial. Esta desceu à praia completamente embalada e municuada. Havia no local grande número de pessoas da melhor sociedade de Fortaleza, homens, mulheres e crianças, que foram presenciar o espetáculo da greve, desde que esta tinha caráter pacífico. A certa altura, não podendo ser dominada por meios suasórios a





Parsifal: Um intelectual na política

atitude dos grevistas, a força pública, sem nenhum aviso prévio, disparou as suas armas contra a multidão que se achava aglomerada no local. A revolta que isso produziu no seio de toda a população é indescritível. O comércio fechou-se durante três dias. A indignação contra o governo, que manda dissolver à pata de cavalo a multidão que levava nos braços, para as portas do Palácio, o cadáver do comerciante Adelino Marques Dias, a fim de clamar por justiça. A revolta era tão grande que, no dia seguinte, quando o Presidente do Estado tomou um bonde na Praça do Ferreira (nesse tempo os grandes ainda andavam de bonde), todos os que estavam sentados desceram acintosamente, deixando que o veículo partisse com aquele único passageiro.²²

Depois da oligarquia acciolina, ascende ao poder o tenente-coronel Franco Rabelo, que permanece no comando do Estado do Ceará de 12 de julho de 1912 a 16 de março de 1914, menos de dois anos, portanto. Nesta data acontece sua deposição.

A despeito do curto período, Parsifal abre o capítulo VII de *Uma história da política do Ceará* assegurando que “ao longo da história política do Ceará não houve jamais um acontecimento político de maior complexidade e de mais profunda ressonância do que o rabelismo.” E continua:

A originalidade que sem dúvida confere uma inconfundível especificidade ao surgimento desse movimento político-partidário decorre, a meu ver, do descompasso entre o incompleto período do seu governo e a grande amplitude e continuidade do partido que veio a florescer, após sua deposição.²³

A análise das causas dessa deposição aponta para erros políticos de Franco Rabelo. Em termos nacionais, apoiou um candidato que se opunha a Pinheiro Machado e aos planos do próprio Palácio do Catete na sucessão do presidente Hermes





Luís-Sérgio Santos

da Fonseca. Em termos locais, abriu uma frente de disputa com o hábil e poderoso Padre Cícero Romão Batista, provocando a Sedição de Juazeiro. Ficou sem sustentação.

Diz Parsifal:

[...] mais uma vez, o Ceará foi alvo da influência de cima para baixo e de fora para dentro, pois sem as diretrizes e o apoio oriundos do Governo Federal, o Estado não teria sofrido as lutas de uma conflagração, que teve como centro de ataque Juazeiro, com seus devotos e fiéis romeiros, muitos dos quais se transformaram em jagunços.²⁴

Em *Pequena história do Ceará* – referência recorrente e emocional de Parsifal – o historiador Raimundo Girão, às páginas 259 e 260 avalia o fato e conclui: “[...] o Cariri veio até o mar, depor pelas armas o governo constituído”.²⁵

No curto mandato de Franco Rabelo, a inauguração da luz elétrica em Fortaleza, em 1913, é o único destaque.

A influência e a interferência dos aciologistas e dos rabelistas se estendeu no tempo, alcançando os anos 1920, apesar da renúncia de Accioly (em 1912) e da deposição de Rabelo (em 1914), ora confrontando-se, ora aliando-se contra terceiros.

O advogado e professor da Faculdade de Direito do Pará, Justiniano de Serpa, que vinha de um mandato de Deputado Federal pelo estado do Pará, governou o Ceará de 1920 a 1923, depois de Benjamim Liberato Barroso e João Tomé de Sabóia.

Diz Parsifal, ressaltando fatos e fazendo juízos sobre a gestão:

Há uma particularidade que marca o governo Serpa, através de uma série de atentados e crimes políticos, ocorridos notadamente em Lavras, Aurora, Juazeiro, Milagres, Tauá e Quixeramobim. Parece-me que essas perturbações da ordem pública não podem ser atribuídas à fraqueza político-administrativa do presidente





Parsifal: Um intelectual na política

Justiniano de Serpa, mas podem ser decorrentes de anteriores dissidências entre famílias adversárias, que logo se aproveitaram do novo e alto nível do seu governo, procurando medir forças ao virem à tona seus antigos ódios.²⁶

Justiniano de Serpa habitou o imaginário do garoto Parsifal quando ouviu deste, certa vez: “Educação é o caminho”.

Entre muitos conflitos, o livro destaca a luta do coronel Gustavo Lima contra Floro Bartolomeu, no sul, e o embate dos jornais *A Luta* e *Correio da Semana*, na zona Norte.

E explica, trazendo a lume o patriarcalismo rural e o coronelismo, velhas marcas da política regional: “As remanescências do coronelismo político no Ceará, não obstante o esforço dos seus governantes, sempre se manifestaram com relativa facilidade, e o presidente Justiniano de Serpa foi uma vítima do próprio desconhecimento dessas virulentas manifestações do patriarcalismo rural”.²⁷

Parsifal nos remete novamente à *Pequena história do Ceará*, de Raimundo Girão, páginas 264 e 265, sobre o mandato de Justiniano de Serpa:

Promulgou nova e mais moderna Constituição, a 4 de novembro de 1921, com a proibição das reeleições presidenciais (da Província), a eleição dos Prefeitos dos Municípios, a proibição de acumulações remuneradas, bem como a garantia de indemissibilidade dos servidores públicos, sem prévio inquérito administrativo. Pôs acima dos interesses partidários as necessidades do ensino primário, promovendo o Cadastro Escolar. Deu nova estrutura pedagógica ao ensino normal, construindo o prédio de sua Escola. O ensino se tornou menos formalístico e literário. Criou o Curso de Férias para os professores do interior. Aumentou a rede escolar construindo Grupos e reunindo escolas que, illogicamente, funcionavam separadas.²⁸





Luís-Sérgio Santos

E, sobre o dinamismo na área da educação, Parsifal comenta:

Mas tudo isso se deve à rara competência, ao zelo invulgar e ao devotamento apostólico do notável pedagogo que logrou trazer do sul para dirigir a instrução pública do Ceará: o professor doutor Manoel Bergström Lourenço Filho [...]. Lourenço Filho soube lançar a base de uma reforma, destinada a descobrir a criatividade e a perfectibilidade humanas.²⁹

O Presidente da Província que sucedeu a Justiniano de Serpa, o desembargador Moreira da Rocha, deu continuidade ao trabalho na área de educação, de Lourenço Filho, então substituído pelo ilustre Professor Antonio de Sales Campos.

O jurista José Carlos de Matos Peixoto era o presidente da Província do Ceará quando aconteceu a Revolução de 1930. E foi por ela deposto. Fugiu para o Rio de Janeiro, onde morreu em 1976 – depois da fuga nunca mais voltou ao Ceará.

Matos Peixoto foi secretário de Estado, deputado federal e chegou a presidente da Província do Ceará em apenas 4 anos. Sua convicção legalista e democrática fez dele um apaixonado defensor da instituição do voto secreto, implantado e praticado no Ceará.

Em uma entrevista ao jornal *O Globo*, do Rio de Janeiro, publicada na edição de 28 de novembro de 1972, alude a uma reclamação que recebeu de um correligionário, no seu gabinete de secretário do Interior e Justiça, assim expressa: “Seu Secretário, disse ele, esse tal de voto secreto obrigatório não presta pr’a nada. Antigamente, a gente votava mesmo pelo caboclo. Agora, pr’a ele vir votar, é preciso matar um boi”. À época era comum dizer-se que a “eleição a bico de pena” era o equilíbrio da Nação.³⁰

No livro, Parsifal lista inúmeras ações administrativas de Matos Peixoto, entre elas: convênios com os municípios para





Parsifal: Um intelectual na política

instalação de Postos Sanitários, criou a exigência de concessão do Habite-se, criou a Secretaria de Agricultura, Comércio e de Obras Públicas e a Secretaria de Polícia e Segurança Pública, desapropriação de 80 hectares no Alto da Balança para construção do campo de aviação, retardou a implantação do imposto territorial rural, destinação orçamentária nos municípios de pelo menos 10% para a instrução pública, limite de 40% dos gastos municipais com funcionalismo e criação do Serviço de Socorro aos Banhistas.

O Capítulo XV do seu precioso livro, Parsifal Barroso assim o abre:

O saudoso escritor Romeu Martins, caracterizado pelo radicalismo de suas apreciações políticas, e cujo livro *Revolução* é um libelo contra o movimento de 1930, considera lógica e razoável a escolha do dr. Manuel do Nascimento Fernandes Távora para exercer as funções do cargo de primeiro Interventor Federal do Ceará. Se um adversário da Revolução de 30 assim pensava não admira que de um consenso inicial tenha se firmado no nome do dr. Fernandes Távora, como o mais digno de iniciar a política revolucionária no Ceará.³¹

Entre os atos que desgastaram politicamente o Interventor Távora – desafeto de Parsifal mais à frente – cujo nome inspirava tanto prestígio, estão a redução do número de desembargadores e do número de municípios – o Ceará tinha 85 municípios e ficou com 51. Mas, logo em seguida, o autor Parsifal acrescenta:

Mas, não há dúvida de que foi a rescisão do Contrato do Matadouro Modelo o ato interventorial que mais gerou consequências imprevisíveis, embora o considere um ato defensável [...] em virtude dessa ocorrência administrativa, exonerou-se das funções do cargo de Prefeito Municipal, o ilustre e probo dr. César Cals de Oliveira [...].³²





Luís-Sérgio Santos

Fernandes Távora ficou oito meses no poder. Passou-o em 24 de junho de 1931 ao capitão Roberto Carneiro de Mendonça: “[...] como vivera a maior parte de sua militância política nas trincheiras da oposição, é também possível que ascendendo ao Poder, não conseguisse ultrapassar e superar o condicionamento político que o acompanhara até assumir [...]”, também registrando que mudanças bruscas do tipo são naturais em períodos revolucionários.³³

Do mandato de Carneiro Mendonça, Parsifal destaca a criação da Justiça dos Pobres, instalando-a numa Vara já existente, e o desenvolvimento de uma política de assistência ao menor abandonado. Deixou a Interventoria em 5 de setembro de 1934, por razões políticas, tendo sido substituído pelo coronel Felipe Moreira Lima.

Como se sabe, houve a reconstitucionalização do país em 1934. E em 1935 o Ceará tem uma disputa eleitoral que coloca frente a frente o PSD – Partido Social Democrático, e a LEC – Liga Eleitoral Católica. O candidato lecionista Menezes Pimentel derrota o pessedista José Pompeu Pinto Accioly, remanescente da Velha República, que também se dizia em parte “lecionista”. (É importante ressaltar que o PSD de 1935 nada tem a ver com o PSD pós-Estado Novo. O PSD pós-Estado Novo foi criado exatamente por próceres da LEC tais como José Martins Rodrigues, Parsifal Barroso, Raul Barbosa, Menezes Pimentel e tantos outros. Os nomes daquele PSD viriam fundar a UDN na redemocratização com o fim da ditadura Vargas.)

Menezes Pimentel assume e governa até o dia 11 de novembro de 1937, quando Getúlio Vargas dá um golpe e instala o que se convencionou chamar Estado Novo, um regime autoritário. De presidente da província eleito em voto indireto, pela Assembleia Legislativa do Ceará, Menezes Pimentel, imediatamente deposto, é logo em seguida nomeado Interventor e fica no comando do estado até 1945.





Parsifal: Um intelectual na política

Com a vitória dos países aliados e liberais na Segunda Guerra Mundial, os regimes autoritários começam a ruir no mundo inteiro. Getúlio Vargas é defenestrado a 29 de outubro de 1945. Na tentativa de permanecer à frente do poder, Getúlio e seus seguidores haviam lançado um movimento por sua permanência, o “queremismo”. No Ceará, Menezes Pimentel recusa-se a apoiar e é afastado do poder a 25 de outubro, substituído por Beni de Carvalho – Benedito Augusto Carvalho dos Santos –, em ato ainda assinado por Vargas.

Os tempos de guerra tiveram reflexo na capital cearense. Relata Parsifal:

Permito-me voltar aos excessos policiais ocorridos na interventoria de Menezes Pimentel, ao apreciar o que vi ocorrer em Fortaleza, entre angustiado e estarecido, os ataques e as depredações verificados, quando o presidente Getúlio Vargas foi levado a declarar guerra às potências do Eixo Totalitário e o instinto predatório que nos é inato não foi coibido a tempo, o que levou a polícia a prender para o efeito de serem processados, italianos e alemães que já se haviam integrado, como amigos, ao meio sócio-econômico de Fortaleza. Sempre fui democrata e favorável aos Aliados, mas não posso esquecer em minha memória afetiva os horrores praticados por aproveitadores, contra os estabelecimentos comerciais de italianos e alemães que eram irmanados conosco na luta constante, a favor do desenvolvimento do nosso Ceará.³⁴

Getúlio Vargas cai, a ditadura do Estado Novo é extinta, o Brasil vota uma nova Constituição em 1946.

Voltamos a palavra ao relato de *Uma história da política do Ceará*. Parsifal cita trecho do depoimento que lhe prestou o jornalista Luís Cavalcanti Sucupira:





Luís-Sérgio Santos

No dia 1 de março de 1947 o desembargador Faustino de Albuquerque prestou compromisso e tomou posse do Governo, perante a Assembleia, tudo dentro da mais perfeita ordem, com o funcionalismo e todos os demais compromissos do Poder Público em dia, não havendo “Restos a Pagar”, referentes ao exercício de 1946 e existindo de saldo no Tesouro do Estado a elevada quantia de 28 mil contos de réis, importância essa que três meses após evaporou-se, caindo em atraso de até um ano o pagamento dos servidores estaduais, atraso somente desaparecido no governo do dr. Raul Barbosa.³⁵

Parsifal avalia o governo Faustino:

O desembargador Faustino de Albuquerque realizou um governo inçado de percalços, enfrentando dificuldades várias, sem em nenhum momento haver dado sinal de fraquejar. Enfrentou tudo, com sobrançeria, fazendo cintilar em seus olhos a luz galharda do seu fortíssimo temperamento. Não lhe foi possível eleger seu sucessor, embora já houvesse chegado ao fim do seu governo, com poderes salvíficos, para tentar a concretização de sua vitória eleitoral, o então major Virgílio de Moraes Fernandes Távora. Era inevitável, entretanto, a vitória do deputado Raul Barbosa, embora o grande e inesquecível Getúlio Vargas tivesse vindo a Fortaleza para justificar, em memorável comício na praça José de Alencar, a candidatura do udenista professor Edgar Cavalcante de Arruda, defendendo de público o imperativo da aliança estadual entre a UDN e o seu PTB.³⁶

Raul Barbosa governa por pouco mais de 3 anos, até junho de 1954. Relata Parsifal já quase ao final do seu *Uma história da política do Ceará: 1889-1954*:

Ao renunciar a seu mandato de Governador para se candidatar ao Senado Federal, o inesquecível Raul





Parsifal: Um intelectual na política

Barbosa assim se expressou perante a Assembleia Legislativa do Ceará:

Durante três anos de adversidade, em que a calamidade da seca exerceu parelhas com a crise geral, procurei encaminhar a administração pública para os problemas vitais do Ceará, proporcionando aos cearenses plena tranquilidade, paz completa e ordem geral.³⁷

Parsifal lembra que Raul Barbosa, em seu governo, continuou a “deplorável tradição iniciada por seu antecessor, o apoio de parte dos deputados estaduais da oposição tomou vulto, a ponto de serem conhecidos como ‘anjos rebeldes’”.

Embora excelente administrador, foi canhestro no agenciamento de suas atividades políticas, e assim não logrou eleger o sucessor que escolhera e nem conseguiu ser alçado ao Senado Federal. Se cuidou de pacificar politicamente o Estado, não o conseguiu, apesar de seus esforços.³⁸

Aqui, autor e personagem convergem. Foi Parsifal quem derrotou Raul Barbosa, conquistando a única vaga ao Senado.

NOTAS

- 1 Nota Prévia do professor Pedro Alberto de Oliveira Silva, em BARROSO, José Parsifal. *Uma história da política do Ceará: 1889-1954*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1984, p. 9.
- 2 Idem.
- 3 BARROSO, José Parsifal. *Op. cit.*, p. 19-20.
- 4 Ibidem, p. 23.
- 5 Ibidem, p. 23.





Luís-Sérgio Santos

- 6 Ibidem, p. 24.
- 7 Ibidem, p. 24.
- 8 Ibidem, p. 24.
- 9 Ibidem, p. 21.
- 10 Ibidem, p. 21.
- 11 Ibidem, p. 21.
- 12 Ibidem, p. 21.
- 13 Ibidem, p. 35.
- 14 Ibidem, p. 35.
- 15 Ibidem, p. 46.
- 16 Ibidem, p. 46.
- 17 Ibidem, p. 46-47.
- 18 Ibidem, p. 47.
- 19 Ibidem, p. 51-52.
- 20 Ibidem, p. 53-54.
- 21 Ibidem, p. 55.
- 22 Ibidem, p. 58-59.
- 23 Ibidem, p. 67.
- 24 Ibidem, p. 70-71.
- 25 Ibidem, p. 71.
- 26 Ibidem, p. 93.
- 27 Ibidem, p. 93.

348





Parsifal: Um intelectual na política

28 Ibidem, p. 94.

29 Ibidem, p. 94.

30 Ibidem, p. 105.

31 Ibidem, p. 111.

32 Ibidem, p. 114.

33 Ibidem, p. 116.

34 Ibidem, p. 133.

35 Ibidem, p. 140.

36 Ibidem, p. 146.

37 Ibidem, p. 150.

38 Ibidem, p. 150.





10. *Vivências políticas,* a visão dialética de Parsifal

A coletânea de artigos de Parsifal Barroso – *Vivências políticas* – foi organizada por dona Olga Barroso. A bela homenagem póstuma tem um valor histórico cada vez maior quanto mais o tempo corre. Quanto mais distante, mais valioso, diria Walter Benjamin na sua viagem estética que se apropriou da ideia de aura.

O Ceará não tem propensão para o cultivo da memória histórica, e é um povo avesso à tradição. Portanto, nada mais comum do que nossos homens públicos pas-sarem depressa, e deles não ficar na memória coletiva aquele culto que noutros Estados existe.¹

Parsifal sempre se incomodou com essa propensão do cearense a relegar os seus antepassados. E se incomodava ainda mais quando via o comportamento de outros estados nordestinos:

Posso dar testemunho, por exemplo, de que o Recife ainda hoje, e em Pernambuco de modo geral, o nome do ex-governador Agamenon Magalhães é objeto de comentário laudatório por parte de qualquer elemento do povo, enquanto no Ceará não sinto a mesma ressonância em termos de memória coletiva com referências ao nome por mim sempre lembrado e saudado, do ex-governador, deputado e senador Menezes Pimentel. Mas o que acontece atualmente com o nome e a lembrança de





Luís-Sérgio Santos

Menezes Pimentel de um modo geral pode-se aplicar a qualquer outro político do Ceará, em virtude de não termos nós, como povo, amor e propensão ao culto do passado, à veneração das nossas tradições, porque, andamos sempre para a frente e nunca nos voltamos para rememorar e cultuar lições do passado. É uma regra geral da vivência do povo de que venho e ora represento na Câmara dos Deputados.

Os argumentos e lamentos de Parsifal Barroso, um cearense insulado na cearensidade, tem consistência histórica:

“Parece incrível que um Estado como o Ceará, que deu o maior historiador até hoje reconhecido como tal no Brasil, que é Capistrano de Abreu; um Estado que é pioneiro na pesquisa histórica através do Instituto do Ceará, pelo inesquecível pesquisador e historiador que foi Barão de Studart, não tenha no conjunto como povo o amor à História, o culto do passado e a veneração às tradições. Posso intercalar um exemplo para caracterizar melhor o meu pensamento. Quando governei o Estado, de 1959 e 1963, a pedido do Instituto do Ceará, providenciei a homenagem através de estátuas a vários imortais do nosso Estado glórias legítimas do nosso povo, em diversos setores, como Farias Brito, como Gustavo Barroso, como Delmiro Gouveia, como Capistrano de Abreu. Mas, na realidade, não recebi qualquer estímulo ou palavra de agradecimento por haver deixado em Fortaleza essas cinco estátuas que ora estão nas praças principais da nossa capital. E, para confirmar ainda melhor, a última dessas estátuas somente agora, no governo Adauto Bezerra, é que veio a ser inaugurada, a de Alberto Nepomuceno, o maior nome da música cearense, e talvez um dos maiores da música brasileira. Três governos se passaram, e a estátua de Alberto Nepomuceno somente agora a pouco tempo, é que foi inaugurada. Isso prova que não há de fato esse interesse, esse





amor por essas lembranças, desses cultos que fazem o passado interligar-se como o presente de modo a se poder entender melhor não só o presente, mas o próprio futuro em termos de prevenir o destino do Ceará e do seu povo.”²

Parsifal Barroso foi um nacionalista insulado principalmente a partir do culto da história e formação do povo do Ceará. Sua consciência orotodoxa de que sem a tradição não se constrói uma civilização ele legou uma enorme contribuição a partir de recorrente esforço de estimular uma consciência crítica sobre quem somos, de onde viemos. No seu alentado ensaio, o livro *O Cearense* (1969, 136 páginas), publicado no Rio de Janeiro pela Gráfica Record editora ele sinaliza para construção de uma antropologia da sua terra natal. Seu livro póstumo *Vivências políticas* (1987), organizado e prefaciado por Olga Barroso ratifica essa que era uma de suas obstinações. O livro foi lançado no dia 30 de junho de 1988, no Ideal Clube, em Fortaleza:

Sempre sustentei a tese de que o povo cearense é avesso à tradição e não cultua o passado, não obstante o esforço de uma heróica minoria que mantém sua posição de contra-ataque, sempre em vão.

Relembro a incompreensão de que fui alvo, quando governei o Estado do Ceará e, graças aos justificados e diligentes cuidados do meu ilustre assessor, Mozart Sariano Aderaldo, consegui encomendar ao saudosso escultor Leão Veloso as estátuas de Farias Brito, Alberto Nepomuceno, Clóvis Beviláqua, Capistrano de Abreu e Gustavo Barroso, bem como a herma de Delmiro Gouveia.³

Não foram poucos os textos de Parsifal em que lastimava o que só pode ser entendido como uma baixa auto-estima dos seus contemporâneos. Mal sabia ele que sua própria memória seria escondida em alguma gaveta da história a despeito de sua trajetória espetacular na política.





Luís-Sérgio Santos

Vivências políticas, organizado por dona Olga Monte Barroso, é um registro histórico do pensamento transversal e dialético de Parsifal Barroso, suas preocupações com o Ceará, com o Nordeste, seu despojamento em relação à sua própria pessoa a ponto de dedicar uma crônica ao modo como era tratado por maledicentes desafetos. Inferno à qualquer ironia sobre seu estilo e hábitos pessoais, Parsifal superava tudo pela indiferença ou pela ironia.

O livro é um consistente compêndio de 586 páginas onde Parsifal se mostra por inteiro como professor, político, pai de família, humanista e, principalmente, como um cidadão preocupado com os rumos do Ceará e do Brasil.

Vejamos a apresentação de dona Olga Barroso:

“Entrego com imensa alegria à sociedade cearense este livro, – *Vivências políticas* – escrito por Parsifal, ao longo de muitos anos de sua vida, preocupado como sempre foi com a problemática do Estado do Ceará, nos seus mais diversos aspectos.

Esta apresentação tem por finalidade a homenagem póstuma, não somente ao companheiro de 48 anos de vida, em comum, mas também ao homem sábio, ao filósofo, ao teólogo, ao sociólogo e ao musicista.

Este último aspecto desconhecido e pouco citado de Parsifal era impressionante, tratando-se de pessoa com grande sensibilidade musical, sendo um profundo conhecedor dos clássicos, dos românticos e modernos compositores, capaz de citar qualquer trecho musical que lhe dessem a ouvir.

O ilustre professor Mozart Soriano Aderaldo foi a exceção no Ceará quando analisou os conhecimentos musicais do Parsifal, em cerca de cinco artigos publicados na revista *Clã*.

Desafiado certa vez pelos amigos Virgílio e Luiza para dizer que partes da música estavam a tocar, logo nas primeiras frases





de som ele dizia: trata-se do terceiro movimento allegro do ‘Concerto nº1’ de Tchaikovsky; mais adiante em outra apresentação, dizia: é a *Cancionetta*, Andante do ‘Concerto de violino e orquestra’ também do grande russo; está tocando *Intermezzo*, adágio do 2º movimento do ‘Concerto nº 3’, de Rachmaninoff; num outro momento falava: eis a *Valsa Allemande* do ‘Carnaval’ de Schumann e, assim, para surpresa de todos, não houve um só engano.

Numa outra coisa estava o Parsifal acompanhado do amigo Geraldo Menezes para ouvirem um concerto do pianista Miguel Proença, no Teatro José de Alencar, em 1985.

Por economia ou porque não precisasse, ele nunca comprava o programa. Quando o artista tocou um pequeno trecho já Parsifal dizia: ele está executando a ‘Fantasiestuch’ Op 12 que completa a fita da ‘Fantasia’ nº 2, de Brahms, que gravou para mim, Geraldo, o bom conhecedor de música, ficou perplexo, pois não sendo o Parsifal um pianista, de imediato identificou uma composição formada por uma série de peças breves e contrastadas, num total de oito.

A música foi para esse Mahatma cearense o conforto nos momentos de grandes decepções e incompreensões; ouvia numa integração profunda, alheado de tudo, as maravilhosas interpretações de virtuosos cantores, pianistas, sendo o piano o instrumento de que mais gostava. Ouvia embevecido os violinistas, os corais e as grandes orquestras do mundo.

Sua preferência na composição musical estava nos três ‘Bs’: Bach, Beethoven e Brahms, gostando também de Gustav Mahler, Mozart, Debussy, Schumann e até dos modernos como Serguei Prokofiev, e outros. Afinal, dizia ele, qualquer instrumento bem tocado é digno de ser ouvido e aplaudido.

Conversando certa vez com o poeta Artur Eduardo Benevides declarou considerar a voz humana o mais belo instrumento musical.





Luís-Sérgio Santos

Teria sido o Parsifal um grande maestro, capaz de reger sem a partitura, dono que era de uma excelente memória musical, se para isto a sorte lhe tivesse sido favorável, ao tempo em que se preparou para fazer o vestibular de Medicina em Salvador, nos anos de 1930, e lá aproveitaria para frequentar a escola de música. Dr. Hermínio Barroso adoeceu gravemente nessa época, e assim, Parsifal teve necessidade de trabalhar, a fim de ganhar o suficiente para o sustento de seu pai, então congesto.

Tornou-se depois professor de química, aproveitando os estudos que fizera para o exame na Bahia. Aos quinze anos, já era professor. Ensinou a pessoas de mais idade do que ele, como é o caso do nosso senador Waldemar de Alcântara e do senador José Carlos Sabóia.

Necessário se torna recordar um pouco do governo de Parsifal, no aspecto de incentivador das artes, de um modo geral.

Pelo teatro, ele e o seu primo irmão Paurilo Barroso, o insigne compositor e extremado amante da música e das artes, fizeram um Convênio para que a existente, porém debilitada, Comédia Cearense fosse responsável e passasse a administrar todas as apresentações oficiais do Teatro José de Alencar, nascendo então o teatro profissional do Ceará, dirigido por B. de Paiva, Afonso Barroso e Haroldo Serra.

O conservatório Alberto Nepomuceno teve um grande impulso, nessa época, quando Parsifal deliberou revigorar a Sociedade Cearense de Artes Plásticas – SCAP, para uma projeção maior, desse tipo de arte. Como primeiro passo, nomeou professor de artes plásticas do Conservatório o admirável suíço-cearense, musicista, pintor e desenhista Jean Pierre Chabloz.

Concomitantemente, o grande maestro Orlando Leite formava um coral dos mais de cem vozes, que enchia Fortaleza de um belo lirismo musical. Dessas cem vozes o professor Orlando





selecionou trinta para formarem o Madrigal que por várias vezes foi premiado, até mesmo no estrangeiro.

A amiga e cantora Dalva Stela recorda uma ocasião em que o Madrigal precisava ser apresentado em Recife, mas não havia dinheiro para financiar as passagens e a estada na capital pernambucana. Resolvemos, Parsifal e eu, fazer verdadeiros assaltos musicais a determinadas famílias, que poderiam ajudar financeiramente. O resultado de cada noite foi muito além do que esperávamos; as pessoas ficavam encantadas com o coral em suas residências e premiavam regamente aquele apelo do governador e esposa. Assim, recebeu o Madrigal mais um prêmio, bem merecido.

O maestro Mozart Brandão dirigia uma pequena, porém ótima orquestra cujas apresentações, sempre aplaudidas, eram auxiliadas pelo violinista Chabloz. Nós, cearenses, vibrávamos de alegria ao ouvir essa orquestra afinada, fruto de grande esforço, executando música erudita e, sobretudo, as valsas de Strauss.

Em 1960 o Teatro José de Alencar completava o seu cinquentenário. Paurilo como diretor e Parsifal como governador fizeram a primeira reforma do teatro. Foi colocado um ciclorama, coisa inédita no Ceará, só existindo nos teatros municipais de São Paulo e do Rio de Janeiro. Toda a instalação elétrica foi substituída, criando-se quadros de luz. A pintura foi renovada com exceção do teto. Elaborado foi um novo regimento para o teatro, acabando com os bailes de carnaval que sempre resultaram em imensos estragos.

O cinquentenário teve como comemoração um mês inteiro de festividades. Assim é que a Sociedade de Cultura Artística, tendo Paurilo como presidente, trouxe ao Ceará o grande pianista Peter Frank, primeiro lugar no concurso internacional de piano.





Luís-Sérgio Santos

O Teatro Universitário apresentou a peça de Ariano Suassuna, *O Auto da Compadecida*, cujo papel do João Grilo foi interpretado por João Humberto, e a mulher do padeiro, por Nadir Roquelina Papi de Saboya.

A Comédia Cearense levou a peça teatral *A canção dentro do pão*.

O Teatro de Mossoró ainda pela comemoração representou na Concha Acústica, 'A raposa e as uvas', de Guilherme de Figueiredo, sendo que o papel principal foi interpretado por José Maria Lima.

O Teatro Escola do Ceará, cuja diretora era Nadir Papi de Saboya, mostrou a peça *Meia-noite doutor Schuweitzer*.

Ainda foram levadas as peças *Macbeth*, de William Shakespeare, e mais *Pluft e o fantasminha*, peça infantil de Maria Clara Machado, e *Maria Cachucha* pelo Teatro de Amador dos Gráficos.

O Conservatório Alberto Nepomuceno encerrou as festividades do cinquentenário com corais, madrigais e a Orquestra Sinfônica Henrique Jorge dirigida por Orlando Leite, com variado programa, inclusive ouvindo-se pela primeira vez o *Aleluia* de Hendel.

No programa dos seguintes convites para essas comemorações Parsifal escreveu o seguinte: 'Durante este meio século que assinala sua existência o Teatro José de Alencar se converteu num templo de beleza e de civismo onde vibra e exulta a alma da terra e da gente cearense. Relicário memorável de espetáculos que marcaram época, de concertos e sinfonias, que ainda ressoam pelo espaço do infinito – ele é, ao mesmo tempo, o depositário das tradições históricas do povo mártir, em cuja história ainda palpita a palavra inflamada dos que tem sabido defender o direito e batalhar pela justiça e harmonia social.'





Parsifal: Um intelectual na política

Nos 4 anos de governo de Parsifal, quarenta grandes concertos foram apresentados no Teatro José de Alencar pela Sociedade de Cultura Artística.

Entre os artistas de renome que aqui estiveram, posso citar a pianista Isabel Mourão; a consagrada pianista Lili Kraus; os dois primeiros bailarinos do balé russo, Nora Kovak e seu partner Iftva Rabovsky, que dançaram numa memorável noite, quando compareceu toda a sociedade de Fortaleza e o Corpo Consular, a meu pedido, comprou os camarotes e aí ergueu as bandeiras de cada país que representava. A Guarda de Honra do Corpo de Bombeiros estava presente na entrada do teatro e assim faço o registro de uma das mais belas noites vividas naquela época.

Vieram também ao Ceará: o pianista Alexandre Jenner; a cantora Maria Lúcia Godói; a cantora camerística Maria de Lourdes Cruz Lopes; a cantora de grande sucesso Eliane Sampaio, o violinista Cussi de Almeida; o pianista italiano Giuseppe Pofglione; o grande Nelson Freire, hoje considerado o maior pianista do Brasil e classificado entre os cinco maiores do mundo; o nosso saudosíssimo Jacques Klein que muito empolgou esta sua terra. Gerardo Parente, virtuoso pianista, acompanhava cantores e violinistas ao piano e também havia os festivais da Academia de Regina Passos.

Nossa amiga Noemi Costa Soriano Aderaldo repetiu-me uma frase que por mais de uma vez ouvira do Parsifal: 'A tônica do progresso de uma terra se conhece pelo desenvolvimento das artes em seu meio.'

Procurei destacar o lado do amor às artes nesse homem de formação simples e cheio de bondade que foi, porém, um dos mais cultos deste torrão cearense, aquele que falava e escrevia o latim, que através dos estudos dos Tratados de São Boaventura e de Santo Agostinho, tornou-se o cristão fervoroso. Era tomista, com verdadeiro entusiasmo.





Luís-Sérgio Santos

Esse homem assim, de múltiplos conhecimentos e profundos estudos, deu-se durante 40 anos à política de seu Estado e ocupou vários cargos da maior importância acumulando bagagem de experiência admirável.

Ao lado das outras obras sobre os desacertos cearenses pode-se incorporar as *Vivências políticas*, agora entregue ao público, resultado de uma longa experiência e de um sereno pensamento político.

O vigor das opiniões apresentadas nesses artigos por Parsifal mostra ao leitor o quanto havia de interesse seu pela problemática cearense.

Durante muitos anos, e em cargos outros onde não praticava a política partidária e sem interesse maior a não ser servir à sua terra, ele jamais deixou de se entregar a profundas reflexões sociológicas e filosóficas sobre a ação política no tempo e no espaço.

Que sua memória seja eterna.

Olga Monte Barroso”

No artigo título do livro, “Vivências políticas”, Parsifal Barroso retoma, mais uma vez, a tese de que o povo cearense é avesso à tradição e não cultua a sua memória. Não à toa memória arquitetônica das cidades são as primeiras vítimas em nome da modernidade.

Vale a pena revermos seu artigo original que inspirou Olga a elevá-lo a título em sua homenagem póstuma.

Aqui temos Parsifal em seu artigo-ensaio “Vivências políticas”, publicado originalmente no jornal *O Povo*, de 8 junho de 1981, na então apreciada revista semanal *Fame*, de Lúcio Brasileiro e coordenada pelo irmão deste, Biba, na verdade, Neno Cavalcante:





“Sempre sustentei a tese de que o povo cearense é avesso à tradição e não cultua o passado, malgrado o esforço de uma heroica minoria que mantém sua posição de contra-ataque, sempre em vão.

Relembro a incompreensão de que fui alvo, quando governei o estado do Ceará e, graças aos justificados e diligentes cuidados do meu ilustre assessor, Mozart Soriano Aderaldo, consegui encomendar ao saudoso escultor Leão Veloso as estátuas de Farias Brito, Alberto Nepomuceno, Clóvis Beviláqua, Capistrano de Abreu e Gustavo Barroso, bem como a herma de Delmiro Gouveia.

Por força dessa circunstância, que reputo uma contingência de ordem histórica, somente me foi possível inaugurar as estátuas de Farias Brito, Capistrano de Abreu, Clóvis Beviláqua e Gustavo Barroso, deixando pronta para ser inaugurada no centenário do seu nascimento, em 1963, a herma do extraordinário ipuense, que foi Delmiro Gouveia.

A estátua de Alberto Nepomuceno, posta sob o signo da deambulação, viveu longo tempo no porão do Instituto do Ceará e, depois de inaugurada na avenida que tem o nome do maior músico do Ceará, dali foi retirada e não sei informar aos meus constantes, onde o governo a reinaugurou.

Ao inaugurar a estátua do imortal filósofo Farias Brito, meu ajudante de ordens ouviu, por entre o vozerio do povo, dois comentários que bem exemplificaram a justeza de minha tese.

Alguns de mim se condoeram porque, ainda beirando meus cinquenta anos, já estava caducando, com essa mania de erguer estátuas, a quem não as merecia.

Outros, em maior número, perguntavam-se entre si de onde havia eu tirado ‘esse Farias Brito’, considerando então ‘uma besta’.

Se volto a essas considerações é porque, ao dar conta da pesada tarefa de escrever a *História política do Ceará: de 1889*





Luís-Sérgio Santos

a 1954, verifiquei que os poucos presidentes e governadores, com seus nomes gravados em ruas da Fortaleza, não foram mencionados como chefes de executivos, mas pelas suas patentes militares ou suas funções, feita a observação em relação à fase republicana.

Os primeiros governadores republicanos do Ceará, o coronel Luiz Antônio Ferraz e o general José Clarindo de Queiroz, são conhecidos e estão mencionados em função de suas patentes militares, e não como chefes do executivo cearense.

O mesmo aconteceu com nosso primeiro presidente republicano, o coronel José Freire Bizerril Fontenele, cuja rua, que lhe tem o nome, não menciona essa particularidade histórica, e por isso todos a conhecem pelo nome de Coronel ou General Bizerril, levando em conta sua promoção ao generalato.

Idêntica situação ocorre com os governantes civis, bastando-me citar o exemplo da grande Avenida Desembargador Moreira, quando sua exata denominação deveria ser Avenida Presidente Moreira da Rocha, pois esse enigmático político foi nosso penúltimo presidente do Estado.

Assim como já enfrentei o problema das estátuas, ao governar o Ceará, mesmo estando na planície, como me encontro desde julho de 1977, ousou justificar nesta 'vivência' a necessidade de se unir o passado ao presente, apelando ao dedicado prefeito Lúcio Alcântara no sentido de dirigir mensagem à Câmara Municipal de Fortaleza, justificando-lhe o imperativo dessa correção que já tarde, embora sinta dentro desse fato o desamor do povo cearense pelos que o governaram, unidos no mesmo sentimento de amor pela desafiante terra do Ceará.

Basta que o ilustrado prefeito peça a ajuda dos historiadores mais amantes de Fortaleza, como os eminentes mestres Raimundo Girão e Mozart Soriano Aderaldo, para essa espécie de pequena errata da nomenclatura dos nomes das nossas





ruas e avenidas, e ambos porfiarão, em prepará-la com a devida justificação.

Certo estou de que a Câmara Municipal acolherá compreensivamente essa futura mensagem do nosso prefeito Lúcio Alcântara, transformando-a em lei, como será de inteira justiça.

Está lançado o apelo, com minha total confiança no prefeito e nos vereadores da amada Fortaleza.”

UM PASSEIO POR *VIVÊNCIAS POLÍTICAS*

Durante 8 anos, de fevereiro de 1977 a janeiro de 1985, Parsifal Barroso escreveu e publicou no jornal *O Povo* textos semanais em forma de crônica. A coluna recebeu o nome de “Vivências Políticas”. Também publicou noutro jornal cearense, a *Tribuna do Ceará*, artigos regulares a que deu o nome de “Roteiros Políticos”.

A sequência de textos publicada no jornal *O Povo* foi, meses após a sua morte, objeto de uma seleção feita por dona Olga Barroso e editada em forma de livro. A leitura se abre com o texto de apresentação de Olga. O livro tem 586 páginas e foi editado pela IOCE – Imprensa Oficial do Ceará, em 1987. Foram selecionados 181 textos, com temas que vão da cultura à política, do Ceará ao Brasil, da administração pública à economia, dos palácios aos parlamentos.

A trajetória de vida pública de Parsifal Barroso, sua cultura e sua erudição conferem-lhe a autoridade e a possibilidade de abordar os mais variados assuntos e a todos adicionar um olhar pessoal e, quase sempre, o tempero de um relato de caso em que teve atuação direta em situações delicadas. Aqui e ali estão as figuras de Getúlio Vargas e de Juscelino Kubitschek, com quem conviveu de perto, ou informações sobre a costura política da União pelo Ceará que ele, como governador, comandou, para





Luís-Sérgio Santos

passar em 1963 o governo do Ceará a Virgílio Távora, a quem derrotara ao eleger-se governador em 1958. Liderou sua própria sucessão, ficando sem mandato.

Curioso é que mesmo tendo papel decisivo, Parsifal se coloca nos textos como um observador discreto. Apesar de protagonista importante, por escolha e por estilo, o autor é sutil ao expor ângulos da história então ainda recente. Coloca suas posições de forma clara, mas trata mesmo os adversários mais frontais do passado – Raul Barbosa, Fernandes Távora – com evidente delicadeza.

O livro aborda muitos e relevantes temas. Entre eles, o estágio de desenvolvimento e atraso do Ceará e do Nordeste, o Parlamento, a administração pública na esfera estadual e federal, a política e a gestão no Poder Executivo e no Legislativo, eventos históricos, estadistas, jornalistas, intelectuais e artistas. É possível fazer um rápido percurso por trechos selecionados do livro, mais como aperitivo do que como um relato ou mesmo um resumo, tão abrangente e rica pode ser a sua leitura completa.

O Ceará, suas possibilidades e limitações e as estratégias para superar estas e aproveitar aquelas são assuntos permanentes nas *Vivências políticas* de Parsifal. Tendo sido governador do Estado de 1959 a 1963, o autor precisa colocar opiniões, ideias e propostas com especial cautela. Pois sempre o leitor do jornal poderá perguntar: e por que não fez quando era governador? Parsifal não foge dos assuntos e já coloca a questão em perspectiva, antecipando-se, desarmando os espíritos para a leitura, expondo claramente como agiu diante do problema, como o enfrentou quando teve sua chance. Não custa lembrar que os textos são escritos e publicados pelo menos uma década e meia depois que ele concluiu seu mandato de governador.





Parsifal: Um intelectual na política

Ao longo de vários textos, Parsifal defende a ideia da criação do Projeto Ceará. Vamos deixar que o próprio Parsifal a explique, percorrendo seu pensamento e suas palavras:

[...] visão de conjunto que já pode ser fixada, espectralmente, para a feitura dessa imprescindível integração total das necessidades de nosso estado, num projeto comum e contínuo, que seja capaz de gerar uma conscientização progressiva de sua salvaguarda, sem a qual não estará garantida a continuidade político-administrativa de sua execução [...].

[...] não podemos emascarar as realidades vitais da problemática cearense e nem podemos recalcar suas verdades básicas, que serão sempre defendidas, até que se cumpram todos os Planos e os Programas constituintes desse Projeto Ceará, neste e no outro século [...].

[...] cada um de nós que já governou o Ceará há de reconhecer – e eu sou o primeiro a fazê-lo – que não teve tempo de verificar os resultados definitivos da administração do seu antecessor, e nem encontrou a base comum e permanente do Projeto Ceará, como uma estrutura válida de integração total dos anseios e necessidades do Estado e de seu povo, a exigir de cada Governador uma continuidade administrativa, para a execução do que seja prioritariamente essencial nesse Projeto [...].⁴

Parsifal argumenta, na defesa da ideia, com os ônus que sofre o Estado pela falta de uma plataforma do tipo Projeto Ceará: a descontinuidade dos projetos, programas, políticas e até de obras, a falta de harmonia entre as visões políticas e de infraestrutura, a carência de um consenso básico das prioridades nas negociações com o poder central, em Brasília.

Sem o Projeto Ceará, diz Parsifal:

“[...] o Ceará ver-se-á sempre preterido e prejudicado na distribuição dos benefícios do Governo Federal, por não lhe haver





Luís-Sérgio Santos

formulado, justificadamente, a prioridade incontestada de certas obras de infra-estrutura, que ainda lhe fazem grande falta [...].”

O autor dialoga com um leitor que lhe propõe que o Projeto Ceará tenha um prazo, em lugar de uma perspectiva de futuro aberta:

“[...] seria mais conveniente e viável, com efeito, a redução do ‘Projeto Ceará’ a um plano ou programa decenal, embora sua estratégia de execução continuasse a mesma [...]”

No mesmo texto, Parsifal registra que sua ideia foi seriamente considerada e aprofundada pelo menos uma vez, e andou perto de se tornar real e posta em prática por um dos governadores do Estado:

“[...] esse ‘Projeto Ceará’, que quase chegou a nascer, ao fim do governo Plácido Castelo, conforme testemunho do deputado Marcelo Linhares [...]”⁵

Desde 1974, Parsifal defendia a ideia do Projeto Ceará em diferentes tribunas. Na imprensa, deixava aberta a porta para a conversa com leitores. Texto de *Vivências políticas* publicado em janeiro de 1978 abria o tema (passados já quatro anos de exposição e debate da proposta):

Sinto-me obrigado a voltar ao tema da organização do Projeto Ceará, porque um leitor amigo deseja o detalhamento de sua conceituação, perguntando-me se sua feitura o torna assemelhável ao Projeto Piauí ou aos projetos destinados, especificamente, a aspectos do desenvolvimento nacional, como o do senador Teotônio Vilela ou do cientista político Gilberto de Mello Kujawski [...].

[...] O Projeto Piauí, por exemplo, é de feição antropológica e se destina a implantar no Estado irmão um desenvolvimento integral e participativo, a partir de seu Sistema Social de Educação, conforme a conceituação de seu autor, o antropólogo João Ribeiro de Oliveira e Souza [...].





Parsifal: Um intelectual na política

[...] Os Projetos do senador Teotônio Vilela e do cientista político Gilberto de Mello Kujawski, por outro lado, mais se distanciam do projeto a ser feito para o Ceará, uma vez que o primeiro é de feição essencialmente política, visando a organização do Estado, enquanto que o do segundo se destina a organizar a Nação, como projeto total da vida de um povo, com seu complexo de pretensões sociais, culturais, jurídicas e econômicas [...].

O Projeto Ceará, entretanto, deverá ser uma estrutura operacional, de permanente utilização, que se destina a acionar os instrumentos adequados à garantia da execução dos programas de desenvolvimento econômico do Estado, através da gradual concretização de suas prioridades vitais [...].⁶

Ao longo dos textos, Parsifal vai expondo as características e vantagens para o Estado se ele dispusesse de uma alavanca forte como o Projeto Ceará, e, em paralelo, mostra as oportunidades perdidas, com exemplos concretos.

Parsifal argumenta:

Todos esses fatos, de comprovação evidente, militam em favor dessa tese que venho defendendo, desde que lancei a ideia de nos concentrarmos todos – governo, elites dirigentes e bancadas parlamentares – na defesa e na conquista permanente de todas as grandes e vitais reivindicações do Ceará, compendiadas num instrumento novo de ação, que seria o Projeto Ceará, de caráter supra-partidário e de execução contínua, que se situaria acima dos planejamentos e programas de cada Governador [...].⁷

E a outro leitor que pergunta a quem caberia a coordenação do Projeto, se ao Governo do Estado ou às classes empresariais, Parsifal responde:

“Não vacilo em responder que não há dúvida quanto à preferência pelas classes empresariais [...].”⁸





Luís-Sérgio Santos

Mas, à medida que as páginas do livro avançam e os meses se desdobram no calendário, Parsifal vai arrefecendo a sua luta pela ideia do Projeto Ceará. Suas observações sobre o assunto não deixam margem a dúvidas, quanto a seu desencanto, sempre em contato franco com os leitores:

Esclareço-lhe que, em virtude de se haver instalado no Brasil a indústria dos projetos, como uma distorção, inexistente clima propício à feitura do Projeto Ceará, atravessamos uma fase de evolução do planejamento em que um Estado como o nosso tem mais possibilidades de carrear recursos do Governo, com projetos adequados às circunstâncias e perspectivas que se vão abrindo e são descobertas, do que através de um projeto global e integrado como seria o Projeto Ceará, de observância contínua e crescente [...].⁹

E acrescenta:

Quando a evolução sócio-econômico-cultural de um povo não pode ser apressada, por maiores que sejam suas necessidades vitais, não se torna aconselhável queimar etapas, sem que esteja ultimada essa fase de sedimentação, com a força incoercível das sementes anunciando o esperado florescimento da consciência coletiva, para a certeza dos frutos. Não se poderá apressar, portanto, a organização do Projeto Ceará. Há que se ter paciência das elites dirigentes, para sua aceitação [...].¹⁰

Ao deixar quase totalmente de abordar a ideia do Projeto Ceará, Parsifal não abandona as questões mais importantes para o desenvolvimento do Estado. O tema permanece com destaque nas “Vivências políticas”. E não faltam assuntos e propostas. Parsifal estabelece no próprio texto uma ponte entre o Projeto Ceará e os projetos para o Ceará.





Parsifal: Um intelectual na política

Vejamos:

Continuo a sustentar a tese de que o atendimento das necessidades vitais do nosso Estado tem sido cada vez mais pela ausência de uma visão global dessa problemática nos planos e programas do Governo e pela falta de uma continuidade político-administrativa, na árdua luta que de há muito se trava em favor do Ceará e a bem de seu povo [...].

E já no parágrafo seguinte coloca em foco dois importantes projetos de interesse do Estado:

Ainda não nos capacitamos, por exemplo, de que certas prioridades devem ser constantemente defendidas, principalmente em relação às obras da infraestrutura cearense, como a da construção da BR-020, que ligará Fortaleza a Brasília, e a do término do Porto do Mucuripe, que o transformará em base do nosso 3º Polo de Desenvolvimento [...].¹¹

E, como se intuísse o futuro porto na região do Pecém, Parsifal segue tratando do assunto em outro texto:

Ainda agora, no litoral de Paracuru, tornado histórico pela descoberta de petróleo em sua plataforma subterrânea, já existiu e funcionou um porto destinado ao comércio da região de Uruburetama, valendo-me o exemplo como excelente comprovação dessa antiga organização funcional do nosso espaço interiorano, com vários portos em sua costa [...].

No meu ensaio *Um francês cearense* já havia chamado a atenção dos estudiosos e mestres da História do Ceará, para essa forte especificidade portuária que nos marcou definitivamente como um Estado sempre às voltas com a problemática dos seus portos em sua costa [...].¹²

Seu olhar se coloca sobre muitos dos mais relevantes projetos, de tal maneira que, juntando-os todos, ele formaria um





Luís-Sérgio Santos

mosaico de desafios de infraestrutura. E, assim, do porto ele passa às ferrovias:

Quando abordei há pouco e ao de leve, a problemática portuária do Ceará longe estava de admitir que a antiga ameaça de extinção do Ramal Camocim-Sobral já houvesse se concretizado, administrativamente, faltando apenas a execução da injusta e inoportuna medida [...].

E o argumento dos governantes para a medida era de que os custos ferroviários excediam em muito os custos rodoviários para o transporte de pessoas e cargas de um modo geral, o que Parsifal classifica como “uma argumentação de ordem histórica” sem “qualquer ponderabilidade decisiva no conjunto dos critérios”.¹³

E surge nas páginas seguintes a relação com a Petrobrás para um projeto que há décadas é considerado vital e prioritário, a instalação de uma refinaria de petróleo no Estado. O texto de outubro de 1977 acrescenta uma informação e uma visão singular sobre o assunto, tratado por ele enquanto governador. Diz Parsifal:

A maioria do povo cearense supõe que me fixei somente na preocupação de ganhar, contra Pernambuco, a batalha da Fábrica de Asfalto, cuja vitória muito me custou, mas não se incluía entre as metas essenciais de constante postulação [...].

Ficamos a reclamar a Refinaria de Petróleo, como um consectário lógico da Fábrica de Asfalto, sem nos darmos conta de que essa velha frente de luta já deveria ter sido substituída por outra, como demonstrei em comentário anterior [...].¹⁴

Páginas adiante, Parsifal reforça sua visão crítica em relação à refinaria:





Parsifal: Um intelectual na política

Como nosso crescimento industrial se desenvolveu à revelia das diretrizes de um planejamento setorializado, ainda estamos à espera pela Refinaria de Petróleo, enquanto nosso Distrito Industrial não evoluiu como deveria e nem espelha o nível de nossa industrialização.¹⁵

Parsifal mantinha diálogo com os leitores, estava sempre atento à imprensa, quando esta tratava de temas de relevante interesse do Estado e da sociedade. Não raro, Parsifal comentava textos mais consistentes de jornalistas experientes. Adísia Sá, Raquel de Queiroz (que publicava crônicas no jornal *O Estado de S. Paulo*), Ezaclir Aragão, Francisco Lima, Frota Neto, Lustosa da Costa, Paulo Bonavides, Rangel Cavalcante e outros mereceram réplicas nas “Vivências Políticas”.

Na segunda metade da década de 1970, Parsifal comenta o potencial pesqueiro do estado e debate os perigos e excessos empresariais a partir de uma série de reportagens. Acompanhe a antecipação de uma consciência ambiental:

A recente publicação neste conceituado jornal de uma oportuna série de reportagens do comunicador social Luis Sérgio Santos, sob o sugestivo título “Caça à lagosta”, fez despertar em mim a vocação *historizante* e remontar ao período em que governei o Ceará, e tomava impulso o movimento exportador de lagosta, cujo início se verificara no Governo anterior, de Paulo Sarasate e Flávio Marcílio [...].

Sinto-me no dever de complementar a reportagem excelente de Luis Sérgio Santos, a bem da verdade histórica, pois a caça à lagosta surgiu em nosso Estado, marcada pelos três defeitos congênitos de nossa evolução econômica: o imediatismo mercantilista, o instinto predatório e a avidez do lucro, com a aversão aos aspectos sociais e ecológicos [...].¹⁶

Ideias e propostas para o desenvolvimento da Zona Norte do Ceará, e de Sobral, em particular, estão presentes em *Vivências*





Luís-Sérgio Santos

políticas. Logo nas primeiras páginas, Parsifal fala com os eleitores daquela cidade, relacionando três projetos:

[...] de há muito, malgrado meu e pena minha, tenho uma prestação de contas a fazer ao povo de Sobral, desde quando voltei à militância político-partidária, elegendo-me deputado federal em 1970. De março de 1971 até junho de 1977 não descansei um instante nos três “fronts” de luta que ainda agora valem para mim como desafio: a organização e a construção do projeto global, de açudagem, irrigação e colonização do Vale do Acaraú, a organização de sua Universidade e o desenvolvimento agropecuário e industrial do município de Sobral [...].¹⁷

Parsifal tinha esse sentido de prioridade. Também definiu uma lista de três projetos para o seu mandato de Governador do Ceará.

Quando governei o Ceará, por exemplo, concentrei meus esforços e centralizei minha luta de quatro anos em três problemas que de há muito vinha desafiando a corajosa decisão dos seus governantes: a eletrificação do Estado, o Porto do Mucuripe e a criação do Banco do Estado do Ceará. A circunstância de haver privilegiado essas três metas fundamentais, como programa de governo, não me fez esquecer a questão primordial do setor primário da economia cearense, e aí estão as estatísticas da produção algodoeira, a comprovarem minha assertiva até hoje [...].¹⁸

Assim, ao longo das “Vivências Políticas”, o estágio de desenvolvimento do Ceará vai mostrando todo o seu atraso. Os projetos são listados, defendidos, mas arrastam-se na pouca força política do Estado ou engancham nas gavetas de uma burocracia que recebe toda sua carga crítica. Leia:





Parsifal: Um intelectual na política

[...] enquanto a militância político-partidária vai ensinando seus integrantes as formas de adaptação às circunstâncias e às contingências enfrentadas, blindando-os através do próprio prédio de suas vicissitudes, já o mesmo não ocorre nos condicionamentos de vivência da tecnoburocracia que se implantou no Brasil, a partir do Plano SALTE e até a fase atual dos PDNs [...].

Os tecnoburocratas não se julgam e nem se deixam julgar, enquanto julgam os outros, sem o menor constrangimento, malgrado o inútil esforço ainda empreendido pela classe política, para atenuar essa situação [...].¹⁹

O estágio do desenvolvimento do Brasil, quando olhado da perspectiva de suas regiões, aponta para um Nordeste atrasado. Se o subdesenvolvimento era nos anos 1970/80, quando os textos que compõem o livro foram escritos, uma evidência aceita, o atraso ainda maior do Nordeste era consenso que frequentava com timidez o discurso de todos. A “questão nordestina” era presença obrigatória em todos os debates, em todas as tribunas, mas tratada com panos mornos.

“Vivências políticas” entra no debate das “soluções” e Parsifal Barroso tempera a questão com sua visão pessoal da dependência política e administrativa do Nordeste em relação ao poder na esfera federal. Não custa lembrar que naqueles tempos, fazer crítica política era uma atividade que trazia um certo risco, considerando-se as ameaças reais ou imaginadas de um regime fechado, administrado com base na disciplina militar apenas muito levemente temperada com a disputa política.

Importa lembrar que o Nordeste ganha a dimensão de região-problema com alguma identidade particular quando Juscelino Kubitschek cria a Sudene, na segunda metade dos anos 1950, e nomeia o paraibano Celso Furtado seu Superintendente – Parsifal Barroso era, então, Ministro do Trabalho de JK. O governo JK termina em 1961, mas a figura e as ideias de Celso





Luís-Sérgio Santos

Furtado foram cirurgicamente afastadas pelo golpe militar de 1964. Parsifal teve de deixar o ministério de JK para se candidatar ao governo do Ceará em 1958.

Em uma de suas várias reuniões no grupo gestor da Sudene, mais precisamente a do dia 18 de setembro de 1962, terça-feira, o governador Parsifal Barroso teve oportunidade de conversar com John dos Passos, o escritor norte-americano com raízes portuguesas que estava em périplo pelo Brasil.

Por mais de uma década, nos primeiros anos do regime militar, o debate, qualquer debate, ficou praticamente interdito. Por isso, quando escreve as “Vivências políticas”, Parsifal é um dos primeiros a participar do debate público da “questão nordestina”, das ideias, propostas e “soluções” para o atraso regional, principalmente de forma aberta, na imprensa.

Ele apresentava suas ideias sobre a questão de maneira clara:

[...] tem que pensar na agricultura de exportação; tem que pensar na produção de bens intermediários; e tem que lutar por uma fatia da indústria mecânica brasileira. Porque a economia nordestina precisa se integrar no país, devendo antes promover sua integração inter-regionalmente [...].

E também inovava ao tratar o Governo Federal como “empresário”:

[...] como o Governo Federal é o maior empresário industrial do país, já deveria ter adotado essa política de ajuda ao Nordeste, através da implantação de algumas das mais indicadas indústrias de base, para ativarem o desenvolvimento regional [...].²⁰

Parsifal tinha um olhar muito singular para a questão do atraso nordestino. Via a Bahia como uma realidade já diferente





Parsifal: Um intelectual na política

do restante da região e via em São Paulo um adversário importante do desenvolvimento regional:

[...] o ilustre candidato (referia-se ao general João Batista Figueiredo), após haver afirmado suas diretrizes de política de desenvolvimento nordestino, em memorável pronunciamento feito no Recife, deliberou aditar-lhe um oportuno e louvável complemento, ante a primeira evidência de que a Bahia já estava funcionando como um segundo São Paulo para o Nordeste [...].

E vai adiante:

[...] mas, na realidade, o problema-desafio continua sendo o relacionamento de São Paulo com o sul do Nordeste, muito bem expresso na oportuna entrevista de Edson Queiroz a Dário Macedo, publicada no *Correio Brasiliense*, de 2 de abril deste ano (1978), sob o sugestivo título: “Edson Queiroz num desabafo: o Nordeste continua sendo um produtor de dólares e São Paulo um país amigo”.

E explicava:

[...] com efeito, a sistemática de ICM – Imposto de Circulação de Mercadorias, implantada pela Revolução só beneficiou a São Paulo, e o problema prioritário a ser resolvido pelo futuro Governo é o da modificação desse injusto sistema [...].²¹

Sim, o Nordeste produzia e exportava pouco, mas era superavitário em moeda forte, gerando dólares para o Brasil. Mas tinha que “importar” tudo de São Paulo, em condições desfavoráveis.

Parsifal procurava estar sintonizado com o pensamento empresarial. Valorizava os bons interlocutores dessa área, com destaque para aqueles que eram capazes de compreender





Luís-Sérgio Santos

o processo de desenvolvimento regional e elaborar e propor ideias inovadoras.

Em várias “vivências”, Parsifal registra sua afinidade com o discurso das jovens lideranças empresariais que se agruparam em torno do CIC (Centro Industrial do Ceará), uma entidade ligada à FIEC (Federação das Indústrias do Ceará), mas com um jeito singular de ver o Nordeste.

Ele cita palavras de Beni Veras, que deu entrevista ao *Jornal do Brasil* em agosto de 1981: “Se o nosso sistema econômico não é capaz de dar às nossas populações alguma forma honesta e correta de sobrevivência, o que se pode esperar delas? Ou uma revolta, em termos revolucionários, ou o crime e o marginalismo”.²²

Parsifal percebe e registra os sinais de mudanças dos tempos e das visões no mundo empresarial:

Em uma de minhas “vivências” ao enaltecer a alta valia do pronunciamento do Presidente José Flávio Costa Lima, num simpósio da Sudene ao fim do ano passado, ressaltei o grande benefício que estava sendo prestado ao Ceará pela sua forte juventude empresarial, notadamente a que milita no Centro Industrial do Ceará. Agora, em prosseguimento a essa análise sóciopolítica, permito-me comentar o admirável e corajoso discurso do líder Tasso Jereissati, como núncio e intérprete do pensamento dos empresários cearenses junto ao Governador Luiz de Gonzaga Fonseca Mota, quando lhe ofereceram um banquete no Náutico Atlético Cearense, em homenagem a sua eleição para Chefe do Poder Executivo do Ceará, no governo que se iniciaria.²³

Num tom mais ou menos profético, Parsifal pergunta e insinua: “Por que não se elegem à Câmara dos Deputados um Tasso Jereissati e um Amarílio Macedo [...]?”²⁴





Parsifal: Um intelectual na política

Parsifal ia e voltava na questão nordestina, mantendo-a acesa. Propunha e denunciava ao mesmo tempo:

[...] a Sudene exige, de imediato, um fortalecimento financeiro e operacional, que lhe permita recuperar quase vinte anos de política econômica em favor do Centro-Sul. A velocidade intensa e crescente dessa urgente recuperação deve levar em conta que o Nordeste vem sofrendo de há muito as consequências de ser uma região periférica, do ponto de vista econômico e político [...].²⁵

Numa análise de prazo mais aberto, Parsifal conclui que a elite nordestina é facilmente derrotada pelos burocratas.

Desde a Operação Nordeste, passando pela COCENE [Comissão Coordenadora de Estudos do Nordeste] e os programas salvíficos do Governo da Revolução, o que se tem verificado é uma acumulação inconveniente de inúmeros memoriais, manifestos, pronunciamentos e protestos em meio a uma inconcebível descoordenação, enquanto os tecnocratas, os politocratas e os tecnoburocratas fazem proliferar seus programas, fazendo ouvidos de mercador aos reclamos dos nossos inflados líderes [...].²⁶

Em vários textos, Parsifal expõe as razões porque admira Juscelino Kubitschek e o vê como um estadista:

Em relação ao Brasil, nossa pirâmide social teve sua estrutura estratificada, numa forma elitista, autoritária e hierárquica, avessa às mudanças que sejam instrumentos válidos de aperfeiçoamento democrático. Essa doutrina vem emanando dos nossos atuais constitucionalistas e expressa nossa realidade política. Conseqüentemente, a vivência e a convicção de um Presidente da República, que seja um autêntico democrata, vale mais na evolução política do Brasil do que sua tessitura constitucional [...].²⁷





Luís-Sérgio Santos

E complementa: “[...] sua personalidade ímpar, liberal, humana e democrática, verdadeiramente paradigmática, embora sem seguidores [...]”²⁸

Também há passagens marcantes de sua relação com outro grande nome da história, que Parsifal considera estadista, Getúlio Vargas. Veja a dimensão (na questão social) que ele atribui a GV:

A passagem de uma sociedade oligárquica-agrária a uma sociedade moderna e industrial deveria ter intercalado entre as duas uma fase intermediária do social, e porque assim não ocorreu, Getúlio Vargas introduziu seu processo de transformação social [...].²⁹

De volta ao Ceará, mas dando ainda uma pincelada na questão social, veja a palavra incisiva do autor: “Quanto mais nossa terra vai enriquecendo uma minoria de privilegiados, a implacável diáspora cearense continua a gerar suas tristes ondas migratórias [...]”³⁰

NOTAS

- 1 Deputado federal Parsifal Barroso em entrevista à professora Luciara Silveira de Aragão, no dia 17 de junho de 1976, para o Projeto de História Oral, produto do convênio da Universidade Federal do Ceará com o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.
- 2 Idem.
- 3 Transcrito de *O Povo*, de 8 junho de 1981. Depois foi publicado na *Revista da Academia Cearense de Letras*, ano 86, n. 42, 1981, p. 227-28. O mesmo texto foi inserido na coletânea *Vivências políticas*, lançado em 1987 sob os auspícios da





Parsifal: Um intelectual na política

Imprensa Oficial do Ceará e apresentado por Olga Barroso.
Possui 586 páginas.

- 4 BARROSO, José Parsifal. *Vivências políticas*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987, p. 15.
- 5 Ibidem, p. 20-21.
- 6 Ibidem, p. 70-71.
- 7 Ibidem, p. 75.
- 8 Ibidem, p. 77.
- 9 Ibidem, p. 100.
- 10 Ibidem, p. 101.
- 11 Ibidem, p. 26.
- 12 Ibidem, p. 29.
- 13 Ibidem, p. 32.
- 14 Ibidem, p. 61.
- 15 Ibidem, p. 97.
- 16 Ibidem, p. 133.
- 17 Ibidem, p. 82.
- 18 Ibidem, p. 60.
- 19 Ibidem, p. 96-97.
- 20 Ibidem, p. 109.
- 21 Ibidem, p. 115.
- 22 Ibidem, p. 266.





Luís-Sérgio Santos

23 Ibidem, p. 458.

24 Ibidem, p. 470.

25 Ibidem, p. 123.

26 Ibidem, p. 140.

27 Ibidem, p. 285.

28 Ibidem, p. 286.

29 Ibidem, p. 189.

30 Ibidem, p. 260.





11. Tributos, afetos, homenagens

A multiplicidade de atividades que impregnaram a vida de Parsifal Barroso fê-lo trafegar por muitos grupos sociais, da política à acadêmica, da imprensa à religião, da família à sociedade. Em todos os lugares semeou afetos e colheu admiração. Como orador exímio, cheio de argumentos consistentes que fascinavam plateias com sua retórica, Parsifal marcou gerações, desde os bancos escolares do Liceu do Ceará, colégios e auditórios, até a Universidade Federal do Ceará. “Leal amigo de quantos dele se aproximaram. O amigo certo na hora difícil.”¹

O título que, de fato, deixava-o cheio de enlevos era o de professor. Claro que se orgulhava de sua carreira política, brilhante, mas ser chamado de “professor” deixava-o em êxtase.

Seu amigo Mozart Soriano Aderaldo, que o acompanhou desde os tempos em que estudavam no Liceu do Ceará. “Poliédrica era sua personalidade inconfundível, sendo difícil falar do homem como um todo inconfundível.”²

“A notícia me veio de modo inopinado e brutal, embora cautelosamente dosada por voz amiga e fraterna. Finara-se o meu velho colega de Liceu, o compadre e amigo Parsifal Barroso.”

Mozart Soriano Aderaldo pranteou a perda do amigo-irmão: “Conhecia há muitos anos quando ingressei no Liceu do Ceará e ele terminava com láureas o Curso de Humanidades no velho colégio de nossas eternas afeições, então dirigido por seu pai, o professor Hermínio Barroso”.

Quando Mozart Soriano o conheceu, Parsifal estava matriculado no sexto ano, cuja conclusão daria direito ao diploma de bacharel em Ciências e Letras, formalizando um conhecimento





Luís-Sérgio Santos

que já professava com “maestria”. Quando lecionava era difícil discernir, pela faixa etária, quem era professor, quem era aluno. “Todos pertenciam, mais ou menos, à mesma faixa etária.”³

O leque de suas aptidões abrangia do alemão (que aprendera com o pai) à filosofia, das Ciências Sociais à química (cujos segredos era o melhor transmissor naquela fase de nossa evolução cultural). Um humanista, afinal.

A amizade fraterna e solidária de Aderaldo com Parsifal atravessou décadas “até que, na manhã do dia 21 de abril de 1986, o grande cearense entregou seu belo espírito a Deus. Seu último gesto para comigo foi uma real apoteose à nossa velha amizade; disse-me que eu podia contar com ele na pretensão que alimento de candidatar-me à presidência do Instituto do Ceará. Fê-lo com elegância, com fidalguia, numa clara manifestação de amizade”⁴

UMA RETUMBANTE CONSAGRAÇÃO

Quando o deputado Parsifal Barroso renunciou ao seu mandato de deputado federal em 30 de junho de 1977 – ia assumir posição no Tribunal de Contas do Distrito Federal – pôde sentir, no plenário, o tamanho do afeto que seus pares dedicavam. Durante mais de duas ocasiões as palavras afetuosas de seus pares lhe monopolizaram o plenário a ponto de o presidente da casa, deputado Marco Maciel, fazer admoestações pedindo brevidade nas falas. Tudo em vão. Dezenas de parlemantes não se sensibilizaram com o apelo de Maciel e deram a Parsifal uma demonstração de apreço e de amizade como nunca antes vista na casa. Foi uma sessão memorável e consagrada que só se encerrou devido a pressão da pauta do dia a ser votada.

Com um pouco mais de sensibilidade, o jovem Maciel, nos seus 37 anos, bem que poderia ter aquiescido. Mas a juventude





é irracível, mesmo no parlamento federal. A pauta a ser votada naquele dia não tem a menor importância para a história. Virou pó. No entanto, a homenagem a Parsifal marcou os anais do Congresso principalmente pela emoção e espontaneidade dos seus pares. Sem dúvida, as pessoas são mais importantes que as coisas.

O relato minucioso que se segue tenta resgatar, em narrativa cronológica, o rito de despedida daquela sessão, cheia de fortes emoções.

“Se o Regimento permitisse, toda a Casa se pronunciaria”, assevera o deputado Augusto Trein, gaúcho de Passo Fundo.

“Quem foi Parsifal Barroso, essa figura que fez parar a Câmara na hora de sua despedida?”, indaga o deputado Rafael Faraco.

O deputado gaúcho Célio Marques Fernandes, naquele sessão do dia de renúncia, deu seu depoimento:

“Durante todo período em que Parsifal Barroso esteve nesta casa honrou-a mais do que ninguém não só pela sua luta e fidalguia mas, acima de tudo, pela camaradagem. Sempre soube manter-se equidistante das paixões políticas. Às sextas-feiras sempre vinha ocupar a liderança de nosso partido nesse plenário procurando evitar que um projeto de lei fosse votado sem ser convenientemente estudado. Parsifal Barroso além de deixar saudades servirá de rumo para todos nós pela maneira de agir sempre pautando seus atos na verdade e acima de tudo dizendo as coisas que bem entende como quer no momento que quer.”⁵

O deputado por Pernambuco Inocêncio de Oliveira alguma que no Tribunal de Contas do Distrito Federal Parsifal “certamente empregará a sua inteligência e probidade mais uma vez em benefício de nossa pátria”. Em nome da Bancada de Pernambuco, Inocêncio Oliveira apresentou as congratulações





Luís-Sérgio Santos

a Parsifal. “Neste momento em que se despede dos seus colegas de Parlamento, quero dizer que vossa excelência, ocupando vários cargos públicos – ministro do Trabalho, governador do Estado do Ceará, senador da República – engrandeceu todos eles. Tenho certeza de que no novo cargo – Conselheiro do Tribunal de Contas do Distrito Federal – empregará a sua inteligência e probidade mais uma vez, em benefício de nossa pátria.”

Parsifal comenta e mostra-se apreensivo em relação ao secular problema do Nordeste:

“Nobre deputado Inocêncio de Oliveira, gostei que o segundo aparte fosse de vossa excelência, porquanto deixo esta Casa apreensivo com a problemática do nosso Nordeste, vossa excelência honra a Presidência da Comissão do Polígono das Secas nesta casa legislativa. Desejaria que vossa excelência, que me aparteu com tanta emoção, tomasse a si o compromisso de, à frente daquele órgão técnico, continuar o repasse geral, crítico, de toda a política que se vem desenvolvendo em favor da nossa região, de modo a que se fizessem certas reavaliações, certos reordenamentos que me parecem necessários, a fim de que o Nordeste possa contar com a política total de açudagem, de irrigação, de perfuração de poços e de colonização, em ritmo crescente de execução.”

Nelson Marchezan, o proeminente deputado gaúcho da aprazível Santa Maria, revela-se inspirado em Parsifal. “No instante em que vossa excelência se despede da Câmara dos Deputados para assumir o importante cargo de Conselheiro do Tribunal de Contas do DF confesso toda a minha admiração. Ainda jovem, eu o conheci pela imprensa no desempenho brilhante dos grandes cargos que ocupou neste país. Também nesse instante não apenas em meu nome, mas em nome do partido que Parsifal tem a honra de integrar, a nossa Aliança Renovadora Nacional





e tenho certeza no nome do seu presidente o nobre deputado Francelino Pereira – testemunhar-lhe a nossa gratidão pelo seu trabalho, pela sua luta, pela sua retidão e pelo seu exemplo. Sua passagem pelo Congresso Nacional não foi em vão: a lição de vossa excelência há de ficar entre nós.”

Deputado pernambucano Airon Rios ocupou a tribuna para reportar-se ao “extraordinário homem público Parsifal Barroso”.

“Difícil seria analisar a personalidade de vossa excelência em um aparte, em um discurso, em uma publicação, em um ensaio, em face da sua inteligência, da sua probidade e do seu talento, todas essas virtudes desde o alvorecer de sua mocidade, sempre colocadas a serviço dos mais altos interesses da nação brasileira. Conseguiu exercer as funções e os cargos que ocupou de maneira proba e sobretudo com um destaque especial, conduzido pela sua extraordinária formação intelectual servida por um embasamento ético que é motivo de orgulho para o país.”

O deputado carioca Eduardo Galil avança na emoção quando acentua a saudade que Parsifal vai deixar na Casa “não só pelo seu talento e pela sua atuação parlamentar mas, acima de tudo, pelo seu coração generoso de amigo por todos os motivos e por todas as razões que nos uniram na luta comum e que continuarão a nos unir”.⁶

O gaúcho Antônio Carlos Rosa Flores, homem da oposição ao governo, comentou: “Parsifal Barroso, através de longa e fecunda vida pública armazenou um acervo de conhecimentos muito grande que se radicou em uma cultura muito vasta, enriquecendo esta casa. Foram nos debates de problemas que diziam respeito à Previdência Social e ao direito do Trabalho, ao longo de três anos de fraterna e respeitosa convivência, que aprendi a admirá-lo mais”.

Na tribuna, o deputado gaúcho Odacir Klein, em nome na liderança do MDB, cumprimentou Parsifal pela nomeação para





Luís-Sérgio Santos

o Tribunal de Contas do Distrito Federal: “Estamos alegres neste momento porque se trata de uma justa nomeação. Mas sua despedida nos dá uma ponta de tristeza, porque perderemos o convívio de um excelente colega, culto, digno, um cavalheiro na tribuna parlamentar”.

Klein destaca um aspecto estruturante da personalidade de Parsifal: o preparo para o debate entre opostos ainda mais quando as questões são meramente conjunturais. “Tivemos com Parsifal, ao longo desta jornada na Câmara dos Deputados, debates às vezes ásperos, quando defendemos nossos pontos de vista, mas debates cavalheirescos, respeitosos. Parsifal foi, como parlamentar, um excelente deputado. Que soube, invariavelmente, respeitar seus adversários, defender suas opiniões com grandeza, às vezes até com intransigência, mas indubitavelmente com correção.”

Parsifal, desse modo, retribui as palavras sinceras do seu colega deputado Odacir Klein:

“O meu desejo é que esta despedida se transforme em uma aproximação, numa convergência, que enseje melhor entendimento e melhor rendimento dos trabalhos desta Casa do povo, que é por onde passa o meridiano político da Nação.”

“Permita-me dizer-lhe, será o ausente mais presente aqui, na lembrança, na imagem que deixa de um parlamentar correto, trabalhador, com excelente folha de serviços prestada à vida deste Parlamento”, declarou o deputado fluminense Luiz de Araújo Braz.

“Que seja o grande elo do diálogo nacional de que esta pátria tanto precisa, numa hora tão difícil”, algurou o deputado paulista Ruy Côdo.

“Deputado Ruy Côdo, não posso deixar de responder senão também com a própria alma. Esteja certo de que, se ao início





da minha despedida estávamos em meio a tantos tumultos, a tantos desencontros, a tantas querelas, já agora, nesta fase final, todos nos encontramos, através de um sentimento comum, que é o da devoção a uma mesma causa: servir ao povo brasileiro.”

“Nobre Deputado Parsifal Barroso”, aparteia o deputado gaúcho Mário Mondino, “trago aqui, em rápidas palavras, as homenagens da representação da Arena do Rio Grande do Sul nesta Câmara, pela brilhante trajetória da sua vida pública, pela verticalidade da sua conduta, pelo convívio amigo, ameno e agradável que proporcionou, nesta Casa, a todos nós. A Arena gaúcha, neste momento, rende esta homenagem a vossa excelência.”

O deputado maranhense José Ribamar Machado lembrou que Parsifal sempre foi um professor de democracia e de brasilidade.

“Quero felicitar o Tribunal de Contas do Distrito Federal pela grande aquisição.”

Agora, o correligionário cearense Paulo Ferreira Studart é quem sauda Parsifal falando em nome da bancada da Arena do Ceará:

— Não sei distinguir o professor universitário, o ministro, o deputado, o governador, o católico praticante, o chefe de família, o amigo de todos os momentos e de todas as horas. Seja qual for a faceta mais importante de sua vida, deputado Parsifal Barroso, nós, cearenses, desde a mais tenra idade aprendemos a querer-lhe bem, pela sua maneira de proceder ontem como hoje. No Tribunal de Contas do Distrito Federal, teremos um defensor da nossa terra sofredora, que gera homens ilustres como vossa excelência. Receba as homenagens deste modesto companheiro. O Ceará está de pé, num preito a um dos seus mais ilustres filhos.





Luís-Sérgio Santos

— Recolho comovido, deputado Paulo Studart, a expressão do sentimento da bancada que integro e que vossa excelência tao bem soube externar, guardando comigo como um prêmio sua coneituação, seu ajuizamento sobre a minha vida pública.

O deputado paraibano Marcondes Gadelha pede um aparte.

— Pois não, nobre líder.

— Nobre deputado Parsifal Barroso, com um abraço de despedida, quero consignar o meu agradecimento pelo muito que aprendi com vossa excelência na arte do conhecimento do ser humano, da valorização das causas do espírito, do amor ao trabalho e à instituição parlamentar. Vossa excelência é um grande exemplo da plenitude existencial. Aonde for, Deus o abençoará por sua generosidade.

O deputado Luís Alves Coelho Rocha, da bancada maranhense destaca a alegria de ver Parsifal ir prestar serviços ao Brasil no Tribunal de Contas do Distrito Federal. “Somente, por isso, a tristeza ao vê-lo deixar o convívio desta casa é suportada. Mas fica o exemplo do homem que soube conviver com seus companheiros e com seus compatriícios.”

O presidente da Câmara dos Deputados e da sessão, deputado Marco Maciel, interfere:

— A Mesa compreende e até participa da manifestação dos eminentes colegas. Roga, todavia, que sejam breves em suas intervenções, posto que, na Ordem do Dia da sessão de hoje, há inúmeros projetos e proposições em tramitação em regime de urgência. Fazendo um apelo pois, mais uma vez, aos eminentes colegas, devolvo a palavra ao sr. deputado Parsifal Barroso.

Parece que o apelo de Maciel teve efeito contrário. Os depoimentos e saudações a Parsifal não só se estenderam, como o tempo de fala aumentou.

Do deputado paulista José Raimundo Zavaglia, ouviu-se:





Parsifal: Um intelectual na política

— Nobre deputado Parsifal Barroso, vejo em vossa excelência um homem bom, um homem de fé e um grande brasileiro. Neste momento, não poderia omitir-me. Admiro-o desde os primeiros instantes em que pisei nesta casa, pelo seu modo de falar, sua cultura e paciência. Felicidades, nobre deputado Parsifal Barroso.

Dias Menezes, do MDB paulista, recordou tempos do extinto PTN:

— Eminentemente amigo Parsifal Barroso, quando ingressei nesta Casa, minha ventura maior foi encontrar vossa excelência na mesma legenda pela qual fui eleito, o nosso Partido Trabalhista Nacional. Vossa excelência foi nosso líder. Deu-nos um grande exemplo de civismo, por seu admirável espírito público, que o caracteriza em sua passagem pelos mais altos postos administrativos e legislativos da Nação. Vossa excelência é um espírito superior e eu o saúdo, nesta hora, lamentando que deixe o nosso convívio.

O deputado paraibano Humberto Coutinho de Lucena:

— Nobre deputado Parsifal Barroso sai vossa excelência desta casa cercado pelo carinho dos seus amigos e consagrado pelos seus colegas, diante das suas reconhecidas qualidades de inteligência, talento e cultura, sempre postos a serviço da sua vida pública que continuará no Tribunal de Contas do Distrito Federal, onde formulo votos de que seja bem sucedido para honra dos que o aplaudem neste momento.

O deputado Hélio da Costa Campos, fluminense eleito por Roraima, de onde fora governador, também fez uso da palavra:

— Eminentemente amigo, deputado Parsifal Barroso, com grande emoção despeço-me de vossa excelência. Por muitos anos, aprendi a admirá-lo nas diversas funções que exerceu. Em nome dos seus conterrâneos, do meu território federal de Roraima e





Luís-Sérgio Santos

de todos os brasileiros que não têm o privilégio de conhecê-lo pessoalmente, os nossos mais sinceros desejos de melhor, maior e grandiosa estada na nova função que irá exercer.

O deputado Ruy Brito de Oliveira Pedrosa, amazonense eleito por São Paulo na legenda do Movimento Democrático Brasileiro – MDB:

— Nobre deputado Parsifal Barroso, ao me incorporar com muita satisfação às justas homenagens que recebe nesta tarde, quero lamentar apenas o pequeno período de convívio que tive com vossa excelência. Talvez, no momento em que recebe as manifestações de antigos parlamentares que conviveram com vossa excelência ao longo de muitos anos, seja eu o mais novo deputado que teve essa honra. Mas, mesmo neste curto lapso de tempo, tenho aprendido a admirá-lo. E já o conhecia bastante, oriundo que sou do movimento sindical. Vossa excelência dedicou a vida inteira à luta pelo bem-estar dos trabalhadores, na busca da sua promoção social, um dos pressupostos básicos para a tranquilidade política. Receba as minhas congratulações.

O deputado mineiro Sebastião Navarro Vieira lembrou que “muito justas e oportunas palavras já foram aqui pronunciadas para homenagear o governador, o ministro, o parlamentar e o político. Mais uma, embora rápida, faz-se mister, para homenagear o Parsifal Barroso, afável, conselheiro, talhado por uma vida essencialmente espiritualista, que sempre nos deu o bom conselho. Sua ausência entristecerá esta casa. Homem revestido da humildade evangélica, sabe conquistar amizades profundas e vai fazer com que o Tribunal, daqui a alguns anos, sinta o mesmo que nós outros sentimos agora: tristeza por vê-lo partir para outras lides. Parabéns a vossa excelência”.

O jovem deputado pedetista pelo Rio de Janeiro José Maurício Linhares Barreto:





— Ilustre Deputado Parsifal Barroso, sendo dos mais novos integrantes desta casa, o hiato de tempo em que convivi com vossa excelência leva-me a falar não tanto pelo coração, mas, sobretudo, em decorrência da grandeza das homenagens que lhe são prestadas nesta tarde. São elas fruto natural do seu equilíbrio, da sua sensatez, da sua cultura e, principalmente, da sua dedicação à democracia e à liberdade.

— Muito bem! Muito bem! — irrompeu o plenário.

— As demonstrações a que hoje assistimos — continua o deputado José Maurício —, glorificam a Câmara dos Deputados. Estou certo de que, com a experiência fecunda, adquirida nos vários cargos públicos que exerceu, vossa excelência continuará a prestar muitos serviços a este país, que precisa de homens da correção e do valor de vossa excelência. E creia, nobre deputado, que interpreto neste momento não apenas o meu pensamento pessoal, mas o do povo da velha província que me honro de representar.

O deputado sergipano Raimundo Menezes Diniz:

— Meu querido amigo, nobre deputado Parsifal Barroso: está nas Escrituras “A boa árvore dá bons frutos” e hoje vossa excelência colhe os frutos da árvore que plantou durante anos de trabalho pelo Brasil. Está vendo aqui um verdadeiro “pinga-fogo” de amor, de carinho e de reconhecimento daquilo que foi vossa excelência para esta casa. Guarde na sua lembrança este momento último no Congresso Nacional e que ele também sirva de exemplo para nós, para que, no dia em que sairmos daqui, tenhamos igual consagração. Meu abraço, Parsifal.

Mais rajadas de calorosas palmas invadem o plenário. Parsifal não contém a emoção, antes disfarçada a duras penas. As lágrimas brotaram, inicialmente discretas, fios de uma nascente que se manteve por minutos, como observou, mais adiante o deputado Nelson Thibau.





Luís-Sérgio Santos

O deputado Joaquim Afonso MacDowell Leite de Castro, do Rio de Janeiro, faz a leitura da postura de Parsifal ante a avalanche de adrenalina estimulada pelos incessantes depoimentos.

— Meu caro amigo deputado Parsifal Barroso, sua mal contida emoção, até agora, era disfarçada com o gesto de rasgar alguns blocos de papel. Vossa excelência não podia resistir à avalanche de homenagens e procurava uma fuga rasgando papel. Mas, afinal, sua emoção explodiu com a palavra veemente de Raimundo Diniz. Associe-me a ele, como todos os colegas desta casa. Feliz é aquele que pode reunir a unanimidade da homenagem, do aplauso e do reconhecimento, não a palavra meramente laudatória, mas a consignação sincera de um reconhecimento profundo, fraterno, do seu exemplo. Na sua vida há uma característica singular: a sua paixão pelo Legislativo. Ocupando diversos cargos, na sua vida pública, expressiva e dinâmica, o Legislativo sempre teve um lugar muito especial. E hoje, quando se registra a sua despedida do Legislativo, ele está aqui em peso para aplaudi-lo unanimemente. Vá, companheiro, vá julgar contas, porque aqui não tem nenhuma conta a prestar. Nesta casa o seu saldo é grande e ficará depositado em nossa conta-corrente, com juros e correção monetária do nosso reconhecimento e da nossa gratidão. Muito obrigado pela sua convivência e, acima de tudo, pelo seu exemplo.

— Meu caro amigo e colega Parsifal Barroso, todo o Ceará está sentindo o seu afastamento do Congresso Nacional — afirma o deputado Januário Alves Feitosa, paraibano de Cajazeiros eleito pelo Ceará. E continua:

— Vossa excelência, professor emérito, advogado de renome, deputado estadual e federal, senador da República, ministro de Estado, tudo fez pelo Ceará. A representação do Nordeste brasileiro teve na sua pessoa um grande trabalhador e um grande





defensor. Nobre deputado, vossa excelência nos deixa com uma grande saudade.

O deputado Nelson Luis Thibau, expoente da bancada mineira toma a palavra:

— Nobre Deputado Parsifal Barroso, Minas Gerais não poderia deixar de estar presente. E vossa excelência, que teve a honra de ser ministro de Estado de um mineiro, o presidente Juscelino Kubitschek, receba um grande abraço de todos os mineiros e a solidariedade de Minas Gerais, da terra das Alterosas. Vossa excelência foi ministro do mais eminente e democrata presidente do Brasil, o Sr. Juscelino Kubitschek. Por isto apresentamos as homenagens de Minas ao ex-governador, ao ex-deputado e agora ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal. Meu carinhoso abraço neste momento, alegre e triste, já que vossa excelência tem lágrimas nos olhos, mas tem os seus colegas no coração.

O jovem Leur Antonio de Britto Lomanto, 28 anos, deputado pela Arena baiana, dirigiu-se ao “nobre líder e mestre”.

— Deputado Parsifal Barroso, não poderia eu deixar de registrar minha homenagem a vossa excelência na oportunidade em que se despede desta casa. Receba, portanto, deste seu jovem discípulo, deste seu admirador, os votos sinceros de êxito e sucesso na nova e importante missão que vai desempenhar.

O deputado paulista Joaquim Bevilacqua, vice-líder do MDB, já havia se congratulado com Parsifal Barroso, em uma de nossas tardes de sexta-feira. O fez em nome da bancada do seu partido. No entanto, subiu à tribuna para, mais uma vez, reverenciar o amigo:

— Mas não poderia deixar hoje, quando registra o seu discurso de despedida nos Anais da Casa, de consignar neste contexto que fica para a história da vida pública brasileira a minha homenagem pessoal mais sincera, brotada do fundo do coração





Luís-Sérgio Santos

de alguém que aprendeu a admirá-lo antes mesmo de ingressar nesta Casa e que vê em vossa excelência a personificação daquele verso de Fernando Pessoa, do navegante intemorato que dizia “navegar é preciso, viver não é preciso”. Vossa excelência segue navegando o curso de sua rutilante história da vida pública brasileira, sobretudo preocupado em servir ao seu semelhante e à sua pátria e jamais em servir-se.

O deputado gaúcho Justiniano Augusto de Araújo Trein:

— Nobre deputado Parsifal Barroso, as palavras aqui proferidas pelos colegas que estão apresentando as suas despedidas a vossa excelência são importantíssimas pelo seu conteúdo. Entretanto, prezado, nobre e querido colega, é importante também que se registre, porque os nossos anais não guardam fotografias, o número de colegas que afluem à tribuna de apartes para despedir-se de vossa excelência. Se o Regimento permitisse, toda a casa se pronunciaria. Gostaria de acrescentar, nobre deputado, que a presença de vossa excelência foi importantíssima para os colegas, para os homens públicos que tiveram a felicidade da sua convivência desde longa data, através de outros mandatos. Mas para nós, que chegamos mais tarde nesta casa, não foi menos importante o convívio. Aqui encontramos o mestre, o orientador, o conselheiro, o modelo que nos inspira para pautar a nossa atuação nesta casa. Meu sentimento é profundo neste momento da sua despedida.

O deputado paraibano Octacílio da Nóbrega de Queiroz:

— Ministro Parsifal Barroso, já meus dois companheiros da Paraíba se pronunciaram sobre a personalidade de vossa excelência. Creio que estou aqui, com minha modesta manifestação, falando quase por dever moral, porque fomos companheiros na Comissão de Ciência e Tecnologia durante longo tempo. E, não só lá, como aqui no plenário, pude aferir seu





conhecimento, sua educação política, sua tradição, seu equilíbrio e sua tolerância. Vossa excelência é um dos raros homens públicos que estão desaparecendo do Brasil, pela elevação com que conduzia o debate, pela maneira inteligente com que sabia elevar este Parlamento. Se é com alegria que me manifesto pela sua ida a posto tão alto, é com tristeza que lamento a sua ausência aqui. Aceite meu abraço de velho companheiro da Comissão de Ciência e Tecnologia e do debates do plenário.

Mais uma vez o longilíneo presidente da Câmara toca a campainha e intervém:

— Encareço mais uma vez aos nobres aparteantes que sejam breves em suas intervenções, tendo em vista que estamos no horário destinado à Ordem do Dia e existem matérias em regime de urgência.

Em vão. Os apartes se alongaram sem restrições.

O deputado amazonense Rafael Faraco:

— Meu querido amigo Parsifal Barroso, vossa excelência, com certeza, não esperava esta fila imensa de oradores ao microfone de apartes. Digo que, se São Francisco de Assis foi a figura humana que mais se assemelhou ao Cristo, talvez vossa excelência seja nesta casa o parlamentar cristão, católico convicto, que mais se assemelhou à figura do Filho de Deus. Vossa excelência se tornou uma figura legendária nesta casa. De vossa excelência dirão os pósteros, como dizemos hoje do Evangelho: “Quem será esse a quem os mares e os ventos obedecem?”. Amanhã dirão: “Quem foi Parsifal Barroso, essa figura que fez parar a Câmara na hora de sua despedida?”. Nesta homenagem é meu reconhecimento de seus méritos, de suas virtudes de cidadão e de homem público desta pátria. Meus parabéns a vossa excelência e meu grande abraço de despedida. Muito obrigado.

O deputado piauiense José Pinheiro Machado:





Luís-Sérgio Santos

— Meu caro líder Parsifal Barroso, o presidente Marco Maciel já nos avisou que não há mais tempo; os minutos de vossa excelência na tribuna ficam excassos. Vossa excelência parte daqui com todos os nossos corações. Vossa excelência que dignificou o Senado, o ministério, o estado do Ceará, tem na palavra de um seu vizinho, o Piauí, a homenagem sincera ao grande brasileiro que vai levando para o Tribunal de Contas do Distrito Federal essa magnífica bagagem de experiências que colheu ao longo de brilhante carreira pública. Associo às minhas as palavras do Deputado Ruy Bacelar, que aqui não pôde vir pela falta material de tempo. Seja feliz, nobre deputado Parsifal Barroso.

O deputado Adriano José Valente, coordenador da bancada federal da Arena do Paraná também faz sua oração:

— Colega, amigo e grande líder Parsifal Barroso, em meu nome pessoal e no da bancada do Paraná, venho prestar esta justa homenagem, neste momento em que vossa excelência se despede da Câmara dos Deputados para assumir alto cargo no Tribunal de Contas do Distrito Federal. Aprendi com vossa excelência a amar esta casa, porque a sua vida foi dedicada a ela e ao Brasil. Aqui fica, portanto, nestas breves palavras, as minhas sinceras homenagens ao grande amigo que há de ficar perenemente no meu coração.

Antônio Morimoto, deputado federal por São Paulo:

—Deputado Parsifal Barroso, desejo incorporar ao discurso de despedida de vossa excelência as minhas palavras de homenagem, de respeito e de consideração, na certeza de que, na sua nova função, haverá de continuar com o mesmo brilho, com a mesma lhaneza, com o mesmo espírito público, trabalhando em favor do Brasil. Meus cumprimentos e muitas felicidades.

Angelino Rosa, deputado federal por Santa Catarina, sempre na legenda da Arena assim se expressa:





— Nobre Deputado Parsifal Barroso, receba as nossas homenagens pela dedicação, pelo seu amor à pátria, dando-nos verdadeiro exemplo pelo entusiasmo e pela jovialidade no exercício do mandato. Vossa excelência demonstrou que a pessoa que deseja que o “i” tenha o pinguinho em cima deve lutar para colocá-lo, sem o que não haverá um “i”. Continue assim, excelência, e servirá como cristão ao nosso país.

Florim Ferreira Coutinho, deputado federal pelo Rio de Janeiro:

— Nobre deputado Parsifal Barroso, em nome do diretório regional do MDB do meu Estado, quero ressaltar a minha satisfação por saber que ocupará tão alto cargo no Tribunal de Contas do Distrito Federal, o que muito nos honra, porque o nobre colega é uma das reservas morais que o Brasil possui.

— Muito bem! Muito bem! — irrompeu o lotado plenário.

O deputado federal pelo Piauí João Clímaco de Almeida:

— Meu grande amigo Parsifal Barroso, no momento em que deixa o convívio desta casa do povo brasileiro, a Bancada da Arena do Estado do Piauí não podia deixar de se associar a esta despedida, fazendo votos para que tenha êxito e progresso em suas novas funções de Ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal. Receba o nosso abraço, extensivo à sua esposa e a todos os seus familiares. Esteja certo de que deixou aqui grandes amigos para toda a vida.

O deputado conterrâneo de Uruburetama, Raimundo Gomes da Silva:

— Nobre mestre, professor, governador e deputado Parsifal Barroso, vossa excelência se despede desta casa, porque, pela força de sua vontade, aceitou outro cargo, porém nós, só com tristeza, aceitamos o seu afastamento – seu lugar é nesta Câmara. Vossa excelência vai para aquele Tribunal com a sua brilhante inteligência, o seu caráter honrado e a sua personalidade de





Luís-Sérgio Santos

escol, mas deixa-nos tristes. Sentiremos a falta do amigo, do companheiro, do professor, do mestre, do líder que sempre soube ser de todos nós, da bancada da Arena do Ceará.

O deputado mineiro Geraldo Freire da Silva:

— Meu querido deputado Parsifal Barroso, minha palavra seria desnecessária para enaltecer os méritos de vossa excelência, os quais toda a Casa e todo o Brasil já conhecem suficientemente. Ficaria, entretanto, mal comigo mesmo, se não deixasse aqui consignado também o apreço especial que tenho pelo caro amigo. Quero dizer-lhe que uma das maiores honras que tive na minha vida e que guardarei indelevelmente na memória foi tê-lo tido como um dos meus companheiros de Liderança. Ao seu trabalho dedicado, à sua cultura, ao seu espírito equilibrado e justo devemos muito aquilo que pudemos realizar. Mas não quero apenas referir-me ao ministro de Estado, ao parlamentar, ao governador, ao professor, ao homem que tem servido e vai continuar servindo ao Brasil, mas sobretudo deixar consignado que vossa excelência sempre pautou os seus atos pela consciência e pela fé. Receba, portanto, a demonstração mais carinhosa da minha homenagem.

Deputado Fernando da Gama e Sousa, da bancada do Paraná:

— Nobre deputado Parsifal Barroso, vossa excelência, ao se despedir, abre nesta casa uma lacuna, que dificilmente será preenchida, pela saudade que ficará do convívio da sua personalidade, do companheiro de todas as horas, do deputado que nos honra como amigo. Mas, de outra parte, o Poder Executivo ganhará com a probidade de vossa excelência, com a firmeza e com o equilíbrio que pautaram toda a sua vida pública. Aquele Tribunal só ganhará um grande valor. Por isso, nós, em nome da Bancada do MDB do Paraná, homenageamos vossa excelência neste instante e lhe oferecemos as nossas despedidas.

O deputado Jonas Carlos da Silva, um potigar que fez carreira política e empresarial no Ceará:





— Nobre amigo, deputado Parsifal Barroso, pela longa convivência, conhecemos a honrosa trajetória de vossa excelência. O vácuo espiritual nesta casa vai ser grande. Parabéns, nobre deputado e amigo, pela sua nova investidura.

Jetro Jairo de Macedo Brum, gaúcho, vice-líder do MDB:

— Eminentíssimo deputado Parsifal Barroso, sua ausência vai ser profundamente sentida pelos seus amigos desta casa, mas o seu exemplo, de alta dignidade e correção no exercício do mandato que lhe confiou o povo, será sempre lembrado. Vossa excelência estará conosco permanentemente nos grandes debates da casa, e sabemos que há de ser um magistrado extraordinário, que saberá honrar a toga que vestirá, como soube honrar o mandato que o povo lhe concedeu.

Alípio Aires de Carvalho, maranhense:

— Nobre colega e amigo, Parsifal Barroso, é com muita honra que cumprimento vossa excelência. Aqui, na vicedirigência, foi uma verdadeira honra para mim privar da intimidade de vossa excelência durante tanto tempo. Assim é a vida de político, ocupa muitos cargos, até que chega a oportunidade de desempenhar uma função maior, mais compatível com a educação e a formação que lhe foi dada. Receba o meu abraço, meu prezado amigo.

Ivahir Freitas Garcia, deputado federal por São Paulo:

— Apenas, eminentíssimo líder, desejo externar a vossa excelência a manifestação mais profunda da nossa admiração, com uma única frase: sua vida é uma lição permanente de civismo. Deus o abençoe.

O deputado por São Paulo Athiê Jorge Coury:

— Quero dizer a vossa excelência que a Capital do Ceará é Santos, e é lá que vamos sentir a tristeza do seu afastamento do Parlamento Brasileiro. No entanto, sentimo-nos também





Luís-Sérgio Santos

felizes sabendo que vossa excelência será ministro do Tribunal de Contas do Distrito Federal. Receba o abraço de todos os cearenses que vivem no maior porto da América do Sul.

Sob a pressão da emoção, Parsifal Barroso retoma a palavra em uma sucessão de agradecimentos:

— Senhor presidente, senhores deputados, respondo aos meus queridos e nobres colegas José Zavaglia, Dias Menezes, Humberto Lucena, Hélio Campos, Ruy Brito, Navarro Vieira, José Maurício, Raimundo Diniz, Mac-Dowell Leite de Castro, Januário Feitosa, Leur Lomanto, Joaquim Bevilacqua, Augusto Trein, Octacílio Queiroz, Rafael Faraco, Nelson Thiban, Adriano Valente, Antônio Morimoto, Angelino Rosa, Florim Coutinho, João Climaco, Geraldo Freire, Jonas Carlos, Jairo Brum, Ivahir Garcia, Alípio Carvalho e Athiê Coury. Ainda há pouco, Joaquim Bevilacqua despediu-se de mim com um verso de Fernando Pessoa, lembrando-nos de que devemos, nesta casa, sempre navegar. Prefiro despedir-me de todos com as palavras de outro poeta, irmão nosso a tantos respeito, Carlos Drummond de Andrade, quando, em um de seus versos imortais, diz que sempre havemos de amanhecer.

Havemos de amanhecer.

O mundo se tingem com as tintas da antemanhã
e o sangue que escorre é doce, de tão necessário
para colorir tuas pálidas faces, aurora.⁷

Na sua poesia, de encantamento inefável, o homem amanhece para ouvir ainda o cantar dos pássaros e, ao som desse embalo, retomar a caminhada do dia a dia, com novas esperanças, porque sempre o homem haverá de amanhecer. Colegas da Arena e do MDB, irmãos meus a serviço do Brasil, quero deixar com todos o testemunho do meu mais profundo e cordial agradecimento por esta homenagem, de mim insuspeitada, porque se dela tivesse





qualquer presciência, aqui não viria para não ferir o Regimento e, ao mesmo tempo, poupar-me tanto quanto devera, em virtude das emoções excessivas que estão a fazer vibrar demais o pequenino cristal da minha sensibilidade cristã, humana e brasileira.

Palmas irrompem novamente seguidas por rítmicos refrões de “Muito bem! Muito bem!”. Parsifal continua:

— Despeço-me de cada um, despeço-me de todos, e, repetindo o poeta, espero em Deus – porque vivo em espírito de fé, conforme alguns tiveram a oportunidade de ressaltar em seus apartes espero em Deus que, cessados os tumultos que antecederam a minha vinda a esta tribuna, sobrepirem a ela os sentimentos e anseios de que ainda poderemos e deveremos retomar a caminhada em favor dos nossos Estados, cada um com sua problemática de desenvolvimento pleno, global e integrado, pelo povo que representamos, porque a representatividade plena da democracia brasileira está nesta casa. E, finalmente, propugnando sempre a bem do nosso querido Brasil, algumas vezes esquecido, mas sempre amado, haveremos de levar nossa pátria ao grande destino a que ela será inapelavelmente guiada por Deus, para construir uma sociedade, expressão de humanismo cordial, fraterno e cristão. Potência emergente, o Brasil há de ir para a frente, custe o que custar.

— Muito bem! Muito bem! — palmas reverberam no plenário. Parsifal é cumprimentado efusivamente.

Finalmente, o presidente Marco Maciel retoma a sessão, rendendo-se à ovação, e fala em nome da mesa diretora da Câmara:

— Antes de iniciar a Ordem do Dia, a mesa deseja associar-se, com viva emoção, às homenagens que merecidamente acabam de ser prestadas ao eminente deputado Parsifal Barroso, indicado para exercer relevantes funções no Tribunal de Contas do Distrito Federal. E, ao prestar esta homenagem, a mesa quer fazer também suas as palavras dos eminentes colegas que, em





Luís-Sérgio Santos

sucessivos apartes, interrompem o discurso do sr. deputado Parsifal Barroso, para exaltar sua grande contribuição a esta casa legislativa, fazendo-lhe votos de pleno êxito nas suas novas funções.

“Quando eu saí do Congresso em 1977, eu verifiquei que não adiantava mais eu pertencer a uma casa onde as melhores ideias minhas, consubstanciadas em projetos, eram rejeitadas só pela influência da técnico-burocracia. Delfin Neto é um deles, é o chefe. Mas as expressões SEPLAN e IPEA justificam tudo. Os que estão no IPEA e na SEPLAN têm um poder superior ao do Congresso.”

Parsifal Barroso se afastou inteiramente da política no dia 1º de julho de 1977.

No dia 6 de julho de 1983, às 15h, Parsifal Barroso foi objeto de uma sessão especial no Tribunal de Contas do Distrito Federal, sob a presidência do conselheiro José Wamberto Pinheiro de Assunção. Acabara de se aposentar, compulsoriamente, em decorrência de ter completado 70 anos de idade.

O senhor presidente deu conhecimento ao Plenário de telegrama do ministro Wilson Gonçalves, do Tribunal Federal de Recursos, associando-se às homenagens que são prestadas hoje ao conselheiro José Parsifal Barroso.

A seguir, o senhor presidente pronunciou as seguintes palavras:

“Senhores ministros, senhores parlamentares, senhores conselheiros, senhores auditores, senhor procurador-geral, senhor secretário das sessões, autoridades, servidores desta corte, excelentíssima senhora Olga Barroso, minhas senhoras, meus senhores.





Parsifal: Um intelectual na política

Este Tribunal inicia neste momento uma sessão especial. Diria muito especial, para prestarmos uma indeclinável homenagem a um dos mais eminentes homens públicos brasileiros e que nos deu a subida honra de conviver conosco durante seis anos. Uma convivência agradável, cordial e cheia de ensinamentos para nós. E que todos nós esperamos que não se interrompa com a sua aposentadoria que hoje acontece.

O conselheiro José Parsifal Barroso, um cearense ilustre que já percorreu todas as altas escalas da vida política e administrativa do Brasil; o escritor consagrado de vários ensaios de sociologia e de antropologia; o professor admirado de várias gerações em ginásios e faculdades superiores; e figura humana irradiando bondade, compreensão e companheirismo; o chefe de família exemplaríssimo orientando e assistindo seus descendentes, enfim, um homem de que os seus contemporâneos só têm motivos para votar-lhe admiração, apreço e estima.

Para dizer tudo isso em termos mais precisos, o Plenário desta Corte designou aquele que mais recentemente chegou a esta Casa, o eminente conselheiro Fernando Tupinambá Valente, também um nordestino maranhense, embora com cidadanias ainda da Bahia e de Brasília.

Assim, dou a palavra ao conselheiro Fernando Tupinambá Valente, para saudar, em nome do Tribunal de Contas do Distrito Federal, o conselheiro José Parsifal Barroso.”

Assim se expressou o conselheiro Fernando Tupinambá Valente:

“Seria bem mais fácil, se, interpretando restritivamente a delegação honrosamente outorgada pelo presidente José Wamberto e demais conselheiros para traduzir em palavras as nossas justas e merecidas homenagens ao nobre conselheiro José Parsifal Barroso, que, impelido por dispositivo constitucional, deixa de participar, fisicamente, da nossa Corte de Contas, a partir de hoje, limitasse meu pronunciamento à sua passagem nesta casa.





Luís-Sérgio Santos

Ocorre que não se trata da aposentação de um brilhante componente deste Tribunal, mas do encerramento de uma luminosa ‘carreira funcional’, e insisto na expressão, pois nosso conhecimento do homenageado, embora recente, é bastante para sentir que o mestre Parsifal, mais uma vez, estará apenas mudando o rumo de sua fascinante vida pública. Mas, como dizia, não se trata de uma rotineira manifestação ao conselheiro que, depois de bem cumprida sua missão, faz opção pelo justo e merecido descanso.

‘Tudo tem o seu tempo determinado, e há tempo para todo o propósito debaixo do céu.’

‘Há tempo de nascer, tempo de morrer, tempo de plantar, e tempo de arrancar o que se plantou.’

Nasceu o nosso homenageado na ensolarada Fortaleza, do Estado do Ceará, há exatamente 70 anos, onde também realizou os seus estudos, inclusive o grau universitário em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Ceará.

Mesmo antes de formar-se já se dedicava ao magistério no Instituto São Luís e no tradicional Colégio Militar do Ceará; o fascínio pelo magistério foi tamanho que jamais o abandonou, mesmo quando importantes e absorventes atividades dos cargos ocupados reduziram sua disponibilidade de tempo.

Em 1936, iniciava a atividade política na condição de deputado estadual da classe dos professores, atividade que seria posteriormente consolidada com sucessivas eleições para a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, Senado Federal e Câmara dos Deputados.

A partir de 1956, no exercício do mandato de senador, seu caminho cruza pela primeira vez com a Capital Federal: escolhido pelo presidente Juscelino Kubitschek, assume o cargo de Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, realizando uma profícua administração.

Uma das atividades que mereceram destaque na sua administração – naquele Ministério – foi sem dúvida a construção





de Brasília, pois os diversos Institutos de Previdência Social vinculados à sua pasta construíram os blocos residenciais das superquadras no seu segundo encontro com a nossa capital.

Estava o nosso Parsifal Barroso ‘com tempo de espalhar pedras, e em tempo de ajuntar pedras’ novamente...

Eleito Governador do Estado do Ceará pelo voto popular, no período 1959-63, teve oportunidade de realizar grandes obras em benefício do seu estado natal, principalmente em Fortaleza, como o planejamento e construção da Avenida Leste Oeste, além de grandes realizações na área de educação e no campo administrativo, sobressaindo-se a fundação do Banco do Estado do Ceará, hoje um dos sustentáculos da atividade econômica daquela unidade da federação.

‘Tempo de rasgar e tempo coser.’

Retorna ao Parlamento, em decorrência de eleição para a Câmara dos Deputados, marca um novo encontro, desta vez mais longo e estreito, com Brasília. Em 1977, dando continuidade de certa forma à sua vinculação ao Poder Legislativo, chega a esta Corte, na qualidade de ‘braço alongado do Senado’ e, embora sua presença nesta casa tenha sido relativamente curta, foi suficiente para marcar sua presença como julgador e administrador: relator das contas do Governo em 1978 e presidente do Tribunal no ano de 1979, oportunidade em que novamente aflorou sua grande capacidade de administrar. Ampliação das instalações físicas do Tribunal, reestruturação administrativa dos serviços auxiliares, criação do Centro de Estudos Heráclio Salles, reorganização da Biblioteca são alguns dos eventos que merecem ser aqui lembrados.

‘Tempo de amar e tempo de aborrecer.’

Observando a vida do conselheiro Parsifal Barroso, constatado que nela não houve um tempo determinado para o amor em sua vida.

Tudo o que até agora realizou foi feito com muito amor, pois jamais imaginou poder dirigir o curso do amor, pelo contrário, sempre permitiu que o amor determinasse o curso de sua vida.





Luís-Sérgio Santos

Daí o sucesso, daí a conclusão de que não houve tempo certo para amar, pois todos os minutos de sua vida foram dedicados ao amor, e como prova do que afirmamos, aqui estão: dona Olga, companheira e amiga de todos os momentos; os seus filhos Vera Maria, Francisco Régis, Roberto Parsifal, Siglinda Maria e Olga Emília; os amigos que soube conquistar, muitos aqui presentes ou desta casa.

Mas também 'há tempo de chorar e tempo de rir; tempo de estar calado e tempo de falar'.

Assim seus amigos, sobretudo os desta Casa, choram e riem, eis que estão tristes e alegres.

Tristes porque irão perder o convívio diário com o mestre e amigo, porém alegres por vê-lo completar mais uma etapa de sua fascinante vida e receber o justo prêmio da aposentadoria.

Alegria por presentirem que encerrada a sua carreira funcional, abre-se-lhe a oportunidade de dar uma nova direção à sua vida pública, e por saberem que se houve tempo de estar calado, haverá tempo de falar.

Senhor professor, senhor deputado, senhor procurador, senhor senador, senhor ministro, senhor presidente, senhor governador, senhor conselheiro, cidadão Parsifal Barroso.

Poucos homens públicos, muito poucos mesmo, tiveram a feliz oportunidade de ocupar tão importantes cargos e por tanto tempo. Ao longo do último meio século vossa excelência teve oportunidade de participar da História do Brasil em condições privilegiadas.

Este privilégio, além de dar sentido maior à vida, a sua, hoje muito vinculada à História do estado do Ceará, da Capital Federal e do Brasil, gerou uma responsabilidade para vossa excelência para com a História; é verdade que este débito tem sido amortizado, sobretudo em conversas com seus amigos nos intervalos das reuniões deste Tribunal, por exemplo. Porém é tempo de eliminar este privilégio de uns poucos.





É hora de falar para a História das histórias das quais vossa excelência participou, ainda que como espectador, dos 70 anos, dos quais mais de 50 dedicados à vida pública e pelo menos 22 diretamente dedicados à Capital Federal.

Seus filhos, seus alunos, seus eleitores, seus admiradores, seus amigos sugerem que, com a autoridade que hoje desfruta face à sua experiência no magistério, na política e na administração pública, dentre as alternâncias para a nova fase de sua vida pública, seja incluída, ou melhor, volte a ser incluída a de cronista.

É tempo de ‘terminar e tempo de agradecer’.

Obrigado, mestre Parsifal Barroso, pela sua lição de vida, pelo seu exemplo, e sobretudo pela sua humanidade.

Que nosso bom Deus, que conhece as nossas necessidades antes mesmo que elas nasçam em nós, continue a iluminar suas decisões e caminhos, fazendo com que suas realizações nos próximos decênios continuem a suplantar as expectativas mais otimistas dos seus amigos e admiradores.”

Também falou o representante do ministério público, Lincoln Teixeira Mendes Pinto da Luz:

“[...] praz-me externar o sufrágio do Ministério Público às homenagens que recebe desta casa a figura nacional de Parsifal Barroso, no momento em que, após meio século de fecundante e incansável atividade, se desliga formalmente do serviço público.

Sua magnífica folha de serviços à nação lhe assegura lugar de relevo não somente na história desta Corte, mas, sem favor, na galeria das personalidades que, em qualquer tempo, tomaram assento nas bancadas dos Tribunais de Contas pátrios.

No desempenho das mais nobilitastes tarefas reservadas ao homem público, como deputado estadual, deputado federal ou constituinte, professor universitário ou senador da República, governador eleito de seu estado natal ou ministro de Estado, soube S. Ex^a. granjear o conceito de grande respeitabilidade pessoal e funcional, graças à dedicação, seriedade e sabedoria política nunca desmentidas.





Luís-Sérgio Santos

A despeito das galas conquistadas em tão preclaras funções, chegou o ministro Parsifal Barroso a este Tribunal imbuído de exemplar humildade. Todo o rico fundo de discernimento e experiência acumulado ao longo de sua frutuosa vida pública ele o pôs, devotadamente, a serviço do novo cargo. Com entusiasmo de iniciante, mas com a profundidade do veterano, debruçou-se S. Ex^{a.}, com desvelo, sobre cada qual dos processos trazidos à consideração do Plenário, concedendo igual atenção aos assuntos transcendentais e à mais trivial e comezinha das matérias.

Em Parsifal Barroso aprendemos a admirar, entre os traços incomuns de sua personalidade, a cultura humanística, histórica e política, revelada quer nos eloquentes e densos improvisos de que é capaz a propósito de praticamente qualquer tema, quer na mais desprezível das conversas em que reafirma sempre o diversificado campo de seus conhecimentos e interesses; aprendemos a admirar o irretocável sentimento de amor à terra natal, seja ela o seu querido estado do Ceará, seja o Brasil como um todo, cujas vitórias e dificuldades nele sempre encontram o observador atento e o analista com pensamento próprio; aprendemos a admirar, acima de tudo, a inexcedível cordialidade e o espírito democrático, que o levam a dispensar tratamento idêntico à mais alta das autoridades e ao mais humilde dos cidadãos, mercê do raro talento de agraciar seus interlocutores com consideração toda especial, de modo que cada um deles se sinta escolhido, individualizado, singular.

E nessa época de calculismo, massificação e pressa, a virtude me parece por certo remarcável.

Intuitivo, é perceber o quanto, doravante, sentirá esta casa a ausência de quem tanto a dignificou.

Aceite senhor Conselheiro Parsifal Barroso os agradecimentos da Procuradoria Geral pelas distinções de que constantemente nos cumulou, juntamente com calorosos votos de felicidade pessoal e de novos êxitos na trajetória pública que, fora deste Tribunal, há de prosseguir com o brilho de sempre.”





Em sua fala de agradecimento José Parsifal Barroso referiu-se “ao honroso comparecimento” de cinco ministros do Tribunal de Contas da União à solenidade. Olhou em seguida para dona Olga e, mais uma vez, referiu-se à “companheira de toda a vida, a quem tudo devo”.

Comentou as palavras do presidente José Wamberto, do conselheiro Fernando Tupinambá Valente e do procurador-geral em exercício Lincoln Teixeira Mendes Pinto da Luz.

— Generosidade à parte, veja nas declarações a afirmação de um nobre sentimento cada vez mais escasso em nossa época — agradeceu Parsifal. — O reconhecimento ao homem público pelo que tentou realizar em favor do país e do povo.

José Parsifal Barroso disse que durante os seis anos passados no TCDF, encontrou um ambiente de elevado e fraterno convívio. Recordou “as vitórias obtidas pela Corte, sem alarde, em sua zelosa, serena e sábia ação fiscalizadora”. E lembrou também “a árdua tarefa que lhe foi confiada no Congresso dos Tribunais de Contas, realizado em Maceió, de ser relator da matéria referente à obtenção de Emenda Constitucional que consubstanciasse, de maneira firme e completa, a institucionalização das Cortes de Contas do Brasil”.⁸

Na verdade, Parsifal recebeu a aposentadoria compulsória com enorme tristeza, como lembra sua filha Siglinda:

“Ele dizia que a compulsória era uma expulsória e até escreveu um artigo sobre isso. Quando completou 70 anos ele ficou muito indignado – um dos infartos que ele teve foi na posse do conselheiro que o substituiu no TCDF.”

Parsifal ficou vários meses assimilando as sequelas de um infarto, mas escondeu o fato da família. Isso apressou seu retorno para Fortaleza. Uma série de exames realizados no mês de novembro no Rio de Janeiro acusou que Parsifal sofrera dois infartos, um em junho e outro em agosto. O médico recomendou o retorno imediato para Fortaleza.





Luís-Sérgio Santos

Tratava-se de uma condição delicada, porque os infartos foram na área esquerda, com acentuado risco. A altitude de Brasília passou a ser fator de risco devido ao impacto do ar rarefeito dificultando a respiração.

Ao mesmo tempo em que Parsifal tinha pressão arterial baixa – que causa tontura e fraqueza – dona Olga sofria de pressão alta, hipertensão.⁹

Em 1934, R. Arsistides Ribeiro, foi aluno de Parsifal no Colégio São João, em Fortaleza, nas disciplinas de química e filosofia, então obrigatórias.

Parsifal começou a lecionar muito jovem. Aos 15 anos de idade dava aulas particulares. Às vésperas de completar 18 anos foi nomeado professor de Alemão no antigo Liceu do Ceará pelo então interventor Manoel do Nascimento Fernandes Távora, que mais lá adiante viria a ser seu contemporâneo em mandato no Senado da República.

Mesmo enquanto governador, Parsifal nunca abandonou a sala de aula na antiga Faculdade Católica de Fortaleza. Ele comparecia quase diariamente, às 18h30 à Instituição de Ensino Superior dos Irmãos Maristas “de maneira discreta usando seu transporte particular, a fim de ministrar suas aulas com aquela proficiência e dedicação costumeiras”.¹⁰

Foi ele, acima de tudo, o professor dedicado e idolatrado por seus alunos.

Parsifal faleceu em Fortaleza no dia 21 de abril de 1986.

“E ele morreu muito triste”, recorda Siglinda. “Triste porque não queria se aposentar e porque achava a compulsória uma injustiça. E triste porque o coração estava fragilizado.”

No dia 10 de junho de 1986, uma sessão especial na Câmara dos Deputados fez homenagem póstuma ao ex-governador Parsifal Barroso por proposição do deputado Lúcio Alcântara.





O deputado José Frejat, presidente em exercício, conduziu os trabalhos. Falaram também os deputados Marcelo Linhares, Amaury Müller e Francisco Dias Alves – cearense de Baturité deputado por São Paulo. Muitos outros deputados contribuíram com apertes emocionados.

— Quem se detiver analisando os múltiplos aspectos da brilhante personalidade de Parsifal Barroso verificará, de logo, que há três peculiaridades que sem dúvida alguma constituem os principais marcos da sua vida — pontuou o deputado Lúcio Alcântara, cujo pai, Waldemar Alcântara, “mestres do mesmo ofício” foi colega de Parsifal Barroso na Assembleia Legislativa do Ceará. Desde então, Waldemar e Parsifal ficaram amigos, uma “amizade estreita e amena, que haveria de se estender à família toda. Daí as minhas primeiras lembranças de Parsifal Barroso, quando costumávamos frequentar, a família toda, a sua casa, na então pacata Avenida Santos Dumont”.

— Examinando a história política do Ceará e as diferentes figuras que a ilustraram nas diversas etapas do nosso desenvolvimento, dificilmente encontraremos alguém que reunisse a um só tempo, como Parsifal, a condição de político, com intensa atividade partidária, e a de intelectual, de profundos estudos, de grande sabedoria e de enorme conhecimento, que se ocultava por trás de grande modéstia, apanágio também da sua personalidade. Raramente, repito, encontramos entre os políticos do Ceará alguém que reúna as qualidades de Parsifal Barroso, que, como intelectual, procurou sempre debruçar-se sobre a história política do nosso estado, para conhecer melhor o cearense, o seu comportamento, as suas reações e motivações, enfim, os fundamentos da civilização do Ceará nas mais diferentes circunstâncias.

O deputado cearense Francisco Studart, eleito pelo Rio de Janeiro e ex-genro de Parsifal também presta sua homenagem.





Luís-Sérgio Santos

— Sou um homem profundamente ligado à figura e ao espírito de José Parsifal Barroso. Fui seu genro durante anos. Parsifal é avô de minhas filhas, e elas têm muito orgulho desse grande avô. As circunstâncias nunca impediram que ele continuasse meu sogro, e eu, seu genro. Essa era a maneira como nos apresentávamos aos outros. Pois bem, perdemos esse grande amigo, chefe da nossa família, grande mestre e sábio. Portanto, nobre deputado Lúcio Alcântara, com o coração de cearense, mando daqui a todos os nossos irmãos do Ceará o meu abraço fraterno de pesar e de solidariedade pela partida de Parsifal Barroso. Ele merece estar na galeria dos grandes homens do Ceará e sei que, quando do seu funeral, nosso Estado lhe tributou homenagens que bem atestaram a admiração, o apreço, o respeito e o orgulho da sua terra natal por seu filho ilustríssimo.

O deputado César Cals Neto, ex-prefeito de Fortaleza, resgatou uma história da sua infância:

— Meu testemunho – com um pequeno detalhe – que mostra o fundo da alma de Parsifal Barroso: nos meus dez anos de idade, aluno do Colégio Castelo Branco, ao lado de vários outros companheiros de infância, sempre pedíamos carona da Rua Costa Barros até o centro da cidade de Fortaleza. Numa das vezes lá estava o governador do Ceará, que, vendo aqueles alunos, despojou-se de toda sua pompa, de toda sua importância e abriu as portas do veículo oficial do governo do Estado do Ceará para dar carona. Isso é uma demonstração clara da simplicidade, da solidariedade, da fraternidade que havia em Parsifal Barroso. Depois, ao longo da minha vida profissional, como prefeito de Fortaleza, como deputado federal, sempre recebi de Parsifal Barroso palavras amigas, fraternas, de um segundo pai, daquela pessoa que sempre quer o bem da sua terra e dos seus cidadãos.

A título de homenagem, o deputado Marcelo Linhares lembra outro episódio que marca o caráter de Parsifal Barroso, de suma simplicidade. O ministro Parsifal chega a Fortaleza e





se dirige à mercearia de um cidadão chamado Juazeiro, preto enorme.

— E vi o homem Parsifal Barroso chegar ao Ceará, ministro de Estado, de um ministério que era um mundo – o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio e Previdência Social.

A primeira pessoa que procurou ao chegar ao Ceará foi o velho Juazeiro, homem que, segundo ele bondosamente dizia, merecia suas homenagens, pois havia em outras épocas lhe vendido fiado o cigarro Regência, que ambos fumavam.¹¹

O deputado José Genoíno também homenageia Parsifal:

— Fui seu aluno na Faculdade de Filosofia do Ceará, nos anos de 1967 e 1968, período em que assumi a direção do Centro Acadêmico e, depois, do Diretório Central dos Estudantes. Com ele convivi numa relação democrática, de compreensão inclusive para com o próprio movimento estudantil de 1968, do qual eu era um dos líderes na cidade de Fortaleza. Era uma convivência amiga, democrática e não-autoritária, no curso de Filosofia, do qual ele era um dos professores. Gostaria de registrar nesta homenagem o conhecimento e a convivência que tive com o professor Parsifal Barroso, que ficou como uma relação democrática, principalmente porque, àquela época, na universidade brasileira, havia professores que tinham uma postura democrática compreensível e outros com posturas autoritárias e incompreensíveis. Muitas vezes o professor Parsifal Barroso se negava a cumprir determinações superiores quanto ao tratamento dado ao Centro Acadêmico que eu dirigia e, especialmente, à minha pessoa, na condição de presidente do Diretório Central dos Estudante. Este testemunho, faço questão seja registrado nesta sessão da Câmara dos Deputados, porque se refere a um fato muito marcante. Na faculdade em que eu estudava, o professor Parsifal Barroso, ao lado de alguns poucos professores, tomava





Luís-Sérgio Santos

essa atitude compreensível e democrática no convívio com o movimento estudantil daquela época, que tinha um importante papel na luta contra a ditadura militar, contra o AI -5 e contra a repressão política.

— Examinando a história política do Ceará e as diferentes figuras que a ilustraram nas diversas etapas do nosso desenvolvimento, dificilmente encontraremos alguém que reunisse a um só tempo, como Parsifal, a condição de político, com intensa atividade partidária, e a de intelectual, de profundos estudos, de grande sabedoria e de enorme conhecimento, que se ocultava por trás de grande modéstia, apanágio também da sua personalidade.¹²

Lúcio Alcântara reforça sua avaliação:

— Raramente, repito, encontramos entre políticos do Ceará alguém que reúna as qualidades de Parsifal Barroso, que, como intelectual, procurou sempre debruçar-se sobre a história política do nosso Estado, para conhecer melhor o cearense, o seu comportamento, as suas reações e motivações, enfim, os fundamentos da civilização do Ceará nas mais diferentes circunstâncias.

Representando a família de Parsifal Barroso estavam presentes dona Olga Barroso e as filhas Vera e Olga Emília.

Lúcio preferiu falar de improviso. Queria testar a si mesmo em relação ao seu nível de envolvimento emocional com o homenageado. “Entendi fazê-lo de improviso, para que fosse menos cerebral e mais efetivo, ditado pela emoção, pela recordação daquele que em vida foi um grande intelectual, um grande professor, um grande homem público, que honrou o Ceará e o Brasil.”¹³





Alguns papéis desempenhados por Parsifal em suas várias atividades – professor, intelectual e político – pontuaram a fala de Lúcio Alcântara. Mas também o Parsifal anfitrião da uma casa sempre com as portas abertas.

O deputado Francisco Studart, secretário de Parsifal no ministério JK, lembra que “professor Parsifal Barroso dedicou sua vida aos outros” e tinha “uma grande vida interior”.

— Eu conhecia o tesouro que era o seu espírito. Daí, certa feita, ter lhe dito que eu era vocacionado a biografá-lo.

O cearense Francisco Studart era um expert em mercado de capitais, diplomado em direito e economia pela Universidade de Paris. Com Parsifal ministro de JK, adquiriu grande experiência junto à área sindical e trabalhista. Em 1970 ganhou um mandato na Câmara dos Deputados pela legenda do MDB, onde chegou a vice-presidente da Comissão de Relações Exteriores. Na oposição em um período crítico da história do Brasil, Studart afirmava que “oposição só se faz com competência”.

Para ele, “Parsifal jamais abrigou dentro de si um sentimento subalterno: o ódio, o ressentimento, o desejo de vingança”.

— Parsifal era todo humildade, tolerância e paciência. Davamos aqui, com um sorriso permanente, aquele perdão de que carecemos nos momentos de exaltação. Quantas vezes defendemos causas difíceis por força do nosso contingenciamento político! Parsifal – e o deputado Lúcio Alcântara bem o sabe – não tinha inimigos, mas admiradores e seguidores. Ele merecia – como de fato teve – a admiração de toda a classe política brasileira, desde os primórdios da sua primeira militância.

José Parsifal Barroso era um homem muito além da política: um humanista.





Luís-Sérgio Santos

NOTAS

- 1 ADERALDO, Mozart Soriano. “Parsifal Barroso”. *Revista do Instituto do Ceará*, ano 100, 1986, p. 355-58. Publicado originalmente na *Tribuna do Ceará*, seção “Letras e Artes”, em 26 de abril de 1986.
- 2 Ibidem, p. 356.
- 3 Ibidem, p. 356.
- 4 Ibidem, p. 358.
- 5 *Diário do Congresso Nacional*, sexta-feira, 1 de julho de 1977, p. 5.734.
- 6 Ibidem, p. 5.755.
- 7 “A noite dissolve os homens”. In: ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1940; 10. ed., Rio de Janeiro: Record, 2000.
- 8 *Revista do Tribunal de Contas do Distrito Federal*, v. 13, 1984, p. 168-73.
- 9 Entrevista com Siglinda Barroso, realizada em Brasília no dia 3 de maio de 2017, às 16h em sua residência.
- 10 RIBEIRO, R. Aristides. “Parsifal Barroso, o professor”. *Revista do Instituto do Ceará*, 1986, p. 97-98.
- 11 ALCÂNTARA, Lúcio et al. *Homenagem a Parsifal Barroso*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1986. 27 p. (Série Comemorativa 7).
- 12 Idem.
- 13 Idem.



Parsifal: Um intelectual na política



O ministro Parsifal Barroso com dona Olga Barroso, 1957.



Getúlio Vargas, Carlos Jereissati e Parsifal Barroso em animada roda, 1954.

Luís-Sérgio Santos



Diálogo com federações de trabalhadores, 1956.



O governador Parsifal Barroso recebe Juscelino Kubitschek em Fortaleza.

Parsifal: Um intelectual na política



Reunião ministerial com o presidente Juscelino Kubitschek, 1956.



Parsifal Barroso em foto dos estúdios Aba Film, em Fortaleza, hoje no acervo de Arquivo Nirez.

Luís-Sérgio Santos



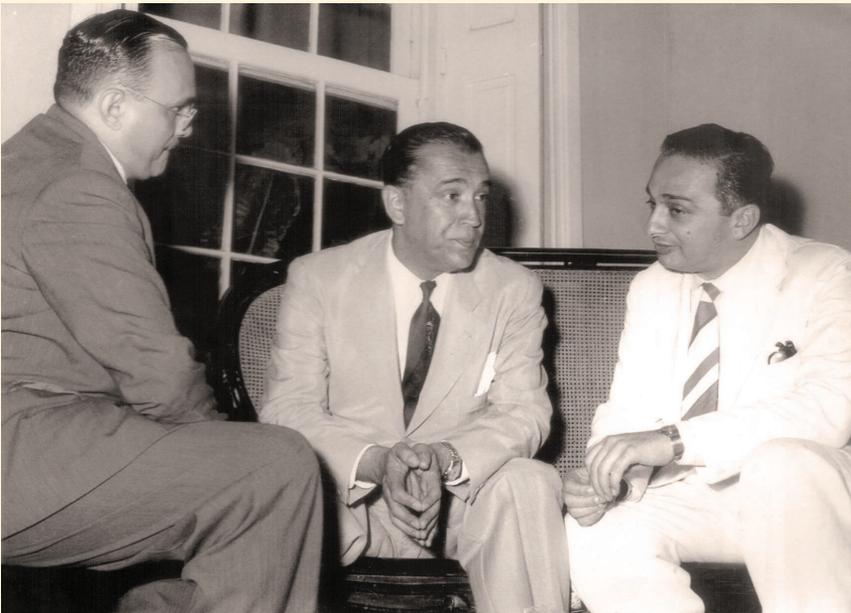
Juscelino e Parsifal em mais uma rodada de conversas com sindicatos de trabalhadores.

Parsifal: Um intelectual na política



Juscelino Kubitschek na inauguração da Concha Acústica da Universidade Federal do Ceará – UFC, no dia 3 de outubro de 1959, ao lado do governador Parsifal Barroso, do reitor Antônio Martins Filho, além de dona Sara e dona Olga, dentre dezenas de convidados.

Parsifal Barroso, Juscelino Kubitschek e o então deputado Carlos Jereissati.



PONTE AEREA RIO-BRASILIA

M. M. M. BRASÍLIA, 12 — De volta ao Rio de Janeiro, o governador...
BRASÍLIA, 12 — De volta ao Rio de Janeiro, o governador...
BRASÍLIA, 12 — De volta ao Rio de Janeiro, o governador...

POSIÇÃO POLÍTICA DOS GOVERNADORES

PANORAMA PARTIDÁRIO DO SENADO — OS PESSOISTAS FAZEM A AUTOCRÍTICA — O PSD ADOTA A POSIÇÃO DE "INDEPENDÊNCIA, EXPECTATIVA E VIGILÂNCIA"

A 1.ª do grande partido, com o nome de novo governo...
A 1.ª do grande partido, com o nome de novo governo...
A 1.ª do grande partido, com o nome de novo governo...



Governador Parizal Barroso, visto por José de A. Nogueira

POLÍTICA EM ALTA FIDELIDADE

Embora a análise tenha sido feita, o levantamento...
Embora a análise tenha sido feita, o levantamento...
Embora a análise tenha sido feita, o levantamento...

"Oposicionistas Tentam Incompatibilizar-me Com o Futuro Governo do Sr. Jânio Quadros"

O Governador do Estado do Ceará, falando ao Enviado Especial de D. N. T. responde aos seus deturpados...
O Governador do Estado do Ceará, falando ao Enviado Especial de D. N. T. responde aos seus deturpados...
O Governador do Estado do Ceará, falando ao Enviado Especial de D. N. T. responde aos seus deturpados...

O CACHIMBO DA OPOSIÇÃO

O cachimbo da oposição a uma nova administração...
O cachimbo da oposição a uma nova administração...
O cachimbo da oposição a uma nova administração...

Levantamento Para Aposição da Faixa Amarela

De acordo com fontes, há um levantamento...
De acordo com fontes, há um levantamento...
De acordo com fontes, há um levantamento...

Convenção Municipal Do P. R. T.

Está marcada para o próximo dia 15...
Está marcada para o próximo dia 15...
Está marcada para o próximo dia 15...

Funcionismo do Juízo Municipal

Assim que o novo juiz municipal assumir...
Assim que o novo juiz municipal assumir...
Assim que o novo juiz municipal assumir...

Centas de Taxas as Oubras de Arte

O Município de São Paulo, através do...
O Município de São Paulo, através do...
O Município de São Paulo, através do...

PAU COM FORMIGA

BELO HORIZONTE, 12 — A criação de uma...
BELO HORIZONTE, 12 — A criação de uma...
BELO HORIZONTE, 12 — A criação de uma...

VOLTA A NITERÓI

O Município de Niterói, através do...
O Município de Niterói, através do...
O Município de Niterói, através do...

Posto do F. S. Para o M. I. C.

O Município de São Paulo, através do...
O Município de São Paulo, através do...
O Município de São Paulo, através do...

INFORMAR NÃO É CRIME: E MESMO OBRIGAÇÃO

O Município de São Paulo, através do...
O Município de São Paulo, através do...
O Município de São Paulo, através do...

TEATRO NACIONAL DE COMÉDIA

SALA MACHADO DE ASSIS — AV. RIO BRANCO, 179 — AR REFRIGERADO PERFECTO

ESTREIA DIA 20, ÀS 21 HORAS

"BÔCA DE OURO"

Tragédia Carioca de NELSON RODRIGUES
Direção de JOSÉ RENATO
Cenários e Figuras de ANÍTO ADEDORES

Flamengo — 1966
Botafogo — 1963
Vasco — 1972
Luz — 1957
América — 806

"Mengo" Continua na Dianteira

Completado mais momento, o atleta volta...
Completado mais momento, o atleta volta...
Completado mais momento, o atleta volta...

Em reportagem do jornal A Noite, do Rio de Janeiro, de 13 de janeiro de 1951, Parsifal sob o olhar do mestre da caricatura Mário Mendez.

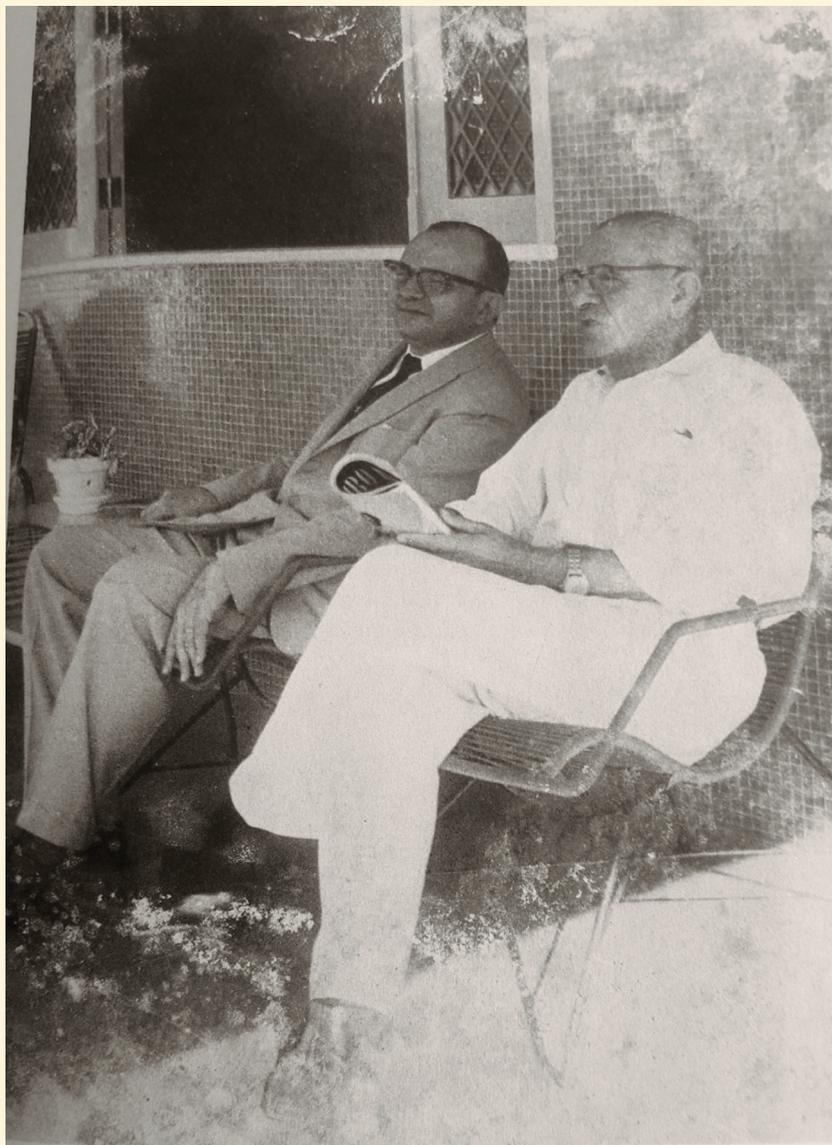
Parsifal: Um intelectual na política



O governador eleito Parsifal Barroso a caminho da solenidade de posse saúda o povo e a imprensa, no dia 25 de março de 1959.



Parsifal Barroso abraça Juscelino sob o olhar de José Martins Rodrigues, em 19 de novembro de 1958.



Parsifal Barroso com seu sogro, Francisco de Almeida Monte, o influente político da zona norte do Ceará e pai de dona Olga Monte Barroso.



Manchete do *Jornal do Brasil* de 26 de março de 1960, anunciando o açude Orós em risco. Abaixo, o então ministro Parsifal Barroso encontra Irmã Dulce, em Salvador.





Em junho de 1957, o então ministro Parsifal tem audiência com o Papa Pio XII, na cidade do Vaticano. Estava acompanhado de dona Olga, do seu filho Régis Barroso, do deputado Carlos Jereissati e esposa, além de representante consular do Brasil.

Parsifal: Um intelectual na política



Luís-Sérgio Santos



Foto antológica da família do industrial Edson Queiroz (o primeiro à esquerda) ao lado de dona Yolanda Queiroz, filhos, filhas, netos, genros, noras e pais. Edson e dona Yolanda seguram o neto Igor Queiroz Barroso, filho de Myra Eliane e de Régis Barroso.

Parsifal: Um intelectual na política



Álbum de família: o então ministro Parsifal Barroso com dona Olga, que segura no colo Olga Emília. Siglinda está ao lado de Parsifal. Em pé estão Roberto, Vera e Régis.



O governador Parsifal, JK, João Goulart e o repórter Rangel Cavalcante, em Fortaleza.

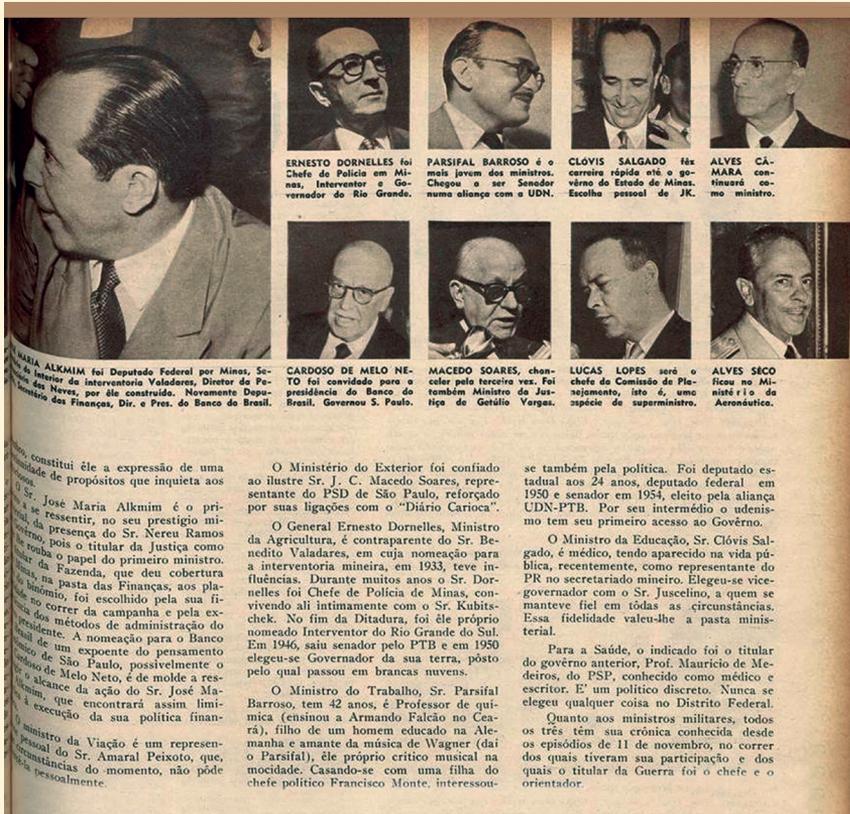


O presidente JK e o ministro Parsifal prestigiam a festa de empregados e empregadores, em Brasília. A edição de 12 janeiro de 1956 da *Revista da Semana* deu ampla cobertura.



A revista *O Cruzeiro* deu ampla cobertura a atos públicos do governo JK. Na foto, o ministro Alves Câmara, o ministro Teixeira Lott e o ministro Parsifal Barroso, em dezembro de 1957.

Parsifal: Um intelectual na política



A revista *O Cruzeiro* mostra Parsifal Barroso (então com 42 anos), o mais jovem da equipe de executivos de JK, ao lado de José Maria Alkmin, Ernesto Dornelles, Clóvis Salgado e Macedo Soares, entre outros. O texto informa que Parsifal foi professor de Armando Falcão, no Ceará.





Síntese biográfica de José Parsifal Barroso

IDENTIFICAÇÃO

NOME COMPLETO	José Parsifal Barroso
FILIAÇÃO	Hermínio Barroso e Emília Cunha Barroso
NACIONALIDADE	Brasileiro
NATURALIDADE	Fortaleza-Ceará
NASCIMENTO	5 de junho de 1913
ESTADO CIVIL	Casado
PROFISSÃO	Professor Universitário
ENDEREÇO	Av. Renato Braga, 100, apto. 1.102 – Praia do Futuro

ESCOLARIDADE

1929	Curso Secundário – Liceu do Ceará
1933	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais – Faculdade de Direito da Universidade do Ceará

ATIVIDADES DE MAGISTÉRIO

1930	Professor (1º grau) do Curso de Admissão Domingos Barroso Cadeira: Ciências Física e Naturais
1931/1948	Professor do Colégio Militar de Fortaleza Cadeira: Ciências Físicas e Naturais





Luís-Sérgio Santos

Professor do Ensino Secundário dos seguintes estabelecimentos e matérias:

Liceu do Ceará	Alemão
Colégio Castelo	Química
Ginásio São João	Química
Colégio Cearense	Química
Instituto São Luís	Química
Escola do Comércio	Química
Fênix Caixerai	Química
Colégio da Imaculada Conceição	Química

1948 Professor da Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade Federal do Ceará (atual Faculdade de Ciências e Comunicação)

Cadeira: Introdução à Sociologia

1949/1950 Professor da Faculdade Católica de Filosofia

Cadeira: Teoria do Conhecimento

1963/1964 Professor do Seminário Provincial de Fortaleza

Cadeira: Filosofia

1963/1965 Professor Efetivo da Escola de Administração do Ceará

Cadeira: História das Doutrinas Políticas

1979 Professor do Centro Universitário de Brasília (CEUB)





Parsifal: Um intelectual na política

ATIVIDADES PROFISSIONAIS

- 1935/1966 Procurador de 1ª Categoria do INPS
(antigo IAPC)
- 1977 Conselheiro do Tribunal de Contas do
Distrito Federal

MANDATOS ELEITORAIS (ESTADO DO CEARÁ)

- 1936/1937 Deputado Estadual Classista (Classe dos
professores)
- 1946/1950 Deputado Estadual
- 1950/1954 Deputado Federal
- 1954/1958 Senador da República
- 1959/1963 Governador do Ceará
- 1970/1974 Deputado Federal
- 1975/1977 Deputado Federal

CARGOS DE CONFIANÇA

- 1956/1958 Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio
- 1972/1974 Vice-líder da Arena
- 1974/1977 Vice-líder da Arena

CÂMARA DOS DEPUTADOS

COMISSÕES PERMANENTES

- 1951 Finanças: Membro
- 1971 Educação e Cultura: Membro





Luís-Sérgio Santos

- 1971, 1972 Legislação Social: Suplente
- 1971, 1975 Relações Exteriores: Suplente
- 1972, 1975 Saúde: Suplente
- 1974, 1975 Ciência e Tecnologia: Membro

COMISSÕES ESPECIAIS

- 1971 Plano de Valorização da Amazônia: Relator
Elaborar projeto Código Esportes, ou medidas legislativas aplicáveis: Membro
- 1971 Elaborar um ou mais projetos de lei visando incentivar o setor de pesquisa científica e tecnológica no Brasil: Membro

SENADO FEDERAL

COMISSÕES

- 1958 Finanças: Membro
Segurança Nacional: Membro

MISSÕES OFICIAIS

- 1956 Chefe da Representação Brasileira à Conferência Internacional do Trabalho, da OIT, Genebra, Suíça
- 1971 Representante da Câmara dos Deputados, I Congresso Nacional de Professores do Ensino Superior, Fortaleza, CE





Parsifal: Um intelectual na política

- 1971 Representante da Câmara dos Deputados, Assembleia Geral da União Interparlamentar, Paris
- 1972 Membro da delegação brasileira, VI Assembleia Ordinária do Parlamento Latino Americano, Guatemala
- 1973 Representante da Câmara dos Deputados, Solenidade de posse de Sua Eminência Reverendíssima D. Aloisio Lorscheider, como Arcebispo de Fortaleza, CE
- 1973 Representante da Câmara dos Deputados nas comemorações do bicentenário de criação da vila de Sobral, CE
- 1973 Representante da Câmara dos Deputados nas solenidades comemorativas do sesquicentenário da fundação de Fortaleza, capital do Ceará
- 1976 Membro da Delegação do Grupo Brasileiro da Associação Interparlamentar de Turismo, 46º Congresso da ASTA (American Society of Travel Agents), New Orleans, USA

OBRAS PUBLICADAS

- 1930 *As teorias de Geber*
- 1950 *Pedro, nosso irmão*
- 1969 *O Cearense*
- 1969 *Na casa do barão de Studart*
- 1973 *Um francês cearense*
- 1978 *Senador Pompeu, um cabeça-chata* (separata da *Revista do Instituto do Ceará*, v. 97)





Luís-Sérgio Santos

- 1985 *Uma história política do Ceará*
- 1987 *Vivências políticas* (post mortem)
- 2017 *O Cearense* (2ª edição)

ATIVIDADES SINDICAIS, REPRESENTATIVAS DE CLASSE, ASSOCIATIVAS E CULTURAIS

- Membro titular do Instituto do Ceará
- Sócio-Fundador e Primeiro Presidente, Sindicato de Professores do Ceará
- Membro do Instituto do Nordeste
- Sócio do Sindicato de Jornalistas Profissionais do Rio de Janeiro
- Membro da Associação Cearense de Imprensa
- 1957 Presidente da Comissão de Enquadramento Sindical no senado federal
- 1957 Membro do Conselho Coordenador de Abastecimento
- 1975 Primeiro Vogal da Fundação Milton Campos para Pesquisas e Assuntos Políticos

CONDECORAÇÕES

ANO	GRAU	ORDEM
1956	_____	Imperatriz Leopoldina
1958	Grande Oficial	Mérito do Trabalho
1960	_____	Mérito Santos Dumont





Parsifal: Um intelectual na política

1960	_____	Mérito Tamandaré
1960	Oficial	Leopoldo da Bélgica
1962	Grande Oficial	Mérito Naval da Espanha
1970	Comendador	Mérito Naval do Brasil
1977	Grande Oficial	Mérito Paraguaio
1980	_____	Medalha Justiniano de Serpa
1981	Grande Oficial	Ordem do Mérito de Brasília
1984	_____	Medalha do Mérito da Polícia Militar
1985	Comendador	São Gregório Magno
1985	_____	Medalha da Abolição

Fontes: BARROSO, José Parsifal. *Vivências políticas*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987; Centro de Documentação e Informação (CEDI), Câmara dos Deputados.







Cronologia

1913 – Em 5 de julho, nasceu em Fortaleza José Parsifal Barroso, filho de Emília Cunha Barroso e Hermínio Barroso, comerciante, advogado, professor e deputado federal pelo Ceará de 1918 a 1920.

1925-1929 – Fez o curso secundário no Liceu do Ceará, matriculando-se, ao concluir, na Faculdade de Direito.

1930 – Concorreu à cadeira de livre-docente de Química do Liceu do Ceará com a tese As teorias de Geber, publicada em 1939.

1931 – Em abril, foi nomeado catedrático interino de Alemão no Liceu do Ceará, matéria que lecionou até 1934.

1933 – Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Ceará, sendo escolhido orador da turma.

1935 – Foi nomeado procurador seccional do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários – IAPC.

1936 – Foi eleito deputado classista à Assembleia Legislativa do Ceará, representando o professorado e os empregados do comércio, indústria e transportes. Permaneceu na Assembleia até o advento do Estado Novo (em 10 de novembro de 1937), que suprimiu os órgãos legislativos do país.

1937 – Foi representante do Ceará no III Congresso Sul-Americano de Química, realizado no Brasil no período de 8 a 15 de julho, nas cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo.





Luís-Sérgio Santos

1937 – Casou-se com Raimunda Olga Monte no dia 3 de outubro. Do consórcio nasceram cinco filhos: Vera Maria, Francisco Régis, Roberto Parsifal, Siglinda Maria e Olga Emília.

1939 – Ingressou na Ação Católica Brasileira de Fortaleza.

1940 – Passou a ser dirigente da Ação Católica Brasileira de Fortaleza, colaborando com dom José Gaspar de Afonseca e Silva, então arcebispo de São Paulo, na organização da Ação Católica do Maranhão.

1940 – Tornou-se, por concurso, professor de Filosofia e Ciências Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências Econômicas do Ceará.

1940 – Foi o sócio-fundador e primeiro presidente do Sindicato de Professores do Ceará.

1945 – Com a deposição de Getúlio Vargas em 1945, elegeu-se deputado constituinte pelo Ceará na legenda do Partido Social Democrático – PSD.

1949 – Licenciou-se do magistério, para se dedicar à carreira política.

1950 – Foi eleito deputado federal pelo PSD do Ceará, assumindo sua cadeira após deixar a Assembleia de seu estado. Nessa legislatura foi membro da Comissão de Finanças, sendo o relator do Plano de Valorização da Amazônia.

1954 – Elegeu-se senador pelo Ceará no Partido Trabalhista Brasileiro – PTB. Após concluir o mandato de deputado federal em 1955, assumiu a cadeira no Senado. Com a posse de





Parsifal: Um intelectual na política

Juscelino Kubitschek na presidência da República, foi nomeado ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, afastando-se do Senado por dois anos e meio.

1956 – Foi chefe da representação brasileira à Conferência Internacional do Trabalho, da OIT, Genebra, Suíça.

1957 – Presidiu a Comissão de Enquadramento Sindical e foi membro do Conselho Coordenador de Abastecimento.

1958 – Durante uma reunião de Juscelino com os governadores nordestinos, foi designado membro da comissão instituída para coordenar o auxílio ao Nordeste, que sofria os efeitos de grande seca. Neste mesmo ano, com o propósito de concorrer ao governo do Ceará, afastou-se do ministério. Retornou ao Senado para continuar seu mandato, sendo membro das comissões de Finanças e de Segurança Nacional.

1958 – Em outubro elegeu-se governador do Ceará na legenda das Oposições Coligadas, formada pelo PSD, o PTB e o Partido de Representação Popular – PRP.

1959 – Assumiu o governo cearense em 25 de março, após encerrar seu mandato no Senado. Exerceu o governo do estado sob três presidências da República: de Juscelino Kubitschek, Jânio Quadros e João Goulart.

1962 – O então governador Parsifal foi o avalista da União pelo Ceará que elegeu Virgílio Távora governador nas eleições de 7 de outubro. A União era uma coligação que colocou no mesmo palanque UDN e PSD e ainda o Partido Trabalhista Nacional – PTN.





Luís-Sérgio Santos

1964 – Com o regime instaurado pelo movimento político-militar, retirou-se das funções públicas.

1967 – No dia 4 de dezembro, tomou posse o ex-governador José Parsifal Barroso no Instituto do Ceará, sendo saudado por Mozart Soriano Aderaldo.

1969 – Publicou o seu terceiro livro, *O Cearense*, já tendo outras obras publicadas: *As teorias de Geber*, 1930; *Pedro, nosso irmão*, 1950; *Na casa do barão de Studart*, 1969; *Um francês cearense*, 1973; *Senador Pompeu, um cabeça-chata* (separata da *Revista do Instituto do Ceará*, vol. 97, 1978).

1970 – Tornou-se deputado federal pelo Ceará, na legenda da Aliança Renovadora Nacional – Arena.

1971 – Tornou-se membro da Comissão de Educação e Cultura e suplente das comissões de Legislação Social e de Relações Exteriores da Câmara dos Deputados.

1973 – Vice-líder da Arena (CE), em 1974 foi reeleito deputado federal pelo Ceará.

1975 – Novamente vice-líder da Arena, tornou-se membro da Comissão de Ciência e Tecnologia e suplente da Comissão de Saúde da Câmara dos Deputados. Ainda em 1975 foi escolhido primeiro vogal da Fundação Milton Campos para Pesquisas e Assuntos Políticos.

1977 – Nomeado ministro-conselheiro do Tribunal de Contas do Distrito Federal, renunciou a seu mandato de deputado federal.





Parsifal: Um intelectual na política

1979 – Foi nomeado presidente do Tribunal de Contas do Distrito Federal, retornando posteriormente à função de ministro-conselheiro.

1986 – Parsifal Barroso morreu em Fortaleza no dia 21 de abril.

1987 – O livro póstumo *Vivências políticas*, organizado e prefaciado por Olga Barroso foi lançado no dia 30 de junho, no Ideal Clube, em Fortaleza.

2013 – No dia 9 de outubro, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará fez uma sessão especial em homenagem ao centenário de nascimento do ex-governador José Parsifal Barroso. A homenagem póstuma foi requerida pelo presidente da casa, deputado José Albuquerque.

2017 – É lançada, no dia 3 de agosto, no Rio de Janeiro, a segunda edição do livro *O Cearense*, de Parsifal Barroso, editado pela Escrituras, em parceria com o Instituto Myra Eliane. Em Fortaleza, a segunda edição foi lançada no dia 8 de agosto, na Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, com apresentação de Igor Queiroz Barroso, neto de Parsifal.





Referências bibliográficas

- ADERALDO, Mozart Soriano. “Parsifal Barroso”. *Revista do Instituto do Ceará*, ano 100, 1986, p. 355-58. A Revista era então dirigida por Antônio Martins Filho. O artigo foi publicado originalmente no jornal *Tribuna do Ceará*, seção “Letras e Artes”, de 26 de abril de 1986.
- ALCÂNTARA, Lúcio et al. *Homenagem a Parsifal Barroso*. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 1986. 27 p. (Série Comemorativa 7).
- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*. Rio de Janeiro: Pongetti, 1940; 10. ed., RJ: Record, 2000.
- ANDRADE, F. Alves. *Tomáz Pompeu e o seu tempo*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1954.
- ARAGÃO, Luciana Silveira de. Entrevista com o deputado federal Parsifal Barroso. Fortaleza, 17 de junho de 1976. A entrevista fez parte do Projeto de História oral, produto do convênio da Universidade Federal do Ceará com o Arquivo Nacional do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://nehscfortaleza.com/index.php/mem%C3%B3ria-das-secas/item/299-entrevista-com-deputado-federal-parsifal-barroso.html>>.
- ARRUDA, Francisco de Assis Vasconcelos. “Os Gomes Parente”. In: *Genealogia Sobralense*. Fortaleza: IOCE, vol. II, tomo II, 1996, 255 p.
- BARROSO, José Parsifal. *O Cearense*. Rio de Janeiro: Editora Record, 1969.
- _____. “Pompeu Sobrinho – Doutor Máximo do Ceará”. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, tomo 94, 1980, p. 302-12.





Luís-Sérgio Santos

_____. “Chico Monte”. In: COSTA, Lustosa da. *Sobral do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 1982, p. 163 (Coleção Lima Barreto).

_____. “Dom José Tupinambá da Frota”. *Revista do Instituto do Ceará*, Fortaleza, ano 96, 1982, p. 236.

_____. *Uma história da política do Ceará: 1889-1954*. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1984.

_____. *Vivências políticas*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1987.

BARROSO, Olga Monte. *Quem são elas*. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará, 1992.

_____. “Alba Valdez”. In: *Mulheres do Brasil: pensamento e ação*. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, v. 2, 1971, p. 485-97.

_____. “Sobral x Vaticano”. In: GALENO, Cândida (org.) *Quinteto em ritmo de crônica*. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1975, p. 85.

BRASIL. Congresso. Câmara dos Deputados. Centro de Documentação e Informação. Nominata de deputados brasileiros 2ª Legislatura: 1951 -1955. Brasília, s.d. (folhas datilografadas)

BRASILEIRO, Núbia. *Por trás de um nome*. Fortaleza: Tipografia Minerva, 1984. 456 p.

COSTA, Cecília. *Diário Carioca: O jornal que mudou a imprensa brasileira*. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2011. 504 p. (Cadernos da Biblioteca Nacional)

COSTA, Lustosa da. *Clero, nobreza e povo de Sobral*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 2006.

COSTA, Francisco José Lustosa da. *Sobral do meu tempo*. Brasília: Senado Federal, 1982. (Coleção: Lima Barreto)





- DELLA CAVA, Ralph. “Igreja e estado no Brasil do século XX”. *Novos Estudos Cebrap*, n. 12, 1975, p. 5-52.
- ESCHENBACH, Wolfram von. *Parzival and Titirel* (Oxford World’s Classics) 1. ed. Tradução de Cyril Edwards, introdução de Richard Barber. New York: The Oxford University Press Inc, 2006.
- EVANS, Peter. *A tríplice aliança: as multinacionais, as estatais e o capital nacional no desenvolvimento dependente brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980, p. 96-114.
- FALCÃO, Armando. *Tudo a declarar*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- FIRMEZA, H. *Crônicas escolhidas*. Editora Instituto do Ceará, 1965, p. 234-35
- FREYRE, Gilberto. “A propósito do Cearense: sugestões em torno da sua etnia e do seu ‘Ethos’”. *Revista da Academia Cearense de Letras*, Fortaleza, 1983.
- GIRÃO, Valdelice Carneiro. *O Ceará no Senado Federal*. Brasília: Centro Gráfico do Senado Federal, 1992.
- GOMES, Galba. *O sonho é realidade*. Fortaleza: Omni Editora, 2015.
- HAGUETTE, Teresa. Entrevista com o ex-governador Parsifal Barroso. Fortaleza, 22 a 28 de fevereiro de 1984. A entrevista fez parte do Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC, do Curso de História da Universidade Federal do Ceará – UFC. Também participaram como entrevistadores os professores Francisco Moreira Ribeiro e Fátima Cavalcante.
- HOBSBAWM, Eric. *A Era dos Impérios: 1875-1914*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- INTERNATIONAL Labour Conference, 4. ed., Geneva. Forced Labour. 1957, p. 10.





Luís-Sérgio Santos

KUBITSCHKEK, Juscelino. *Meu caminho para Brasília: A experiência da humildade*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, v.1, 1974, 376 p.

_____. *Por que construí Brasília*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, 1975. 370 p.

_____. *Meu caminho para Brasília: A escalada política*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, v. 2, 1976, 502 p.

_____. *Meu caminho para Brasília: 50 anos em 5*. Rio de Janeiro: Bloch Editores, v. 3, 1978, 454 p.

LADUSÃNS, Stanislavs (org.). *Rumos da filosofia atual no Brasil: em auto-retratos*. Loyola, São Paulo, v. 1, 1976.

LAFER, Celso. “O planejamento do Brasil: observações sobre o Plano de Metas (1956-1961)”. In: LAFER, Betty Mindlin (org.). *Planejamento no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1970, p. 29-50.

LINHARES, Marcelo. *Virgílio Távora: Sua época*. Fortaleza: UFC – Casa de José de Alencar, 1996.

MARIZ, Antônio. *Proposta de criação da Corte Internacional para a Salvaguarda dos Direitos Humanos*. Diário do Congresso Nacional, seção I, de 13 de junho de 1973, p. 3.297.

MARTINS FILHO, Antônio. *UFC & BNB: Educação para o desenvolvimento*. Fortaleza: Casa José de Alencar, 1990.

MATOS, Thomaz Pompeu Gomes de. *Gomes de Matos: itinerário de uma vida*. Trabalho coletivo coordenado por Thomaz Pompeu Gomes de Matos. Fortaleza: Imprensa Universitária, 1986.

MONTENEGRO, Abelardo F. *Os partidos políticos do Ceará*. Fortaleza: Edições UFC, 1980.

MOTA, Aroldo. *História Política do Ceará: 1945-1985*. Fortaleza: Stylus, 1985.





- _____. *História Política do Ceará: 1950-1954*. Governo Raul Barbosa. Fortaleza: ABC Editora, 1997.
- _____. *História Política do Ceará: 1930-1945*. Fortaleza: ABC Editora, 2. ed., 2000.
- NERY, Sebastião. *Folclore político: 1950 histórias*. São Paulo: Geração Editorial, 2002.
- NETO, Frota. *Quase... Proto-história de um jornalista – Retratos de uma época*. Fortaleza: ABC Editora, 2000.
- NIREZ, Miguel Ângelo de Azevedo. “Datas e fatos para a história do Ceará (1988 - 1989)”. *Revista do Instituto do Ceará*, 2008, p. 225-45.
- NOBRE, Ana Luisa. “A Feira Mundial de Bruxelas de 1958: o pavilhão brasileiro”. In: *Arqtexto 16*, p. 98-107. Tradução de: Brussels World`s Fair of 1958: the brazilian pavilion. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_16/04_ALN.pdf>.
- NOBRE, Geraldo. *Introdução à história do jornalismo Cearense*. Fortaleza: Gráfica Editorial Cearense, 1974.
- NOBRE, Geraldo da Silva. *Para a história cultural do Ceará: O Conselho Estadual de Cultura (1966-1976)*. Fortaleza: Henriqueta Galeno, 1979.
- OS CONSTITUINTES de 1947: Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Memorial Deputado Pontes Neto. Fortaleza: Editora INESP, 2002. 179 p.
- PAIVA, Flávio. "Provocações de Parsifal Barroso". *O Povo*. 9 de agosto de 2017. Disponível em: <<https://www.opovo.com.br/jornal/colunas/flaviopaiva/2017/08/provocacoes-de-parsifal-barroso.html>>. Acessado em: 2 de setembro de 2017.
- RIBEIRO, R. Aristides Ribeiro. *Parsifal Barroso, o professor*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1986, p. 97-98.





Luís-Sérgio Santos

SARAIVA, J. Ciro. *Antes dos coronéis: Episódios inéditos de No tempo dos coronéis*. Fortaleza: ABC Editora, 2012.

_____. *Depois dos coronéis: Os governos das mudanças 1987-2014*. Fortaleza: RDS Editora, 2014.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio a Castello (1930-64)*. São Paulo: Companhia das Letras, 1967.

VIANA FILHO, Luis. *O Governo Castelo Branco*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora S.A., 1975.

VILLELA, Annibal V.; BAER, Werner. *O setor privado nacional: problemas e políticas para seu fortalecimento*. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1980, p. 12. (Coleção Relatórios de Pesquisa 46).

WAGNER, Richard. *Parsifal: Libretto*. New York: G. Schirmer Inc., 1986. Há uma síntese de *Parsifal* disponível em <goo.gl/Tnyyff> ou em <<http://www.metopera.org/PageFiles/41061/Mar%2020%20Parsifal.pdf>> . Acessada em 23 de julho de 2017.

ENTREVISTAS

1. Entrevista com Francisco Régis Monte Barroso, em Fortaleza, no dia 5 de janeiro de 2017, quinta feira.
2. Entrevista com Leonardo Barroso Navarro Gondim, neto do ex-ministro Parsifal Barroso e filho de Siglinda, no dia 3 de maio de 2017, em Brasília.
3. Entrevista com Roberto Parsifal Monte Barroso em terça-feira, 20 de junho de 2017, de Boca Raton (USA), via WhatsApp.
4. Entrevista com Siglinda Barroso, em Brasília, no dia 3 de maio de 2017, em sua residência.
5. Entrevista com José Augusto Lopes, em 17 de junho de 2017, via Facebook.





6. Entrevista com Alfredo Couto, em Fortaleza, em 21 de fevereiro de 2017.

JORNAIS E REVISTAS

Jornal Correio do Ceará, Fortaleza, CE.

Jornal Correio da Manhã, Rio de Janeiro, RJ.

Jornal Diário do Nordeste, Fortaleza, CE.

Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, RJ.

Jornal do Ceará, Fortaleza, CE.

Jornal Diário Carioca, Rio de Janeiro, RJ.

Jornal Folha de S. Paulo, São Paulo, SP.

Jornal Gazeta de Notícias, Fortaleza, CE.

Jornal O Estado, Fortaleza, CE.

Jornal O Estado de São Paulo, São Paulo, SP.

Jornal O Povo, Fortaleza, CE.

Jornal Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, RJ.

Jornal Última Hora, Rio de Janeiro, RJ.

Jornal Unitário, Fortaleza, CE.

O Paiz, Rio de Janeiro, RJ.

O Jornal, Fortaleza, CE.

Revista da Academia Cearense de Letras, Fortaleza, CE.

Revista do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico), Fortaleza, CE.

Revista O Cruzeiro, Rio de Janeiro, RJ.





Luís-Sérgio Santos

Revista *Veja*, São Paulo, SP.

Revista *Exame*, São Paulo, SP.

Revista *O Mundo Ilustrado*, Rio de Janeiro, RJ.

ARQUIVOS E ACERVOS

Acervo de Miguel Ângelo de Azevedo, Fortaleza, CE.

Acervo do jornal *O Estado*, Fortaleza, CE.

Acervo da Associação Cearense de Imprensa, Fortaleza, CE.

Biblioteca da Academia Cearense de Letras, Fortaleza, CE.

Biblioteca Pedro Aleixo (Centro de Documentação e Informação da Câmara dos Deputados), Brasília, DF.

Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, RJ.

Editora Abril, revista *Veja*, SP.

Hemeroteca da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, RJ.

IBGE – Centro de Documentação e Disseminação de Informações, Rio de Janeiro, RJ.

Instituto do Ceará, Fortaleza, CE.

Instituto Queiroz Jereissati, Fortaleza, CE.

Memorial Deputado Pontes Neto, Assembleia Legislativa do Estado do Ceará, Fortaleza, CE.

Museu de Arte da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.

Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC/UFC, Curso de História da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE.





Sobre o autor

Luis-Sérgio Santos é professor do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará, em Fortaleza. Autor do livro *Rui Facó, uma biografia: O homem e sua missão* (Fundação Astrogildo Pereira, 2015) e *Intimorata: a saga do jornal O Estado* (Omni Editora, 2017). Ganhou os prêmios Esso de Jornalismo (1982) e Delmiro Gouveia de Economia (1982). Realizou curso de Design editorial na Universidade de Miami (EUA, 1995) e participou do programa Young Journalists (1986), nos Estados Unidos. Cursou Ciências da Comunicação (1986-1988) na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Foi correspondente do jornal *Folha de S. Paulo* em Fortaleza, editor-executivo do jornal *O Povo* e secretário de redação do jornal *Diário do Nordeste*. Atualmente é colaborador da revista *Política Democrática*, da Fundação Astrogildo Pereira (Brasília). Contato: luis.santos@ufc.br





Índice onomástico

A

Abreu, Capistrano de 277, 305, 310, 352, 353, 361
Abreu, Ester de 38
Accioly, Antônio Pinto Nogueira 335, 337, 338
Accioly, José Pompeu Pinto 213, 344
Albuquerque, Faustino de 72, 78, 106, 220, 221, 231, 346
Albuquerque, José Lins de 70
Albuquerque, José Sabóia de 234, 235, 263
Alcântara, José Denizard Macedo de 145, 146, 147, 148, 225, 305
Alcântara, Lúcio 7, 48, 362, 363, 410, 411, 412, 414, 415
Alcântara, Tancredo Halley de 75, 199
Alcântara, Waldemar 54, 297, 411
Alencar, Bárbara de 255
Alencar, Francisco 95
Alkmin, José Maria 15, 16, 25, 34, 39, 110, 431
Almeida, Rui 38
Alves, Osmino Ferreira 93
Amorim, Adalberto Soares de Araújo 273
Andrade, Antônio Paes de 53, 186, 293
Andrade, Carlos Drummond de 400
Andrade, Evandro Carlos de 252
Andrade, Luís Edgard de 250
Andrade, Manuel Leiria de 273
Angela Maria 38
Aragão, Luciara Silveira de 186, 187, 241, 254, 264, 274, 322, 378
Aranha, Osvaldo 38
Araújo, José Pessoa de 59
Araújo, Paulo Cabral de 71
Arruda, Edgar Cavalcante de 213, 215, 230, 346
Arruda, Esmerino Oliveira 55
Arruda, Raimundo Leopoldo Coelho de 273
Assis Chateaubriand 15, 18, 38, 58, 97, 254, 281, 284, 290

Athayde, Austregésilo de 38
Avelino, Georgino 38

B

Bach, Johann Sebastian 15, 271, 355
Baltar, Alceu Ferreira 273
Barbosa, Carlos 225
Barbosa, Raul 51, 72, 75, 78, 184, 208, 209, 225, 226, 230, 231, 233, 240, 344, 346, 347, 364, 451
Barreira, Américo 107, 145, 146, 147, 148
Barreira, Gentil 234
Barreto, Adahil 193, 194, 196, 197, 198, 200
Barreto, Deolindo 210, 211
Barros, Antonio Cardoso de 306
Barros, Hélio Guedes de Campos 95
Barros, José Gois de Campos 75, 215
Barroso, Carlos Parsifal Renaux 295
Barroso, Emília Cunha 198, 202, 433, 441
Barroso, Francisco Régis Monte 7, 19, 21, 42, 43, 47, 49, 187, 191, 193, 202, 203, 241, 247, 248, 264, 271, 279, 280, 282, 283, 284, 285, 289, 426, 428, 452
Barroso, Gustavo 38, 277, 310, 352, 353, 361
Barroso, Hermínio 9, 177, 198, 202, 267, 268, 269, 270, 271, 273, 274, 276, 277, 278, 280, 296, 356, 381, 433, 441
Barroso, Igor Queiroz 7, 248, 290, 319, 428, 445
Barroso, José Parsifal 7, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 68, 70, 71,





Luís-Sérgio Santos

- 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81,
82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91,
92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100,
101, 102, 103, 104, 105, 108, 109,
110, 111, 112, 113, 114, 115, 116,
117, 118, 121, 122, 124, 125, 127,
128, 132, 133, 134, 135, 136, 139,
140, 143, 144, 148, 149, 156, 157,
159, 161, 168, 172, 173, 174, 175,
176, 177, 178, 180, 181, 184, 185,
186, 187, 190, 193, 194, 195, 196,
197, 198, 199, 201, 202, 203, 204,
205, 206, 207, 208, 209, 210, 212,
213, 214, 215, 216, 217, 218, 219,
220, 222, 223, 224, 225, 226, 227,
228, 229, 230, 231, 232, 233, 234,
235, 236, 237, 238, 239, 241, 243,
245, 246, 247, 248, 249, 250, 251,
254, 255, 262, 263, 264, 267, 268,
273, 274, 276, 277, 278, 279, 280,
281, 282, 283, 284, 285, 287, 288,
290, 291, 292, 293, 294, 295, 296,
297, 298, 299, 301, 302, 303, 304,
305, 306, 307, 308, 309, 310, 311,
312, 313, 314, 315, 316, 317, 319,
320, 321, 322, 323, 324, 325, 326,
327, 328, 329, 330, 331, 332, 333,
334, 335, 336, 337, 338, 339, 340,
341, 342, 343, 344, 345, 346, 347,
351, 352, 353, 354, 355, 356, 357,
358, 359, 360, 363, 364, 365, 366,
367, 368, 369, 370, 371, 372, 373,
374, 375, 376, 377, 378, 379, 381,
382, 383, 384, 385, 386, 387, 388,
389, 390, 391, 392, 393, 394, 395,
396, 397, 398, 399, 400, 401, 402,
403, 404, 405, 406, 407, 408, 409,
410, 411, 412, 413, 414, 415, 416,
417, 418, 419, 420, 421, 422, 423,
424, 425, 426, 429, 430, 431, 433,
439, 441, 443, 444, 445, 447, 449,
451, 452
- Barroso, Lígia Renaux 248, 295
Barroso, Olga Emília Monte 248
Barroso, Olga Monte 37, 52, 53, 56, 61, 78,
83, 87, 172, 185, 202, 222, 227, 245,
247, 249, 250, 252, 253, 254, 258,
262, 263, 278, 279, 290, 351, 353,
354, 360, 363, 379, 402, 414, 417,
445
- Barroso, Roberto Parsifal Monte 7, 28,
248, 293, 295, 452
Barroso, Siglinda Maria Monte 248, 296
Barroso, Vera Maria Monte 248
Batista, Cícero Romão 275, 340
Baudelaire, Charles 272
Beethoven, Ludwig van 15, 355
Beleza, José de Moura 200
Benevides, Artur Eduardo 256, 305, 355
Benevides, Carlos Mauro Cabral 186, 293
Benjamin, Walter 11, 351
Bernardes Filho, Arthur 38
Bessa, Francisco 90
Beviláqua, Clóvis 46, 87, 204, 277, 353, 361
Bezerra, Adauro 73, 352
Bezerra, Gregório 319
Bezerra, Humberto 186, 292
Bittencourt, Edmundo Régis 154
Bittencourt, João Guilherme Lameira 179
Björkman, Göran 257
Bonavides, Aníbal Fernandes 318
Bonavides, Paulo 371
Braga, Renato 75, 77, 91
Branco, Carlos Castello 252
Branco, Humberto de Alencar Castelo 30,
42, 210, 313, 452
Brasil, Paula 93
Brasil, Roberto Pompeu de Souza 252
Braz, Luiz de Araújo 386
Brito, Fernando de 225
Brito, Raimundo de Farias 13, 277, 278,
310, 352, 353, 361
Brizola, Leonel 93, 105, 107, 126, 146, 181
Bulcão, Florida 255
- ### C
- Cabral, Fausto 61, 74, 97, 196, 200, 225
Cabral, José Alberto César 74
Cabral, Paulo 69, 71, 232, 313
Câmara, Hélder 17, 18
Câmara, Jaime de Barros 19, 90
Câmara, Alves 430
Câmara Júnior, Antônio Alves 16
Campos, Roberto 25, 32





Parsifal: Um intelectual na política

Canto, José Tito 184
Capanema, Gustavo 38
Cardim, Elmano 38
Carneiro, Luciano 73, 313
Carvalho, Alípio Aires de 399
Carvalho, Eleazar de 46
Carvalho, Jáder de 203
Castelo, Plácido 74, 366
Castro, Amílcar de 252
Castro e Silva, Themístocles de 7, 58, 67,
89, 182, 183, 190
Castro, Hugo de 225
Cavalcante, Neno 360
Cavalcante, Pedro Paulo 216
Cavalcante, Rangel 7, 371, 429
Cavalcante, Thomaz 276
Cavalcanti, Tenório 169, 190
Ceará, Ubirajara Índio do 205, 222
Chacel, Fernando 74
Chaves, Luís de Gonzaga Mendes 95
Coelho, Clodoveu de Arruda 234
Coelho, Danton 231
Coimbra, Roberto 174
Cordeiro Neto, Manuel 67
Correia, Joaquim de Figueiredo 75, 186,
293
Costa, Grijalva 208
Costa, Luis Bezerra 54
Costa, Lustosa da 7, 211, 239, 242, 243,
251, 263, 264, 371, 448
Costa, Sérgio Corrêa da 330
Coutinho, Flávio Ribeiro 96
Couto Filho, Miguel 38
Cunha, Paulo 38

D

Dantas, Francisco Clementino de San Tia-
go 38, 39, 93
Detamore, Guida Renaux Barroso 295
Dornelles, Ernesto 16, 431
Dunn, James Clement 25
Dutra, Eurico Gaspar 33, 34, 223

F

Facó, Hesíodo 28
Falcão, Armando 16, 61, 89, 193, 195, 197,
198, 199, 225, 232, 233, 281, 431

Falcão, Valdemar 213
Faria, Antonio de 38
Feitosa, Jovita 255
Felix, Vital 87
Fernandes, Raul 38
Fernandes, Yáco 305
Ferreira, Edgar Leite 54
Fontenelle, Luís Fernando Raposo 95
Fontoura, João Neves da 38
Freire, Aldenor Nunes 54
Freire, Nelson 359
Freitas, Antônio de Pádua Chagas 39
Freitas, Jânio de 252
Freyre, Gilberto 304, 305, 316, 317
Frota, José Tupinambá da 104, 234, 235,
236, 237, 238, 243, 251, 263, 448
Furtado, Celso 304, 323, 373
Furtado, Manuel Antônio de Andrade 273

G

Galeno, Henriqueta 188, 255, 265, 448,
451
Garcia, Luís 96
Gentil, Adolfo 61
Girão, Eduardo Henrique 273
Girão, Raimundo 225, 338, 340, 341, 362
Gomes, Cid 238
Gomes, Ciro Ferreira 263
Gomes, Deusdedit 60
Gomes, José Euclides Ferreira 210, 216
Gomes, Manoel da Silva 212, 217, 242
Gomes, Vicente Antenor Ferreira 210
Gonçalves, Joaquim Bastos 220
Gonçalves, Nelson 62
Gonçalves, Wilson 54, 67, 87, 95, 199, 200,
280, 402
Gondim, José Aristóteles 222
Gondim, Leonardo Barroso 248
Gondim, Marcela Barroso 248
Gondim, Vicente de Arruda 273
Gondim, Vicente Navarro 248, 296
Gordon, Lincoln 93
Goulart, João 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 53,
55, 56, 67, 70, 87, 88, 90, 92, 93, 94,
172, 182, 183, 185, 194, 232, 279,
294, 429, 443





Luís-Sérgio Santos

Gouveia, Delmiro 277, 302, 310, 352, 353, 361

Gouveia, Hugo 75, 77

Guimarães, Milton Barbosa 184

Gullar, Ferreira 252

H

Haguette, Teresa 7, 47, 48, 76, 186, 187, 188, 189, 200, 212, 241, 242, 243, 264

Hollanda, Sérgio Buarque de 305

Horácio, Antônio 61

J

Jereissati, Carlos 12, 14, 19, 20, 51, 53, 54, 55, 57, 61, 70, 76, 176, 184, 193, 200, 231, 232, 233, 281, 284, 293, 297, 298, 417, 421, 426

Jobim, Danton 252

Jorge de Queirós Jucá, Antônio 200

Jucá, João Nogueira 299

Justa, José Lino da 276

K

Kruel, Amauri 93

Kubitschek, Juscelino 9, 13, 15, 16, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 40, 43, 44, 45, 46, 47, 52, 55, 56, 67, 88, 89, 90, 91, 109, 111, 113, 135, 136, 151, 165, 182, 196, 231, 234, 279, 281, 282, 283, 285, 288, 295, 319, 363, 373, 374, 377, 393, 404, 415, 419, 421, 429, 430, 431, 443, 457, 458, 459

L

Lacerda, Carlos 16, 281

Lafer, Celso 32

Lage, Nilson 252

Leite, Helene Velay 95

Leite, Jorge Furtado 149, 186, 292

Leite, Mossclair Cordeiro 95

Lima, Abelardo Gurgel Costa 176

Lima, Fideralina Augusto 255

Lima, Francisco Negrão de 214

Lima, Rui Anastácio Filgueiras 74

Lins, Álvaro de Barros 16

Lopes, Berta Craveiro 38

Lopes, Francisco Higino Craveiro 38

Lopes, José Augusto 7, 301, 302, 323, 439

Lopes, Paulo Sarasate Ferreira 67, 230, 233

Lott, Henrique Teixeira 16, 458

Lustosa, Antônio de Almeida 52, 217

M

Macedo, Nertan 305

Machado, Carlos 37

Machado, Cristiano 241

Machado, Expedito 54, 297

Machado, Francisco de Assis 297

Machado, José Pinheiro 337, 338, 339, 395

Machado, José Ribamar 387

Machado Filho, Alexandre Marcondes 229

Madeira, Armando 273

Magaldi, Sábado 252

Magalhães, Aderson 26, 48

Magalhães, Agamenon Sérgio de Godoy 208

Magalhães, Juraci Vieira 263

Magalhães, Juracy 96

Magalhães, Teófilo de 64

Magessi, Augusto 93

Mangabeira, Francisco 85, 96

Mangabeira, João 96

Marchezan, Nelson 384

Marcílio, Flávio 54, 56, 57, 68, 70, 100, 102, 128, 129, 145, 155, 371

Marinho, Roberto 37, 39, 125

Mariz, Dinarte 91, 134

Martins, Aldemir 255, 265

Martins, Evandro Carneiro 225

Martins, Haroldo 54, 227

Martins, Romeu 343

Matos, Raimundo Gomes de 273, 321, 322

Mazon, Jean 37

Medeiros, Maurício 16

Meira, Lúcio 38, 152

Mello, Thiago de 252

Melo, Nelson de 16

Meneghetti, Mário 39





Parsifal: Um intelectual na política

Menezes, Antônio Aurélio de 273
Menezes, Djacir 96, 304, 313, 323
Menezes, Eduardo Diatahy Bezerra de 95
Menezes Neto, Paulo Elpidio de 95
Miranda, Ana 11
Monte, Francisco de Almeida 19, 20, 51,
52, 53, 54, 56, 57, 60, 103, 184, 207,
208, 210, 211, 216, 218, 219, 225,
227, 228, 230, 231, 232, 234, 235,
236, 237, 238, 239, 240, 241, 243,
246, 247, 249, 250, 251, 259, 260,
263, 264, 280, 291, 293, 424, 452
Moraes Neto, Prudente de 252
Moses, Herbert 38
Mota Filho, Leonardo Ferreira da 263
Mota, Luiz de Gonzaga Fonseca 376
Mota, Oriel 176, 208
Mota, Osvaldo de Araújo 93
Moura, Décio 38
Muniz, Graciliano 76

N

Napoleão, Hugo 38
Naves, Atilon Souza 18, 19
Nepomuceno, Alberto 13, 270, 271, 277,
310, 352, 353, 356, 358, 361
Neves, José Maria 173
Neves, Tancredo 93
Niemeyer, Oscar 36
Nixon, Richard 24
Nobre, José Vitor Ferreira 273
Nogueira, Armando 252
Nogueira, Emídio 184
Norões, Edilmar 60
Nunes, João 208

O

Oliveira, César Cals de 343
Oliveira, Domingos Bonifácio de 273
Oliveira, Olavo 53, 55, 69, 190, 194, 200,
207, 208, 209, 213, 215, 216, 217,
218, 219, 220, 221, 225, 226, 239,
242, 249, 273, 293, 322
Oliveira, Raimundo Ivan Barroso de 194,
195
Omegna, Néelson Backer 17

P

Parente, Emílio Gomes 234
Parente, Francisco Gomes 273
Parente, Frederico Gomes 260
Parente, Gerardo 359
Parente, José Cândido 157, 162
Passos, Gervásio de Brito 75, 76
Pelé 37
Peregrino Junior 38
Pessoa, Epiácio 159
Pessoa, Euclides de Castro 61
Pessoa, Fernando 11, 394, 400
Pessoa, Francisco Figueiredo de Paula 75
Pessoa, Paulo 231
Pessoa, Vica Parente Paula 157
Pimentel, Francisco de Menezes 54, 158,
199, 205, 208, 209, 210, 212, 213,
214, 215, 216, 217, 221, 235, 273,
280, 281, 327, 328, 329, 344, 345,
351, 352
Pinheiro, Esio 87
Pinho, Lucrecia 204
Pinotti, Mário 254
Pinto, Almir 75
Pinzón, Vicente Yanez 316
Pompeu, Plínio 119, 222, 234, 235
Pompeu, Randall 235
Pompeu, Thomaz 314
Pontes, Osiris 186, 293
Pontes Neto, José 222, 223
Pouchard, Jean 252, 254
Prestes, Luís Carlos 107, 108, 145, 146, 147

Q

Quadros, Jânio 21, 70, 80, 81, 88, 92, 172,
173, 251, 429
Queiroz, Edson 60, 248, 258, 284, 285, 286,
287, 288, 289, 290, 297, 375, 428
Queiroz, Myra Eliane Vidal 248, 289
Queiroz, Rachel de 190, 255
Queiroz, Yolanda 255, 258, 428

R

Rabelo, Marcos Franco 275, 339, 340
Ramos, Nereu 16, 22, 38, 40
Rego, Hildebrando Gomes do 273





Luís-Sérgio Santos

Revita, Geval 62
Ribeiro, Jair Dantas 93
Rocha, Acrísio Moreira da 53, 67, 100,
225, 233
Rocha, Demócrito 226
Rocha, Guilherme Moreira da 273
Rocha, Pérciles Moreira da - (Pekin) 200
Rodrigues, José Honório 305
Rodrigues, José Martins 53, 54, 193, 198,
199, 214, 280, 281, 344, 423
Rodrigues, Zilda Martins 255
Roriz, Wilson 87, 169

S

Sabóia, Carlos Viriato 225
Sabóia e Silva, João Tomé de 234
Sabóia, João Tomé de 234, 340
Sabóia, José Carlos 208, 210, 226, 239, 280,
356
Sabóia, José Palhano de 235, 236
Sá Cavalcante, Ari de 216, 225
Sá Cavalcante, Hermenegildo de 34
Sá Cavalcante, Walter de 222, 224
Sales, Aderbal de Paula 125, 128, 138
Sales, Gonçalo Claudino 185, 292
Sales, Manuel Ferraz de Campos 126, 336
Salgado, Clóvis 16, 431
Sampaio, Cid 96
Sanford, Marcelo 56, 57
Sanford, Paulo de Almeida 230, 235
Santos, Benedito Augusto Carvalho dos
273, 345
Santos, Chrislene Carvalho dos 211, 242
Santos, Francisco José dos 118
Santos, João Brígido dos 275
Santos, Luís Sérgio 371
Santos, Nelson Pereira dos 252
Sarasate, Paulo 51, 52, 55, 57, 67, 72, 94,
102, 128, 129, 134, 145, 169, 209,
210, 225, 226, 230, 232, 233, 247,
280, 290, 292, 371
Seco, Vasco Alves 16
Silva, Geraldo Freire da 398
Silva, Jonas Carlos da 398
Silva, Orlando 63
Silva, Pedro Alberto de Oliveira 329, 347
Silva, Raimundo Gomes da 186, 293, 397

Silva, Stênio Gomes da 190, 232
Silveira, Luís Augusto da 184
Siqueira, José Ibiapina 202, 204
Siqueira, Mozart Ibiapina 202
Skidmore, Thomas Elliot 452
Soares, José Carlos de Macedo 16
Soares, José Eduardo de Macedo 16
Sobral, Oton 184
Sobrinho, Thomaz Pompeu 305, 314
Souza, Colombo de 61
Souza, Jerônimo André de 93
Souza, João Ribeiro de Oliveira e 366
Studart, Barão de 73, 74, 211, 270, 305,
306, 352
Studart, Francisco José Ferreira Gomes
248
Studart, Heloneida 255
Studart, Paulo Ferreira 387
Sued, Ibrahim 37, 49

T

Távora, Luíza 250, 255
Távora, Manuel do Nascimento Fernandes
55, 58, 59, 96, 97, 99, 101, 102, 103,
105, 108, 111, 112, 113, 115, 119,
120, 123, 125, 127, 128, 129, 136,
137, 138, 140, 143, 144, 145, 147,
148, 151, 154, 156, 160, 163, 165,
167, 172, 180, 197, 225, 226, 233,
343, 344, 364, 410
Távora, Virgílio de Moraes Fernandes 12,
14, 51, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 59, 67,
70, 72, 73, 85, 94, 97, 98, 100, 101,
102, 105, 106, 107, 115, 121, 129,
132, 133, 141, 145, 146, 147, 151,
154, 157, 170, 171, 172, 180, 186,
193, 196, 197, 198, 199, 226, 227,
233, 235, 250, 282, 346, 364, 443,
450
Teixeira, Mamede Caetano 29
Teixeira, Perilo 164, 222, 224
Teófilo, Rodolfo 305, 309
Tevnan, Paula Barroso 295
Thibau, Nelson Luis 391, 393
Thormes, Jacinto de 18, 252
Tiburi, Márcia 11
Tinhorão, José Ramos 252





Parsifal: Um intelectual na política

Tomásia, Maria 255
Trein, Justiniano Augusto de Araújo 383,
394, 400

U

Uchôa, Waldery 222

V

Valdez, Alba 255, 256, 257, 265, 448
Valente, Adriano José 396, 400
Valente, Ernesto Gurgel 185, 292
Valente, Fernando Tupinambá 403, 409
Vargas, Getúlio 15, 16, 29, 33, 47, 85, 118,
204, 208, 214, 215, 228, 229, 231,
232, 240, 251, 330, 344, 345, 346,
363, 378, 417, 442
Vasconcelos, Abner Cordeiro Leão de 273

Vasconcelos, Aécio de Borba 67
Vasconcelos, José Marinho de 222, 223
Velasco, Domingos 96
Velooso, Hildegardo Leão 277, 353, 361
Ventura, Zuenir 252
Vértis, Ronaldo 74

W

Wagner, Richard 15, 267, 268, 270, 271,
272, 273, 277, 296, 298
Wainer, Samuel 252, 254
Witte, Bernd 11

X

Xerez, Maria de Lourdes Parente 250
Xerez, Olindina Gomes Parente de 259





Impresso em São Paulo, SP, em outubro de 2017,
com miolo em off-white 80 g/m² e couché 115 g/m²,
nas oficinas da EGB.

Composto em Minion Pro, corpo 13 pt.

Não encontrando esta obra em livrarias,
solicite-a diretamente à editora.

Escrituras Editora e Distribuidora de Livros Ltda.

Rua Maestro Callia, 123 – Vila Mariana – São Paulo, SP – 04012-100

Tel.: (11) 5904-4499 – Fax: (11) 5904-4495

escrituras@escrituras.com.br

vendas@escrituras.com.br

www.escrituras.com.br

